UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO ANDREW JUMPER

REFORMED THEOLOGICAL SEMINARY

Abelardo Rodrigues de Almeida

PARADIGMAS PARA UMA FILOSOFIA DO MINISTÉRIO PASTORAL

Uma investigação da prática pastoral da Convenção Batista Brasileira em diálogo com a visão ministerial de Eugene Peterson

São Paulo

2021

Abelardo Rodrigues de Almeida

PARADIGMAS PARA UMA FILOSOFIA DO MINISTÉRIO PASTORAL

Uma investigação da prática pastoral da Convenção Batista Brasileira em diálogo com a visão ministerial de Eugene Peterson

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Ministério do curso de Doutorado em Ministério do Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper e Reformed Theological Seminary

Orientador: Prof. Dario de Araújo Cardoso

São Paulo

2021

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A447p

Almeida, Abelardo Rodrigues de.

Paradigmas para uma filosofia do ministério pastoral: [recurso eletrônico] uma investigação da pratica pastoral da convenção batista brasileira em diálogo com a visão ministerial de Eugene Peterson / Abelardo Rodrigues de Almeida.

473 KB;

Tese (Doutorado em Ministério - DMin) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2022.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Valdeci da Silva Santos.
Coorientador(a): Prof(a). Dr(a). Dario de Araújo Cardoso.

Referências Bibliográficas: f. 220-228.

1. Ministério Batista. 2. Identidade Pastoral. 3. Eugene Peterson. 4. Filosofia Pastoral. 5. Fundamento Bíblico. I. Santos, Valdeci da Silva, *orientador(a)*. II. Cardoso, Dario de Araújo, *coorientador(a)*. III. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Eliezer Lírio Dos Santos - CRB 8/6779

Abelardo Rodrigues de Almeida

PARADIGMAS PARA UMA FILOSOFIA DO MINISTÉRIO PASTORAL

Uma investigação da prática pastoral da Convenção Batista Brasileira em diálogo com a visão ministerial de Eugene Peterson

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Ministério do curso de Doutorado em Ministério do Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper / Reformed Theological Seminary

Aprovada em: 10/02/2022

BANCA EXAMINADORA

____

Dr. Valdeci da Silva Santos –Presidente
Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper

____

Dr. Elias Medeiros - Membro
Reformed Theological Seminary, Jackson, Mississipi, EUA

____

Dr. Dario de Araújo Cardoso – Orientador
Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper

À minha esposa Josefa Feitosa da Costa Almeida e aos meus filhos e Netos:

Guilherme Feitosa de Almeida e esposa Carla Patrícia

Guenther Carlos Feitosa de Almeida e esposa Idayany

E meus netos Benjamin e Joaquim

Aos meus pais Realino Rodrigues de Almeida e Evanilde Machado de Almeida

Aos meus irmãos, irmãs e familiares

À minha Igreja de batismo e cidade natal, Inhumas - Go

Agradecimentos

Ao Senhor nosso Deus por Sua Graça em todo tempo

Ao Seminário Teológico Batista Goiano e seus funcionários de ontem e hoje, e ao Diretor Pr. MS. Genival Félix da Silva – Convenção Batista Goiana

Ao Campus Rio Verde do Seminário Teológico Batista Goiano

À Igreja Batista Parque Amazônia, Goiânia, Go

À Igreja Batista Jardim das Esmeraldas

Ao Pr. Aldimar Miranda de Carvalho

Pr. Roberto Amaral pelo trabalho de revisão

Ao Prof. Dr. Valdeci Santos, Andrew Jumper, SP, amigo e orientador

Ao Orientador Prof. Dr. Dario Araújo, Andrew Jumper

Aos Funcionários de secretaria e biblioteca Andrew Jumper

Ao dedicado secretário do Curso Hothir Marques Ferreira

Ao Instituto Presbiteriano Mackenzie - IPB pela hospedagem e bolsa de descontos ao longo do curso

Ao *Reformed Theological Seminary* e aos professores que vieram ao Andrew Jumper compartilhar saberes e espiritualidade

IN MEMORIAN

Eugene Hoiland Peterson (1932-2018)

Sanio Alves de Jesus (1973-2016)

Isaltino Gomes Coelho Filho (1948-2013)

Pr. Antônio Nogueira de Carvalho – PIEB Rio Verde -Go (1951-2019)

Aos amigos de ministério que foram chamados à Glória no advento da pandemia Covid 19, Pr. Paulo José da Costa e esposa irmã Valdeci Costa entre tantos outros

Meus sogros Antônio Feitosa da Costa e Isabel Ribeiro da Costa

A essência do termo "pastor" pede redefinição
Eugene Peterson

RESUMO

Esta pesquisa investiga e busca compreender o estado do ministério pastoral batista no Brasil, suas tendências, lugar eclesiástico, perigos e desafios nas últimas décadas do século XX e as duas primeiras do século XXI. A análise dos planejamentos estratégicos da Convenção Batista Brasileira e sua implementação revelaram uma realidade preocupante com o destino do ministério pastoral tal como deve ser praticado segundo as escrituras. O impacto dos movimentos pentecostais e neopentecostais sobre a identidade pastoral batista. O papel da cultura e da sociedade na crise de identidade pastoral. A crise pastoral em diálogo com a obra de Eugene Peterson. Norteamento da atividade e cuidado pastoral pelos cinco paradigmas: a revelação, a comunidade cristã, o *collegium* pastoral, a oração e a meditação.

Palavras chaves: Crise do ministério; planejamentos denominacionais; fundamentos bíblicos; neopentecostalismo; mentoria; identidade pastoral; paradigmas ministeriais; Eugene Peterson.

ABSTRACT

This research seeks to understand the juncture of Baptist pastoral ministry in Brazil, its tendencies, ecclesial amplitude, perils and challenges during the final decades of the 20th century and the first two decades of the 21st century. An analysis of the Brazilian Baptist Convention's strategic planning and implementation revealed an alarming reality regarding the directions of pastoral ministry in light of the Scripture practices of pastoral ministry. The dialogue with Eugene Peterson's pastoral vision seeks to restore the unique mission of pastoral practice and care that one expects from a pastor, structuring this essence in five paradigms: revelation, christian community, *collegium* pastoral, prayer, and meditation.

Keywords: Crisis of pastoral ministry; Convention's strategic planning; Biblical fundamentals; New Pentecostalism; Pastoral Identity; Mentorship; Ministry paradigms; Eugene Peterson.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

À luz da realidade vivida no exercício do ministério pastoral dentro da Convenção Batista Brasileira (CBB) por mais de trinta e cinco anos e acompanhando a formação de futuros pastores, educadores e missionários por mais de vinte e cinco anos, ficou patente para este pesquisador que há uma crise sem precedentes no modo, na razão e na projeção futura de exercício do ministério pastoral nesta geração. Há uma crise de identidade na vocação pastoral, parece-nos que muitos estão vivendo um grande equívoco vocacional, uma busca de caminhos e metodologias ministeriais, uma dedicação irrefletida na produção de resultados para satisfazer planejamentos denominacionais e uma crise pessoal e espiritual sobre o modo e o lugar do pastor hoje no mundo.

Neste primeiro momento é necessário reconhecer a complexidade da vida batista como instituição e sua evolução histórica: sua crescente estruturação em departamentos, juntas missionárias, convenções estaduais, associações regionais de igrejas, editora e publicações, a ordem dos pastores, juntas administrativas internas, seminários, escolas seculares, orfanatos etc. Quase sempre os líderes desse sistema eram pastores nacionais ou missionários estrangeiros como registrado pelo historiador batista José dos Reis Pereira[1] e pelo livro dos missionários da Junta de Richmond coordenado e organizado por David Mein sob o título *O que Deus tem feito*. Este último declara que:

> No desenrolar da história verifica-se que missionários desde o princípio estiveram envolvidos em várias áreas de trabalho ao mesmo tempo. Não se pode dividir categoricamente alguns como evangelistas, outros como educadores, outros como dedicando-se totalmente à comunicação; um mesmo missionário muitas vezes

---

[1] PEREIRA, José dos Reis. *História dos Batistas no Brasil*. RJ: Juerp, 1982.

> esteve envolvido em todas estas fases do trabalho em períodos diferentes ou simultaneamente.[2]

Isto facilitou a confusão de funções e a mistura de atividades onde nem sempre o ministério pastoral preservava suas especificidades nesta encruzilhada de afazeres administrativos e ministeriais. Este fato nos dá uma primeira imagem do ministério que a princípio tinha uma prática generalista. Com sua diversidade do tamanho do Brasil, esta denominação que congrega igrejas do norte ao sul e do leste ao oeste do país, seu sistema representativo e democrático com lideranças antagônicas, visões muitas vezes conflitantes fica claro que não devemos esperar um ambiente homogêneo e com visão sempre convergente sobre o ministério pastoral. Esta é uma tarefa para enfrentar com humildade, assumindo um lugar de discurso limitado e uma perspectiva falível sujeita a equívocos.

Os Batistas cresceram sofrendo perseguições, nas primeiras décadas do trabalho missionário no Brasil (1871), infligidas por autoridades, padres ou fieis e beatos que eram formados pela doutrinação inquisitiva da contrarreforma do catolicismo romano. O primeiro pastor batista brasileiro veio do catolicismo, o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque.[3] Segundo Israel Belo de Azevedo, os evangélicos históricos se viam como uma seita sitiada pelo catolicismo e se definiam como anticatólicos e não como Cristãos simplesmente. A Contrarreforma instalada com os colonizadores no Brasil foi enfrentada pelos missionários batistas com ações, discurso e tática de seita perseguida[4]. Após este período de desbravamento e vitórias missionárias pioneiras no Brasil, os batistas e o denominacionalismo em geral expandiram e se multiplicaram com igrejas por todo território brasileiro. Com o surgimento de novos movimentos e igrejas nas primeiras décadas e nas últimas do

---

[2] MEIN, David. *O que Deus tem feito*. RJ: Juerp, 1982, p. 10

[3] CRABTREE, A. R. *História dos batistas do Brasil até o ano de 1906*. RJ: CPB, 1962. p. 70

[4] AZEVEDO, Israel Belo. *A celebração do indivíduo*. SP: UNIMEP, 1996. Pp.168-174

século vinte, as igrejas pentecostais e as neopentecostais, respectivamente, cresceram as disputas pelo espaço religioso na sociedade brasileira. As igrejas históricas enfrentaram um novo desafio religioso agora surgido no interior do movimento evangélico que assustou, dividiu, ameaçou e ainda avança sobre e até contra as igrejas tradicionais. Além do mais seduz pelo seu crescimento rápido e capacidade de produzir adeptos.

O movimento Pentecostal que começou aqui no início do século vinte, evoluiu historicamente e eclesiologicamente com muitas formas organizacionais e tipos de liderança carismática. Sua assimilação da cultura popular e adaptação socioeconômica favoreceu sua fixação e aceitação, especialmente por aquilo que Nicodemus chama de 'alma católica do povo brasileiro'.[5] A mesma realidade fora descrita de forma própria pelo ex-padre Aníbal do Reis em sua pequena obra sobre as similaridades e identificação entre o pentecostalismo e o catolicismo carismático.[6] Contudo, foi a segunda onda do pentecostalismo em seu desdobramento no neopentecostalismo que trazia uma visão mais agressiva com uso dos meios de comunicação em massa, como rádio e TV, nas últimas décadas do século XX que transformou-se no ramo mais influente hoje. O fenômeno neopentecostal em especial foi objeto de estudo amplo pelo professor Leonildo Silveira Campos em sua obra *Teatro, templo e mercado*.[7]

A marca distintiva do novo movimento é a organização e visão de empresa competitiva que nela predominam. Não era assim no pentecostalismo clássico. Houve muita competição religiosa, até mesmo agressiva e desleal em busca do crescimento

---

[5] NICODEMUS, A. *A alma católica dos evangélicos*. IN: https://ministeriofiel.com.br/artigos/a-alma-catolica-dos-evangelicos-no-brasil/

[6] REIS, Aníbal Pereira. *Católicos carismáticos e pentecostais católicos*. SP: Caminho de Damasco, 1982.

[7] CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e Mercado. Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. SP: Umesp/Vozes, 1997

e conquista de adeptos, assediando membros das igrejas tradicionais, às vezes dividindo as igrejas, mas sem o carácter forjado de empresa como acontece na IURD e demais congêneres atuais.

Frequentemente percebe-se que a sociedade e a opinião pública vivem um clima de desconfiança com os pastores evangélicos porque lhes parece que o campo religioso é mais uma questão de livre iniciativa de mercado e reclamam da ausência completa de consciência moral e vocacional neste novo cristianismo latino-americano. Precisamos com urgência de buscar uma definição da natureza, do sentido e de uma concepção clara de ministério pastoral que nos permita enfrentar as críticas, a volatilidade e cegueira ministerial que contaminou os pastores e o ministério religioso em nosso meio. Para isto, não basta agir defensivamente como seita sitiada, lutar com estratégias de guerra santa ou manter-se recuado no complexo de minoria, como anteriormente se fazia.

O contexto sociocultural exige nova atitude das igrejas batistas que mostre o evangelho de modo propositivo e focalizado em sua finalidade, mas sem sucumbir aos modelos de igreja de mercado. Eugene Peterson nos ajudará a olhar criticamente a gênese do cristianismo de mercado com sua filosofia de resultados e estratégias de marketing empresarial que focaliza o empreendedorismo em detrimento do cuidado das almas, prioriza a organização e as metas de produtividade e não o crescimento da vida espiritual da pessoa que está em Cristo.

O denominacionalismo de missão (aquele que surgiu dos grandes avivamentos, ou do grande despertar missionário do século 18 na Inglaterra e no pós-guerra civil norte-americana de meados do século 19) seja o metodista, presbiteriano ou batista tem muitos pontos em comum. O ideal missionário e o modelo de organizar e desbravar um campo missionário seguiam passos similares nas tradições evangélicas tradicionais. O pastor missionário trazia uma carga de metas, expectativas e sistema de controle de resultados importantes para a agencia

missionária que o enviava, mostrando já naquele tempo uma formatação racional como um tipo de empresa missionária.

O modelo batista de convenção, que é um formato político-administrativo criado pelas igrejas batistas americanas, trabalhava a partir de um pacto coletivo e de planejamentos de resultados no qual o missionário não era simplesmente pastor na comunidade local. O missionário vinha com metas mais abrangentes de implantar um ‘modelo global de articulação das igrejas locais em uma estrutura nacional similar à denominação de origem, isto é, o missionário batista trazia metas para implantação de igrejas, juntas, departamentos e de convenções. As características pastorais cediam cada vez mais para o administrador ou o executivo. Esta é a origem do modelo batista, equivalente ao de bispo, para aqueles que são os líderes das Convenções Estaduais, pincipalmente o posto do “secretário executivo”; estes são pastores administradores que lideram uma área administrativa, uma convenção regional ou uma junta missionária. Para a teologia batista, o ofício de Bispo é incorporado no ministério pastoral como um executivo e administrador de uma organização.

O propósito central desta pesquisa é compreender o que acontece com a visão ministerial da CBB, delimitada e contida em seus planos oficiais e propostas de trabalho, na segunda metade do século vinte e começo do século vinte um. Para a finalidade da pesquisa, a história dos batistas no Brasil pode ser descrita em sete períodos que especialmente afetaram a filosofia de ministério que são: 1) de 1882 até o ano da criação da Convenção Batista Brasileira em 1907 (os pioneiros); 2) a expansão missionária com as juntas missionárias nacional e estrangeiras e criação dos grandes seminários de 1908 a 1958[8]; 3) o movimento de renovação espiritual (considerado na Comissão dos Treze 1962-1965)[9]; 4) a realização das grandes

---

[8] KEY, Jerry S. *Educação teológica*. IN: MEIN, David (Comp.). *O que Deus tem feito*. RJ: Juerp, 1982, pp.113ss

[9] PEREIRA, *História dos Batistas no Brasil*, p.193-200.

cruzadas e campanhas nacionais de evangelismo de 1958 a 1985 (período importante de interiorização dos seminários de teologia e da educação teológica por quase todos os estados do Brasil); 5) o primeiro grande planejamento denominacional: Programa Integrado de Missões e Evangelização (PROIME) 1973-1982[10]; 6) a preparação para o Centenário e Reestruturação (1982-1998), abrangendo as duas últimas décadas do século vinte; 7) virada do milênio (Batistas e o ano 2000) e os planejamentos estratégicos do século vinte um (2000-2018) que incluiu o GT de planejamento global, instituído em 1996 e finalizado em 2002, que poderia ser entendido como a segunda onda de planejamento denominacional.[11]

No primeiro momento, faremos o histórico e análise dos planejamentos denominacionais batistas, prioritariamente a partir do PROIME, em busca de entender o lugar que o pastorado ocupa neles, quais as tendências de sua prática e diagnóstico das crises que rondam o ministério pastoral. Para esse fim vamos trazer à luz e avaliar o contexto religioso maior e como influenciou os batistas e o ministério. Diante dos desafios institucionais e das mudanças na visão do ministério batista (especialmente o efeito do movimento pentecostal e a mudança para o critério quantitativo de avaliação ministerial), a denominação batista buscou soluções próprias que incluíram os planejamentos estratégicos e globais que trazem implicitamente ideais de ministério pastoral, a abertura e estímulo para cursos de formação de lideranças, implantação de modelos de crescimento de igrejas e discipulado entre outros.

Em face da realidade pastoral batista, em segundo momento, a pesquisa sugere que se faça uma leitura da situação geral obtida da análise dos planejamentos e do contexto sociorreligioso em diálogo com as ideias pastorais de Eugene Peterson das quais apresentará um quadro de referência com os paradigmas da sua filosofia

---

[10] Idem, p. 309, Pereira afirma: “tratava-se de um programa *arrojado*. Propunha *alvos*, relacionados com o *aumento* de igrejas e de seus membros, *aumento* de vocações, *aumento* de missionários, *aumento* de assinaturas de OJB, *aumento* de entradas financeiras etc.” (grifo nosso em itálico)

[11] *LIVRO DA CONVENÇÃO 2002*, pp. 601-616

pastoral. Ao propor um diálogo com as ideias de Peterson necessário se faz observar que nossa leitura da obra não implica em concordar nem assumir todos seus pressupostos ou convicções teológicas dele. Esta pesquisa aborda a sua produção literária entre 1980 a 2011, limitada pelas obras *Uma longa obediência na mesma direção* e *Memórias de um pastor*. [12]

Não custa pontuar que a nossa preocupação central é a definição de uma filosofia de ministério pastoral e de modo nenhum a obra missionária em si que a partir de certo momento tendeu a determinar a tarefa pastoral em função do crescimento missionário das igrejas batistas no Brasil, envolvendo a todos, pastores e igrejas, em seu plano global de multiplicação. Os batistas tem uma longa história de trabalho missionário e de plantação de igrejas, mas nem por isso devemos esquecer o que de fato significa ser pastor e das diferenças entre missões pioneiras e ministério de cuidado das almas em uma igreja local.

Nossa perspectiva se baseia em uma visão ministerial inspirada pela teologia eclesial batista de caráter comunitária e trinitária, tipicamente representada nas obras de Erickson e Stanley Grenz.[13] Assim a pesquisa apoia-se em princípios anti-individualistas, antagônicos às tendências de fazer do ministério, da igreja e da religião atividades alinhadas com modelo de empresa secular em sua filosofia, planejamentos

---

[12] A figura de Peterson levantou uma polêmica no meio evangélico norte-americano sobre sua entrevista para a *Religion News Service* em 12 de Julho de 2017, em que presumivelmente aprovaria a união homossexual, mas ele negou esta interpretação de sua fala e em seus escritos aqui tratados nada encontramos que corrobore esta acusação. A explicação de Peterson foi esta: “Recently a reporter asked me whether my personal opinions about homosexuality and same-sex marriage have changed over the years. I presume I was asked this question because of my former career as a pastor in the Presbyterian Church (USA), which recently affirmed homosexuality and began allowing its clergy to perform same-sex weddings. Having retired from the pastorate more than 25 years ago, I acknowledged to the reporter that I "haven't had a lot of experience with it." To clarify, I affirm a biblical view of marriage: one man to one woman. I affirm a biblical view of everything”. "Actually, Eugene Peterson Does Not Support Same-sex Marriage". Christianity Today. July 13, 2017.

[13] ERICKSON, M. *Teologia sistemática*. SP: Vida Nova, 2015; GRENZ, S. *Theology for the community of God*. Michigan: Eerdmans, 2000.

e metas. Como afirma Owen Strachan sobre a ideia do "grande empresário" descrito por H. Richard Niebuhr:

> Com a crescente influência da mentalidade empresarial norte-americana na vida cultural, igrejas começaram a buscar se desenvolver exatamente como os grandes empreendimentos comerciais ao redor que alcançavam lucros astronômicos. A "eficiência" impulsionou o modelo crescimento de igreja e a administração passou a ocupar o lugar mais importante na lista de deveres pastorais.[14]

Este quadro descrito por Owen desceu os trópicos e afetou o ministério no Brasil. Como foi demonstrado por Campos[15], a formação dos empreendimentos neopentecostais segue a metodologia do mercado. Agora os chamados evangélicos tradicionais parecem querer seguir no mesmo caminho dos neopentecostais e das igrejas eletrônicas, dos ministérios apostólicos, dos ministérios de cura, do movimento celular e g-12 e outras aventuras religiosas sazonais para realizar suas metas e desejo de crescimento à custa do sacrifício do verdadeiro ministério pastoral. A figura do pastor de ovelhas em sua simplicidade fica recoberto pela figura do líder de grande projeção. O pastor e o ministério pastoral perdem o lugar central do rebanho e o próprio rebanho é transformado em massa de modelar nas mãos do líder. O quadro parece muito pessimista.

Um estudo importante feito por Rainer sobre plantação e crescimento de igrejas mais tradicionais nos EUA demonstra que a figura do pastor tradicional, ao contrário do que é dito hoje, continua exercendo profunda influência espiritual na vida das pessoas, e a importância dele é determinante: "as igrejas surgem ou caem sob suas lideranças", diz Thom Rainer. Ainda mais, Rainer descobriu que o pastor responde por 90% das pessoas que escolhem uma igreja em contraste com 7% que

---

[14] VANHOOZER, Kelvin J. e STRACHAN, Owen. *O pastor como teólogo público. Recuperando uma visão perdida*. SP: Vida Nova, 2016. p. 124

[15] CAMPOS, *Teatro, templo e Mercado,* p. 21, 25

escolhem a igreja por causa da sua localização.[16] A personalidade e carisma pastorais atraem as pessoas mais que qualquer outro fator. Uma das questões proposta por Rainer em seu inventario era sobre isso. As respostas indicaram que a influência pastoral mais importante era a pregação didática. Outros sete fatores eram relativamente próximos em grau de influência: aplicação da pregação, autenticidade do pastor, a convicção pastoral, o contato pessoal, qualidade da comunicação pastoral, a liderança e a classe de catecumenato do pastor.[17] Este relatório causou surpresa e o resultado não é um caso isolado, mas estava negligenciado pelos observadores e isso enche de esperança o pastor tradicional insatisfeito com as metodologias predominantes de marketing e liderança.

Parece-nos que Rainer corrobora em linhas gerais o que encontramos em Peterson como fatores necessários ao exercício de uma atividade pastoral bíblica e cordial para atender aos clamores de nossas comunidades cristãs. A pesquisa de Rainer mostrou que as pessoas não priorizam localização, conforto, ou expedientes de marketing quando se filiam a uma igreja, mas sim os aspectos pessoais e de convívio espiritual inclusive a pessoa do pastor e sua exposição da Palavra.

A visão de Peterson indica que o pastorado tradicional sofreu um desvio de essência na sociedade capitalista, nesta era da técnica e da mídia, transformando o pastor em um religioso empreendedor que busca resultados, banalizando a vocação divina para realização da obra. A insistência na necessidade da vocação pastoral na pós-modernidade faz Peterson dedicar-se a uma teologia espiritual ou teologia da vida pastoral. A sua defesa por um lugar comunitário para o pastor é a busca pelo que é simplesmente ser pastor para uma igreja que seria *simple church* na

---

[16] RAINER, Thom S. *Surprising insights from the unchurched and proven ways to reach them*. Michigan: Zondervan, 2001. Pp. 56 e 67

[17] Idem, p. 57.

linguagem de Rainer.[18] Nossa leitura da obra de Peterson sugere que os pastores foram além de suas vocações. Incorporaram metodologias e tarefas que transpõem e distorcem a naturalidade do lugar do pastor. O caminho para o ser pastor está congestionado de encruzilhadas e desvios que podem levar o vocacionado para outro lugar, mesmo que dentro de uma igreja.

A importância da obra de Peterson deve-se à suas contribuições no campo da liderança pastoral na medida em que oferece uma mentoria baseada na vivencia pessoal do ministério. Durante sua vida ele plantou e pastoreou uma mesma igreja por vinte e sete anos fazendo disto uma experiência de reflexão e crítica profunda da cultura eclesiástica atual. Sobre a importância de suas obras pastorais os editores da obra *Pastoral Work*, Byassee e Owens, declaram que:

> No meio de uma confusão em massa sobre a vocação pastoral ao ministério nos últimos cinquenta anos, Peterson oferece uma clara e impulsiva visão da vida e trabalho de um pastor. Talvez mais que qualquer outro autor, sua visão tem formado a compreensão da vocação pastoral para além dos limites denominacionais e teológicos[19]

A leitura da obra de Peterson revela que sua formação e competência teológico-pastoral justificam seu aproveitamento nesse momento crítico do ministério batista. Em linhas gerais podemos destacar os seguintes pontos que mostram sua contribuição oportuna para a pesquisa:

1. A teologia espiritual e ministerial de Peterson, consagrada em dezenas de livros, está enraizada em sua formação reformada, experiencia em exegese e tradução bíblica, docência teológica especialmente no *Regent College*, biografia

---

[18] RAINER, Thom and GEIGER, Eric. *Igreja simples.* DF: Editora Palavra, 2011 (Original *Simple church*.) p.41.

[19] BYASSEE, Jason and OWENS L. Roger. *Pastoral Work: Engagements with the Vision of Eugene Peterson*. Cascade Books, an Imprint of Wipf and Stock Publishers. Edição do Kindle, Loc. 34.

idônea que o recomenda a propor um referencial que estabelece o sentido da vocação pastoral na sociedade competitiva;

2. As influencias recebidas por Peterson da psicologia e psiquiatria, sua convivência rabínica no *collegium* pastoral, o contato com a prática contemplativa, sua apreciação da filosofia personalista e sua proximidade com a literatura e a poesia enriqueceram sua visão reformada da espiritualidade e aprofundaram sua filosofia ministerial bíblica que formaram sua identidade e aguçou sua reflexão sobre a natureza da tarefa ministerial;

3. As propostas decorrentes da sua filosofia pastoral representam um chamado e uma advertência à prática pastoral batista a qual tende a ter uma dependência demasiada da instituição/convenção e suas metas quantitativas, subordinando suas igrejas e pastores a metodologias adaptadas das corporações e empresas comerciais;

4. Sua pastoral para pastores promove um repensar do individualismo pastoral batista estimulando a prática de encontros específicos de compartilhamento ministerial visando pensar e trabalhar em conjunto os problemas das tarefas pastorais diárias e as realidades comunitárias numa mentoria mútua e construindo uma ciência da prática pastoral.

O pareamento da visão pastoral de Peterson com o contexto pastoral Batista Brasileiro se diferencia em forma e conteúdo do que já foi elaborado por Byassee e Owens em sua obra pioneira sobre engajamentos com o pensamento pastoral de Peterson.[20] Eles escolheram quatro áreas para representar as contribuições de Peterson ao pastorado: palavra (linguagem), instituições, pessoas (povo) e vida.

---

[20] BYASSEE, Jason and OWENS L. Roger. *Pastoral Work: Engagements with the Vision of Eugene Peterson*. Cascade Books, an Imprint of Wipf and Stock Publishers. Kindle Edition. (vide Sumário)

Neste nosso trabalho seguiremos um caminho mais sistemático e com uma referência histórico-denominacional concreta e não simples engajamentos como propuseram os editores de *Pastoral Work*.

O esforço de *Pastoral Work* foi bem-sucedido na medida em que mostrou que Peterson produziu uma extensa obra de teologia pastoral e espiritual, atraiu pastores que aplicaram sua visão, além da conclusão de uma tradução das Escrituras que nasceu de necessidades pastorais com a qual buscou tornar o texto Bíblico compreensível em sua congregação local. *Pastoral Work* revelou a possibilidade de extrair da obra de Peterson uma teoria pastoral e aplicações práticas imediatas para auxiliar no exercício do ministério. Especialmente para aqueles que sentiam a falta de uma mentoria no meio do caos de organizações para-eclesiásticas (Organizações de consultoria eclesiástica) e dos cursos de especialistas em eclesiologias contemporâneas que ofereciam soluções e métodos de salvar as igrejas do fracasso.

Nosso objetivo é identificar paradigmas ministeriais no conjunto da obra para que a liderança do ministério pastoral batista brasileiro possa contemplar, cotejar e realizar uma autocrítica para talvez corrigir rumos, metodologias e compreender sua identidade, importância e lugar no mundo contemporâneo. É importante enfatizar que os paradigmas aqui propostos não são estranhos à tradição e teologia reformadas em geral, ou seja, bíblia, Igreja, oração, companheirismo pastoral e meditação são paradigmas bem conhecidos e praticados pela vida cristã e pelos pastores de todos os tempos. Esta sistematização não fora ainda realizada levando em conta o conjunto da obra de Eugene Peterson.

I. O MINISTÉRIO PASTORAL NA HISTÓRIA RECENTE DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Neste capítulo queremos sondar e compreender a visão dos batistas brasileiros na segunda metade do século vinte, especialmente as décadas de 70 a 90 onde detectamos a consciência denominacional emergindo e se movendo em torno de certas questões como: quem somos nós depois de cem anos no Brasil? Como seremos depois do ano 2000? Quais as dimensões da igreja batista perante as dimensões do Brasil? Como enfrentar a evangelização do novo Brasil que se abre para o norte com a transamazônica e os novos estados Mato Grosso, Rondônia, Acre, Pará, ribeirinhos da Amazônia etc.? Como evangelizar as grandes cidades brasileiras? Que fazer para manter a identidade batista diante da onda pentecostalizante? Que perfil de pastor precisamos e que tipo de formação os seminários devem oferecer? Quais são as notas distintivas dos batistas e seus princípios determinantes? Precisamos de uma nova Confissão de fé?[21] Enfim, havia desafios contextuais e externos que faziam a igreja batista problematizar sua existência eclesial e histórica.

Os olhos estavam no futuro também.[22] Estas e outras questões colocaram a denominação em estado de alerta e levaram a liderança a adotar estratégias de ação, planejamentos e novos caminhos para buscar as soluções apropriadas. Entretanto este era um período de profundas mudanças no quadro político brasileiro, nas linhas globais da economia, tecnologia e cultura, nas explosões populacionais das cidades,

---

[21] Este conjunto de percepções fica notável pelo manuseio do O Jornal Batista deste meio século, das participações nas Assembleias gerais nacionais e estaduais, pelas publicações das revistas *A Pátria para Cristo* e relatórios dos *Livros da Convenção* entre outros; o balanço histórico oferecido pelo livro de PEREIRA, José dos Reis. *História dos Batistas no Brasil 1882-1982*. RJ: Juerp, 1982.

[22] *CONGRESSO BATISTA BRASILEIRO. Com os olhos no futuro. Teses do Congresso Batista Batista Brasileiro*. 1991. RJ: Juerp, 1991. 205 p.; *OS BATISTAS E O ANO 2000. Plano global da Convenção até o ano 2000*. RJ: Juerp, 1992. 114p.

o êxodo rural, os desafios da interiorização do desenvolvimento, migrações internas etc. Isto abre um quadro de urgências globais na denominação e uma crise de identidade, nas funções e alvos pessoais do vocacionado que duram até o presente e se intensificam, de fato, no século XXI.

I.1 OS SINAIS DE CRISE

As grandes transformações mundiais do período pós 2a. guerra afetaram as sociedades globais, a América Latina e o Brasil. O advento das novas tecnologias, a polarização leste-oeste (capitalismo-comunismo) e corrida espacial, a concentração das populações em grandes centros urbanos, o êxodo rural e a revolução tecnológica da agropecuária, os meios de comunicação de massa, a ascensão das grandes corporações e multinacionais, as mudanças políticas na américa latina, a cultura americana do pop, a expansão das populações de periferia e favelas, a educação teológica estacionária que refletia ainda a prática e teologia do início do século, o advento da ciências humanas e da psicologia na formação pastoral enfim, o horizonte do ministério pastoral estava mudando. Os pastores autóctones no meio batista iniciaram uma jornada individualista, movida pelo desejo de ascensão, ainda com pouca formação teológica e científica, exemplos ministeriais difusos e logo enfrentaram uma crise de função e identidade.

I.1.1. O carreirismo denominacional

A área do trabalho missionário ocupou a prioridade das ações denominacionais através da evangelização e expansão de campanhas de evangelismo de massas com as Cruzadas de Evangelização que giravam em torno

dos grandes pregadores ao modo das cruzadas de Oswald Smith, Billy Graham, Nilson Fannini e em seguida Sammy Tippit. Isto gerou um tipo ideal de vocacionado que seria aquele conferencista de multidões, ou ganhador de almas. O vocacionado bem-sucedido era identificado pelo número de almas decididas em suas pregações. Em decorrência disso, o estímulo e a motivação vocacional eram orientados em duas direções principais: o campo missionário nacional ou estrangeiro e a carreira pastoral denominacionalista, uma carreira que buscava sua exposição e visibilidade dentro da convenção com projeção na liderança nacional: o vocacionado carreirista. Esta visão ascensionista do ministério pastoral, a busca pelo 'mais destaque' ou jocosamente chamado de "ministério glorioso", favorecia o rodízio ministerial acelerado, isto é, a mudança oportunista de ministério local deixando as igrejas em um estado interrompido de crescimento espiritual em busca de outro ministério mais vantajoso.

Deste modo as igrejas ficavam vulneráveis a um tipo de ministério personalista, motivado por interesses vantajosos. E o que é mais danoso, para uma filosofia de ministério, é a falta de referência de um ministério pastoral autêntico e duradouro que exemplificasse o valor da abnegação vocacional, o que faz do homem de Deus um verdadeiro pastor de ovelhas. Para muitos pastores orientados denominacionalmente, a igreja era apenas lugar de trabalho temporário e transitivo para outro mais importante. Ninguém jamais aceitaria mudar de uma igreja maior para outra menor ou de uma igreja mãe para sua congregação. Um pastor titular jamais trocaria de lugar com o pastor auxiliar de uma missão ou congregação. Não havia percepção da necessidade de fortalecer o conceito de pastor como vocação para cuidar de uma comunidade de ovelhas de Jesus de modo simples e bíblico. Isto prejudicou a formação da consciência pastoral de viver pelo rebanho, independente de vantagens ou ascensões verticais que viesse obter.

O pastoreio de um rebanho, com sua natureza, mudanças e crises, não era a prioridade neste momento porque a preocupação era com a expansão missionária e a plantação de novas igrejas. Isto colocava a vocação missionária em primeiro lugar,

muitas vezes em detrimento da vocação pastoral. Podemos pensar que o excesso de visibilidade da obra missionária contribuiu para encolher e descaracterizar o ministério pastoral em sua formação, natureza e especificidade. Ou talvez, isto gerou uma confusão das dimensões missionárias e pastorais. A prioridade nesse período era fortalecer a obra missionária e o crescimento denominacional. A preocupação denominacional evoluiu de uma ênfase na formação do pastor desbravador dos rincões da pátria (visão dos pioneiros) para a formação de pastores urbanos, até a mais recente ênfase na formação de pastores-líderes multiplicadores.

I.1.2. O foco quantitativo

O marco da mudança para o critério quantitativo chegou com o movimento de conservação de resultados nas lições de discipulado especialmente de Waylon Moore de quem importou o método de multiplicação de discípulos[23], simultaneamente com a metodologia de plantação de igrejas pioneiras de Thomas Wade Akins[24]. Sobre o impacto da metodologia de Akins em Minas Gerais, p.ex., temos o seguinte depoimento,

> Evangelismo Pioneiro marca agenda missionária em Minas. Já faz parte da Agenda dos Batistas Mineiros a capacitação promovida pelo Pr. Thomas Akins e sua equipe, conhecida como Evangelismo Pioneiro. Este ano, visando alcançar um público maior no estado de Minas Gerais, o evento acontecerá em três associações simultaneamente, privilegiando outras regiões. O Evangelismo Pioneiro surgiu na década de 90, com o Pastor e Missionário Thomas Wade Akins, e tem sido responsável pela plantação de diversas igrejas, principalmente no Estado de Minas Gerais. “A intenção desta

---

[23] MOORE, Waylon. *Integração segundo o Novo Testamento.* RJ: CPB/Juerp, 1979.; _______________. *Multiplicando discípulos*. RJ: Juerp, 1984

[24] AKINS, Thomas Wade. *Evangelismo pioneiro*. RJ: JMN, 1999. (9ª. Ed. Tiragem 13 mil exemplares com edição também em Inglês).

> capacitação é oferecer diretrizes práticas aos pastores, missionários e leigos, de ambos os sexos, para iniciarem novas igrejas autossustentadas, autogovernadas e auto propagadoras, sob a liderança do Espírito Santo", comentou o Pr. Vanoir Torres, coordenador do Comitê de Evangelismo e Missões da Convenção Batista Mineira[25].

A década de 80 movimentou a denominação com os grandes esforços da Junta de Missões Nacionais envolvendo os alunos dos seminários batistas nos projetos missionários que conduziram à adoção de ferramentas trazidas do movimento *Church Growth* de Donald McGavran[26]. Um curso foi elaborado para alcançar cada uma das mais de vinte Convenções Estaduais chamado: "Clínica de Crescimento de Igreja". O curso de treinamento foi preparado pela Junta de Educação Religiosa e Evangelismo a partir do manual de *Church Growth* de McGavran e Virgil Gerber.[27]

A Junta de Missões Nacionais e a Junta de Educação Religiosa e Publicações, impactaram as Convenções com cursos para pastores, educadores e missionários com os princípios de crescimento de igrejas de McGavran, ao mesmo tempo em que o missionário Akins experimentava o sucesso de seu método e modelo missiológico de *Evangelismo Pioneiro* em Minas e que depois se espalhou para todo Brasil, América Latina, África e EUA. O livro programático *Evangelismo* pioneiro foi traduzido inicialmente para o Espanhol e Inglês, alcançando em português onze edições e atualizações até 2007, com mais de 48 mil exemplares impressos, além das apostilas de cursos em número não quantificado. Atualmente integra o programa e site de

---

[25] http://www.batistasmineiros.org.br/site/paginas/p001_publicacao.jsp?c=181, em 26/09/2018

[26] MCGAVRAN, Donald A. *Understanding church growth*. Michigan: Eerdmans Publishing Co., 1990.

[27] GERBER, Virgil. *A manual for evangelism and church growth*. William Carey, 1973. Traduzido para o português em 1975 com o título de: *Faça sua igreja crescer* e publicado em sucessivas edições pela Vida Nova Editora.

Pionner Missions e disponibiliza o livro em diversos idiomas com edição digital livre para baixar.[28]

Estas longas duas décadas pré e pós centenárias giraram em torno das clínicas, do programa de Evangelismo Pioneiro, visando alcançar os alvos do centenário e o foco seguinte que veio em função do advento da metodologia chamada de Igreja com propósitos do norte-americano Rick Warren. Isto penetrou profundamente a realidade ministerial Batista Brasileira e as organizações missionárias. Warren usou o prestígio que gozava com McGavran e o sucesso da implantação de uma igreja chamada *Saddleback Church*, na Califórnia, para internacionalizar sua visão. Talvez o livro mais lido pelos estudantes de teologia batistas no Brasil, sendo que no mundo até 2018 foram mais de 1,5 milhão de exemplares vendidos[29].

I.1.3. O líder multiplicador

Atualmente a grande onda denominacional veio com o movimento de Igrejas Multiplicadoras, o mais importante programa da denominação destas últimas duas décadas, comandada pela Junta de Missões Nacionais. De modo semelhante ao que aconteceu com as Clínicas de Crescimento de Igrejas da década de 80, este programa também foi oficializado pela Convenção Batista Brasileira. Ele tornou-se ‘a visão’ dentro da convenção e compreende o vocacionado como gestor do método quantitativo que se chama Igreja Multiplicadora.[30] Nesta visão a prioridade consiste

---

[28] https://pioneermissions.org/training-materials/pioneer-evangelism-book, em 23/09/20

[29] https://pt.wikipedia.org/wiki/Uma_Igreja_com_prop%C3%B3sitos, consulta em 19-06-2019.

[30] BRANDÃO, Fernando (Org.). *Igreja multiplicadora*. RJ: JMN, 2014. 208 p.; *LIVRO DA CONVENÇÃO 2010*. RJ: CBB, pp. 173, 174.

em expandir e avançar na cruzada de multiplicar os membros de nossas igrejas e congregações e atingir as metas do planejamento estratégico da convenção. Não se trata de ignorar a importância do crescimento do evangelho ou de uma denominação, entretanto, mais uma vez parece que o conceito de pastor está relegado ao papel instrumental para atender as metas do planejamento estratégico denominacional. Mais uma vez o conceito de ministério pastoral perde sua autonomia e especificidade e fica subjugado aos interesses externos a sua natureza.

A pergunta crucial novamente é esta: como cuidar e alimentar o rebanho local, conservar a fidelidade dos crentes e formar Cristo neles sem a definição e delimitação do papel específico do vocacionado como pastor e seu campo de atuação e atribuições fundamentais? Ou será o caso de nesta engrenagem de crescimento vejamos desaparecer este dom de Cristo às Igrejas que é o de Pastor e Mestre, ponto culminante da relação de dons que Paulo apresenta em Efésios 4.10-16? E nos parece obvio que o papel de pastor e mestre se refere ao conceito bíblico e neotestamentário de alguém que coloca em ordem a casa de Deus, cuida das ovelhas e ensina a Palavra de Cristo. Era isto que Paulo recomendava a Tito: “por esta causa te deixei em Creta para que pusesses em ordem as coisas restantes... constituísses presbíteros, conforme te prescrevi... apegado a Palavra, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder também para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem”. (Tito 1:5-9).

No horizonte do modelo de igreja multiplicadora o pastor é um líder a mais na equipe. Aliás a palavra pastor ou sua função bíblica pouco é citada no manual *Igreja multiplicadora*, ou melhor, o termo pastor e pastores ocorre 74 vezes contra 134 ocorrências de líder e liderança. Diácono apenas uma ocorrência! Aconselhamento ocorre 3 vezes no contexto de discipulado não requerendo o pastor; pregação 20 vezes, mas pregação expositiva zero ocorrência; visitação ou visitação pastoral não

ocorre; multiplicação e cognatos 218 vezes.[31] Pode não representar a intenção do organizador da obra, mas isso leva ao questionamento sobre o lugar do pastorado hoje na convenção que vá além de multiplicador coadjuvante.

I.2. O LUGAR DO MINISTÉRIO PASTORAL NOS PLANEJAMENTOS

A história recente dos batistas experimentou três ondas missionárias concomitantes aos grandes desafios institucionais que determinaram os planejamentos gerais da denominação que foram: a grande campanha de 1965 chamada “Cristo a única Esperança” que se estendeu na Campanha das Américas e na Campanha Mundial que se arrefeceu; a segunda grande campanha nacional chamada “Só Jesus Cristo Salva”, encerrada com as comemorações do Centenário de 1982[32], da qual seguiu-se a busca de conquista dos polos de desenvolvimento econômico nacional através dos projetos missionários regionais chamados Trans e Mutirões Missionários (estes perduram até o presente, sendo chamados de Projeto Jesus Transforma); e por último, a rigor não mais uma campanha e sim um programa missionário que integra um conjunto de ações chamado de Igreja Multiplicadora. Este último representa uma versão batista do bem-sucedido modelo de gestão de pequenos grupos das igrejas neopentecostais celulares, e também mantem continuidade dos Núcleos de Estudo Bíblico nos Lares (NEBs).

Os planejamentos seguiram a inspiração destas ondas de evangelização e ao todo foram elaborados de 1972 até 2015, três grandes planejamentos estratégicos que atenderam a três momentos históricos importantes da denominação: o Centenário

---

[31] BRANDÃO, *Igreja multiplicadora*. Edição Kindle. Amazon. 2020; contagem digital.

[32] PEREIRA, *História dos Batistas no Brasil 1882-1982*, p.201

(1973 chamada PROIME: Programa Integrado de Missões e Evangelização), a Reestruturação (chamada Os Batistas o ano 2000) e o novo Planejamento Estratégico da CBB, anunciado pelo secretário geral Pr. Sócrates Oliveira de Souza, já em 2009 que assim se expressou:

> O Planejamento Estratégico da CBB teve a sua gênesis no projeto denominado A Convenção Batista Brasileira no contexto do século 21, aprovado pela 89ª Assembleia da CBB, em janeiro de 2009, realizada em Brasília, onde foram aprovadas as áreas estratégicas, diretrizes estratégicas e metas estratégicas que definem a Matriz Estratégica da Convenção Batista Brasileira.[33]

O último planejamento em sua forma geral foi aprovado na Assembleia da Convenção Batista Brasileira realizada na cidade de Niterói em 2011 para os anos 2011-2016, sendo que nestes cinco anos esteve em discussão e aprimoramento, mas já em experimentação e implantação progressiva. Enquanto isso as organizações enfeixadas sob a Convenção Batista Brasileira procuravam elaborar seus planejamentos sob a luz e direcionamento do Planejamento Geral da CBB e sob a orientação do Conselho geral da CBB.

Compreender a evolução dos planejamentos da Convenção é fundamental para a presente pesquisa esclarecer o peso que o ministério pastoral recebeu na história batista recente. Isto permite entender porque a escolha dos planejamentos gerais da denominação nesta pesquisa e não uma fonte literária apenas e como eles ajudam a compreender a visão batista de ministério. Ofereço algumas razões para a escolha deste ponto de partida a seguir. Primeiro por razão intuitiva e por experiencia dentro da vida convencional; segundo por entender que os planejamentos indicam tendencias fortes; terceira razão foca a busca de ausências no planejamento porque temas ausentes revelam mais que esquecimento, isso mostra eleição de prioridades; quarto motivo da escolha alcança a lógica do sistema convencional cujo motor

---

[33] *LIVRO DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA 2013*. RJ: Publicação da CBB, 2013, p. 58.

alavanca a direção para onde a denominação se dirige e leva consigo suas organizações e forças articuladas pela estrutura inclusive as igrejas locais; ademais os planejamentos partem de uma avaliação objetiva que se dá em cada assembleia geral e nos colegiados setoriais constituídos de líderes vindos de igrejas locais e por isso é possível examinar o lugar que o ministério ocupa revelando ampla sintonia que é traduzida nas estratégias, metodologias e alvos propostos; por fim, os planejamentos são participativos formando consensos que colocam em movimento ideias e propostas já votadas que arrastam toda a estrutura o que ajuda a entender como o ministério pastoral se torna instrumento da ação corporativa.

O que foi o Programa Integrado de Missões e Evangelização (PROIME)? A história deste primeiro esforço denominacional para realizar um planejamento geral da convenção remonta a um movimento de evangelização nascido em São Paulo, capital em 1962.[34] O desenvolvimento deste planejamento representou a primeira manifestação da consciência denominacional batista brasileira de reunir igrejas e agencias estrangeiras parceiras, em um programa global de ações, visando integrar e somar os aspectos positivos da mobilização evangelística experimentada pelas igrejas e agências missionárias sob a liderança autóctone do campo Paulista.

Foi o momento da descoberta da força nacional batista para avançar na evangelização da pátria por suas próprias mãos e liderança, especialmente a evangelização dos grandes centros urbanos em ascendência, com o volumoso êxodo rural que aglomerava famílias nos arredores das grandes cidades brasileiras. Os antecedentes desse despertar para a necessidade de um planejamento integrado parecem se explicar por três fatores históricos que convulsionaram a vida denominacional nessa década. O primeiro fator pode ser apontado pelas campanhas que Osvaldo Smith, pastor da Igreja do Povo em Toronto no Canadá, realizou em

---

[34]PEREIRA, *História dos batistas no Brasil*, pp. 201-208.

grandes capitais como Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba em 1957[35]. A interpretação das conferencias coube ao PR. Warner Kaschel, pastor e líder da Convenção Batista de São Paulo. Este evento marcou profundamente as igrejas destes estados. Outro acontecimento que impactou a denominação batista foi a vinda de Billy Graham e a realização do décimo Congresso da Aliança Batista Mundial no Maracanã, Rio de Janeiro em 1960 (26 de junho a 3 de julho). Sobre o evento e seu grau de importância para os Batistas Brasileiros, assim registra o historiador J. Reis Pereira: "a revista Manchete publicou duas páginas de fotografias com o título 'Cristo lotou o Maracanã'". E, continua "nunca tinha havido nem nunca mais houve no Brasil uma reunião evangélica tão impressionante" como esta em que Billy Graham pregou.[36]

O terceiro fator que revelou inclusive as fraquezas institucionais foi o movimento de Renovação Espiritual que se alongou por toda a década de 60 e 70 do século vinte e consumou-se com a divisão da denominação. Por sua vez o modelo de ministério proposto pelo Movimento de Renovação Espiritual baseava-se na plena liberdade do Espírito Santo, a doutrina do batismo com o Espírito Santo e independência da igreja local em relação ao que se considerava como excesso de burocracia denominacional, planejamento orientado para as organizações denominacionais, política nos escalões da convenção, rigidez doutrinária e litúrgica, extrema frieza espiritual e falta de dons espirituais. A visão do Movimento de Renovação era trazer para o ministério os exemplos dos grandes avivalistas da história da igreja. Este movimento se fortaleceu com as cruzadas de Oswald Smith em 1957[37] e a divulgação de suas obras de estímulo a missões e à oração; a grande

---

[35] *O JORNAL BATISTA*. EDIÇÃO DIGITAL, 2/jan./1958, Num. 1, p. 1. http://www.batistas.com/o-jornal-batista/acervo-digital

[36] PEREIRA, *História dos Batistas no Brasil*, p. 181.

[37] *O JORNAL BATISTA*, 2/jan./1958, Num. 1, p. 1.

cruzada de Billy Graham no Maracanã, por ocasião da reunião da Aliança Batista Mundial, aqueceu ainda mais o ambiente espiritual.

O clima de busca espiritual e sentimento de urgência e necessidade de um grande avivamento sobre a nação tomou conta da denominação de norte a sul. Foi neste contexto que eclodiu o Movimento de Renovação Espiritual[38]. Os pastores eram cobrados pelas igrejas para promoverem a busca do grande avivamento da pátria. O Movimento de Renovação não valorizava tanto a formação acadêmica e chegava mesmo a culpar o academicismo pela frieza espiritual das igrejas e dos púlpitos batistas. Para a Renovação Espiritual o ministério era antes de tudo vida de oração, capacitação do Espírito Santo através do batismo no Espirito Santo e concessão dos dons espirituais.

Testemunhos desta atitude estão no relato de Humberto Viegas Fernandes, um contemporâneo do movimento e que registrou suas práticas no livro *Renovação Espiritual no Brasil: erros e verdades*. Afirma Viegas Fernandes que “eles tornam-se, via de regra, autossuficientes e rejeitam toda e qualquer orientação de quem quer que seja". E mais: “É comum verem-se crentes sem preparo algum teológico, ou mesmo bíblico, discutindo com pastores ou autoridades no conhecimento das Escrituras, sobre passagens isoladas da Bíblia, nas quais baseiam seus pontos de vista doutrinários ou suas práticas.”[39] Uma consequência desta atitude laica foi o surgimento de muitos pregadores e evangelistas leigos assumindo a implantação de frentes de trabalho à revelia de uma igreja estabelecida. Mas o perigo do movimento se revelou no divisionismo interno das igrejas, inclusive com a adesão de muitos pastores que subvertiam a igreja local e se apossavam do rebanho e do patrimônio. Isto provocou processos judiciais, amarguras denominacionais e por fim a divisão com

---

[38] ALMEIDA, Abelardo Rodrigues de. *Origens do movimento de renovação espiritual entre os Batistas Brasileiros.* RJ: Seminário do Sul, 1983. P. 5. (Monografia de Bacharelato não publicada)

[39] FERNANDES, Humberto Viegas. *Renovação espiritual no Brasil. Erros e verdades*. RJ: Juerp, 1979. P. 41, 92.

a exclusão de dezenas de igrejas batistas do rol da convenção e a formação de outra convenção batista: a Convenção Batista Nacional.

A liderança da convenção reagiu para conter o movimento e além das providencias doutrinárias procurou mobilizar as igrejas em torno de um grande planejamento que trouxesse ordem e motivação evangelística canalizando a força dos Batistas para superar o trauma da divisão denominacional. Este grande planejamento foi denominado PROIME. Dentro do binômio Consolidação e Expansão que nortearam o PROIME, a Educação Ministerial está visível como alvo de ações. A visão de curto prazo parece ganhar sobre um planejamento a longo prazo, em vista do limite de um ano para cada área e dos parcos recursos disponíveis. Ainda mais porque estava em curso pela missão americana a desaceleração dos investimentos em dinheiro e em envio de missionários para o Brasil o que afetava diretamente a Educação Ministerial e os Seminários. Este problema da sustentabilidade financeira do quadro docente e seminários não foi assumido pela convenção que delicadamente o transferiu, no planejamento, para um trabalho de "conscientização das igrejas" para que elas assumissem as despesas[40].

O PROIME projetava uma década inteira de ações que visava atingir alvos, prioritariamente missionários, até a chegada do Centenário do Batistas no Brasil marcado para 1982. Esta data foi projetada como o centenário do marco inicial do trabalho batista no Brasil: 15 de outubro de 1882, estabelecido por uma decisão consensual e não por pesquisa histórica. O encerramento deste decênio seria coroado com uma grande Campanha nacional de Evangelização similar à primeira grande Campanha nacional de Evangelização realizada em 1965 no Brasil e que se estendeu para a Campanha das Américas, pretendendo e até bem perto de conseguir, a realização de uma campanha mundial, apoiados pela Aliança Batista Mundial. Este último alvo não se consumou como inicialmente foi proposto, mas foi realizado de

[40] *O JORNAL BATISTA*, 2/jan./1958, Num. 1, p. 1

1971 a 1974, pela Aliança Batista Mundial, com nome alterado para Missão de Reconciliação por meio de Cristo. O Brasil pouco se envolveu com esta 'Campanha' da Aliança.[41] Todavia, elegeu o ano de 1975 como "1975: Ano da Reconciliação, Ano da Evangelização".[42]

O PROIME foi apresentado e aprovado em janeiro de 1973 em Recife e projetava os seguintes temas anuais para a denominação: 1973: "Mordomia"; 1974 "Evangelização e Missões"; 1975: "Reconciliação": 1976 "Igreja"; 1977: "Testemunho"; 1978: "Educação Ministerial"; 1979: "Família Cristã"; 1980: "Denominação"; 1981: "Expansão Mundial" e 1982: "Louvor e Gratidão"[43]. Estes dez temas chaves indicavam a prioridade das ações e áreas de interesse essenciais para a denominação com o lema 'consolidar e expandir'. Esta seria uma resposta às igrejas indicando a superação da divisão causada pelo movimento de Renovação Espiritual, mas também colocando em foco a comemoração do Centenário denominacional no Brasil.

O Documento que propôs as bases do PROIME apontava a Educação Ministerial que a denominação almejaria: "consolidação do ministério de nossas igrejas, melhores condições para a preparação de obreiros, conscientização das igrejas para a necessidade de sustento... etc." [44]. Outro objetivo seria alcançar o "maior número de obreiros com dedicação exclusiva no ministério" e um terceiro, entre outros, seria "maior objetividade missionária no ministério batista".[45] Os alvos foram um tanto genéricos e evasivos quanto ao vocacionado e o terceiro objetivo sugeria que o ministério batista carecia de 'objetividade missionária'. O PROIME como

---

[41] *O JORNAL BATISTA*, 5 de janeiro de 1975, p.3.

[42] Idem, p.3.

[43] Idem, 7 de janeiro de 1973, p.1

[44] Idem, p1

[45] Idem, p.1.

qualquer planejamento trata pessoas como coisas e estabelece metas como um esforço humano que realiza tarefas e otimiza resultados. O ministério batista começa a ser pressionado por um tipo de visão que estabelece a área de missões como primazia sobre as demais tarefas do pastorado.

O PROIME trouxe reflexão, desafios, consciência de limites e perspectivas novas para a denominação batista. Contudo em relação à educação ministerial a preocupação era estimular as matrículas em nossos seminários e suprir as carências de obreiros missionários para no futuro atingir os alvos. Esta ênfase provocou críticas de nossos especialistas alguns anos mais tarde. Uma das teses do Congresso Batista Brasileiro de 1991, realizado no Rio de Janeiro, abordando a temática prospectiva e intitulado *Com os Olhos no Futuro*, foi de que o PROIME teve uma consequência negativa sobre a qualidade e maturidade de nossos futuros líderes.

João Ferreira Santos, Professor do Seminário do Norte em Recife, afirmou que: "devemos destacar o fato de que a partir de 1972, com os arrojados alvos do PROIME, a ênfase quantitativa encheu os nossos seminários de alunos, muitas vezes imaturos, prejudicando sensivelmente a qualidade do ensino" [46]. Diga-se a qualidade do obreiro egresso de nossos seminários. De fato, grandes obreiros surgem nesta década do PROIME e grandes missionários. Mas também o desequilíbrio doutrinário fica patente em muitos momentos da vida denominacional, especialmente a crise de identidade denominacional que vai eclodir na década de Oitenta do século vinte, em virtude da aparição do fenômeno neopentecostal nas cidades brasileiras.

O problema da formação pastoral nesse período 'PROIME e PÓS-PROIME', segundo Santos, desdobrou-se em três níveis: os seminaristas revelavam medo de aprofundar na teologia; a reclamação da distância entre teoria e prática; e a baixa qualidade do ensino teológico em face do aumento de alunos por cada professor em

---

[46] *CONGRESSO BATISTA BRASILEIRO. Com os olhos no futuro*. Teses do Congresso Batista Brasileiro. RJ: Juerp, 1991. p. 23.

nossos seminários.[47] A conclusão do Congresso Batista Brasileiro apontava na direção de maior investimento denominacional em educação ministerial, contenção da proliferação de seminários pelos estados, acompanhamento pessoal aos vocacionados e traçar um perfil do egresso que a denominação deseja e necessita para a obra batista.[48]

Este diagnóstico revela uma preocupação ainda cativa do aspecto institucional e por isso incapaz para dar conta de uma filosofia bíblica da vocação e do pastorado. O que é ser pastor ficou adiado ou encoberto, fora de foco, carente de reflexão neste período do PROIME. Se tomamos como fonte para abalizar o peso da ênfase dada a educação ministerial, dentro do decênio do PROIME em *O Jornal Batista*, Órgão Oficial da Convenção Batista Brasileira, constatamos que o ano dedicado a Educação ministerial, 1978, de fato não dedicou nenhuma matéria dentro do que planejou em si, ou seja, o ano editorial e jornalístico transcorreu sem oferecer nenhuma menção ou conjunto de artigos que efetivasse o planejamento do PROIME para educação ministerial. Tomando dois meses chaves, um para lançar o tema anual, janeiro e outro por ser comemorativo de Educação Ministerial: novembro, nada significativo encontramos. Inclusive o tema Anual não chega sequer a ser lançado para a denominação[49]. A atitude jornalística oficial não autoriza a tirar conclusões objetivas, mas permite denunciar uma omissão que traz implicações negativas sobre um tema que foi eleito entre os dez mais importantes para o PROIME e que a própria denominação não estimou devidamente. Esta dívida para com o ministério termina por recair sobre a própria denominação na forma de crise valorativa do ministério e

---

[47] Idem, p. 23.

[48] Idem, pp. 24-36.

[49] Cf. *O JORNAL BATISTA*, 1978. EDIÇÃO DIGITAL, http://www.batistas.com/o-jornal-batista/acervo-digital

ausência de definição sobre o espaço e identidade do vocacionado, suas tarefas na construção da denominação e na consolidação do futuro histórico dos batistas.

Após o tempo projetado pelo PROIME, 1973 a 1982, a denominação teve na década seguinte uma época de muitas mudanças estruturais e econômicas. A comemoração do centenário marcou o início de um tempo difícil para as instituições batistas no Brasil. Perdeu-se por falência financeira o parque gráfico e editora, todas as livrarias Juerp foram vendidas ou fechadas. A JUERP, a editora que comandava a produção literária para a área de educação religiosa e teológica e a impressão de Bíblias encerrou suas atividades, os colégios enfrentaram crise financeira e alguns fecharam. Os seminários maiores declinaram em número de alunos e ainda enfrentaram dívidas e problemas de gestão. Este período teve um agravamento adicional na década seguinte com a liderança sofrendo escândalos morais e não tendo êxito nas gestões financeiras.

Por outro lado, as duas décadas, 80 e 90, conheceram um grande avanço na esfera da educação ministerial consolidando a expansão de seminários pelos estados e crescimento da Associação de Seminários (ABIBET). Isto acompanhado de um grande avanço no movimento dos projetos da liderança da Junta de Missões Nacionais para evangelizar a pátria com os chamados ‘mutirões missionários’ por todo o país. O grande significado de todos esses movimentos e projetos missionários foi o envolvimento direto dos jovens leigos, dos estudantes de teologia e das igrejas locais na obra de evangelização.

O período pós-centenário foi tomado por um longo e desgastante processo de gestão denominado de reestruturação denominacional, com mudanças estruturais e estatutárias (1983-1993). As crises financeiras e administrativas consumiram da denominação as energias pelos próximos dez anos (1993-2002). De modo que neste ínterim, longo, não tivemos um planejamento estável. A penúltima equipe executiva liderada por Salovi Bernades, homem capaz e conciliador, dedicou atenção a duas

áreas muito carentes: ação social e comunicação.[50] O período pós-centenário, entretanto, foi altamente produtivo se olharmos para dentro de casa e para o desejo de mudanças diante do mundo novo que se avizinhava como desafios urbanos, novas tecnologias, mudanças políticas no Brasil, o avanço das Convenções Estaduais etc. Tendo em vista a descoberta desta imensa complexidade interna e externa a denominação fez um esforço monumental de autocrítica e de prospectividade institucional. O resultado foi a realização de assembleias convencionais quentes e interativas de um lado e de um gigantesco esforço missionário liderado pela Junta de Missões Nacionais de outro. Tivemos, então, um amplo planejamento apresentado no biênio 1991-1992 e consignado no Plano Global da convenção, intitulado Os Batistas e o ano 2000.[51]

Deste movimento institucional surgiram dois documentos importantes resultantes do trabalho do Conselho de Planejamento e Coordenação da CBB, liderado pelo então executivo Pr. Orivaldo Pimentel Lopes que foram: o planejamento global e a realização de um congresso democrático e aberto para discutir os rumos da denominação chamado de *Com os olhos no futuro.* Este congresso produziu um livro com o mesmo título contendo as teses defendidas, as quais juntamente com o plano global orientaram a obra denominacional no decênio seguinte (1992-2002).[52]

Este foi um resultado que impactou o ministério e as instituições denominacionais, especialmente porque era um trabalho acurado e autocrítico desenvolvido sem a tutela dos líderes americanos e revelou a autoconsciência autóctone e sua capacidade de reagir prospectivamente às crises institucionais e à realidade global. A realização deste amplo debate foi resultado da vontade

---

[50] *O JORNAL BATISTA*, 18-24 de março de 2002, Caderno Especial, p. 4b

[51] *OS BATISTAS E O ANO 2000*. Plano global da CBB. 1991.

[52] *COM OS OLHOS NO FUTURO*. Teses do Congresso Batista Brasileiro. Rio de Janeiro: Juerp, 1991.

manifestada pela Assembleia Geral reunida em Belo Horizonte em 1990.[53] Assim, em março de 1991 foi realizado o Congresso Batista Brasileiro no Rio de Janeiro e em dezembro do mesmo ano o Conselho de Planejamento aprovava o texto que seria encaminhado à Assembleia Geral em 1992 intitulado *Os Batistas e o ano 2000*. Esta década mobilizou a denominação para as metas de plantação de novas igrejas. Foi estabelecido o Programa de Plantação de Igrejas sob a liderança da Junta de Missões Nacionais que definiu assim o objetivo: "o maior objetivo do Programa de Plantação de Igrejas do Plano Nacional de Evangelização é motivar as igrejas e crentes particularmente a tornarem-se plantadores de igrejas, igrejas que sejam autogovernadas, autossustentadas e autopropagantes". O programa como um todo envolvia ações desenvolvidas pela EBD, Mutirões Missionários, Núcleos de Estudos Bíblicos nos Lares (NEBs), Cultos Públicos, Discipulado, Metodologia de Evangelismo Pioneiro e o incremento do Ministério Comunitário Cristão (relativo a ações sociais).[54] Este Programa missionário decenário caminhou junto a com a reflexão promovida pelo Plano Global.

O que este movimento autocrítico e seus documentos disseram sobre o ministério pastoral? Chama-nos a atenção que estes dois planejamentos estratégicos se ocuparam com o ministério pastoral de forma estatística e prospectivista. O Plano Global *Os batistas e o ano 2000* de 1992 fez um levantamento detalhado da realidade numérica de pastores, missionários, docentes e gestores ativos, que se aposentariam e de quanto seria a demanda para atingir os alvos até o ano 2000.[55] A análise feita chegou à conclusão de que a denominação enfrentaria um déficit significativo de vocacionados da ordem de 2,750 pastores. A solução proposta seria mobilizar os

---

[53] Idem, p. 99.

[54] *PLANTAÇÃO DE IGREJAS*. RJ: Junta de Missões Nacionais, 1990. (Este manual foi impresso aos milhares e os cursos atingiram todo âmbito da CBB gerando uma mobilização nacional dos pastores e missionários).

[55] *OS BATISTAS E O ANO 2000*. Op. cit. p. 71

seminários para diversificar os cursos, para capacitar também leigos e oferecer cursos à distância para formação de obreiros. O planejamento apresentou o seguinte diagnóstico:

> Todos os seminários, juntos, incluindo os da CBB, os estaduais e os particulares, tem condição de formar 250 pastores por ano. Supondo que essa capacidade seja ampliada para formar 350 pastores por ano, no período do plano teremos aproximadamente 2800 pastores, o que nos leva a concluir que no ano 2000 haverá déficit de 2,750 pastores. Deve-se lembrar que dos pastores formados 40% não vão exercer o ministério. Aumentará o número de igrejas sem pastores e de pastores sem atividades pastorais.[56]

Considerando que os vocacionados exercem uma diversidade de ministérios, a projeção do planejamento estratégico era de fato preocupante. O planejamento reconhecia e distinguia sete áreas ou setores dentro da denominação e um destes setores era a Educação ministerial. Os outros setores eram: evangelismo e missões, educação religiosa, educação em geral, ação social e beneficência, comunicação e a administração e finanças. Em todos estes haveriam de uma forma ou outra a atuação de pastores.

Esta projeção do ministério pastoral dentro do planejamento estratégico denominacional despertaria a questão do perfil de pastor que os seminários deveriam formar. De fato, foi isto que se levantou em uma das palestras do Congresso Batista Brasileiro de 1991. O perfil foi problematizado pelo Dr. Arthur Alberto da Mota Gonçalves da Faculdade Teológica de São Paulo e Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho. Em geral o perfil responderia as seguintes perguntas:

> A denominação precisa traçar o perfil do obreiro que as igrejas precisarão ter até o fim do século. Quais as necessidades? Quais os projetos a serem implantados? E também: que tipo de igrejas precisamos ter para enfrentar o nosso tempo? Que tipo de sociedade pretendemos atingir? Os seminários precisam replanejar o conteúdo das matérias, tendo em vista esse perfil, e saber se vamos formar

---

[56] *OS BATISTAS E O ANO 2000*, p.71

> pastores, teólogos, evangelistas e /ou missionários. E qual o perfil deles.[57]

Em termos específicos e pedagógicos o perfil em detalhes deveria ser formulado por cada instituição de ensino vocacional. A novidade acima está em direcionar a reflexão em torno da formulação do problema. O perfil, em todo caso, ficou a serviço e em função de um planejamento estratégico. O perfil não veio com o Congresso. Este perfil deveria ser resultado de uma base bíblica clara. Todavia, a proposta apontou caminhos de um diálogo com a realidade e isto poderia levar a construção de uma ponte de atuação entre a pesquisa bíblica sobre o que é ser pastor e o que é ser pastor em face da realidade do ano 2000. Por outro lado, a recomendação do planejamento global dizia que: "os seminários ajustarão os seus cursos de modo a atender as necessidades da denominação", ou seja do planejamento global.[58]

Esta foi uma decisão tática que implicava em mudar as estruturas administrativas dos seminários eliminando os conselhos ou juntas administrativas de cada instituição e concentrando tudo no Conselho de Planejamento da CBB. Esta tática foi posta em ação e nos anos seguintes a estrutura foi mudada e transferida para o novo Conselho Geral da CBB conforme o Estatuto em vigor.[59] Esta medida chave postulou e executou, não sem conflitos, a orientação para controlar a educação teológica e ministerial e implementar a filosofia e as metas do planejamento estratégico através dos cursos de educação religiosa, formação pastoral e missionária no âmbito da convenção.

O ministério pastoral tornou-se alvo preferencial do planejamento. Os formadores da futura liderança, os seminários e institutos, deveriam inserir nos

---

[57] *COM OS OLHOS NO FUTURO*, p. 30

[58] *OS BATISTAS E O ANO 2000*, p. 72

[59] *LIVRO DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA 2020*. RJ: Publicação da CBB, 2020, p. 10

currículos de suas instituições, ou melhor, organizar os currículos para atender as metas do planejamento. Desse modo o planejamento, seu espírito e filosofia, suas metodologias e visão seriam efetivadas na prática. O ensino vocacional, era esse o entendimento dos gestores da convenção, precisava reproduzir os ideais do planejamento e capacitar os novos líderes para executar suas tarefas dentro dos alvos, valores e modelo do planejamento convencional. Os seminários "devem ajustar os seus cursos". Os profetas devem falar a favor e a serviço da execução do planejamento denominacional. Esta norma a ser aplicada sobre os seminários tinha uma razão de ser uma vez que a direção dos seminários era relativamente autônoma possuindo seus conselhos e planejamentos próprios e até declarações doutrinárias internas. Cada instituição teológica podia diversificar sua prática de ensino voltada para a região e suas necessidades estaduais. A recomendação do planejamento não vetava isso desde que as regionalidades estivessem ajustadas aos alvos e metas da denominação. Essa centralização era o que faltava para vincular o planejamento denominacional ao exercício do ministério pastoral e demais lideranças à visão unificadora pleiteada pelo planejamento global de modo a reproduzir a filosofia e os objetivos superiores por cada segmento da convenção. Historicamente os seminários representavam um contraponto crítico e acadêmico sobre a vida denominacional que sob o comando centralizado tendia a arrefecer.

Resta analisar o último Planejamento Estratégico da CBB em conjunto com o modelo de Igreja Multiplicadora da Junta de Missões Nacionais que comanda a área de expansão denominacional no campo nacional brasileiro. No conjunto deste planejamento fica notório o giro pragmático para atender uma necessidade de expansão missionária e multiplicação das igrejas. A essência do ministério pastoral e os fundamentos básicos da vocação ficaram reduzidos a um esquema de utilidade institucional do pastorado em prejuízo da doutrina bíblica do ministério. Mas, isto só reforça e justifica nosso escopo da proposta nesta pesquisa de buscar uma conceituação teológica e bíblica para o pastorado, ajudados pela obra de Peterson.

Os planejamentos são elaborados em equipe sob a liderança do executivo de cada instituição. Estes dois que nos importam, representam a própria Convenção Batista Brasileira de um lado e a principal executora da área de expansão missionária e implantação de igreja de outro, a Junta de Missões Nacionais (JMN). Desde que a atual executiva da CBB foi empossada até a elaboração do planejamento estratégico passaram-se treze anos (2002/2015) e do lado da executiva da Junta de Missões Nacionais passaram-se oito anos (2007/2015). Isto indica que o planejamento foi pensado e avaliado suficientemente para oferecer à denominação detalhes de cada setor que pressupõe fundamentos teóricos intencionados e defensáveis. Inclusive a secretaria geral da CBB contratou um escritório de consultoria em planejamento para lhe dar assessoria, conforme relatório apresentado em 2010.[60]

Não devemos ficar constrangidos em analisar criticamente o resultado de ambos, pois o tempo de elaboração pelas equipes permitiu alcançar um consenso que pode ser tomado como um conceito-tendência ou paradigma denominacional que afetará o papel e lugar da vocação e do ministério pastoral para os próximos anos. O PROIME que já detalhamos, mostrou que o conceito de ministério e de vocação segue pelo trilho das ações e propostas majoritárias do planejamento denominacional. Naquele planejamento geral executado nos dez anos que antecederam o Centenário de 1982, ficou evidente que o problema do ministério pastoral e da Educação Ministerial foi posto em pauta por causa da preocupação da liderança com as metas de crescimento numérico e mobilização popular.

O planejamento estratégico da convenção foi pensado para ser uma continuidade e ao mesmo tempo um aprofundamento e atualização dos planejamentos anteriores de modo a não romper com os ideais históricos, os

---

[60] *LIVRO DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA*. JANEIRO DE 2010. RJ: CBB, p. 51

princípios cooperativos e ênfase missionária do povo batista, mas ser uma resposta ao novo contexto cultural e tecnológico de nossa sociedade no século XXI.

Uma nota histórica abre a apresentação do Planejamento para 2016:

> O Planejamento Estratégico da CBB teve a sua gênesis no projeto denominado A Convenção Batista Brasileira no contexto do século 21, aprovado pela 89ª Assembleia da CBB, em janeiro de 2009, realizada em Brasília, onde foram aprovadas as áreas estratégicas, diretrizes estratégicas e metas estratégicas que definem a Matriz Estratégica da Convenção Batista Brasileira.[61]

Esta nota invoca a legitimidade histórica do planejamento ao mesmo tempo em que mostra um crescente amadurecimento na medida em que volta à discussão sobre os necessários ajustes anuais nas reuniões do Conselho e se reproduz como matriz de outros planejamentos das organizações executivas da CBB. De fato, é a consolidação de orientação trabalhada por vários anos para dar à convenção um rosto nacional, previsível e corporativo.

Nas duas últimas décadas do século XX e primeira do século XXI, foi dominante o avanço da Junta de Missões Mundiais sob a liderança de um estrategista e missiólogo reconhecido mundialmente pelos Batistas e agencias missionárias de outras denominações, Waldemiro Tymchak (falecido em 2007). Cresceu a consciência de missões entre as Igrejas. Quanto à força de influência sobre a convenção, a Junta de Missões Nacionais ocupou a vanguarda e liderou os rumos e ideais da denominação com o projeto de crescimento e evangelização chamado Visão 2020 que concentrou no treinamento da visão multiplicadora de igrejas e PGMs (Pequenos Grupos Multiplicadores)[62].

---

[61] *LIVRO DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA 2016*. RJ: Publicação da CBB, 2016, Anexo 1, p. 2

[62] *Conheça a Visão* | visaobrasil2020, acesso 1/04/2021.

A liderança da Junta de Missões Nacionais e seu programa de treinamento de líderes para promover a plataforma da Igreja Multiplicadora, estava diretamente formando o conceito de líder-pastor útil para denominação. O vocacionado foi sendo moldado pela propaganda e pelas oportunidades formativas oferecidas dentro das metas do planejamento. Nesta segunda década de nosso século convergem a estratégia missionária multiplicadora e a execução pela secretaria geral do Conselho Geral da CBB, do um novo planejamento estratégico global chamado de Gestão Estratégica Corporativa. Por este planejamento plurianual estão projetadas, entre outras, as linhas gerais da Educação Teológica e podemos conhecer o que se pensa e projeta sobre ministério pastoral ou o que se omite ou desconhece também.

O texto do Planejamento atualizado para 2016 inicia em sua introdução com a seguinte consideração:

> O mundo atual é definido pela velocidade das mudanças; quase que totalmente urbanizado e conectado via internet; com inúmeras exigências de respeito aos direitos humanos e da preservação do planeta; mas ao mesmo tempo sofre com a violência urbana, terrorismo e inúmeros conflitos motivados por questões políticas e religiosas. Os valores e princípios cristãos são questionados e desafiados diariamente; a família vive debaixo de ataques constantes. O ser humano se tornou o centro e a razão de tudo.[63]

Esta introdução revela o desejo de enfrentar os grandes desafios contemporâneos. O planejamento reflete isso em cada passo e busca envolver todas as organizações da CBB a reduplicar para sua área as linhas gerais do planejamento geral. A afirmação da introdução mostra uma tomada de consciência em relação ao mundo pós-moderno e o tema da globalização acrescido de uma preocupação com a ecologia e os conflitos religiosos. Estamos diante de dois importantes planejamentos que afetam toda a denominação: o Planejamento Estratégico da CBB e o Planejamento da Junta de Missões Nacionais; e ambos declaram em seus

---

[63] *LIVRO DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA 2016*. RJ: Publicação da CBB, 2016, Anexo 1,p.2

documentos as expectativas deles sobre o perfil de pastor que desejam e que a denominação precisa para alcançar suas metas.

Destes documentos podemos inferir o conceito de ministério pastoral que se tem em perspectiva para os próximos anos e o modo como as bases do conceito estão colocadas. Uma coisa parece óbvia neste contexto que envolve congressos e convenções: o foco principal do Planejamento que é basicamente institucional, instrumentaliza o papel do vocacionado e lhe define previamente o modo de atuação e expectativas de metas. Isto faz surgir o velho dilema entre estrutura e espírito/vocação que levanta o problema do conflito entre a liberdade no exercício da chamada divina e as necessidades e exigências da instituição humana. O vocacionado está condicionado pelo escopo geral do modelo de igreja multiplicadora da Junta de Missões Nacionais e pelo critério serviço/cliente do planejamento estratégico da Convenção Batista Brasileira. Não se trata de avaliar o teor geral dos princípios bíblicos invocados por cada planejamento, mas o conceito específico de ministério pastoral que cada qual aceita, ignora ou limita.

Este é o caso do planejamento da Junta Missões Nacionais que contribui com seus projetos e visão missionária para o planejamento estratégico denominacional. Esta forte influência que o projeto e visão da Igreja Multiplicadora exerce hoje sobre as metas da denominação realmente condiciona o todo e não apenas sua área particular de expansão missionária nacional a ela atribuída como agência denominacional. O caminho escolhido pela junta segue em continuidade com a metodologia *Church Growth* de Donald Mcgavran, passando pelo Evangelismo Pioneiro de Thomas Akins, o decênio de Plantação de Igrejas com os Núcleos de Estudos Bíblicos (NEBs), a influência marcante de Igreja com Propósitos de Rick Warren e consolidando com o modelo multiplicador de Fernando Brandão.

Houve uma convergência de duas correntes de planejamento parceiras dentro da convenção, a corporativa do Conselho Geral e a Junta de Missões Nacionais onde os dois planejamentos disputavam espaço e sustentabilidade. Entretanto a visão da

Junta de Missões Nacionais tornou-se determinante em relação aos demais, provocando uma redução à sua visão. Isto foi o que ocorreu, de modo que o planejamento da CBB e de suas organizações se alinharam com a visão de igreja multiplicadora de uma Junta Missionária. Esta tendência passa a determinar na prática o modelo ou perfil de pastor que terá sua preferência para contratação missionária e vai influenciar decisivamente o trabalho do pastor em uma igreja local.

O impacto imediato desta interferência redutora aparece na área de educação ministerial que ficou subordinada ao conjunto de estratégias da área denominada no planejamento estratégico de Formação de Liderança. Seminários não poderiam ser autônomos como antes e até chamados ‘casa de profetas’. O perfil do obreiro que estava proposto no planejamento geral guinou para atender os objetivos da visão igreja multiplicadora como mostra a afirmação e recomendação do Planejamento 2016 da CBB: que seja disseminada a visão da Igreja Multiplicadora e a prioridade estratégica será multiplicação do número de Igrejas.[64] Conforme pode ser constatado no calendário anual de Missões Nacionais, a denominação foi envolvida de modo intensivo com Congressos em todas as regiões do Brasil para treinamento e fixação da Visão da Igreja Multiplicadora. Não se trata de opor ou de simplesmente responsabilizar a obra missionária e seus métodos pelo enfraquecimento do conceito de ministério pastoral e sim de ponderar que há perigos ao dicotomizar os esforços e privilegiar na visão denominacional uma área em detrimento da outra.

Uma apresentação do planejamento de 2011 indicava na nomenclatura de Desenvolvimento de Liderança o seguinte objetivo: “Disseminar o pensamento teológico batista, identificado com a declaração doutrinária da CBB. Formar líderes comprometidos com os princípios e doutrinas batistas.”[65] Entretanto a prioridade estratégica para 2016 foi determinada em razão do programa Igreja multiplicadora:

---

[64] Idem, Anexo 1, p.19

[65] Idem, p. 19

Disseminar a visão de igreja multiplicadora. Multiplicar o número de igrejas batistas. O texto de 2016 afirma que: "Como instituição buscamos: Alcançar qualidade máxima no atendimento total às igrejas através das áreas: Gestão, Comunicação, Evangelismo, Missões, Educação Ministerial e Educação Cristã".[66] Notamos, subliminarmente, uma certa indecisão para fixar a nomenclatura e a ordem das prioridades. Podemos falar talvez de um planejamento que se reconfigura a cada ano. Com isto, não se confirma o discurso muitas vezes ouvido de que o segredo do progresso espiritual da denominação está no ministério do pastor. Aliás, dentre os alvos acima há uma omissão ou esquecimento do ministério pastoral como forma de atendimento às igrejas locais.

Em relatório da junta de Missões Nacionais à Assembleia anual da Convenção Batista Brasileira em 2015 afirmava-se que:

> Neste ano convencional, juntos realizamos: 219 Encontros de capacitação alcançando todas as regiões do Brasil; 20.584 líderes capacitados, sendo 4.622 pastores. Reconhecemos que ainda é pouco diante do universo batista no Brasil. Para o ano de 2016 já estamos com uma agenda extensa, alcançando algumas regiões às quais ainda não conseguimos chegar neste último ano. Nosso objetivo para este novo ano é consolidar a visão de Igreja Multiplicadora em todo contexto brasileiro, sendo o próximo alvo crescer na assessoria aos pastores e líderes que já estão trabalhando em busca de resgatar os princípios de multiplicação e os Pequenos Grupos Multiplicadores.[67]

Este intensivo trabalho do planejamento denominacional exige um perfil de líder e pastor que também está sendo treinado por estes congressos que é o de Pastor Multiplicador da Visão. Esta tendência majoritária cria uma figura nova de pastor que segue regras da administração e metas de produtividade. O pastor segue uma agenda

---

[66] Idem, p. 4

[67] *LIVRO DO CONVENCIONAL CBB 2015*. RJ: CBB, 2015. Relatório Junta de Missões Nacionais 2015, p. 112

de resultados que deixa de lado o leito tradicional de vocação pastoral baseada em visitação, ensino, aconselhamento e pregação.

O ministério pastoral que se exprime na figura da relação pastor e ovelha, entra em um inverno e eclipse, trazendo prejuízo do nível valorativo, de modo que os seminários já não formam mais pastores de ovelhas, mas empreendedores religiosos, líderes. Raymond Brown faz uma observação apropriada para prevenir esse desvio e tensão entre ênfase missionária e necessidade de cuidado pastoral. Ao analisar a vocação de Pedro na Galileia e sua última entrevista com Jesus em João 21 ele afirma: “a imagem do peixe é bem apropriada à atividade missionária que visa a trazer as pessoas para uma comunidade cristã, mas não serve para traduzir o cuidado permanente com os que foram trazidos. A imagem do NT consagrada para esse caso é o pastoreio do rebanho”.[68] Ou seja, se Pedro era um bom pescador agora devia ser um bom pastor.

O aspecto importante deste movimento de Igreja Multiplicadora é a descoberta do mundo urbano contemporâneo com suas complexidades, seus sintomas de insegurança e condomínios fechados, os problemas dos dependentes e usuários de drogas, o vazio familiar e a necessidade de comunhão, a resposta dos pequenos grupos familiares ou células entre outros desafios para as igrejas. A denominação está recebendo o impacto de perceber-se em um mundo totalmente diferente da igreja tradicional. A Denominação, nestas duas ou três últimas décadas, está debaixo de uma forte influência do contexto cultural e religioso externo e novas eclesiologias que de forma decisiva afetam o planejamento e a visão denominacional. De modo mais agressivo duas tendências entraram no interior denominacional moldando a filosofia de trabalho e planejamento ministerial dos Batistas Brasileiros. Estas influências são visíveis na explosão e avanço neopentecostal com os megaministérios e corrida às mídias e a onda de cursos de liderança e capacitação

---

[68] BROWN, Raymond E. *As igrejas dos apóstolos*. SP: Paulinas, 1986. p. 37

com viés secular e empreendedor, espalhadas na literatura e cursos de capacitação dentro e fora das igrejas e das Convenções Batistas Estaduais em todo Brasil. O fascínio produzido pelo ministério Evangelho Pleno de Paul Yonggi Cho em Seul, na Coreia é um exemplo desta tendência.

Agrava-se a tensão entre o planejamento estratégico e o conceito de autonomia das igrejas batistas. Aos poucos a denominação e suas igrejas abdicaram de sua criatividade e soluções comunitárias em oração e buscaram em terceiros os modelos e respostas que poderiam alavancar o trabalho local. Entraram em uma era de compra de soluções ministeriais e planejamento da organização eclesiástica. A defesa tradicional de igreja comunidade democrática, autônoma, que decide em sufrágio universal dos crentes, completa em suas notas eclesiais como definido pelo manual de eclesiologia de Dana está em crise. Após ampla análise do significado das raízes de igreja, 'ekklesia' no grego clássico e na Septuaginta, Dana afirma:

> Por uma combinação de elementos que se destaca do significado de ekklesía, tanto de seu uso no grego clássico como na Septuaginta, temos como conceito resultante, uma comunidade de indivíduos que possuem certas qualidades que são consideradas em um sentido único como povo de Deus, dedicando-se à promoção de objetivos religiosos e conduzindo seus próprios assuntos sobre princípios democráticos.[69]

Observamos que atualmente tem havido uma tendência de mudança da autonomia da congregação e de decisões tiradas por voto democrático sobre as moções e propostas comunitárias, para uma administração presidencial monocrática ou por deliberação de um conselho consultivo que substituem o conceito tradicional de igreja autônoma, eclesia, comunidade, assembleia do Senhor com seu povo. Está em curso uma fuga do conceito tradicional de igreja característica da tradição e princípios históricos dos batistas. Esta realidade foi constatada pelo escritor Coelho Filho um atento observador, conferencista e participante da vida denominacional: "Há

---

[69] DANA, Harvey Eugene. *Manual de eclesiologia*. El Paso: CBP, p. 10.

necessidade de uma reflexão séria sobre o que seja a Igreja. Um prédio com gente cantando louvores a Jesus pode estar hospedando pessoas bem distantes do conceito bíblico de Igreja". Acrescenta mais Coelho Filho que:

> A pedra de toque do processo batista é a igreja local. Somos congregacionais desde nossa origem: o governo pertence à congregação local e ela não está sujeita a nenhuma outra instância. E cooperação, sim. Mas sacrifício ou abandono da autonomia da igreja local, nunca! Esta doutrina nos permite declarar que a maior e mais rica igreja batista vale tanto quanto a menor e mais pobre. E o que se faz em nome dos batistas precisa do aval moral das igrejas para ter credibilidade entre elas. Não se trata apenas de autonomia da igreja local, mas de sua soberania. As estruturas precisam se compatibilizar com as igrejas.[70]

Uma questão em aberto e que precisa de explicitação é a falta de fronteiras entre igreja e convenção. O planejamento estratégico da empresa CBB é corporativo e incorpora, contabiliza, a realidade da igreja em sua marcha sem qualquer explicação e delimitação de sua soberania. O planejamento da CBB e suas organizações em face do planejamento da Igreja local e seus ministérios bíblicos são duas coisas distintas na eclesiologia batista histórica e bíblica. A igreja local não coincide com a Convenção Batista Brasileira nem são intercambiáveis. Convenção e Igreja são duas realidades doutrinarias e eclesiásticas distintas para os batistas. Há uma doutrina bíblica da igreja, seus ministérios, ordenanças e missão, mas não há sobre a convenção e suas organizações um correlato doutrinário obrigatório no Novo Testamento.

O planejamento estratégico da CBB e de suas organizações evita e escamoteia a distinção entre igreja local e convenção; elabora uma visão geral continuísta, subsumindo e incluindo as igrejas no planejamento sem distinguir os diferentes níveis. A convenção fala por elas e conta com elas para alcançar suas metas que pretensamente são as da igreja mesma, mas de fato são suas metas como

---

[70] FILHO, Isaltino Gomes Coelho. *Os grandes princípios batistas*. https://www.isaltino.com.br/2009/11/os-grandes-principios-batistas/ acesso 07/12/20

organização corporativa e não da igreja local. Os ministérios são esfera da igreja local, sobem da igreja para a convenção, da base para as organizações auxiliares da igreja. Mas pela força do Planejamento estratégico da CBB, dos planejamentos setoriais das organizações como as Juntas Missionárias e a Educação Religiosa, Editora Convicção, p. ex., estamos diante de concepções e definições de ministério que descem sobre a igreja local. Esta inversão estratégica introduz na igreja uma mentalidade e estratégias do ambiente empresarial e corporativo secular. Ilustra isso a diretriz votada na Assembleia de 2002 pelo grupo de Trabalho Repensando a CBB que dizia: “ter um modelo administrativo próprio que combine a agilidade do setor privado com a segurança dos bens públicos.”[71]

Este relatório do grupo Repensando a CBB norteou os anos seguintes e foi a base do Planejamento Estratégico atual. Esse grupo de trabalho foi amadurecendo sua reflexão ao longo de cinco anos ou mais e fez um relatório detalhado sobre as instituições da CBB para a Assembleia de 2002. Ele representou uma tomada de consciência institucional e econômica, mas não fez nenhuma avaliação da área de ministério pastoral e da missão das igrejas. Ele estimulou a Convenção Batista Brasileira a tomar as rédeas de todas a suas organizações e a estabelecer uma relação de cliente-demanda com as igrejas. Definia esse relatório que “a igreja local deve ser o ponto de partida e o ponto de chegada das preocupações da CBB”; “a política de ofertas (de serviços, programas, literatura e produtos) deve ser transformada em política de demandas”.[72]

Na prática essa diretriz interpreta a demanda e planeja a sua produção e entrega. No interior da denominação, oferta e demanda espelham um círculo vicioso similar ao mundo secular onde demanda e oferta são dois lados da mesma moeda. A indústria de bens cria as demandas do mesmo modo como produz e entrega os bens

---

[7171] *LIVRO DA CONVENÇÃO DA CBB 2002*. RJ: CBB, p. 608

[72] Idem, p. 603.

de consumo. No campo da cultura isso é indústria cultural. Ou seja, um planejamento nessa base segue a lógica do mercado. A convenção tem que se articular para ter mais de suas mãos sobre a igreja local de forma previsível e determinante, de modo que forme a mentalidade da própria igreja local e assim lhe sirva em suas demandas e dela se sirva em seu planejamento estratégico.[73] Ao invés de planejamento da base para a superestrutura, temos o planejamento estratégico da supra estrutura descendo para a base reforçando que a hierarquia se realiza e se impõe na prática, ainda que aponte para a mediação da democracia representativa, na verdade a assembleia geral é da CBB, organização jurídica independente e dela vem o planejamento e a visão.

O poder da filosofia de planejamento e da racionalidade corporativa para moldar a igreja e o ministério pastoral local entra em questão. O que assusta é a mudança da linguagem aplicada às igrejas proveniente dos planejamentos denominacionais que interfere e provoca mudanças em prol da visão secular e empresarial direcionando a visão e o futuro da igreja local. O planejamento estratégico da CBB produz o alinhamento das convenções estaduais, das organizações e da literatura religiosa chegando já articulada e pronta na igreja local. O idioma das corporações e das empresas substitui a nomenclatura tradicional que queria estar o mais próximo possível da semântica das Escrituras.

O planejamento estratégico está eivado de termos estranhos à linguagem bíblica porque trazidos do ambiente secular, ignorando os dons e ministérios. Uma nova nomenclatura está em uso com termos como: estratégia e marketing, plano de ação, prioridades, visão estratégica, metas, liderança proativa, gestão corporativa, gerencia missionária, consultoria, mobilização, demanda, ações táticas, áreas estratégicas, cliente etc. inevitavelmente essa linguagem permearia o vocabulário e a

---

[73] Idem, p. 605, ”Divulgar uma identidade batista, com nossos valores e doutrinas para que o povo possa vivencia-los, a fim de não se desviar da fé, pois a CBB já possui documentos suficientes sobre nossos valores e doutrinas, necessários ao planejamento estratégico.”

prática da eclesiologia prática da laicidade. Peterson tratou desse assunto e concluiu por experiência que:

> Meu uso da linguagem na comunidade de fé era uma imagem refletida da cultura: muita informação, muita publicidade, pouca intimidade. Meu ministério era realizado quase inteiramente na linguagem da descrição e da persuasão...estava repetindo na igreja o que havia aprendido em minhas escolas completamente secularizadas e na sociedade saturada pelo marketing, mas não estava ajudando muito as pessoas a desenvolverem e usarem a linguagem básica tanto para a sua humanidade como para a sua fé, a linguagem do amor e do coração.[74]

A liderança hoje está tratando a organização Convenção Batista Brasileira como uma grande empresa corporativa do mundo dos negócios e gerando uma ponte direta com a igreja local que é sua principal cliente e sua principal fonte financeira, sem explicitar as diferenças entre as esferas de empresa e igreja. A igreja vai paulatinamente amoldando-se ao modo de ser do ambiente corporativo e do marketing empresarial. Assim a igreja passa a tratar seus ministérios com os mesmos critérios, vocabulário e metas de mundo dos negócios. Este é o problema mais grave, porque gera uma ação performativa institucional pelo emparelhamento da convenção com a lógica do mundo corporativo já que transfere para as relações da igreja essa lógica conceitual contagiando sua natureza, missão e ministérios. A tradição batista deve evitar que aconteça o pior dos mundos para a sua eclesiologia que é o modelo das franquias aplicado às relações da CBB com as igrejas e a função do pastor passa a ser de fato o de gerente da unidade eclesiástica da convenção.

O ministério pastoral é influenciado em primeiro lugar devido sua suscetibilidade, isto é, pela busca da ascensão e carreira ministerial dentro da denominação, por parte de líderes em evidencia, o que faz do ministério pastoral a vítima privilegiada dos planejamentos estratégicos. Não se trata aqui de negar a importância do planejamento e muito menos de depreciar o esforço de administrar a

---

[74] PETERSON, Eugene. *O pastor contemplativo.* SP: Textus, 2002. p.107

convenção com transparência, eficiência e lisura, juntamente com a suas organizações; nem mesmo de discordar sobre o papel importante da convenção em sua cooperação e serviço em relação a igreja local, mas tão somente de apontar a necessidade de distinguir as esferas de autonomia e defender a prerrogativa da igreja sobre seus ministérios e sua responsabilidade de obedecer Seu Cabeça e as Escrituras na execução dos mandamentos bíblicos em especial o ministério pastoral.

Vamos a seguir aprofundar um pouco a análise de outras influencias sobre o campo religioso Batista fazendo notar especialmente as características do neopentecostalismo e da ideia de formação de liderança, que são propostas para levar o indivíduo e a instituição religiosa ao sucesso em seu empreendimento. Estas influências afetam o ministério batista de muitas formas e determinam o curso de muitas igrejas locais que investem num modelo eclesial próprio e moldam um ministério idiossincrático que retrata a visão personalista dos líderes pastores a despeito de, ou à revelia de e ao largo da denominação.

O que alcançamos até aqui dessa análise geral dos grandes planos da denominação foi a constatação de um movimento de crescimento do envolvimento da denominação e suas organizações com as sucessivas ondas de ideias em busca de crescimento numérico de sua membresia e da quantidade de igrejas e congregações no país. Essa opção levou o avanço da ideologia quantitativa atingir diretamente e pressionar o ministério pastoral. O pastor foi recebendo treinamentos sucessivos ao longo das últimas décadas e moldado para se ajustar às metas convencionais, desde o PROIME da década setenta do século XX ao projeto de Igreja Multiplicadora da segunda década do século XXI. Esse rolo compressor das organizações convencionais e as bruscas mudanças sociais e culturais seculares puseram a identidade pastoral no redemoinho e no leva a perguntar pela natureza e lugar do pastor na vida eclesial e cultural contemporâneas. Quais são nossos paradigmas ministeriais? Qual o lugar e sentido do ministério pastoral em nossa realidade? Foi a

busca por estas respostas e por causa destas inquietações que a pesquisa avançou na direção de Eugene Peterson.

I.3. O MINISTÉRIO SOB O IMPACTO DO NEOPENTECOSTALISMO

Este movimento de caráter cristão e teologicamente distorcido está produzindo a pior inquietação que as igrejas reformadas e históricas jamais sofreram neste último século. Nem o Evangelho Social, nem o Pentecostalismo, ou mesmo a Teologia liberal ameaçaram o ministério e as estruturas da igreja como esse que se chama Neopentecostalismo. Uma análise teológica e cultural do movimento deve ser feita se quisermos entendê-lo e conscientizar as igrejas da ilusão de suas propostas. Na verdade, o ministério pastoral tem sido o mais atingido e seduzido pelo movimento.

Há estudos que merecem ser ouvidos em relação ao movimento, p.ex., a obra editada por Michael Scott Horton, *Religião de poder*, traz contribuições relevantes sobre várias tendências que se relacionam com o movimento[75]. Talvez mais ainda pelo título escolhido, pois ele capitaliza um aspecto central do movimento: *Power Religion*, Religião de poder. O movimento é quase como o gnosticismo cristão dos primeiros séculos do cristianismo. Captá-lo com um único olhar é impossível dada sua diversidade e plasticidade, entretanto Horton indicou um elemento difuso e ao mesmo tempo catalisador importante do movimento, o Poder. Este elemento exerce um fascínio e é perigoso tanto no campo político quanto no campo religioso. O poder ministerial e a ambição pela posse dele revestido de túnica cristã corrompe o ministério e caracteriza uma fonte de desvio do modelo Bíblico.

---

[75] HORTON, Michael Scott. *Religião de poder*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998. 288 p.

Em nosso contexto brasileiro nenhuma outra obra caracterizou tão bem as faces do movimento neopentecostal como Campos em sua obra: *Teatro, Templo e Mercado*[76]. A obra penetra no interior de uma ala do neopentecostalismo, representativa do todo que permitiu ao autor tipificar e figurar as faces, não apenas desta ala específica que é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), mas lançar luz sobre todo o movimento neopentecostal brasileiro. Esta obra nos ajuda a compreender este novo tipo de cristianismo que se espalha tomando a forma de um espetáculo social bem parecido com as características que Guy Debord aponta em seu livro *Sociedade do espetáculo*, onde a ficção substitui a realidade que se torna realidade sublimada na imagem ou na indústria cultural[77].

A tese de Campos é de que o campo religioso está sofrendo uma transformação e sua visibilidade está dada principalmente pelo avanço da Igreja Universal (IURD) e sua pantomima da prosperidade. As metáforas de teatro, templo e mercado são escolhidas, intencionalmente, por oferecerem uma relação característica do movimento empresarial do neopentecostalismo. Desta obra de Campos podemos inferir o modelo de ministro esperado pela igreja e ao mesmo tempo constatar a distância que o separa do Novo Testamento. Campos capta o espírito do neopentecostalismo com suas metáforas teatro, templo e mercado. O elemento de mimetismo da IURD expresso na tese torna-se óbvio, visto que o sucesso da IURD não decorreu certamente de uma estratégia premeditada que seu líder elaborou, depois de uma longa pesquisa de mercado feita por consultorias especializadas em administração, economia e marketing ou uma bem-sucedida empresa de propaganda que ao final decidiram eleger os símbolos catalisadores do teatro, templo e mercado como condutores do empreendimento. O empreendimento emergiu articulando estes elementos por emparelhamento ou seguindo o curso de tendências globais e sociais,

---

[76] CAMPOS, op. cit.

[77] DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 14

por imitação de mercado religioso, por sensibilidade mercadológica. A IURD fez o que o imaginário coletivo, a alma pentecostal, ansiava por articular, esse consumo de bens simbólicos, liberdade do reprimido, grito inarticulado do oprimido que deseja força e libertação. Isto confirma a sazonalidade do movimento neopentecostal e a impossibilidade de detê-lo por meios coercitivos. Ele se manifesta como uma irrupção religiosa de anseios e repressões sociais e espirituais que o político saúda como válvula de escape da pressão social, catarse coletiva de purificação do eu. Ou alienação coletiva que deixa a ordem social e econômica tal qual está. Na verdade, ocorre no Brasil uma imersão do religioso no político, para ocupar espaços antes ocupados por outra elite. Os princípios do mundo político e secular são promovidos e sua benção prometida, a prosperidade econômica, ocupa a prioridade entre os crentes. O problema desta onda religiosa é sua natureza difusa e a sua permeabilidade fronteiriça em toda extensão das classes sociais. Ou seja, nosso rebanho e nosso público também participam desta sazonalidade ou deste espírito do tempo presente. É como se estivéssemos diante de uma onda gigante, de uma antítese hegeliana que deve exaurir sua força antes de ser subsumida pela fase seguinte.

Para Campos o neopentecostalismo sintetizou bem as demandas do capitalismo tardio e do pós-modernismo[78]. A exigência metafórica das figuras do teatro, templo e mercado que fenomenologicamente o objeto reclama, sugere uma compreensão do ministério pastoral que invade nossa sensibilidade ética e pastoral clássica reformada, trazendo um mal-estar em nossa visão vocacional. Afinal, ser pastor dentro do modelo teatro, templo e mercado gera uma estranheza desconcertante entre os ministros evangélicos tradicionais provocando uma crise de identidade imediata.

---

[78] CAMPOS, op. cit. p. 52

Como ser pastor e que significa ser pastor neste circo de bens simbólicos capitalista. O modelo neopentecostal gera um perfil de obreiro similar ao âncora de um *show business*. O modelo Silvio Santos que teatraliza, mercadeja e midiatiza como um sacerdote as carências do público. Não sugere a figura de um administrador competente que passa a vida em um escritório trabalhando, que seria senão a imagem do pastor, ao menos a de um trabalhador austero. Sugere, ao contrário, o perfil estereotipado de um obreiro de palco, tipo ator de teatro de arena que não tem subjetividade, instrumento perfeito de mediação, facilitador da catarse e bom vendedor.

A completa ausência de subjetividade nestes novos pastores, figuras homogêneas, seriadas, torna o conceito de vocação inteiramente desnecessário. Quando pregamos sobre vocação hoje notamos um ar de estranheza no rosto dos jovens. Por que é preciso qualquer coisa de especial para ser pastor? Os pastores neopentecostais simplesmente viram pastores por geração espontânea. A questão não envolve nenhum mistério, nenhuma profundidade, tão simplesmente a vontade de liderar um empreendimento religioso.

O outro problema é o modelo eclesiástico do tipo empresa que motiva e configura todo o neopentecostalismo. Uma empresa não vinga sem marketing e sem gestão criativa, inovacionista e competitiva. O ministério pastoral é improdutivo do ponto de vista empresarial. Este quadro geral do neopentecostalismo desestrutura o conceito tradicional de vocação e ministério. A meritocracia e a justificação pelas obras tornam-se os pilares do sucesso dos neopentecostais da. Precisamos fortalecer os conceitos de vocação ao lado de uma visão de igreja e de ministério bíblicos para o mundo contemporâneo baseados na soberania e graça de Deus. Devem-se recuperar as prerrogativas espirituais na teologia do Ministério. O ministério batista precisa urgentemente se proteger deste tipo de filosofia que cede lugar ao avanço do espirito carnal e seu desejo de riqueza, poder e domínio. Os paradigmas de Peterson formam uma proteção espiritual na vida e na formação do pastor ao confrontar o

aspirante ao ministério com as formas mundanas do mercado religioso e o caráter estranho à Bíblia deste comportamento que usa a igreja como estratégia de vaidade e projeção pessoal. O neopentecostalismo nada sabe sobre vocação, autoridade das Escrituras, natureza bíblica da igreja, oração, contemplação ou comunhão pastoral.

I.4. O MINISTÉRIO E O PROBLEMA DA FORMAÇÃO DE LIDERANÇA.

Foram inúmeros os cursos, conferências, seminários, especializações, estudos de EBD e workshops oferecidos por diversos institutos, seminários batistas, organizações denominacionais, juntas missionárias, igrejas, associações etc. para promover a formação de líderes de norte a sul do Brasil. Além disso, há uma avalanche de livros sobre liderança nas estantes de pastores e igrejas. Poucos são os que discutem o ministério pastoral em si.

Esta realidade no contexto dos EUA foi sentida por Peterson que se enfadou do tema e chegou a confessar isso em uma de suas cartas ao filho Eric Peterson com um desabafo: “Jesus nunca nos chamou para liderar; Ele nos convidou para seguir.”[79] Nesta mesma oportunidade Peterson se declara ao filho sobre a questão do excesso de encontros de liderança. Para ele o tema virou um frenesi que leva à exaustão e não esclarece o que é ser pastor:

> Uma das coisas que me irrita nisso vem de meu sentimento de que uma das seduções para a credibilidade e integridade pastoral nesses dias é esse rufar de tambores – por toda igreja e pela sociedade - sobre liderança. Todos esses livros e conferencias e gravações sobre liderança – como ser um líder efetivo, um líder de sucesso, um líder empoderado. Liderança destila técnica e estratégia e método. E muito disso – talvez a maior parte – bom e útil. Mas muito disso tem pouco

[79] PETERSON, Eugene. *Letters to a Young Pastor: Timothy Conversations between Father and Son* (p. 8). The Navigators. Kindle Edition. (Jesus never tells us to lead; he invites us to follow).

> a ver com o que significa ser pastor. Minha convicção renovada é que a liderança pastoral, como os estudiosos da matéria dizem, é sui generis, absolutamente única. Ela é uma categoria inteiramente diferente daquela encontrada no mundo dos negócios ou faculdades ou corporações.[80]

Por outras palavras a igreja é diferente de uma empresa e das doutrinas sobre como dirigir pessoas e atingir metas. Peterson tem insistido nisso em toda a sua obra. Os cursos querem sugerir que o segredo da atividade pastoral é aprender a liderar, formar líderes e administrar uma igreja. Mas a corrida pelo conceito de liderança é mais um sintoma que uma busca de cura. A formação de liderança tornou-se a panaceia do século no meio evangélico e Batista. Esta tendência foi defendida em um artigo de *O Jornal Batista*, em que o articulista parte da aceitação de que todo crente é por natureza um líder e não apenas o pastor ou outro dom e ministério. Lemos ali o seguinte:

> Ser cristão é ser um líder. Tornar-se cristão é receber um convite do Senhor para transformar-se em um líder. Jesus já começa o Seu ministério recrutando líderes; e, depois, além de continuar permanentemente investindo na formação deles, continua recrutando outros: temos os 12, depois 70; no final do Seu ministério já são 500 em Sua despedida na Galileia; mas já era um número incontável, pois muitas pessoas que, após serem curadas por Ele, foram, também, enviadas a pregar e testemunhar. Portanto, aí está o grande desafio da sua vida: ser o líder o qual Deus o criou.[81]

A Junta de Missões Nacionais, dentro do planejamento de Igrejas Multiplicadoras, publicou um livro representativo desta tendência, escrito pelo pastor e coach americano Dave Earley, cujo título é: *Transformando membros em líderes*, visando a capacitação dos crentes para trabalhar a visão de Igreja Multiplicadora.[82]O

---

[80] Idem, p. 8.

[81] http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?ART_ID=40, em 28/07/2018

[82] EARLEY, Dave. *Transformando membros em líderes*. RJ: JMN, 128 p.;

futuro da denominação foi posto na dependência da mobilização de todos para transformar todos em líderes que executem os passos do planejamento multiplicador.

Ricardo Barbosa de Sousa no Prefácio ao livro *A vocação espiritual do pastor* de Peterson observa que:

> São duas palavras que foram recentemente incorporadas na descrição da vocação pastoral: líder e terapeuta. Fala-se cada vez menos em formação pastoral e mais em formação de líderes. Curiosamente, líder não é uma palavra que aparece na Bíblia para descrever aquele que serve a Deus em sua igreja. Ela traz consigo um novo conceito, uma nova forma de descrever e compreender a tarefa pastoral.[83]

A etimologia[84] da palavra líder e cognatos parece levar ao verbo inglês Lead, e ao substantivo Leader, antigo na língua inglesa e seu aparecimento linguístico data do séc. XIII a. D. Seu significado básico inclui: guiar, conduzir, levar pela mão, controlar, comandar, persuadir, liderança, chefia, ator principal, papel principal, conduzir a dança entre outros. Em Português *Leader* (líder) será incorporado mais ou menos à mesma época que no Francês, por volta da metade do século XIX. Na França foi usado para designar os principais representantes dos partidos políticos ingleses. Nesta época, 1862, na França o termo é usado, ainda, para designar um editorial de jornal. Na década de 30 do século vinte, no Brasil, encontramos o aportuguesamento de lead para líder e *leadership* por liderança, bem como o verbo *to lead* por liderar.

A palavra líder e seu conceito, hoje, estão debaixo da supremacia, expansão da dominação e influência anglo-americana no ocidente, particularmente na América Latina. A saga americana é uma corrida pela liderança, especialmente no século vinte. Isto carrega o termo de significado militar, diplomático, político e econômico em uma época de guerras e tensões internacionais, especialmente em relação à segunda

---

[83] PETERSON, Eugene. *A vocação espiritual do pastor*. SP: Ed. Mundo Cristão, 2006. p. 7.

[84] Estas informações estão disponíveis em: ENCICLOPÉDIA MIRADOR. São Paulo: Enciclopédia Britânica do Brasil, 1987, VOL. 13, p. 6790, vb. Liderança. Também ver: THE COMPACT EDITION OF THE OXFORD ENGLISH DICTIONARY. Oxford: Oxford University Press, 1981. Vol. I.

grande guerra, posterior guerra fria e de ameaças da esquerda comunista. Ser o líder é uma questão de sobrevivência e controle do futuro, portanto de segurança nacional. Além disso, a competitividade das corporações e a pluralidade de organizações civis intensificam ainda mais o clamor por liderança.

O conceito de líder precisa sofrer uma depuração, do ponto de vista bíblico-teológico, para que possamos usá-lo de conformidade com o ensino da revelação bíblica sobre a soberania de Deus e seu absoluto reinado e prerrogativa de Líder e Senhor. Por outro lado, devemos levar a sério a diversidade de termos que a Bíblia usa para referir-se aos múltiplos aspectos que podem se relacionar com a liderança seja envolvendo dinastias e reinados, ofícios religiosos, profetismo, ações libertadoras, principado de tribos, nomeações, comandos, conselheiros, juízes, patriarcados, apóstolo, diácono, pastor, dons em geral etc.

Corroborando a observação de Ricardo Barbosa de Sousa, a palavra líder não foi usada uma vez sequer, pelo menos na edição da Sociedade Bíblica do Brasil, Almeida Revista e Atualizada (ARA).[85] Por sua vez, a concordância de Strong[86] e Young[87] mostram quanto a *lead* e seus derivados que estes são usados para traduzir expressões e conceitos do hebraico e grego de diversos níveis semânticos, ou seja, opera-se pela tradução uma redução semântica, porque se recorre a um único termo para traduzir vários. Esta limitação fortalece o uso da expressão *lead* e seus cognatos, o que representa na verdade um empobrecimento linguístico e isso é indício do autoritarismo na comunicação. Isto acelera o desaparecimento dos termos originais bíblicos ou arcaicos em prejuízo da pluralidade de acepções que nomeavam uma diversidade de exercícios, situações humanas e condições históricas que envolviam

---

[85] *CONCORDÂNCIA BÍBLICA DA SBB*. Brasília: SBB, edição de 1975. Esta exaustiva concordância do texto ARA não registra o termo líder.

[86] STRONG, James. *The exhaustive concordance of the bible*. 41º Ed. Nashville: Abingdon, 1980

[87] YOUNG, Robert. *Analytical concordance to the Bible*. Michigan: Eerdmans, 1979.

múltiplos aspectos de liderança. Vários termos, mas que não se esgotavam. Hoje se perdem à luz do conceito vigente de líder. Ou seja, os termos originais não estavam regidos pela eficácia ou eficiência que dominam as definições de liderança na modernidade. Isto coloca a questão: como falar de líder na Bíblia?

Uma outra leitura da etimologia da palavra e conceito de liderança foi sugerida por Alaby no texto "*Liderança e poder. Liderança é poder?*"[88]. Ele estende sua busca etimológica do termo líder até o latim e encontra a raiz *ducere* que representa uma vertente forte no conceito de liderança e significa con-duzir. A ideia de estar na dianteira simplesmente não é suficiente para caracterizar uma liderança porque o prefixo com pede a presença daquele que vai ser levado pelo con-dutor. Então Alaby sugere que liderar inspira a ideia de "liderar com" e não "liderar sobre". Todavia isto contraria a ideia de representação ou de governo onde a função básica é "sobre" como a do rei Davi que estava sobre toda a casa de Israel ou do sacerdócio aarônico.

A opção linguística de Alaby oferece, por outro lado, uma visão da liderança vinculada à dimensão pedagógica do termo *ducere*. Alaby lembra-nos de Aristóteles que ensinava conduzindo, isto é, liderando seus alunos pelo Liceu, em passeios, para educá-los. Além desta prática grega de Aristóteles, Alaby explora a raiz do verbo latino *educare,* cognato de *ducare* que significa conduzir, educar. Nesta mesma direção estão todos os derivados ou compostos de *ducare* como: *docere*, *dicere* ou os provenientes da raiz equivalente *duco*: induzir, produzir, seduzir, deduzir, conduzir etc. Por isso Alaby conclui que estas formações podem nos ajudar a perceber quando ocorrem "as diferenças entre lideranças e desvios de liderança: há líderes que induzem e seduzem; e líderes que deduzem e produzem..."[89]

---

[88] ALABY, José Assan. Liderança e poder. Liderança é poder? In: OLIVEIRA, Jayr Figueiredo. *Profissão líder. Desafios e perspectivas*. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 48.

[89] ALABY, op. cit. p. 48.

Liderança do ponto de vista da vontade de Deus revelada na história de Israel e da Igreja deve muito a este significado levantado por Alaby. Por isso nossa abordagem de liderança ministerial não pode ficar cativa dos conceitos líquidos, tecnicistas e pragmáticos de liderança hoje dominantes, generalíssimos quanto à semântica, mas voltar para as Escrituras em busca dos termos indicativos de caracterização ou caracterizadores de liderança que a providência e cuidado de Deus levantaram sobre seu povo. Os manuais de liderança contemporâneos estão focalizados na pessoa e competência do homem ou mulher como líder e inteiramente concentrados na expectativa desse quase messias do mundo diplomático e político, das organizações corporativas ou de empreendimentos emergentes e nem cogitam a dimensão pedagógica.

A diferença entre concepção de liderança civil ou secular e liderança bíblica, não está simplesmente na natureza do conceito de liderança, naquilo que o líder é chamado a fazer ou na definição do lugar que o líder ocupa na realidade. O líder é alguém que se ocupa de fazer alguma coisa, que lida com alguma coisa, sejam pessoas ou materiais de onde retira algo inovador, ou uma atividade envolvendo pessoas que ele conduz, enfim, alguém que está numa posição avançada horizontalmente ou acima verticalmente. Por isto, e em função disto, produz resultados reconhecidos que volvem sobre ele como reconhecimento de atribuições natas ou em forma de atribuições impostas. A diferença específica cristã está na origem da liderança, nas condições subjetivas e espirituais do líder, nas finalidades a que servem a liderança e nas acepções multifacetadas daquilo que poderia ser considerado liderança no texto bíblico. O pastor tem consigo a tarefa de liderar. Mas as tendências semânticas e práticas do conceito de líder atendem principalmente o mundo dos negócios e empreendimentos, o mundo econômico e político, o mercado e organizações corporativas.

As organizações de consultoria eclesiásticas estão comprometidas com os mesmos valores e metodologias de abordagem da liderança das agencias seculares

e imaginam que o líder-pastor é uma questão de treinamento. Elas são orientadas pela visão de empreendedorismo e heroísmo que regem os negócios profissionais e empresariais. Até que ponto vale a equivalência entre igreja e empresa? A literatura sobre liderança cristã abandonou os modelos centrados na organização política de uma nação, como aparece no Antigo Testamento e adotou os modelos centrados na organização econômica e empresarial das atividades civis e comerciais. Aparentemente uma concepção de liderança vinculada à norma da livre iniciativa, com administração participativa, como a maioria das igrejas reformadas, mas se vista de perto ela mostra uma corporação religiosa subordinada verticalmente a um líder, cujo modelo é autocrático de caráter vitalício. Descobre-se, ainda, que se estruturou pelo poder carismático de que fala Weber e juridicamente se legalizou como poder religioso, aproveitando-se da natureza pluralista da sociedade, onde a livre iniciativa está prevista e protegida no ordenamento jurídico civil, sejam como fundação, associação ou mesmo organização religiosa de liderança vitalícia.

Isto produz alterações profundas na concepção de relacionamento com o povo de Deus e até no modo de constituição do povo de Deus. Os métodos de evangelização, os conceitos missiológicos, as formas de manutenção da obra de Deus, as estruturas eclesiásticas, os modelos ministeriais, a liturgia, a educação religiosa etc. Tudo isso sofre uma reengenharia, cujo resultado a longo prazo é imprevisível. Estes movimentos religiosos ganham força como o carro de Jagrená, citado por Anthony Giddens em sua obra: *As consequências da modernidade*[90] que esmaga os que se colocarem em seu caminho, além de sua imprevisibilidade. Em qualquer caso, o líder é visto como aquele que se mantém no topo entre os grandes de sucesso. Isto é o que já foi chamado de religião de poder. No jornalismo elegem-se as personalidades e os que são mais populares ou mais ricos como as 25 mais importantes personalidades do ano da revista Forbes, isto é, os líderes. Entre eles

---

[90] GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991. P. 140

sempre vamos encontrar líderes cristãos e pastores de grandes igrejas. Isto cria um modelo de líder cristão que será buscado intensamente e em efeito cascata se propaga e configura a concepção de liderança nos níveis abaixo, até as bases, instigando os líderes menores a uma saga em direção ao topo numa desenfreada corrida "cristã".

O caminho para formar líderes está repleto de escritórios oferecendo cursos promissores, num extenso corredor de formadores de líderes que lutam entre si, para conquistar clientes, no meio evangélico e religioso contemporâneo do Brasil. Este cristão é o nosso novo Peregrino, mas peregrino em busca da prosperidade terrena e não celestial. Talvez teremos alguém reescrevendo *O Peregrino* para líderes de sucesso, como tem acontecido com *A Arte da Guerra* para vendedores. Oliveira afirma no texto A síndrome do líder que: "em nossa atual sociedade, criou-se uma ideia um tanto quanto distorcida, dúbia e patética referente à imagem de ser líder e até mesmo da própria definição de liderança".[91] Precisamos voltar e resgatar o vocabulário bíblico, isto é, os extratos linguísticos profundos e seus significados teológicos preservados na linguagem bíblica especialmente quando nos referirmos à liderança que envolve ministérios e ofícios da igreja. Deus é o soberano que em sua santíssima Trindade "é sobre todos, age por meio de todos e está em todos... e Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres" (Efésios 4: 6, 11).

Não está em pauta duvidar que o pastor em seu ofício exerça uma função necessária de líder do rebanho de Cristo e da igreja. As expressões Bispo, Epíscopo ou Presbítero comportam um sentido preciso de supervisionar, governar e conduzir o povo de Deus. O sintoma de desvio da essência pastoral está na fixação reducionista de um conceito e na repetição de um treinamento que afunila a amplitude do ministério

[91] OLIVEIRA, Jayr Figueiredo. A síndrome do líder. In: OLIVEIRA, Jayr Figueiredo (Coord.). *Profissão líder. Desafios e perspectivas*, p. 1.

a uma competência técnica de liderar e produzir líderes para uma organização religiosa.

Uma das questões urgentes de nosso tempo para a caracterização da verdadeira obra de Deus está no campo da legitimidade da vocação para o ministério. O conceito de liderança ocupou tanto espaço nas organizações e na mentalidade dos indivíduos que há uma crença difusa de que a liderança se autolegitima. Houve uma redução ao conceito de liderança daquele de autoridade carismática, definido por Weber, mas desprezando o sentimento das pessoas de que o líder era constituído pela divindade e dotado de qualidades superiores e disto advinha sua autoridade: pelo carisma (dom celestial). Esta auréola do líder carismático que era espontaneamente reconhecida, hoje precisa ser produzida pelo próprio líder e desse modo ele se autolegitima, quase sempre pelos canais da mídia.

O papel da mídia, incluindo o rádio, na legitimação dos líderes na sociedade de massa moderna já foi objeto de estudos exaustivos demonstrando sua força de legitimação social. Bastante é notar a força da mídia sobre as massas nas duas grandes guerras e da televisão nas guerras contemporâneas. Esta combinação entre liderança carismática e mídia, liderança e autolegitimação estão presentes em nosso meio religioso não só pelos detentores do poder midiático, mas entranhado na mentalidade comum de modo que ser líder, ipso facto, legitima-o e passa a ser respeitado como líder por seus seguidores. A autolegitimação dos líderes de novas igrejas indica este fato, já que são aceitos sem qualquer antecedente ou transmissão de autoridade previa, como ocorre na onda dos novos missionários, bispos e apóstolos.

Para Weber[92] a sociedade moderna está amparada no conceito de vocação herdada do calvinismo, mas horizontalizado pelo processo de secularização. Isto gera

---

[92] WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1983. p. 130

um vínculo simbólico entre liderança e vocação, especialmente entre vocação (liderança) e ministério. Weber classificou os três tipos de dominação legítima[93] em estreita relação com a ideia de vocação, apenas salientando que as dominações legítimas eram tradicionais e o conceito de vocação era moderno. De qualquer forma, a relação entre dominação legítima e vocação se vinculam por sua relação anterior à modernidade, no contexto religioso antigo. Era natural que dominação, carisma e vocação continuassem vinculados na mentalidade social por serem noções próximas e exercidas em condições semelhantes. A ligação entre vocação como entendida por Weber e liderança se fortalecem mutuamente e a única dúvida, ainda matéria de disputa, é quanto o caráter inato ou adquirido da liderança, que se estende ao sentido de vocação também. Temos aqui uma cadeia tautológica de equivalência entre liderança, vocação e ministério. Liderança é vocação e vocação é ministério. Nos dias atuais, o termo médio vocação acaba por vincular os extremos pela regra básica da lógica matemática que diz: se A é B e B é C, então A é C. Deste modo as pessoas relacionam liderança com ministério e se esquecem do termo médio que foi sacrificado no processo, a vocação.

Estamos diante de um problema. Precisamos regatar a vocação. Em sua segunda preleção aos seus estudantes teológicos do Tabernáculo Metropolitano de Londres, sobre a vocação, Spurgeon diz enfaticamente que depois de examinar sua certeza pessoal de salvação, de interesse vital para sua vida cristã, o vocacionado deve examinar sua consciência de chamada para o ministério. Spurgeon explica que o segundo exame é “vital para ele como pastor” e mais: “é a mesma coisa ser cristão sem conversão e ser pastor sem vocação. Em ambos os casos se adota um título e

---

[93] WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília: UNB, 1999. Vol. 1, p. 141, 165; e vol. 2, p. 351, 526

nada mais".[94] Junto com esta convicção de Spurgeon estão de acordo a Escrituras, os reformadores e a longa história de homens de Deus até nossos dias.

A Vocação é um pré-requisito para o exercício da liderança pastoral. Vocação é ser chamado não só para um ministério, mas para um mistério, o mistério do vínculo entre Cristo e a Igreja referido por Paulo em Efésios 5: 32. Azevedo reconhece que "a vocação ou a chamada divina é um mistério, pois Deus chama pessoas comuns para uma obra incomum".[95] Este mistério de Cristo-igreja é o mister vocacional de profundidade, largura, comprimento e altura inesgotáveis no qual o vocacionado vai ser usado por Deus e onde ele também é corpo de Cristo e não um mediador entre Cristo e sua Igreja. O Pastor não pode ser considerado um segundo mediador como se Cristo fosse o mediador entre Deus e os homens e o pastor o mediador entre Cristo e a Igreja.

O pastor é um ministro de Cristo à igreja como servo com outros servos que se servem uns aos outros sendo todos constitutivos e constituídos em igreja e para a igreja pelo Senhor e cabeça do corpo que é Cristo. Parece então que todos os atributos do termo líder têm em Jesus sua plenitude e talvez exclusividade. Toda autoridade lhe foi outorgada pelo Pai, no céu e na terra. À luz desta Autoridade soberana, o conceito de líder deve ceder lugar ao de vocação, o humano ao Divino, a livre iniciativa ao comissionamento, quando se tratar de atividades, operações, iniciativas, ministérios ou quaisquer outras atribuições de liderança a se realizar dentro do reino de Deus. Ou isto se dá por chamado externo, solicitação da Igreja ou por chamado interno ao indivíduo mediante compungimento pelo Espírito Santo. Ambos,

---

[94] SPURGEON, Charles Haddon*. Discursos a mis Estudiantes*. Prólogo de Luiz Palau. Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1979. 3ª Edicion. p, 41.

[95] AZEVEDO, Irland P. Exigências de santidade do homem de Deus. In: AZEVEDO*, De pastor para pastor*, op. cit. p. 173.

experimentados como obra de Deus Triúno exclusivamente, ou não se trata de vocação.

Azevedo afirma, categoricamente, sobre a necessidade de vocação específica para o pastorado que: “estou persuadido de que, sem a certeza da divina chamada, sem a convicção de estar no centro da vontade de Deus, enquanto vive e serve, parece impossível exercer o ministério pastoral com efetividade e de modo a abençoar o povo de Deus.”[96] Reconhecemos esta condição de Deus para o ministério, ou seja, só deve entrar na seara se Ele vocacionar. Necessário é acatar o conceito de vocação e estabelecê-lo com firmeza e então, definir o caminho a tomar no treinamento para a liderança, visto que, os termos vocação, líder e liderança estão à mercê de distorções semânticas e vinculações indevidas, já antes indicadas, no mundo religioso e secular. O fato decisivo é que o conceito de líder não pode nem substituir nem definir a essência do ministério pastoral ou a doutrina dos dons e ministérios no Novo Testamento.

I.5 O MINISTÉRIO DIANTE DA CRISE DE IDENTIDADE E MENTORIA

A intensa escalada de mudanças tecnológicas, culturais, sociais, políticas e religiosas no último quarto do século vinte afetaram a prática e orientação pastoral, tanto sua identidade institucional quanto sua auto compreensão existencial. O próprio ritmo denominacional e suas dificuldades internas, a busca de ajustes aos novos tempos, a necessidade de planejamento e novas definições, as sucessivas crises econômicas nacionais, a chegada da terceira onda industrial e tecnológica chamada

---

[96] AZEVEDO, *De pastor para pastor*, op. cit. p. 89, 90.

de *Choque do Futuro* por Alvin Toffler,[97] tudo comprimido em um período muito curto de tempo atingiu de forma especial o campo de trabalho do pastor. Houve sem dúvidas um choque perturbador na prática e na identidade pastorais causado pelos fatos externos e internos. E creio que a chegada das ciências do comportamento e as novas formas de aconselhamento seguindo a psicologia e as terapias da personalidade desviaram o foco do aconselhamento tradicional gerando uma crise sobre como o pastor devia fazer sua tarefa de aconselhar suas ovelhas. Acrescente-se a isso a avalanche de cursos no campo da formação de liderança que tirou do domínio pastoral a formação dos liderados e nivelou a liderança da igreja com a liderança secular.

A inquietação denominacional com a crise pastoral despontou com a surpresa estatística de falta de vocacionados para atendar as demandas de crescimento e plantação de novas igrejas, mas também alvoreceu a preocupação com a orientação de definição da identidade pastoral. Precisamos, antes de prosseguir repassar e rever como os batistas enfrentaram a questão nestas duas décadas ao perceber os sinais da crise pastoral. Coelho Filho relata uma pergunta feita a ele sobre qual a maior questão enfrentada pelos batistas brasileiros: “Frank Byrnes, missionário da Missão Canadense, conversando comigo uma vez, me perguntou: “Na sua opinião, qual é o maior problema da igreja evangélica no Brasil?”. Respondi sem pestanejar: “Crise de identidade”. Esta é, para mim, a questão principal para a Igreja de Jesus resolver.”[98] Esta resposta aplica-se à crise de identidade pastoral correlata. Temos duas obras que representam tentativas de diagnosticar e sugerir soluções para o problema da identidade e atividade pastorais: as obras de Merval Rosa e Irland Pereira de Azevedo.

---

[97] TOFFLER, Alvin. *O choque do futuro*. RJ: Ed. Record, 1970. (Este livro foi muito recomendado nos círculos denominacionais e seminários na década duas décadas 70-80).

[98] FILHO, Isaltino Gomes Coelho. *A identidade da igreja*. Palestra de 11/07/2012. https://www.isaltino.com.br/category/palestras/ acesso 07/12/2020

I.5.1. Merval Rosa: o ministério pastoral diante de sua crise de identidade

É relevante observar que o mais importante não era tratar da crise pastoral, a coisa mais urgente na escalada denominacional era tratar da crise de identidade da denominação, ou seja, a crise da instituição e tradição batista em si. A crise institucional ganha prioridade sobre a crise ministerial advinda com a mudança social e cultural. A crise vinha, em parte, do grande cisma provocado pelo movimento de renovação espiritual que deu origem a outra denominação batista no Brasil, denominada Convenção Batista Nacional. Esta duplicação originada por conflitos contundentes envolvendo doutrinas, paixões, relacionamentos eclesiais e familiares inclusive, produziu ressentimentos e agravou a crise de identidade ministerial. Quem são os batistas agora? Um pastor batista pode pregar em uma igreja renovada? A família pode tomar ceia junta se parte dela aderiu ao movimento de renovação? O templo ficará com qual grupo no caso de uma divisão? O impacto traumático da separação avançou com lutas judiciais, envolvendo os patrimônios móveis e imóveis.

A memória do trauma divisionista que resultou do cisma batista com a Renovação Espiritual consternou e alertou a liderança da CBB, de modo que cuidar da denominação era primordial para conter o assédio pentecostal e recuperar a autoestima e a identidade denominacional e ministerial. Em todo caso, apesar de tudo, duas coisas andaram juntas, especialmente nas duas décadas finais do Século XX, a tentativa de preservar a identidade e a tentação pentecostal. Na primeira década do século XXI a questão mais incisiva para muitos líderes batistas era reagir ou alinhar as igrejas com o modelo de células do neopentecostalismo, para um novo movimento de crescimento de ação expansionista. Este movimento em células originou do cristianismo sem denominação chinês, especialmente a experiência em Xangai da igreja em pequenos grupos de Watchman Nee e Witness Nee, depois o fenômeno Sul-coreano através de Paul Yong Cho e a igreja do Evangelho Pleno. A igreja da

Coreia do Sul se tornou um modelo tipo exportação próprio da era da globalização e ajustado ao pós-modernismo onde não importam as tradições cristãs ou teologias ortodoxas porque a meta é a busca de resultados quantitativos e até econômicos. Este movimento representava a crise de uma cristandade às voltas com o giro cultural, tecnológico e urbano do final do século XX e despontar do século XXI.

As igrejas orientadas para células ou em células realizam uma reengenharia da igreja tradicional e uma característica que nos importa aqui é seu modelo de ministério pastoral que aos poucos afeta e agrava ainda mais a crise de definição de vocação entre as igrejas batistas brasileiras. À medida que este modelo eclesiástico se espalha pela denominação, a metodologia de formação de liderança para gerir a multiplicação de células substitui e deprecia a formação pastoral e vocacional. O foco estratégico do modelo é o treinamento de novos líderes de pequenos núcleos de pessoas que devem se multiplicar ou reduplicar, teoricamente, indefinidamente. A matriz de pensamento secular parece ser a mesma para seguimentos mais tradicionais e outros recentes e inovadores que estão agora se configurando como igreja, a ideia de que o segredo de tudo está na mudança e na capacidade de vender seu produto.

Todas as profissões tradicionais sofreram uma reengenharia enquanto outras simplesmente desapareceram em razão do processo de globalização e da revolução cibernética. A vida contemporânea está concentrada nos centros urbanos que expressam o novo modelo de humanidade e sociedade. O pastor nutria uma identidade bem próxima do modelo de vida agrário ou semiurbano que permitia definir com clareza seu lugar e suas funções na comunidade. O cosmo era fixo e a visão de mundo se expressava no ciclo da vida que seguia seu curso do nascimento até a morte com suas fases bem delimitadas e previsíveis.

O pastor não tinha dificuldade de encontrar suas funções neste cosmo humano ordenado e roteirizado. O Seminário sabia o que ensinar para formar um bom ministro que serviria com eficiência sua paróquia. O mundo latino-americano era

quase feudal e as religiões bem definidas. Mesmo o liberalismo apenas tangenciou nossa realidade ministerial e teológica. O povo brasileiro e latino-americano mantém sua índole religiosa dinâmica e sincretista.

Um estudo esclarecedor da realidade religiosa latino-americana e as mutações que sofreu e ainda sofre foi feito pelo sociólogo da religião Jean-pierre Bastian, reconhecendo a validade da constatação do sociólogo Christian Lalive D'epinay. O sociólogo demonstra que as classes periféricas e provenientes principalmente do êxodo rural formaram uma força de mudanças religiosas peculiar no cenário urbano brasileiro e Latino-americano com o advento do pentecostalismo[99]. Mas o característico desta mudança sociológica foi que a relação do fiel com o pastor estava imitando a relação do fazendeiro com os moradores rurais dentro das igrejas formadas nas cidades pelas populações do êxodo rural. Reconhecendo as estruturas relacionais da velha Fazenda, mas indo além, Bastian percebe que: "O caráter vertical das relações sociais não é tão somente a expressão de uma ordem tradicional, ligado a estruturas de fazenda, é também produto dos atores institucionais[...] o Estado e a Igreja Católica"[100]. Para Bastian estas duas forças estruturantes são: "produtoras de formas mais ou menos oligárquicas e personalizadas de concentração de poder e de rejeição de qualquer impulso independente por parte das bases populares"[101]. A razão pela qual isto se torna possível e bem aceito pelas pessoas é explicado por Bastian como um resultado de sua universalidade ao longo das estruturas da sociedade de uma forma verticalizada "nos níveis das estruturas locais (bairros, populações) e regiões de poder"[102].

---

[99]BASTIAN, Jean-Pierre*. Protestantismos y modernidad latinoamericana*. México: FCE,1994. p. 286

[100] BASTIAN, Jean-Pierre*. La mutación religiosa de América latina*. México: FCE, 1997. P. 167

[101] Idem, p. 168

[102] Idem, p. 168

Isto resulta em uma reprodução das cadeias de lealdade, reciprocidades e dependências "que estruturam relações sociais verticais e assimétricas". E Bastian acrescenta uma conclusão importante para compreender a facilidade de articulação do neopentecostalismo na sociedade, ao afirmar: "em consequência o neocomunitarismo pentecostal nasce em sociedades que apresentam condições favoráveis para relações de patronato e para a elaboração de redes clientelares"[103]. Este quadro vai abrir a compreensão para o novo tipo de pastor exigido por estas novas estruturas eclesiásticas. Esta nova realidade se caracteriza pelo sincretismo religioso que prefigura um tipo de religiosidade étnico, tipicamente latino-americana. Ela não chega a ser uma reforma ou uma revolução, mas uma mutação de elementos variados que mostra uma força de articulação de anseios populares e místicos em várias formas de culto e organização comunitária. Os estudos do sociólogo Jean-Pierre Bastian não enxergaram, entretanto, a emergência e configuração do novo modelo de cristianismo, denominado por ele neocomunitarismo que é aprofundado e analisado por Leonildo Silveira Campos como neopentecostalismo.

Este movimento novo não é regido pelo simples modelo de glossolalia, curas e exorcismo[104]. Ele é de caráter empresarial e globalizado. O pentecostalismo tem características locais e periféricas, enquanto o neopentecostalismo tem característica de centro e globalizados. Isto muda o impacto sobre o ministério pastoral clássico se comparado com a crise gerada pelo pentecostalismo original e a questão, por exemplo, da doutrina do Espírito Santo e das curas espelhada no movimento de Renovação Espiritual sofrido pelas denominações históricas.

Que crise então é esta de hoje? Por onde começou a crise de identidade do pastor, quais os principais elementos desta crise e como tratar a identidade pastoral? Como o neopentecostalismo agravou esta crise ou até que ponto ele foi sua causa

---

[103] Idem, p. 168.

[104] Idem, p. 209

determinante? Qual o lugar e peso da ideia de empresa nesta confusão de identidade ministerial? Não poderemos analisar todas estas questões sem dar voz ao aqui, além do que já foi exposto pelo sociólogo, ao professor e psicólogo. A crise ministerial tinha outro lado que são as dimensões psicológicas e existenciais. Mais que qualquer outro aspecto a literatura denominacional privilegiou os traços psicológicos da crise pastoral e as mudanças culturais. Para refletir sobre estes aspectos o professor e psicólogo Merval Rosa, professor no Seminário do Norte e líder no nordeste dedicou-se a uma reflexão baseado em sua longa experiencia e observação que foi publicada pelo Associação Fluminense de Educação, Duque de Caxias, RJ, nos dias do centenário batista em 1982.

A visão de Rosa está exposta em *O ministro evangélico: sua identidade e integridade*[105]. Esta contribuição de Rosa influenciou e promoveu, em parte, a compreensão dos batistas sobre esta questão. Não havia obra similar pela editora batista até então e nem depois, excetuando os dois livros posteriores de Azevedo dos quais um foi publicado pela editora batista. Rosa argumenta que o ministério pastoral enfrenta uma crise que envolve três dimensões: a existencial, a eclesial e a teológica. A primeira diz respeito à questão quem sou eu, a segunda refere-se à questão que é igreja hoje e a terceira confronta a questão quem é o seu Deus? O que se percebe da obra de Rosa é que sua análise contempla basicamente a necessidade de reavaliar nossa compreensão pessoal.

Isto indicaria que a crise pode ser contornada se o pastor reorganizasse seu autoconceito, ou seja, a crise é uma desordem da subjetividade ou uma inadequação funcional do pastor em face do espírito dos tempos. Há uma necessidade de recuperar o conceito bíblico de ministério e entender o que vem a ser um pastor segundo o coração de Deus para o nosso tempo.

---

[105] ROSA, Merval. *O ministro evangélico: sua identidade e integridade*. Duque de Caxias, RJ: AFE, 1982. 82 p. Revista e ampliada para 2ª edição em 2001, Recife: Edição do Autor.

O que vem a ser a crise de identidade do pastor? A crise parece ter duas vertentes. Uma que se deve as rupturas culturais e mudanças de épocas e a outra que parece ser inerente à natureza da vocação e exercício do ministério como derivada do chamado de Deus e o dever de corresponder ao trabalho do próprio Senhor em sua comunidade histórica. O homem é bastante pequeno para esta tarefa. As análises que encontramos nos autores consultados oscilam entre estes dois polos, ora a análise oferece um diagnóstico da época nos ajudando a abrir os olhos para a realidade em nossa volta e suas dissimulações, ora focalizam a natureza da vocação e suas crises inerentes.

Sobre isto é interessante citar uma pesquisa usada por Rosa, de um estudo estatístico realizado entre ministros americanos que indicava uma crise aberta entre aquilo que o pastor gosta de fazer e o que ele tem que fazer e que consome sua parte mais sadia do tempo. Segundo Rosa os pesquisadores queriam confrontar três parâmetros: importância da atividade, eficiência do seu exercício e satisfação ou prazer no exercício da função[106]. Em termos gerais os pesquisadores queriam avaliar a qualidade de vida da atividade pastoral, levando em consideração a imagem que se atribui ao pastor e que eles classificaram em seis funções: pregador, pastor, sacerdote, professor, organizador e administrador.

A pesquisa classificou os resultados em três grupos segundo os parâmetros de: importância, eficiência e satisfação. O resultado dos três grupos quase coincide em sua ordem de preferência dos pastores pesquisados, tanto na valoração como na competência, quanto na satisfação, a escala decresce de pregador ou pastor até administrador. Ou seja, os entrevistados preferem pregar e pastorear a fazer qualquer outra atividade. Entretanto, a análise do tempo gasto pelos entrevistados em cada função mostrou que eles se ocupam muito mais com administração e atividades

---

[106] Idem p. 64-67

eclesiásticas do que com pastorear ou como professor que seria sua maior fonte de satisfação.

A eficiência arrasta a vocação devido ao contexto moderno que impõe a lógica de mercado sobre a igreja. A gravidade desta crise de identidade é reforçada pela conclusão de outro estudo citado por Rosa que afirma:

> O ministro evangélico se encontra hoje num dilema quanto à sua autoimagem. Ele se encontra, por assim dizer, entre um mundo que já desapareceu quase completamente e um novo mundo no qual ainda não existe um lugar claramente definido para ele. Se ele insiste em se apegar à sua imagem tradicional, corre o risco de se desligar da vida do seu tempo. Se, por outro lado, se identifica com o espírito do tempo, corre o risco de se encontrar numa esfera onde nada existe de especificamente religioso[107].

Estas pesquisas são de 1956, segundo a informação bibliográfica de Rosa. Isto dá a elas um caráter profético que se revela mais nítido em nossos dias. Esta crise é de longa duração. Há um reconhecimento de que a crise do pastor está em grande medida, relacionada com a forma adquirida pelo mundo moderno. Esta forma de ser dos tempos modernos impõe-se sobre a igreja que adquire uma configuração de empresa, com um programa e uma agenda racionalmente organizados e supervisionados, para fazer face à nova realidade do mundo. O que não se fala no estudo de Rosa é de onde vem este direito de o mundo ditar a agenda da igreja, uma vez que pode estar nisto a raiz da crise vocacional. A crise não se origina no ministro, ela atinge-o. O vocacionado está constrangido a descobrir o lugar que o mundo reserva para ele e provar que o merece.

As soluções que o estudo citado por Rosa sugerem para resgatar o valor e importância do ministério no mundo de hoje, são cinco: capacitar os atuais ministros para as funções de organizador e de administrador em diálogo com a sociologia e os especialistas em administração; os programas denominacionais devem se envolver

---

[107] ROSA, op. cit. p. 65

mais positivamente com os problemas sócias contemporâneos; definir com clareza a missão da igreja para redefinir a função do pastor; redefinir as várias funções do ministro em torno de uma função mestra e por fim, o emprego de ministérios especializados[108].

Rosa conclui sua análise do problema da identidade ministerial lembrando que "é de responsabilidade de cada pastor definir claramente sua identidade, para que possa também definir sua função como ministro do evangelho"[109]. O problema está na relação do pastor com a sociedade e com a denominação que o contrata. Não se trata mais de simplesmente ele se definir enquanto vocacionado diante da realidade, mas da conjuntura que cerca e do discurso da instituição onde ele está inserido.

Esta preocupação de Rosa será desenvolvida com uma proposta de treinamento e estágio para o ministério seguindo o modelo dos Capelães Americanos, especialmente em Hospitais e com uma forte ênfase na psicologia. Ele elabora inclusive sugestões para o treinamento ministerial e a proposta para os seminários. Isso não foi adiante nos seminários, mas durante alguns anos foi uma área concorrida por vocacionados e leigos em um curso de capelania oferecido por um dos seminários da denominação no Rio.

O quadro geral desenhado por Rosa é importante e essencialmente coerente, mas parece favorecer o psicologismo ministerial de um lado e o individualismo por outro lado que recrudesce a lógica do sistema de mundo dominado pela visão empresarial e pelo capitalismo de mercado. A sua análise induz na direção de uma solução humanista e adaptação do ministério a cultura. Além disso, reforça a tendência individualista do ministério pastoral entre os Batistas. A importância concedida à tarefa da administração eclesiástica e a definição ministerial pela

---

[108] Idem p. 66

[109] Idem, p. 66

perspectiva individual e existencial como solução para encontrar sua função dentro da sociedade, encobrem a necessidade da crítica ao sistema de mundo moderno, contra cultural, função constitutiva do ministro como profeta. Partindo do pressuposto que o cristão só deve se adaptar àquilo que é essencialmente bom, então a psicologia de Rosa estaria pressupondo que o mundo é essencialmente bom e a solução é a adequação do ministério a cada nova realidade.

I.5.2 Irland Azevedo: o conceito de ministério pastoral e a proposta de mentoria

O pensamento de uma grande personalidade e homem de Deus como Irland Pereira de Azevedo é vasto e sua influência imensurável. Ele é um dos principais líderes da Convenção Batista Brasileira e em sua aposentadoria decidiu dedicar sua vida ao ensino e mentoria de pastores em todo o Brasil. Sua reconhecida capacidade oratória está também se revelando como capacidade literária e teológica, especialmente na área da teologia prática. Nosso levantamento bibliográfico feito na Biblioteca do Seminário Teológico Batista Goiano e na internet identificou que o volume de material produzido por Irland Azevedo está disperso e em grande parte ainda em forma de videoconferências ou apostilas de cursos.[110] Os livros publicados, especialmente os dois sobre ministério pastoral reúnem a maior parte de suas conferências e cursos ministrados em reuniões da Ordem dos Pastores, Associações de igrejas e Seminários Teológicos. Ele está atualmente aposentado, vivendo em sua residência, em Atibaia, Estância Palavra da Vida, mas mesmo assim trabalhando para

[110] Biblioteca do Seminário teológico Batista Goiano, Goiânia, Go guarda parte dos vídeos da antiga Juratel que fazia as gravações para conferencias do Dr. Irland Pereira e do próprio Seminário. O google registra certa quantidade de pregações e palestras em várias igrejas e eventos inclusive o próprio site e blog do Dr. Irland Pereira de Azevedo. https://www.google.com/search?q=irland+pereira+de+azevedo&oq=irland+pereira+de+azevedo&aqs=chrome..69i57j0i22i30.10548j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8.

dar caráter literário às suas palestras, cursos e videoconferências, além de produção nova. Sua área de conhecimento específico é a teologia prática e a liderança ministerial. Isto explica sua atenção para com a educação teológica ao longo de sua vida e seu entusiasmo com a aplicação ministerial em sua defesa da mentoria pastoral.

Uma forma de tratar o assunto da liderança pastoral por Azevedo foi realizar uma exegese das figuras ou imagens bíblicas que especialmente o apóstolo Paulo usa em suas epístolas para falar do labor ministerial aos seus filhos pastorais Timóteo e Tito. Azevedo justifica sua preferência pelas figuras dizendo que:

> Se a Bíblia é rica em linguagem pictórica e em imagens que refletem mensagens tão significativamente relevantes, não é demais buscar em suas páginas e em especial nos escritos do 'apóstolo das gentes', as figuras do ministério e aplicar os princípios que elas encerram a nossa vida pessoal e ministerial, com discernimento e sabedoria. [111]

Tomar figuras como elemento didático para falar de liderança ministerial é um recurso bíblico que aparece nos ensinos de Jesus e em Paulo. Vários autores contemporâneos se valem de figuras para tratar do tema liderança. Uma obra, recentemente traduzida para o vernáculo e que representa uma importante escola de treinamento de liderança evangélica e pastoral, pertencentes à equipe de Gene Getz da *Fellowship Bible Church* e líderes do CCBT (*Center for Church Based Training* já com agência no Brasil) desenvolveram a ideia mestra de liderança como uma corrida de revezamento onde o bastão é o símbolo, *O bastão da liderança* .[112] Uma mudança profunda chama atenção dos mais antigos neste tema e no uso e tratamento da imagem da liderança e treinamento ministerial que é a ausência, quase absoluta, da figura tradicional do cajado para significar o trabalho pastoral do líder. Isto acontece

---

[111] AZEVEDO, Irland Pereira. *Imagens bíblicas do ministério pastoral. Comunicando princípios e valores para um ministério eficaz*. São Paulo: Editora Vida, 2004. p. 15, 16.

[112] FORMAN, R., JONES, Jeff e MILLER, Bruce. *O bastão da liderança. Uma estratégia para o desenvolvimento de líderes na sua igreja*. Curitiba: Editora Esperança, 2008. Sites: www.ccbt.org; www.agenti.com.br

tanto neste tratado de treinamento da escola de Getz e do Seminário de Dallas, quanto nos modelos de liderança e igreja dos autores e equipes contemporâneos.

Outro exemplo de sucesso que abandona a figura do cajado é o de *Sadleback Church* de Rick Warren. Sua metodologia engajada com as ferramentas de McGavran girou para a realidade dos desigrejados e uso das metodologias de marketing. Sua ênfase focou no conceito de cliente e na identificação dos elementos que atraem o interessado ou despertam o interesse das pessoas para o programa oferecido pela igreja. O programa da igreja para Warren deve ser *sensitive oriented*, ou seja, igreja com um programa ou planejamento estratégico orientado pela sensibilidade, feeling, gosto e interesses do cliente religioso. Sua obra programática, traduzida com o título *Igreja com Propósito* (*The Purpose-Driven Church*), passou a figurar como um dos mais representativos e competitivos métodos de implantação de igrejas. Seu método envolve a psicologia do interesse, a pesquisa de campo, prancheta e questionário. Rick Warren parte de um pressuposto ou 'prejulgamento' talvez, de que a igreja contemporânea é dirigida por algum fim ineficaz ou mesmo dirigida sem rumo definido ao acaso. "Toda igreja é dirigida por alguma coisa. Tradição, finanças, programas, carisma, eventos, aventureiros, e mesmo construções podem estar no controle em uma igreja", afirma sua apresentação do livro texto de sua eclesiologia.[113]

Parece que Warren não acreditava que alguma igreja estivesse realmente sob a direção do Espírito Santo e indo no rumo certo. Sua doutrina da igreja é um programa de eclesiologia estratégica intencionalmente voltada para 'pescar' o desigrejado. Ele elabora as enquetes de opinião para descobrir qual o gosto espiritual e as condições de satisfação que as pessoas desejam encontrar em uma igreja com o objetivo de ajustar a comunidade em função da conquista. Ele chama de igreja 'sensitiva'. De fato, a plantação de uma igreja não é o resultado da aplicação dos seus

---

[113] WARREN, Rick. *The purpose-driven church*. Michigan: Zondervan, ePub format. 2020.

cinco princípios bíblicos de eclesiologia, mas a busca de atender aos desejos e expectativas dos consultados e entrevistados.

Rick Warren registrou a marca *Purpose Driven* e uma busca na WEB revela que *purpose driven* é uma figura do mundo dos negócios, das agências de consultoria, das corporações mercantis como se pode constatar em link.springer.com/book. O ebook de acesso livre *Purpose Driven Organizations*, p.ex., compendia esta tendência corporativa global do uso da figura hoje.[114] Warren aplica esta figura aos vários ministérios e à espiritualidade cristã de forma generalizada, tais como: vida com propósitos, liderança com propósitos, devocional para crianças, natal, diário pessoal, meditações diárias, os planos de 40 dias de amor, de oração, plano de Daniel, etc. Ele lança mão de uma figura extra bíblica para seu ministério.

Os símbolos de poder, sucesso, crescimento, competição, visão, competência, guerra, entre outros prevalecem no horizonte imaginativo dos líderes hoje. Quase todos são símbolos vinculados ao conceito de empresa e mercado, quando não a figuras que lembram o conceito de desenvolvimento evolutivo pela sobrevivência do mais apto do evolucionismo darwiniano aplicado as relações sociais e econômicas.

O pensamento de Azevedo procura resgatar os conceitos e figuras bíblicas que não podem se perder. As figuras por ele relembradas são portadoras de um saber inalienável se o pastor de hoje quiser ser fiel ao seu chamado e ao labor ministerial bíblico. O conjunto de figuras bíblicas levantadas por Azevedo forma um acervo de figuras sobre o ministério com consequências práticas capazes de mudar o sentido do ministério pastoral e a visão de liderança cristã. O mais interessante aqui é que ao tratar o assunto pelo prisma das figuras ele evita o reducionismo tão frequente em autores celebrados que empolgados com sua visão se esquecem da realidade bíblica

---

[114] Ver link.springer.com/book acesso em 30/10/20.

e se especializam na visão messiânica que defendem como a única capaz de revolucionar a igreja hoje e colocá-la nos trilhos da contemporaneidade. O líder contemporâneo é fechado em si mesmo e prende a imaginação dos cristãos em uma única direção que é aquela de sua visão.

Precisamos lidar com a contemporaneidade com uma mente aberta para as verdades das Escrituras que são capazes de romper com modelos pragmatistas, tecnicistas e utilitaristas que predominam nas escolas de liderança ministerial contemporâneas. As imagens analisadas por Azevedo podem dar ao pastor contemporâneo a falsa ideia de uma mera exegese devocional, curiosidade dos tempos bíblicos, figuras de um passado remoto. De fato, a boa hermenêutica recomenda que sobre figuras ou linguagem poética como nos Salmos, não devemos formular uma agenda normativa, ou doutrinas[115]. Realmente figuras não tem objetivo normativo, mas ilustrativo, elucidativo, comparativo, adversativo, estimulativo, imaginativo, emotivo, inspirativo, contemplativo, criativo, imitativo. O que Azevedo busca são os elementos de sabedoria, inspiração e consolo que as figuras ministeriais oferecem a quem se dedica, por santa vocação, à liderança pastoral. O conjunto de figuras bíblicas ou imagens que Azevedo identifica no Novo Testamento é composto de dez elementos, os mais diversificados, mas de certa forma convergentes em seu fim último que é retratar a obra única do ministério pastoral em sua multiforme mediação da graça de Deus. São eles: mordomo, atleta, soldado, lavrador, obreiro, mãe, pai, servo, construtor e pastor[116].

Estas imagens não são de modo algum exaustivas, são seletivas e representam algumas das figuras que poderiam ser analisadas. Vale aqui uma observação feita por Azevedo, sobre um convite que recebeu para falar à Ordem dos Pastores Batistas do ABC paulista em 1999. O tema era *Crises no ministério pastoral*

---

[115] FEE, Douglas*. Entendes o que lês*. Vida Nova, p. 145, 150

[116] AZEVEDO, *Imagens bíblicas do ministério pastoral*, p. 8

e Azevedo destacou: “ainda bem que o tema não é precedido do artigo definido”, pois que são variadas.[117] Irland Azevedo analisa o ministério por outras figuras como a de mentor[118], profeta[119], pescador[120], líder[121] e certamente ele acrescentaria mais algumas como: sacerdote, rei, administrador, técnico de futebol (treinador, coach), médico, que estão sugeridas em suas palestras diversas.

Em outras palestras, tais como: *As dez figuras de liderança e Labor ministerial* selecionadas por Azevedo, podem ser vistas como um conjunto de figuras paulinas essenciais que formam uma visão multifacetada e integrada do campo de trabalho do ministério pastoral. O que mais impressiona no conjunto são as disparidades das figuras e as condições de submissão que elas impõem ao obreiro, de modo que a um tempo ele se posiciona como lavrador e em seguida como pastor, como servo e como mordomo, como mãe e como pai, como obreiro e como construtor, como atleta e como soldado. Ele, o pastor, é uma metáfora, alguém “sem lugar” social preferido. Este líder se locomove de alto abaixo da estratificação social, de forma encarnacional, porque incorpora as lições que cada campo de atividade lhe ensina para bem compreender o seu e exercê-lo com fidelidade e humildade.

Estas figuras de liderança enriquecem os termos característicos de liderança nas Escrituras quanto a sua natureza e significado, em seus contextos originais e pluralidade semânticas, que abririam as possibilidades de definição de liderança cristã hoje. As figuras não apontam para a institucionalidade e oficialidade, mas para o exercício e vivencia do líder no contexto que o exigiu, nas condições que se lhe

---

[117] AZEVEDO, Crises no ministério pastoral. In: AZEVEDO, Irland P. *De pastor para pastores. Um testemunho pessoal*, p. 85.

[118] Idem, p. 33.

[119] Idem, p. 75

[120] Idem, p.159.

[121] Idem, p.127

impuseram ou encargo para o qual foi requisitado e chamado. O vocacionado, de fato, precisa de metáforas, faz-lhe bem figuras, tipos que inspiram e abrem sua visão para as possibilidades e diversidades ministeriais, tanto quanto permite a norma escriturística.

As figuras de fato resgatam um universo semântico importante para elucidar o conceito de liderança hoje, contudo precisamos de um pouco mais, isto é, precisamos chegar à camada linguística propriamente e ao nível determinante da teologia bíblica para irmos à teologia prática com mais clareza e senso crítico. Esta crítica a abordagem de Azevedo não diminui absolutamente a riqueza de suas ideias e experiências para o exercício da liderança pastoral, nem a propriedade com que ele construiu o conjunto das figuras e imagens do ministério pastoral para nossos dias.

A formação para o ministério envolve importante complexidade, não porque vivemos uma era nomeada pela complexidade (paradigma de Edgar Morin) e sim por causa da natureza e abrangência da própria obra pastoral desde sempre. A análise que Azevedo fez das imagens e figuras bíblicas do ministério pastoral mostraram isso. Hoje, como nos dias do Apóstolo Paulo, também somos devedores tanto a gregos quanto a bárbaros, sábios e ignorantes, a judeus e gentios, a Jerusalém e Atenas, a Judéia, Samaria e aos confins da terra. (Rom. 1: 14, 15; 9)

A lista de termos que principalmente o Novo Testamento traz para referir-se ao ministério pastoral é extensa e multifacetada. Stitzinger, ao tratar do ministério pastoral na história, indica a ocorrência de cinco termos maiores no Novo testamento para designar o ofício pastoral: Presbítero ou Ancião (presbyteros), Bispo ou Supervisor (episkopos), Pastor (poimen), Pregador (kerux) e Mestre (didaskalos).[122] Além destes, ele relaciona outros vinte termos que indicam delegações (status) ou ações (tarefas): governante, embaixador, despenseiro, defensor, ministro, servo,

---

[122] STITZINGER, James F. O ministério pastoral na história. In: MACARTHUR, John. (org.) *Ministério pastoral*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 56

exemplo; e os demais que indicam atividades: pregar, alimentar, edificar a igreja (dons), edificar (organizar), orar, velar pelas almas, lutar, convencer, consolar, repreender, alertar, admoestar e exortar.[123]

A forma como Azevedo organiza as dimensões do ministério pastoral converge com essa base bíblica encontrada e listada por Stitzinger, mas ele prefere classificar por áreas que orientam melhor uma possível educação ministerial. As áreas do ministério que o líder-pastor vai trabalhar são:

> O querístico ou profético que envolve a proclamação da Palavra; o didático ou de ensino da Palavra de Deus; o poimênico ou propriamente pastoral que consiste em orientar, dirigir e alimentar o rebanho de Deus; o diakônico ou a mobilização do povo de Deus para o serviço; o koinônico ou de promoção da comunhão e cooperação do povo de Deus; o paraclético ou noutético que trabalha o aconselhamento e confrontação dos membros da família de Deus com a Palavra de Deus; o evangelístico para capacitar o povo de Deus para o testemunho, a evangelização e as missões; o episcopal ou supervisão, liderança e administração da igreja de Cristo; o apologético que defende a fé cristã e combate as heresias e os falsos cultos.[124]

Esta era a estrutura do programa de curso que Azevedo ministrou sobre Pragmática Pastoral na Faculdade Teológica Batista de São Paulo[125]. Trabalhar estes ângulos envolve de fato mais de uma disciplina ou um único curso. A formação do líder-pastor para trabalhar tantos ângulos diferentes, para usar uma frase que dá título a um dos livros de Peterson,[126] exige um ministério específico de educação ministerial. Todos sabem do risco que isto representa historicamente na prática ministerial, o

---

[123] Idem, p. 57

[124] AZEVEDO, Irland P. O caráter profético do ministério pastoral. In*: De pastor para pastores*, op. cit. p. 75, 76.

[125] Idem, p. 75, 76.

[126] PETERSON, Eugene. *Um pastor segundo o coração de Deus*. Rio de Janeiro: Textus, 2000. (Tradução de: *Working the Angles*)

distanciamento entre teoria e prática. Jesus realizou o ministério de formação de líderes vocacionados, Paulo formou uma escola de pastores em Éfeso e por toda história da igreja este tem sido um ministério importante, mas nem sempre fiel ao Senhor ou ainda nem sempre comprometido com a teologia prática. Às vezes tem-se a impressão de que a teologia caminha para a esquerda e a prática para a direita.

Stitzinger diz que, especialmente desde os séculos XIX e XX, o liberalismo teológico encontrou espaço em todas as grandes denominações, substituindo, em muitos casos, a paixão do ministério bíblico por uma agenda de evangelho social". Esta situação gerada pelo liberalismo deve ser somada a outra mais recente que está abalando as estruturas eclesiásticas e desfigurando o evangelho da graça que é o novo pentecostalismo, também chamado por Stitzinger de novo evangelicalismo, sobre o qual ele afirma:

> O surgimento do novo evangelicalismo em 1958, com sua acomodação intencional ao erro, juntamente com seus desdobramentos subsequentes que resultaram em um ministério pragmático, foi outro passo para o distanciamento do ministério bíblico.[127]

A complexidade revela que precisamos de cuidados em duas dimensões obrigatórias na formação ministerial: a da pessoa do vocacionado e das tarefas do ministério. Um texto importante de Azevedo mostra a complexidade da experiência pessoal com o ministério, intitulado "Se eu começasse hoje meu ministério pastoral"[128], ele revela o universo de uma trajetória pastoral que repensa a si mesma e oferece uma visão de conjunto sobre as áreas que exigem capacitação e sabedoria de quem aspira à excelente obra. Azevedo foi ordenado pastor em 3 de setembro de 1960 e em 2000 ele fez uma reflexão de seu ministério e como seria se ele fosse

---

[127] STITZINGER, op. cit. p. 75

[128] AZEVEDO, Irland Pereira. Se eu começasse hoje meu ministério pastoral. In: AZEVEDO, Irland Pereira. *De pastor para pastores*. Op. cit. p. 131-146.

começar ali de novo sua vida pastoral 40 anos depois. Este critério de auto avaliação pessoal e ministerial coloca um critério fundamental no aprendizado do líder-pastor que é a humildade. A lógica e a experiência de Azevedo nos levam a concluir por uma educação teológica holística, onde os papéis da instituição e do professor devem ir além do acadêmico e teórico, para se envolver com a própria vida do vocacionado. Na conferência da ABIBET em Recife onde abordou o tema da educação teológica Azevedo afirma:

> Envolvido com educação teológica e ministerial há mais de 48 anos, estou persuadido de que a missão da escola teológica não é apenas informar, nem conformar a um padrão acadêmico, nem reformar alunos que chegam ao seminário com graves problemas de conduta; é, sim, formar. Formar homens de Deus, mulheres comprometidas com a missão da igreja e a obra do Senhor.[129]

A educação teológica do líder-pastor não pode excluir o aspecto formal de uma casa de profetas, entretanto, Azevedo defende a figura do Mentor Pastoral, especialmente para acompanhar o pós-seminário e a vida do vocacionado no exercício diário do ministério. Há três termos que apontam a visão de Azevedo sobre o líder-pastor: excelência e integridade, mentoria e autoridade pastoral. Acredito que podemos acrescentar um quarto termo trabalhado por Azevedo como fundamental em sua visão, a avaliação ministerial à luz de um perfil bem elaborado em face dos desafios de um tempo novo.

Estes temas surgiram na proximidade da chegado deste novo milênio e novo século, no âmbito administrativo da denominação batista e dos seminários teológicos. Azevedo participou ativamente deste momento histórico preparando e ministrando palestras, relatando comissões de trabalho e em atividades docentes. Arriscaria então organizar seus pontos fundamentais em cinco palavras: excelência, integridade, autoridade, avaliação e mentoria. Este certamente seria o escopo de uma filosofia de

---

[129] Palestra proferida no Encontro da Associação Brasileira de Instituições Batistas de Educação Teológica (ABIBET), no Recife, PE, em 10 de outubro de 2002.

educação teológica holística e continuada. Sente-se carência de uma plataforma de fundamentação teológica. A análise de Azevedo sobre formação do líder-pastor mostra a oscilação entre a referência às Escrituras e a adoção dos modelos contemporâneos de ministério de forma acrítica. Estão sem o respaldo de um consenso teológico que indique e estabeleça equilíbrio dos temas e dos ministérios bíblicos que o líder-pastor vai defender ou organizar junto à igreja. A autoridade fica à mercê da visão pessoal sobre as matérias tratadas, interpretações subjetivas, porque o contexto denominacional está fragmentado. Uma formação vocacional sem um forte apelo confessional e uma definida imagem do ministério é incompleta.

Esta ausência de autoridade eclesiástica leva à fraqueza da autoridade confessional. Como batistas, pagamos o preço desta lacuna programática, muitas vezes com a confusão doutrinária e ação de obreiros oportunistas ou despreparados que dividem as igrejas e destroem o trabalho de colegas que lutaram a vida toda para edificar uma boa igreja. A prática histórica dos Batistas impede que se estabeleça qualquer forma de hierarquia, seja de liderança humana ou de confissão. De fato, os batistas têm uma Confissão de Fé, mas o cumprimento estrito não é observado. A Declaração de Fé é muito abreviada e indefinida em muitas matérias, inclusive a área de ministério pastoral.

Azevedo vê a vocação ministerial como um processo de continuo aperfeiçoamento e aprendizado no qual o pastor mesmo depois de cursar um seminário precisa se engajar em uma educação continuada e exercitar a humildade de compartilhar uma mentoria. O estudo pessoal no ministério deve ser contínuo e o pastor em certo sentido precisa desenvolver o hábito de autodidata, jamais, entretanto, pode o ministro de Deus se isolar em seu autodidatismo. Em uma de suas conferências sobre mentoria Azevedo afirma que “reconhecemos todos, por

experiência própria, com maior ou menor vivência ministerial, que nós ignoramos muitas coisas, que precisamos da experiência e da ajuda dos outros."[130]

O conceito de mentoria traz muitas dificuldades intelectuais e práticas em sua proposta. Ainda mais se for instituído de forma arbitrária ou constrangedora. Normalmente o ministério aproxima vocacionados que compartilham e onde um ao outro se ajudam. Este fato poderia ser o foco ao tratarmos de mentoria, mas o conceito envolve mais do que ajuda mútua. A relação exemplar de mentoria foi a paulina em sua jornada apostólica com seus pastores discípulos. O mentor se coloca ao lado do mentoreado ao mesmo tempo como guia, autoridade moral e ministerial. A relação não deixa de ser pedagógica. A definição deste novo conceito de pastoreio de pastores Azevedo foi buscar na literatura grega, nas narrativas de Homero na Odisseia naquele que era conselheiro de Ulisses chamado Mentor, como também os demais autores de mentoria fazem. Seu papel era o de conselheiro prudente e de confiança, daí o termo mentoria. Azevedo afirma que "é imperativa a necessidade de mentores no ministério evangélico de todos os tempos, e do nosso de maneira especial".[131] Com isso ele reconhece que a condição do ministério pastoral hoje está em crise. A tarefa se tornou mais complexa e os ministros menos aptos.

A proposta de mentoria é um chamado para que os pastores aprendam a cuidar uns dos outros e a retirar do ofício a ciência de sua natureza ministerial. Afinal o que é ser pastor e quais são as dimensões desta crise pastoral? A definição da natureza do ministério pastoral não deveria ser retirada do próprio exercício do pastorado? Os pastores devem oferecer ao mundo as razões de sua existência e porque são importantes e relevantes, mas parece que não há forças nem convicção bastantes para oferecer uma defesa do pastorado puro e simples.

---

[130] AZEVEDO, *De pastor para pastores*. Op. cit. p. 33.

[131] Idem, p. 34

A natureza do ministério pastoral está ofuscada. Talvez um estudo dos problemas que os pastores enfrentam no ministério seja o melhor começo para identificar seu campo de trabalho ou a especificidade da atividade pastoral. O que justifica a atividade pastoral hoje? A formulação tanto do lugar do pastor no mundo quanto sua importância, pode ser investigada a partir das áreas de solicitações para as quais o pastor é chamado a intervir. O aconselhamento pastoral é desenvolvido a partir do mapeamento das áreas e problemas que afetam as ovelhas e então se faz o planejamento de abordagem pastoral. O cuidado de pastores segue o mesmo caminho. O ministério é mapeado e as áreas e problemas pastorais são identificados para desenvolver o cuidado de pastor para pastor.

Além disso, pesa sobre o pastor o conceito bíblico de ministério pelo qual ele é chamado por Deus para implantar a igreja na sociedade. Além de sacerdote que cumpre o papel de interventor em problemas interpessoais e pessoais ele é profeta que tem uma mensagem de Deus a proclamar.

David Jussely propôs um quadro de referência para compreender as dimensões do ministério seguindo a qualificação de Cristo como sacerdote, profeta e rei. O pastorado deve ser cristocentrado como afirma Jussely:

> A natureza do ministério é derivada de nossa Cristologia. De modo abrangente, a natureza do ministério é melhor descrita pela afirmação de que ele é um ministério de discipulado, isto é, de seguir a Jesus em sentido abrangente de aprender dele, servi-lo, andar em seus passos, de ser moldado a ele.[132]

Isto remete para a seriedade da vocação e a possibilidade de legitimação ao pastorado somente quando a pessoa tem uma clara convicção e evidência de chamado para o ministério e um relacionamento claro como discípulo de Jesus. O pastor hoje está cercado por auto proclamados pastores que tomam de assalto o altar

---

[132] JUSSELY, David. *Theology of Ministry*. SP: CPAJ, 2007. p, 16. Syllabus do curso Teologia do Ministério do DMin CPAJ.

do ministério, amparados no treinamento para liderança, encobrindo dos homens o privilégio de gozarem do benefício de um verdadeiro cuidado pastoral, porque lhes falta mandato divino.

Azevedo em sua palestra *Crises no ministério pastoral*,[133] aponta algumas situações que corrobora a importância e urgência de socorro mútuo no ministério pastoral, diante do peso de uma vocação. São elas: crise de identidade e vocacional, crise de relevância e de metodologia, crise diante da queda de colegas, crise de temor e desalento, crise nos relacionamentos familiares, crise em face das mudanças de nosso tempo e crise na vida espiritual. Estes problemas não esgotam o universo das crises ministeriais, mas revelam que os vocacionados são homens e não anjos, são reais e não virtuais, são abaláveis e muitas vezes saem mancos da crise.

A mudança exigida por este quadro deve refletir no modo de pensar a formação do obreiro e do cuidar de sua pessoa no exercício do ministério. Azevedo coloca a questão da mentoria no âmbito da formação espiritual do vocacionado nos seminários e cursos de teologia. Ele afirma que: “em nosso ministério, no mentorear novos obreiros e nos nossos seminários temos de cuidar e com urgência das disciplinas espirituais a começar da formação espiritual de nossos alunos nos cursos teológicos”.[134] No texto de sua conferência: *Formação de liderança espiritual idônea, grande imperativo deste tempo*, Azevedo mostra, à medida que compartilha informações de sua participação nas últimas reuniões da Aliança Batista Mundial para Educação Teológica (BICTE), sua inquietação com a formação de liderança ministerial.

A preocupação justificada de Azevedo pode ser traduzida no esboço do documento elaborado por ele, relatado ao Conselho da Convenção Batista Brasileira

---

[133] AZEVEDO, *De pastor para pastores*, op. cit. p. 85ss

[134] Idem, p.105

e aprovado como diretriz para os seminários, sobre o perfil de obreiro que deve ser buscado no processo de formação. O obreiro deve ser qualificado em quatro áreas principais: vida espiritual e caráter, formação acadêmica, aptidões específicas para os ministérios da igreja e relacionamentos.

Na palavra final do relatório acima Azevedo faz a seguinte observação:

> Ao oferecer o presente relatório à ABIBET, minha esperança é que nossos Seminários, Faculdades e demais escolas teológicas reexaminem, repensem e reformulem, no que for necessário, os seus currículos, suas exigências para docentes e discentes, de modo a prover ambiente, ensino, valorização e prática de uma genuína espiritualidade, que só esta habilitará pastores, missionários e mestres a um ministério relevante e de impacto neste mundo pós-moderno.[135]

Quando Azevedo foca na educação ministerial e chama nossa atenção para ela e sobre a importância da espiritualidade, de fato sua intenção é abrir campo para o exercício da mentoria a partir da formação básica do vocacionado. Isto se confirma pela sua recomendação de "buscar formas adequadas de promover mentoria ministerial", e mais, "antes de tudo, é mister 'comprar' a ideia de mentoria ministerial conforme o imperativo de II Timóteo 2.2".[136] Mentoria seria outra palavra para formação ministerial e espiritual. A recomendação de Azevedo apela para a urgência da mentoria. Em sua palestra sobre *Mentoria no ministério evangélico* ele declara:

> É imperativo tornar conscientes os pastores de mais experiência e maturidade, de sua responsabilidade e mordomia, no sentido de serem modelos para as novas gerações e de assessorar, ajudar, estimular, corrigir, enfim, mentorear novos obreiros, num discipulado ministerial verdadeiro e eficaz.[137]

---

[135] AZEVEDO, Irland. *Formação de liderança espiritual idônea. Grande imperativo deste tempo*. Mensagem ao Encontro da ABIBET, Recife, PE, em 10 de outubro de 2002.

[136] AZEVEDO, *De pastor para pastores*, p. 42.

[137] Idem, p. 43

Há dificuldades no caminho da mentoria. Dentre outras, reconhecidas por Azevedo, é preciso apontar três que inviabilizam a prática da mentoria.[138] A primeira dificuldade se dá pela indisponibilidade e indisposição consequente de pastores e ministros experientes, para ajudar as novas gerações. Um diretor de seminário fracassou ao buscar colegas experientes e até jubilados para exercer a mentoria de vocacionados. Notou de um lado a indisposição para ouvir e se envolver com problemas ministeriais e de outro a desilusão com as gerações mais novas que se mostravam intolerantes com os “antigos e desatualizados.

A segunda dificuldade apontada por Azevedo converge em parte com a recusa do pastor do exemplo acima, pois mostra a atitude do obreiro em formação: “a desconfiança dos novos obreiros em relação aos mais experientes, sendo estes havidos como ultrapassados, retrógrados, falhos em sua conduta e, portanto, não merecedores de confiança ou imitação”.[139] Esta resistência ao antigo e o desprezo pela experiência revela a crise de autoridade pela qual estamos passando. Não se trata de rejeitar o antigo simplesmente, mas de quebra de unidade pastoral e perda da dignidade humana. O rompimento de vínculo e diálogo com a ancianidade pastoral deixa o ministério no vazio referencial ou na aventura dos noviciados de entrar em campo minado e ousando destruir a ponte atrás de si, deixa o obreiro sem volta. Este espírito pós-moderno de desprezo pelo passado que supostamente castraria o novo e a mudança, não encontra apoio nas Escrituras e devia ser exorcizado do ministério. Segundo Azevedo:

> É mister desenvolver entre pastores uma atmosfera de confiança, de estima e de apreciação, de modo que os jovens obreiros apreciem os idosos, valorizem seu desempenho e a obra que estão a realizar ou já realizaram no seu tempo e os idosos valorizem os jovens obreiros e

---

[138] Idem, p. 40

[139] Idem, p. 40

> tenham alegria de ajudá-los e de vê-los vitoriosos no ministério cristão.[140]

O terceiro obstáculo à mentoria diz respeito à atitude das próprias casas de profetas, Ordem de Pastores e Secções e igrejas que não se abrem para um discipulado ministerial ou mentoria. Azevedo critica esta falta de vontade eclesiástica e pontua: “o fato de a Ordem dos Pastores Batistas do Brasil, através de suas seções e subseções, até hoje não cuidar de um programa e de estímulos de aproximação entre pastores, de modo a haver mutualidade e companheirismo em seu ministério”.[141] Este quadro talvez esteja indicando que o eclesiástico está cego para com o ministerial. O eclesiástico não está sensível ao seu principal promotor. Há pontos cegos no campo pastoral e denominacional, o que nos impede de sermos proativos em relação às crises ministeriais e até mesmo em relação às crises denominacionais.

Há uma exortação de John Piper que mostra como esta preocupação de Azevedo é oportuna e indica o risco de nossos seminários falharem na formação dos futuros pastores. Piper convoca os colegas de ministério e diz: “Irmãos, oremos pelos seminários”. [142] Neste último capítulo de sua longa exortação aos pastores e igrejas, Piper reconheceu o lugar estratégico e decisivo na carreira de um vocacionado que o seminário ocupa. A escolha do seminário, ou melhor, o ministério de um seminário e sua visão da formação ministerial são determinantes na consistência e qualidade do ministério e trarão consequências inevitáveis sobre a igreja, a denominação e sobre obra missionária de forma geral. Piper conta que quando foi escolher o seminário para sua preparação para o ministério alguém lhe deu um conselho: escolha uma excelente

---

[140] Idem, p. 44

[141] Idem, p. 40

[142] PIPER, John. *Brothers we are not professionals. A plea to pastor for radical ministry*. Nashville: Broadman&Holman Publishers, 2002. p. 261ss.

faculdade. Tudo mais é incidental. Piper entendeu que por excelente faculdade de teologia o irmão quis dizer:

> Aquela maravilhosa combinação de paixão por Deus, pela verdade, pela igreja, e pelo ministério, aliada com uma profunda compreensão de Deus e Sua Palavra, e uma alta consideração pela verdade doutrinaria e cuidadosa interpretação e exposição da infalível Bíblia.[143]

O conselho que John Piper dá a quem busca formação ministerial está nesta afirmação: "escolha um seminário pelos seus professores, não por sua denominação ou por sua biblioteca ou por sua localização".[144] Além destas considerações sobre o papel do seminário, outra observação de Piper vem expressar a importância de uma educação ministerial voltada para a mentoria proposta por Azevedo. A afirmação de Piper é a seguinte: o tom das salas de aulas e professores exerce um profundo efeito sobre o tom dos púlpitos. Aquilo pelo que e sobre o que os professores são apaixonados será amplamente a paixão de nossos jovens pastores. O que os professores negligenciam certamente de igual modo será negligenciado por nossos púlpitos.[145] Por outras palavras o que o mentor não trabalha com os pupilos certamente vai faltar nos púlpitos.

A mentoria defendida por Azevedo reúne as gerações e estimula ao aprendizado mútuo. Fortalece o sentido de continuidade e transmissão de liderança pastoral. Chama à responsabilidade o colegiado ministerial e presbiterial para o cuidado longitudinal do rebanho tecendo uma linhagem pastoral que preserve o rebanho de sofrer com rupturas de lideranças que chocam e fazem violência à harmonia de gerações constitutivas do corpo de Cristo. Promovem a segurança das ovelhas e a confiança em seus líderes pastores. Exercem um papel pedagógico sobre

---

[143] Idem, p. 262

[144] Idem, p. 262

[145] Idem, p. 261

o modo como as gerações novas devem biblicamente tratar seus pais e a ancianidade que amanhã será dela. (I Timóteo 5: 1, 2; Tito 2: 1-10).

A mentoria resgata a unidade presbiterial e ministerial e isso pode ser uma fonte de inspiração e exemplo para a unidade da igreja. Por outro lado, a solidariedade cultivada pela mentoria constrói uma linha de temor que protegerá o próprio pastor de facções que se levantam contra o ministério pastoral, se aproveitando de brechas encontradas pela ausência de proteção mútua entre os próprios membros da Ordem de Pastores ou colegiado da igreja local. A insistência de Azevedo junto à Ordem dos Pastores e diante do Conselho Geral produziu muito pouco resultado prático. Nenhum programa denominacional foi até agora implantado para dar seguimento às suas propostas. Contudo, é preciso perguntar se a filosofia de mentoria seria a resposta suficiente para uma crise como a que vive o ministério pastoral batista.

A dimensão da crise parece maior que a proposta de mentoria, porque no conjunto dos elementos que cercam a razão de ser da atividade pastoral, a mentoria reduz-se a uma ferramenta de ajuste de conduta dentro do todo que é a visão geral da denominação, sobre o lugar e função do pastorado para os interesses denominacionais, à luz do seu planejamento estratégico. E mais uma vez devemos olhar os documentos oficiais da CBB, a visão denominacional é trabalhar com um perfil vocacional de pastor de resultados e focado no crescimento da igreja. Além do mais, a prática da mentoria corre o risco de desviar sua prática para o crescente movimento de Coaching, espalhado pelos quatro cantos do mundo evangélico e secular.

A mentoria que vemos divulgada e praticada é direcionada para ensinar o mentoriado a executar um certo tipo de modelo missional ou planejamento eclesiástico e não o mentoriamento para a função pastoral em si. Por exemplo, o mentoriamento dos modelos de ministério Visão MDA, Igreja em células, Igreja com propósitos, igreja multiplicadora, Rede ministerial, Evangelismo Pioneiro etc. são na verdade treinamento sobre como fazer, como formar líderes, como multiplicar células, como

trabalhar pequenos grupos multiplicadores, como desenvolver a visão entre outros. Trata-se de modelos prontos. Azevedo não propõe mentoria nesse formato, mas sim a mentoria do apoio mútuo, do aprendizado com um pastor idôneo, um amigo visando facilitar o enfrentamento do labor pastoral e do cuidado do rebanho de Cristo.

II. OS FUNDAMENTOS BÍBLICOS DO MINISTÉRIO PASTORAL

O que torna o ministério pastoral um tema necessário é o seu enraizamento nas Escrituras e na natureza do próprio Pastor de Israel. Esta fonte de toda autoridade revelada e de prática eclesiástica revestirá o tema de sua necessária permanência enquanto coluna da verdade e da religião cristã durante todo o tempo da dispensação da igreja. A igreja do Senhor deriva sua estrutura cervical das condições de obediência estabelecidas pela sabedoria da revelação. O modelo de ministério bíblico e sua centralidade na igreja estão enraizados nas formas de liderança do povo de Deus e da vocação de homens e mulheres no Antigo e Novo Testamentos.

Esta fundamentação é importante porque nos ajuda a não cair nas facilidades e contradições do relativismo e situacionismo culturais, ventos dos tempos, que manejam o ministério segundo as tendências da sociedade. Assim sendo o ministério pastoral é um *Sacramentum Gratia*, ou *Donationis Christi* e forma parte insubstituível do Corpo de Cristo. O Apóstolo Paulo afirma que: “E a graça – *Káris*, *Gratia* – foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do Dom de Cristo – *Doreas tou Kristou, Donationis Christi*” (Efésios 4. 7). O ministério da igreja tem forma e estrutura instituídas por dons de Cristo à sua igreja. O ministério tem foro próprio. As formas seculares de gestão dos negócios humanos não têm a unção nem as prerrogativas equivalentes para gerir a igreja.

A natureza da igreja é diferente de qualquer instituição secular. Erickson afirma que sua natureza é a de uma comunhão de vida cristã: “a vida cristã não é uma questão solitária. Tipicamente no livro de Atos nós encontramos que a conversão leva o indivíduo para dentro da comunhão e companheirismo de um grupo de fiéis. À dimensão coletiva da vida cristã nós chamamos a igreja.”[146] As condições instituídas por Jesus para o discipulado e a comunidade cristã diferem em essência das

---

[146] ERICKSON, *Christian theology*, vol.3, p. 1025.

condições jurídicas, pragmáticas e missão de uma empresa ou organização pública ou privada modernas. Seria impossível aplicar as condições fundamentais de finalidades da igreja em uma empresa para atingir os resultados competitivos do mercado, como também seria impossível aplicar os métodos e condições de competitividade da empresa na igreja sem transformar a vida cristã em um empreendedorismo banal e em uma teologia de prosperidade.

Deste modo, ou a natureza e estrutura da igreja advém de sua relação e filiação divinas por ordenação de Deus ou tornar-se-á uma manipulação administrativa humana a serviço de mentes carnais. Não somente o pastor será desnecessário, mas todos os demais dons de Cristo à sua Igreja uma vez que Max Weber demonstrou que toda a estrutura e substancia da sociedade moderna secular estão fundamentadas no princípio da racionalidade e da secularidade e não mais em poderes teológicos.[147]

Precisamos de fonte própria para a fé e para estrutura e funcionamento da igreja. Do mesmo modo e pelas mesmas razões precisamos proceder com o ministério pastoral. Nas Escrituras teremos a doutrina do ministério pastoral apropriada ao Corpo de Cristo. O ministério pastoral ultrapassa a mera racionalidade secular. A base e o modus faciendi para a igreja é o modo de Deus projetar e conduzir a sua obra ao longo do processo de Revelação na história humana. O Reino de Deus expressa sua natureza e governo nas formas de ministério que foi instituído em Israel e na igreja. Edmond Jacob em *Teologia do Antigo Testamento* diz que a relação de Deus com Israel se dá através de Instituições incorporadas na vida do povo eleito. Estas instituições divinas são os ministérios e os marcos fixos. Os ministérios se realizam em quatro modalidades: o reinado, o profetismo, o sacerdócio e o sábio. Jacob afirma que “essas quatro funções diretoras têm por objetivo assegurar a presença de Deus no meio do povo”.[148] Os nominados por Edmond Jacob de marcos Fixos são “o lugar

---

[147] WEBER, Max. *A ética protestante e o espirito do capitalismo*, p. 10

[148] JACOB, Edmond*. Teologia del Antiguo Testamento*. Madrid: Ediciones Marova, 1969. p. 239

sagrado, o culto e a lei".[149] Estes aspectos, ministérios e marcos fixos, interagem e mutuamente integram a espiritualidade e vida comunitária de Israel.

No conjunto, estas instituições divinas representam o cuidado pastoral de Deus com Israel, um modelo ou tipo veterotestamentário para o ministério. O ministério pastoral no contexto do Antigo Testamento deve ser visto como a promessa-cumprimento, o antítipo aparece como dispensação no Novo Testamento para cumprir plenamente o cuidado de Deus com a Igreja e por meio da Igreja com seus dons pastorais. Ou seja, o pastoreio em o Novo Testamento é o antítipo do pastoreio do Antigo Testamento representado pelos pastores patriarcas e o pastoreio de Deus sobre Israel. Seguindo a definição de Davidson fornecida em *Old Testament Prophecy*, "o Antítipo corresponde ao Tipo e cumpre o que preanunciava o Tipo veterotestamentário".[150] Via de regra o conceito de tipo e antítipo se vinculam com as instituições de Israel da primeira aliança.

As origens e os fundamentos do ministério estão aqui antecipados nas Escrituras do Antigo Testamento. A Revelação de Deus à humanidade era o objetivo maioral neste primeiro pacto. A Revelação de quem Deus é e a confrontação de quem o homem é perante Deus conjugados com o processo de fidelidade e adoração ao Deus único. A Revelação acontecia através dos meios adotados por Deus para comunicar o conhecimento de Sua vontade em amplo espectro de situações humanas e sociais. As instituições religiosas de Israel pertencem a estes meios revelacionais de Deus ao seu povo e às nações. O ministério pastoral como instituído e validado no Novo Testamento subsumiu a essência de aspectos análogos aos dos institutos da antiga aliança. A análise de Strachan sobre o ministério pastoral no Antigo Testamento defende que herdamos aspectos essenciais importantes das instituições de Profeta, Sacerdote e Rei de Israel. Strachan afirma que: "elementos básicos do trabalho do

---

[149] Idem, p. 240-259

[150] DAVIDSON, A. B. *Old Testament prophecy*. Edinburgp: T&T Clark, 1905. p. 226

sacerdote, do profeta e do rei na antiga aliança foram transferidos para o trabalho pastoral na nova aliança".[151]

Para ele a razão de ser do ministério pastoral é o de ser ministro da aliança. Owen Strachan defende que: "O pastor não é uma inovação, mas o oficial que é a concretização do ministério de personagens do passado. O pastor é o herdeiro do privilégio e da responsabilidade de conduzir o povo de Deus, em especial por meio do ministério da reconciliação da nova aliança".[152] Esta visão de Strachan que vincula o pastorado da nova aliança ao que é essencial da antiga aliança orienta quanto à teologia do ministério pastoral que dialoga com os aspectos análogos de liderança entrelaçados em toda Escritura do Antigo e Novo Testamentos. Para além destas indicações importantes cabe analisar a suprema figura de pastor nas Escrituras do primeiro pacto, pura e simplesmente. Deus foi identificado como pastor de Israel e de forma especial declamado pastor de Davi nos Salmos. Cabe lembrar que Israel era a nação dos rebanhos e os filhos de Jacó, por exemplo, se identificavam como pastores perante o Faraó no Egito. "Então, perguntou Faraó aos irmãos de José: Qual é o vosso trabalho? Eles responderam: Os teus servos somos pastores de rebanho, tanto nós como nossos pais". (Gen. 47. 3).

Temos uma linhagem de Pastores do Antigo Testamento. O primeiro mártir, Abel, era pastor de ovelhas (Gen. 4.2). Sua curta vida foi suficiente para estabelecer um paradigma de culto e sacrifício que agradam a Deus. Diz Hebreus sobre o primeiro herói da fé: "Pela fé, Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício do que Caim; pelo qual obteve testemunho de ser justo, tendo a aprovação de Deus quanto às suas ofertas. Por meio dela, também mesmo depois de morto, ainda fala." (Heb. 11.4). A atividade de pastor de ovelhas atribuída a Abel revela ser mais que profissão pela auréola espiritual prenhe de fé retratada em Hebreus. Se quisermos ele foi o primeiro

---

[151] VANHOOZER Kelvin J. e STRACHAN Owen. *O pastor como teólogo público. Recuperando uma visão perdida*, p. 63.

[152] Idem, p. 63

'tipo' ou 'figura' do ministério pastoral das Escrituras e primeiro mártir do culto verdadeiro.

Abraão foi um pastor, profeta, sacerdote e pai da fé. Seus rebanhos aumentavam e não podiam ocupar a mesma região que seu sobrinho Ló porque "os pastores do gado de Abraão e os pastores do gado de Ló contenderam" (Gen. 13.7). A experiência de Abraão desenvolveu em torno do pastoreio e manejo de rebanhos. Seu filho Isaque aprendeu dele a arte do pastoreio de rebanhos. William LaSor confirma que o pastoreio era a atividade principal dos patriarcas:

> Mas os patriarcas são guardadores de ovelhas, percorrendo distâncias consideráveis com seus rebanhos; e.g., Jacó, residindo em Hebrom, envia José para visitar os irmãos em Siquém, mas ele os encontra mais ao norte, em Dotã (37.12, 17). O uso de um vocabulário técnico paralelo tem sido observado na sociedade de Mári e em Israel, em termos referentes a parentescos tribais e acampamentos pastoris. Fica claro que o modo de vida patriarcal é semelhante ao nomadismo pastoril dos textos de Mári e que o modo de vida deles coaduna-se com o contexto cultural do início do segundo milênio.[153]

Além do ofício de pastor, Abraão era reconhecido também como profeta. Em Gen. 20.7, no sonho de Abimeleque, rei de Gerar, Deus lhe fala que Abraão era profeta e que intercederia por ele. Portanto Deus o considerava profeta e o episódio de sua intercessão por Sodoma e Gomorra mostra que Abraão, o pastor de rebanhos, era um verdadeiro profeta. Tinha compaixão e senso de justiça. Isto fez ele interceder pelos povos do vale com insistência junto ao próprio Deus. (Gen. 18.22ss), Deus trata Abraão como seu profeta ao dizer:

> Ocultarei de Abraão o que estou para realizar, visto que Abraão virá a ser uma grande e poderosa nação e nele serão benditas todas as famílias da terra? Porque eu o escolhi para que ordene a seus filhos e a sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do SENHOR

---

[153] LASOR, William S., HUBBARD David A. e BUSH Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento.* SP: Vida Nova, 2009. p. 46.

> e pratiquem a justiça e o juízo; para que o SENHOR faça vir sobre Abraão o que tem falado a seu respeito.[154]

Deus usa Abraão como seu profeta em Canaã. Abraão se autocompreende como sacerdote perante Deus por tantos altares que ele levantou em cada estágio de sua peregrinação. Além disso sua residência junto aos Carvalhos de Manre é reconhecida como lugar de culto e exercício do seu sacerdócio. Gen. 18.1 relata que: “Apareceu o SENHOR a Abraão nos carvalhais de Manre”. A nota exegética da Bíblia de Estudos de Genebra diz que: “O Carvalho de Moré era uma grande árvore que pela sua altura, era preferida como lugar de culto (Gen. 13.18;18.1;21.33). O nome Moré significa ensinador. Este era provavelmente, um lugar pagão para oráculos; o Senhor o santificou quando apareceu ali a Abraão (v. 7)”.[155] Na mesma linhagem de Abraão teremos Isaque, Jacó, os filhos Simeão, Judá e demais patriarcas.

Moisés, o legislador e libertador de Israel, foi chamado quando apascentava o rebanho de seu sogro Jetro. Diz a Escritura: “E apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote em Midiã; e levou o rebanho atrás do deserto e veio ao monte de Deus, a Horebe. E apareceu-lhe o Anjo do SENHOR em uma chama de fogo, no meio de uma sarça; e olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia”[156]. Moisés, o pastor de rebanho, atende ao chamado do Anjo do Senhor para descer ao Egito e retirar o rebanho de Jacó da servidão e sofrimento em que viviam no governo de Faraó. Enfim o pastoreio estava no sangue e alma dos hebreus e continuou como memória arquétipa ou tipológica do povo. Assim Israel teve Juízes pastores, reis pastores e profetas pastores como Amós. Precisaríamos de mais reis pastores, mais sacerdotes pastores, mais profetas pastores, mais juízes pastores. O pastoreio era uma escola de cuidado e comando para os patriarcas de Israel.

---

[154] Gen. 18.18-19

[155] *BIBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA*. SP: Editora Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p. 29.

[156] Êxodo 3. 1, 2.

Não seria nisto que o profeta Jeremias pensava e lamentava quando o Senhor repreende os pastores de Israel bem como os profetas Isaias, Ezequiel, Zacarias? Isaias 56.11; 63.11; Jeremias 2.8; 3.15; 10.21; 23.1-4; 25.34; 31.10; 50.6; Ezequiel 34; Amós 1.1; 7.14; Zacarias 10, 11. Jeremias confessa ao Senhor: "Mas eu não recusei a ser pastor, seguindo-te; nem tampouco desejei o dia da aflição, Tu o sabes; o que saiu dos meus lábios está no Teu conhecimento". (Jer. 17: 16). Foram a insensatez e desobediência dos pastores, os guias todos de Israel que levaram o povo ao pecado e rebeldia contra Deus e consequente cativeiro. Há nas palavras dos profetas uma condenação generalizada contra os vários tipos de pastores e guias do povo. Todos eles pecaram contra sua missão de cuidar do rebanho de Deus.

Uma tipologia do ministério pastoral oriunda da ação de Deus é perfeitamente própria neste caso. A importância e a abundância de registros que apontam para Deus-pastor na relação com seu povo e seus servos colocam-No como paradigma do ministério. Zemek propõe o conceito de 'exemplo' ou 'tipos' para fundamentar o ministério pastoral.[157] Mas, para nosso objetivo aqui precisamos puxar o conceito de exemplo da prática pastoral dos apóstolos para o lugar de sua origem na pessoa de Deus como fonte deste paradigma pastoral. Zemek insiste que os conceitos de *tipos* e *mimetes* é o modo de transferir de Deus para o ministério os exemplos de cuidado da vida espiritual que a igreja deve aprender. Ele chama isto de exemplificação.[158] Então podemos propor que Deus, Ele mesmo é o Exemplo de ministério e o fundamento teológico para a relação Rebanho-Pastor.

Deus como Pastor é o tipo e exemplo perfeito para a *imitatio pastoralis*. A metáfora de 'rebanho' e as características pastorais de Deus nos levam a ancorar a atividade pastoral na própria natureza e economia salvífica de Deus. No Antigo Testamento os Salmos em especial, exaltam e consagram a confiança em Deus como

---

[157] ZEMEK, George J. IN: MACARTHUR, John (Editor). *Ministério Pastoral. Alcançando a excelência no ministério cristão*, p. 273

[158] Idem, p.277

pastor de seu povo Israel. O Salmo 23 e os de Asafe, em particular os cânticos 79 e 80, consideram o Senhor Deus como Pastor que guia o povo escolhido. Primeiro no Êxodo pelo deserto sob a liderança de Moisés e depois na expectativa do Novo Êxodo resgatando Israel do Cativeiro e abrindo de novo o caminho para Jerusalém.

Asafe invoca o Deus de Israel clamando por salvação quando tudo estava perdido e o povo coberto de desprezo no exílio e cativeiro babilônico. Asafe declara: "Por que diriam as nações: onde está o seu Deus?...Chegue à tua presença o gemido do cativo...quanto a nós, teu povo, ovelhas do teu pasto, para sempre te daremos graças; de geração em geração proclamaremos os teus louvores." E ato contínuo Asafe em novo cântico exclama: "Dá ouvidos, ó Pastor de Israel, tu que conduzes a José como um rebanho..."[159]

A confissão do Rei Davi expressa uma característica pastoral intrínseca de Deus no relacionamento com seus servos. O rei-pastor Davi reconhece em Deus o cuidado que o pastor devia ter na prática de proteger e conduzir suas ovelhas pelos caminhos da vida. O cenário do Salmo é de beleza poética incomparável. Os estágios do pastoreio vão progressivamente desenrolando ante os olhos desde o anoitecer ao banquete da vitória nos dias seguintes. Mas é a relação de proximidade e intimidade nos sucessivos momentos existenciais e de expectativa futura que impressionam no cuidado de Deus com o homem de fé. Israel é o rebanho de *Yahweh.* O Salmo está classificado por Schokel como Cântico de Confiança.[160] Schokel concorda com a maioria dos comentadores que este é o Salmo mais querido do Saltério. Ele justifica seu apreço citando a longa tradição pastoril em Israel. Diz Schokel: "este é um dos favoritos do saltério pela tradição de Davi pastor e pela culminação na imagem do Bom Pastor".[161] Esta imagem arquetípica presente ainda especialmente no Salmo 80

---

[159] *BIBLIA DE ESTUDOS DE GENEBRA*, op. cit. Salmos 79 e 80.

[160] *BÍBLIA DO PEREGRINO*. SP: Editora Paulus, 2018. p.979

[161] Idem, p. 1008.

fortalece nossa ideia de uma vinculação do cuidado pastoral à natureza do próprio Deus. O Salmo 80 invoca a Deus Pastor, "Ó Pastor de Israel" clama Asafe. O Senhor é chamado de Pastor de Israel. Enquanto Salmo 23 de Davi é confessional e afirmativo, Cântico de Confiança, este de Asafe é invocativo, um clamor em tempo de angústia. Aqui o salmista clama em nome de Israel por salvação ao Pastor Celestial entronizado acima dos Querubins. Asafe considerava Davi o pastor querido, sábio e íntegro que Deus tirou de após o rebanho e o ungiu como pastor de Seu povo Israel. Asafe declara: "Escolheu Davi, seu servo, tirando-o dos apriscos do rebanho; do ir atrás das ovelhas o levou a pastorear Jacó, seu povo, Israel sua herança. Ele os pastoreava de coração íntegro e os guiava com mão experiente". (Salmo 78: 70-72). Nos Salmos de Asafe a figura perfeita para Deus era de Pastor de Israel. "E nós, povo teu, ovelhas de teu rebanho, te daremos graças para sempre, narraremos tuas glórias de geração em geração". (Salmo 79.13)

Entre os profetas, maiores e menores, temos várias injunções conceituais e poéticas entre o Justo Deus de Israel e seu juízo sobre os maus pastores com a promessa de que Deus mesmo pastorearia e daria pastores fiéis para guiar seu povo. O profeta Jeremias anuncia a promessa do Senhor de dar ao seu povo pastores segundo o Seu coração. (Jeremias 3,15). Jeremias é um profeta contra os pastores destruidores de Israel. Em lugar deles Deus mesmo pastoreia e recolhe seu rebanho e levanta pastores de verdade sobre suas ovelhas. Jeremias 23:1-4.

O tipo veterotestamentário prometido é o pastor que regerá o rebanho futuro do Senhor. Para Zacarias será o pastor ferido, figura do messias, impedido pelas infidelidades do seu povo de pastoreá-lo, mas que no futuro prevalecerá a Cidade de Deus e conclui afirmando que "naquele dia já não haverá mercador na Casa do Senhor dos Exércitos". (Zac. 13. 7 e 14.21). O Seu rebanho, o Senhor quer entregá-lo a pastores fiéis. Deus o pastor típico de Israel entrega ao Filho pastor ferido o seu rebanho o qual transmite aos pastores apóstolos o ministério de cuidar do novo rebanho.

A figura do Anjo do Senhor espalha um clima pastoral, por sua vez, nas suas aparições em diversas ocasiões da história do povo de Israel. A Sua primeira aparição ocorre em Genesis 16 para Hagar. Para Clyde Francisco "ele é o próprio Deus aparecendo em forma humana de maneira que os homens possam percebê-lo".[162] A intervenção do Anjo na vida de Hagar é uma situação entre outras que exemplifica uma ação pastoral do Senhor em relação a um momento de crise na história da família de Abraão. Ele é o responsável pelo grito que impede Abrão de imolar Isaque e lhe apontou o Cordeiro. Esta é a razão de Abrão exclamar Jeová Jirê, o Senhor proverá em Genesis 22. 11-14. A Sua aparição em Juízes é importante aqui também, pois Israel estava diante da conquista incompleta da terra e precisava de uma visita pastoral do Senhor. (Juízes 2). Ainda sua interpelação a Gideão e a convocação deste para livrar Israel (Juízes 6) ou na história de Sansão em Juízes 13 revelam o cuidado do Senhor com seu povo em um período de vácuo entre Moisés-Josué e a monarquia de Israel.

A ação do Anjo do Senhor no Antigo Testamento, por si mesma, gera uma discussão a respeito de sua identidade e de sua ubiquidade com o Senhor. Chama a atenção, todavia, aquilo que poderia ser o gesto pastoral do Senhor em situações pessoais, tribais ou do povo de Israel em momentos decisivos, qual seja, a intervenção do Anjo do Senhor por ocasião do cerco de Jerusalém por Senaqueribe. (2 Reis19. 35). Aqui o Anjo sai em defesa do rebanho de Israel em resposta a oração do rei Ezequias. Uma detalhada exposição sobre o Anjo do Senhor no AT é feita por R. Ficker no *Theological Lexicon of the Old Testament*.[163] Ele reconhece a diferença entre o Anjo do Senhor e outros seres celestiais ou anjos mensageiros como Gabriel que anuncia o nascimento de Jesus a Maria.

---

[162] FRANCISCO, Clyde. Gênesis: IN: *Comentario Bíblico Broadman*. RJ: JUERP, 1987. Vol. 1, p. 227.

[163] JENNI, Ernest and WESTERMANN, Claus. *Thelogical Lexicon of the Old Testament*. Hendrickson Pub. 1997. p. 855-861.

Queremos aqui indicar esta característica pastoral do Anjo do Senhor e a diferença específica dele dos outros anjos que abre a possibilidade de identificação do Anjo com o próprio Deus em teofania. Tipologicamente seriam teofanias em missões pastorais. Gerhard Von Rad afirma que "o Anjo de Javé é uma presença protetora que age sempre em vista da libertação e da defesa de Israel. É a personificação do socorro pastoral de Deus em favor do povo, uma espécie de mediador da aliança".[164] Cabe registrar ainda sua citação e atuação nas profecias de Zacarias e Malaquias e sua atuação apaziguadora e orientadora junto a José em Mateus 1 e 2.

Calvino reconhece no Anjo a antecipação de Cristo em sua função medianeira entre Deus e os homens:

> Ora, se bem que ele ainda não havia se revestido da carne, contudo desceu como um, por assim dizer, intermediário, para que se achegasse mais intimamente aos fiéis. Portanto, esta comunicação mais íntima lhe valeu o nome de Anjo, enquanto retinha o que lhe era peculiar: ser ele o Deus da glória inefável.[165]

Este reconhecimento de Calvino corrobora a particularidade do caráter pastoral do Anjo do Senhor no Antigo Testamento. As teofanias eram de natureza cristológica e antecipavam o ministério de Cristo na nova aliança. No Novo Testamento Jesus assume como auto identidade a metáfora do Bom Pastor (João 10) e com a mesma figura ele ordena a Pedro o pastoreio de suas ovelhas em João 21.

Pedro recomenda aos pastores a submissão ao Supremo Pastor que é Cristo o qual no final da jornada ministerial vai coroar cada um com a "coroa incorruptível". I Pedro 5,4. A Expressão Sumo Pastor é uma singularidade bíblica, "αρχιποιμενος, *arquipoimenos*". A palavra composta invoca a anterioridade e superioridade do Pastor sobre qualquer outro. A primeira parte '*arqui*' significa primeiro, anterior, antigo ou mesmo supremo. O termo *'poimenos'* ocorre abundantemente no Novo Testamento

---

[164] RAD, Gerhard Von. *Teologia do Antigo Testamento*. SP: ASTE, 1973. Vol. 1, p. 280

[165] CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã*, Vol. 1, p. 137

em suas várias formas gramaticais e semânticas. O centro do ministério pastoral é a poimênica em todas as suas nuances atendendo as necessidades espirituais das ovelhas em cada situação e cada crise.

O modo da relação de Deus com Israel é de um pastor que guia seu rebanho. Este é o Tipo que caracteriza a relação de liderança projetada para o Novo Testamento. O anúncio do nascimento de Jesus em Mateus elucida esta natureza pastoral do messias quando os sábios do oriente entram em Jerusalém procurando pelo Rei prometido e os interpretes lhes informam que de Belém sairia o Rei-Pastor que haveria de apascentar Israel (Mateus 2. 6). Stagg comenta que:

> De grande importância é o fato de que o prometido Guia (hegoumenos) deveria apascentar o seu povo Israel. Jesus era rei, mas não segundo o padrão familiar, ele era o rei pastor (daí, apascentar, poimanei). Esse suplemento é edição do próprio Mateus e reflete o seu interesse particular em retratar Jesus como rei-pastor do povo de Deus, Israel. Um pastor não apenas governa; ele protege e alimenta.[166]

Podemos dizer que o ministério de Cristo e dos líderes doravante será baseado neste modelo, no tipo veterotestamentário praticado pelo próprio *Yahweh*, que alicerça a vocação pastoral. Ainda que o lugar pastoral concentre uma diversidade de tarefas e propósitos o conjunto desta multiplicidade de responsabilidades está sob o antítipo do Pastor Supremo Jesus Cristo. Pastorear é uma imitação de Deus e *Imitatio Christi*.

Outra questão importante é delimitar qual o alcance e a especificidade do ministério pastoral sobre e dentro da igreja. Qual é o escopo da atividade pastoral? A igreja é um complexo de dons, ministérios, homilias, funções eclesiásticas e liturgias diversas, além dos sacramentos ou ordenanças, segundo Erickson.[167] Seria o pastor capaz de executar tantas responsabilidades diferentes? O que dizer da decisão dos

---

[166] STAGG, Frank. Mateus IN: *Comentário Bíblico Broadman*, Vol. 8, p. 118

[167] ERICKSON, Millard J. *Christian Theology*, Vol. 3, p.1051.

apóstolos em Atos 6 e a opção deles pela pregação, oração e ministrações? O certo é que precisamos priorizar os aspectos específicos da atividade pastoral no corpo de Cristo. Erickson indica quatro funções principais da igreja que são: evangelismo, edificação, adoração e culto e necessidades sociais. Contudo logo introduz uma advertência como a salvaguarda deste leque de funções dizendo que “é importante para nós agora olhar intimamente para o único fator que dá sentido e forma para tudo que a igreja faz, o elemento que leva ao coração de todas as suas funções, a saber, o Evangelho, as Boas-Novas”.[168] Desse modo o teólogo batista revela certo temor de que a igreja se perca em suas funções e esqueça o essencial e razão de ser de toda sua existência e aquilo que Jesus a destinou que é pregar o Evangelho a toda Criatura, guardar o Evangelho de Cristo e fazê-lo conhecido em todas as gerações. O ministério pastoral segue a serviço da igreja em sua intenção primordial e essencial que é o pregar Evangelho também. Ou seja, o coração do ministério da igreja é também o coração do ministério pastoral. O guia da igreja é o responsável pela preservação, o ensino e propagação do Evangelho da igreja.

Sendo o pastor o guia da igreja, conforme lembra Hebreus 13.7,17, ele deve pensar no melhor modo de estruturar a comunidade eclesial para desenvolver as funções de serviço e liturgias bíblicas que dará relevância ao evangelho no mundo. Um sistema de governo eclesiástico não antecede o pastor na igreja primitiva, pois esse governo será por escolha e promoção do pastor. O pastor na igreja primitiva de certa forma funda a igreja e inaugura suas formas de liderança e governo.

O ministério do Apóstolo Paulo revela sua autoridade apostólica e pastoral de organizar as comunidades nascentes, remanejar obreiros e nomear presbíteros pastores para igrejas e supervisioná-los através de cartas, encontros pessoais ou representantes. Reconhecendo que os Antigo e Novo testamentos olham o governo e destino da comunidade como resultado da condução do pastor, do seu caráter

---

[168] Idem, p. 1059

pastoral, seu compromisso espiritual com Deus e senso de vocação, então o governo da igreja nasce com o pastor e dele recebe suas delegações.

O pastor edifica a igreja nos parâmetros da Palavra e de suas escolhas espirituais. A estrutura mais primitiva da igreja é a de Atos 6 que institui a figura do diácono para liberar os apóstolos das questões domesticas de modo que eles se dedicassem a pregação e oração. Mas foram os próprios apóstolos, pastores da igreja, que orientaram a comunidade a elegerem sete homens de boa reputação para cuidar do serviço aos necessitados. (Atos 6. 2-6)

Erickson, concordando com muitos teólogos do Novo Testamento, admite que a forma de governo prescrita no Novo Testamento para a igreja é incerta. As várias formas de governo eclesiástico historicamente determinadas seguem um modelo de organização emparelhado com o modelo secular. Ou, segue algum ideal de organização social. O Episcopal assemelha-se a monarquia, o presbiterial à democracia representativa, o congregacional à democracia direta e os espirituais a uma forma de anarquismo.[169] Contudo até o fechamento do Cannon nenhuma forma definitiva de governo foi imposta às igrejas, mas foi exemplar o modo do Espírito Santo em Atos impulsionar o avanço da igreja no mundo separando pessoas que Ele escolhia e a igreja reconhecia. Nas Epistolas a iniciativa do Senhor foi de conceder dons e ministérios aos discípulos e as igrejas, bem como a consolidação de diáconos e pastores para liderar a igreja nas Cartas Pastorais Paulinas. É notável as várias formas de ministérios e liderança no Novo Testamento.[170]

Considerando que o Apocalipse vem por último entre os escritos do Novo Testamento é notável a figura do Anjo da Igreja nas Cartas às igrejas da Ásia Menor que inegavelmente se refere ao pastor da igreja. Assim sendo o cume de autoridade humana na igreja é o pastor. Ele é o responsável diante do Senhor pela condição da

---

[169] Idem, Vol.3, p. 1069ss

[170] Basta citar: I Cor. 12-14; Rom. 12; Efésios 4; I Tess. 5: 12ss; ITim. 3; II Tim. 2; Tito 1: 5ss; Hebreus 13; Tiago 3; I Pedro 5; I João 4; Apocalipse. 2 e 3.

Igreja, seja qual for o sistema de liderança que ela adote. Pastor e Igreja tem uma relação única e congênita no Novo Testamento. O pastor ao mesmo tempo surge da comunidade e a comunidade cresce com seu pastor. A teologia Batista consagrou a comunidade como autoridade nas questões de organização, eleição e nomeação de oficiais da igreja. A interpretação Batista das Escrituras prima pela simplicidade e minimalismo eclesiástico. Grenz reforça que a igreja é diferente das demais instituições e organizações sociais bem como das edificações e templos. Grenz diz:

> A escolha de Ekklesia como designação da comunidade cristã sugere que os crentes do Novo Testamento viam a igreja não como uma organização ou edifício. Eles eram um povo – um povo reunido pelo Espírito Santo- um povo ligado em Cristo – assim um povo firmado na aliança com Deus. Acima de tudo eles eram povo de Deus (2 Cor. 6,16).[171]

Esta insistência na diferença sobre a natureza do povo da aliança e da santidade dele em face das nações e das formas de religião vizinhas reflete em sua forma de organização também. Samuel, o profeta, protestou contra a organização de uma monarquia imitando os povos vizinhos, “esta ideia não agradou a Samuel, então Samuel orou ao Senhor” (I Sam. 8.6). Assim é que Moises, anteriormente advertiu o povo que não deveriam imitar as nações de Canaã ou se associar a elas. A natureza do povo escolhido exigia outra forma de comunidade e de relacionamento religioso com Deus que a praticada pelo mundo pagão.[172]

Jesus criticou a piedade judaica e a impropriedade de suas organizações religiosas, pois não poderiam conter a nova realidade do reino, o vinho novo, do mesmo modo como proibiu a imitação dos relacionamentos de poder das nações gentílicas na comunidade dos apóstolos. O Novo vinho exige odres novos (Lucas 5. 33-39; 22,24-30). A igreja é chamada a ser uma expressão do Reino de Deus, no

---

[171] GRENZ, Stanley J. *Theology for the community of God*. Michigan: W. B Eerdmans, 2000. p.465

[172] Deuteronômio 7 reúne as exortações mosaicas a respeito da diferença radical que devia existir entre Israel e as demais nações vizinhas. “Porque tu és povo santo ao Senhor teu Deus; o Senhor teu Deus te escolheu para que fosses o seu povo próprio de todos os povos que há na terra”. (Dt. 7:6)

mínimo ser um sinal do Reino no mundo. Reino é um conceito que perpassa os dois testamentos e une as duas alianças. A criação de Israel e da igreja tem como intenção dar visibilidade ao Reino invisível de Deus para o mundo social. O fato é que a nova aliança dá origem a algo novo desvinculado dos poderes deste mundo e de propriedades exclusivas. O ministério pastoral encarna e se reveste desta nova realidade e dispensação da revelação divina. O pastor tem um chamado semelhante ao dos apóstolos e que vem como que por transmissão, *traductio*. Isto é expressado na ordenação colegiada e comunitária onde essa adquire a representatividade e peso de uma memória e tradição evangélica que se destina a salvar a si mesmo e aos outros. (I Tim. 4.16).

O teólogo batista Stanley Grenz, mesmo apresentando sinais de anticlericalismo radical, entende que ordenação dá destaque ao pastor diante dos demais crentes e ministérios gerais. A ordenação constituiu um processo de legitimação do representante perante a igreja e a sociedade. O ministério pastoral, segundo Grenz, pertence aos oficiais da igreja reconhecidos pelo Novo Testamento e reveste-se da ordenação comunitária local. Para Grenz "o Espírito chama certas pessoas para o ofício pastoral".[173] Este chamado está fundado sobre a doutrina do sacerdócio universal dos crentes de forma mais ampla e especificamente corresponde ao ato comunitário de constituir um líder sobre si conforme a vontade de Cristo. A ordenação de um líder não diminui, nem substitui a responsabilidade de cada crente no ministério total do corpo de Cristo. Grenz coloca a situação nos seguintes termos:

> Por estar alicerçado na vida comunitária a ordenação pastoral surge a partir do sacerdócio de todos os crentes. Todos os crentes partilham do ministério da comunidade. É dentro desse contexto mais amplo do ministério universal que o Espírito chama certas pessoas para o oficio pastoral.[174]

---

[173] GRENZ, op. cit. p. 566

[174] Idem, p. 566.

Enfim para Grenz a ordenação ao ministério pastoral se justifica porque o ato é herdado e é condutor de uma linhagem de comunidades de fé que a praticam como expressão do drama da atividade salvífica de Deus e na igreja essa atividade se manifesta no tempo atual. O ministério pastoral se alinha como uma atividade dentro do esforço salvífico de Deus. Grenz afirma:

> A prática da ordenação na igreja traz em si a precedência das antigas comunidades de fé. Está inserida no drama da atividade salvífica de Deus e na igreja a prática atua como foco daquela atividade de Deus no presente século. Entendida neste contexto a ordenação é portadora de um grande significado.[175]

O teólogo bíblico dos batistas brasileiros foi Asa Routh Crabtree. Ele legou uma interpretação do ministério pastoral ou mesmo uma teologia do ministério pastoral cujo propósito foi delinear a compreensão batista da doutrina bíblica do ministério. Seu livro publicado em 1956 tornou-se um clássico e ainda hoje norteia a exegese batista sobre ministério bíblico.[176] Crabtree fez uma busca no Novo Testamento em duas etapas. A primeira identificando todos os termos gregos neotestamentários que se referiam de algum modo ao líder cristão e assim ter uma ideia geral dos agentes que ministravam na comunidade primitiva. Em seguida analisa o ministério e os dons específicos para cada caso.

Para Crabtree, Efésios é a Carta Apostólica definitiva para descrever o plano de Cristo para a edificação de sua Igreja.[177] Efésios 4. 8 a 11 relacionam os ministérios pretendidos por Cristo para a sua Igreja: Apóstolos, Profetas, Evangelistas, Pastores e Mestres. A função e ministério pastoral ou a figura do pregador do Evangelho que tinha o reconhecimento da igreja e agia com autoridade disciplinar vem mais forte como a liderança de governo e representação da Igreja. Neste contexto de

---

[175] Idem, p. 567

[176] CRABTREE, A. R. *A doutrina bíblica do ministério*. RJ: CPB, 1956 (2ª. Edição, JUERP, 1981). 148 p.

[177] Idem, p. 36

representatividade da igreja e de seu ministério consolida-se a prática da ordenação pastoral pela Igreja e o presbitério pastoral com a imposição das mãos. Para este ministério convergem vários termos anteriormente dispersos em várias atividades e que agora tornam-se requisitos e descritivos para o ministério pastoral. O pastor é identificado como o Presbítero (presbíteros), o Epíscopo (epíscopos), o Mestre (didáscalos), o Pregador (kerux), o Obreiro (ergatés), o Embaixador (presbeuo) ou mesmo o Servo de Deus (doulos).

Para Crabtree a Palavra é a grande incumbência pastoral. Ele rege a igreja com a Palavra. “A pregação do evangelho é a tarefa mais importante do pastor evangélico”.[178] Deste modo Crabtree vai privilegiar, a grosso modo, como aspecto específico do ministério pastoral a pregação e o governo. Crabtree acrescenta:

> O pregador bíblico, o embaixador de Cristo, o mensageiro de Deus, tem a incumbência de proclamar o evangelho do reino do Senhor revelado na pessoa, nos ensinos, nas atividades, no amor, na morte, na ressurreição e glorificação de Cristo. É o portador da mensagem que os maiores profetas proclamaram imperfeitamente. É o arauto das Boas Novas que os Apóstolos de Cristo vitorioso experimentaram e proclamaram com tanta coragem e fervor. Quanto mais profundamente o mensageiro do Evangelho experimenta a graça redentora de Deus, e quanto mais perfeitamente ele acolhe as verdades eternas da revelação Divina, mais efetiva será a sua pregação.[179]

Crabtree reconhece a diferença específica do ministério pastoral de outros dons e ministérios do Novo Testamento. Assim conclui Crabtree:

> Os pastores-mestres constituem o grupo mais numeroso dos pregadores do evangelho e a maior parte deste estudo do ministério cristão trata de seu caráter e da sua missão. A função dos pastores é cuidar das pessoas conquistadas pela obra missionárias e evangelísticas, treinando-as para a vida cristã. De um ponto de vista,

---

[178] Idem, p.53.

[179] Idem, p. 55

> eles têm a maior responsabilidade no aperfeiçoamento dos santos e na edificação do corpo de Cristo.[180]

Ainda que todos os herdeiros da Reforma defendam o sacerdócio universal de crentes e muitos são arredios a qualquer tipo de clericalismo, a liderança pastoral sobre a igreja é igualmente reconhecida como uma ordenação bíblica para o bem da igreja como uma doutrina legítima do Novo Testamento por todos os batistas e confissões de fé batista ao longo da história. Desde a primeira confissão de Thomas Helwys em 1611 até o documento atual *Pacto e Comunhão* da Convenção Batista Brasileira.[181]

Merval Rosa se posicionou em seu livro sobre ministério evangélico quanto à igualdade de natureza entre leigo e ministro, dizendo: “a tese que defendemos é a de que não existe diferença essencial entre ministro e leigo no contexto da fé cristã. Lamentavelmente a distinção artificial entre ministros e leigos é muito antiga na história do cristianismo”.[182] Rosa como um crítico dessa separação protesta contra suas insinuações no meio batista até mesmo através da figura institucional de Ordem de Pastores. A ordenação pastoral não pode dar a conotação de um clero à parte da comunidade. Disse Rosa que: “Para nós os batistas, a ordenação formal do ministério representa o reconhecimento eclesiástico público das funções ministeriais. A ordenação não coloca o ministro acima da igreja”.[183] E é claro não o converte em um corpo consagrado ao lado da igreja dotado de mais santidade ou privilégios.

Há, todavia, requisitos e deveres específicos do ministério pastoral. Crabtree indica a importância da experiência com Deus e da vocação específica para o ministério pastoral a serem narradas com convicção pelo candidato em seu concílio

---

[180] Idem, p. 49, 61

[181] A Declaration of Faith of English People, 1611(Artigos 20 e 21). IN: McBeth, H. Leon. *A Sourcebook for Baptist Heritage* (p. 39). B&H Publishing Group. Edição do Kindle.; *PACTO E COMUNHÃO*. Documentos Batistas. RJ: Editora Convicção, 2012. (Artigo XI) p. 25.

[182] ROSA, Merval*. O ministro evangélico*, p. 20, 21

[183] Idem, p. 30

de exame e consagração.[184] A função pastoral exige qualificações específicas para administrar, aconselhar, ensinar, exige exemplo doméstico, integridade pessoal e disposição para estudar e cabe a um concílio determinar se o candidato tem qualificações mínimas para cada área. O mundo moderno impõe muitos desafios que o pastor precisa compreender e oferecer respostas apropriadas. Para Crabtree,[185] o ministério é um tipo *primus inter pares*. A igreja está cheia de dons e outros ministérios como corpo de Cristo. Mas o pastor é o regente dos ministérios e aquele que dá a visão para o povo de Deus sem com isso se exaltar sobre os outros.

J. G. S. S. Thomson demonstra em seu estudo sobre o conceito bíblico de rei-pastor[186] que assim como o rei no Antigo Testamento, o pastor no Novo Testamento é responsável pelo governo e destino da igreja. Governo e pastoreio vinculam-se na metáfora do rei-pastor com as implicações daí decorrentes. O estudo revela que o título para o líder do povo de Israel e de outros povos tinha uma sólida conotação pastoral pelo lugar que a atividade pastoril representava na antiguidade entre os povos e especialmente em Israel. Nas Escrituras o título pastor é aplicado ao próprio Deus e no Novo Testamento sua messianidade fica patente em sua reivindicação pelo próprio Cristo.[187]

Em suma as Escrituras apresentam uma base sólida para o ministério pastoral. No seio da doutrina da trindade encontramos a dimensão pastoral mais profunda. Além da clara identificação de *Yahweh* como pastor de Israel, o próprio Senhor Jesus se declara como pastor de suas ovelhas, o bom pastor. O Espírito Santo

---

[184] CRABTREE, op. cit. p.68, 69

[185] Idem, p.32, 33

[186] THOMSON, J. G. S. S. The shepherd-Ruler concept in the OT and its application in the NT. *Scottish Jounal of Theology*, vol. 8/issue 04/Dec. 1955, pp.406-418.

[187] Idem, ibid.

foi enviado aos discípulos com a missão medular de pastorear, Ele é o Outro *Parácleton* de Cristo, o Consolador dos discípulos que viria para:

> Ele vos guiará a toda verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. Em verdade em verdade vos digo, que chorareis e vos lamentareis, e o mundo se alegrará. Vós ficareis tristes, mas a vossa tristeza se converterá em alegria.[188]

É por essa natureza pastoral Divina, trinitária, conversível e substituta à de Cristo: de consolar, fortalecer, ensinar e guiar que o Espírito Santo alimenta o ministério pastoral e responde hoje também pela vocação. O ministério pastoral não é mera comissão e chamado, mas por sua natureza divina ele de fato deve ser caracterizado como participação e inserção humana no modo de agir e cuidar do próprio Deus. O ministério pastoral está então ancorado na própria natureza de Deus como explicito nas Escrituras e demonstrado nessa análise. Esta abordagem repetida da base bíblica para o ministério pastoral clama por uma reconsideração no meio batista da importância de resgatar a centralidade do cuidado pastoral das igrejas, anterior ao estabelecimento de preocupações e metas numéricas, nos planejamentos da organização e nas filosofias pedagógicas dos seminários e institutos de ensino teológico. Peterson diria que em primeiro lugar está o caminhar do pastor com o rebanho de Cristo e a vivência da mensagem bíblica para edificação da vida ressurreta no interior de uma cultura morta.[189]

---

[188] *BÍBLIA DE ESTUDOS DE GENEBRA*, João 16: 13-20; 14.16

[189] PETERSON, *Viva a ressureição*, p. 8

III. A CONTRIBUIÇÃO DE EUGENE PETERSON

O que se pretende agora é vislumbrar o ministério pastoral em sua essência para reconduzir os propósitos do pastorado dos embaraços das correntes contemporâneas racionalistas, midiáticas e mercadológicas que envolvem a igreja de volta aos conceitos bíblicos e teológicos fundamentais que firmam o campo de atuação e identidade do pastor nesse nosso tempo. A tarefa nesta altura da pesquisa é olhar o conjunto da obra literária e teológica de Peterson para reunir os paradigmas fundamentais que possam definir os contornos da vida ministerial e do conceito de ministério pastoral. A sistematização desses paradigmas procura encontrar uma alternativa e uma proposta de norteamento para repensar o ministério pastoral batista. Na verdade, Peterson foi um tipo catalizador daquilo que a teologia evangélica e reformada praticou historicamente.

Até este ponto vimos que o ministério batista manifestou uma crise de identidade e de ideal que denunciam uma fraqueza em seus fundamentos e filosofia. O quadro foi agravado pelo longo processo de busca de rumos missionais, eclesiais e planejamento organizacional da denominação. O impacto dos movimentos pentecostais, neopentecostais e metodologias em torno do crescimento numérico da igreja geraram divisões, insegurança doutrinária, infiltração de líderes oportunistas e crise na prática e definição da natureza ministerial. Este cenário afetou a formação vocacional e aumentou o individualismo no ministério pastoral. Ao lado dos movimentos pentecostais despontou e generalizou os cursos e treinamentos de líderes em consonância com as filosofias competitivas de mercado aplicadas ao ambiente eclesiástico em detrimento do ensino teológico acadêmico e teológico. As tentativas de diagnóstico com propostas de explicações e soluções de Rosa e de Azevedo ainda que formuladas por quem viveu e conheceu a realidade batista parecem insuficientes quando cotejadas com a obra de Peterson. Feita a análise dos planejamentos denominacionais históricos e à luz das tendências recentes de

valorização das estratégias de crescimento numérico e da filosofia pragmatista de ministério pastoral a serviço das organizações institucionais, devemos concluir que a crise no conceito de ministério pastoral batista está atingindo e empobrecendo sua própria natureza e essência bíblica. Por isso a necessidade de revisitar a paternidade bíblica do ministério no Antigo e Novo Testamentos e recompor sua tipologia veterotestamentária e exemplo neotestamentário em Cristo do pastoreio como deve ser entendido e teologizado.

Os paradigmas da filosofia pastoral desempenharão a função de espelho, de cotejamento e de desafio atual para a prática do ministério pastoral numa sociedade secularizada e pós-moderna. Não oferece aqui uma receita detalhada, mas uma taxionomia que ajuda a repensar e estruturar uma prática. Como declarou Peterson em *O pastor contemplativo*: "A essência do termo pastor pede redefinição."[190] Trata-se de uma necessidade de definição do ministério pastoral e uma teologia espiritual para nossos dias. Os pastores batistas, a convenção e seus seminários encontrariam nestes paradigmas um recurso balizador e norteador crítico para elaborar seu conceito de ministério pastoral e enriquecer os seus planejamentos sem recrudescer no caminho da filosofia corporativa, estratégias quantitativas e medidas por metas e resultados.

O que significa ser pastor? Inicio então esta sessão com as cartas de Peterson ao seu filho pastor sobre o ministério. Estas cartas são um tesouro pastoral que Peterson dedicou ao seu filho também pastor, Eric Peterson. Ele escreve em sua primeira carta:

> Tentei aprender a ser pastor em um mundo diferente do seu. E à luz disto, consciente da diferença do contexto especifico que o trabalho pastoral se faz nele: não há muito que possa ser generalizado e transmitido de uma geração a outra. A substância, claro, é a mesma – oração e as Escrituras, amor obediente e os santos sacramentos,

---

[190] PETERSON, *O pastor contemplativo,* p. 26

> pregação e ensino honestos. Mas, e o mais – e o trabalho pastoral é quase nada mais que os detalhes – são tão diferentes (os contextos) que praticamente tudo tem que ser trabalhado do zero, em rascunho, no ministério.[191]

Peterson nesta primeira carta está preocupado em alertar o filho para o empobrecimento das relações pessoais e sociais na sociedade da informação e da impessoalidade da internet. Daí ele falar em aprendizado e na atenção que o pastor precisa ter com os detalhes, as entrelinhas, as oportunidades fugidias e o fortalecimento dos vínculos essenciais na comunidade de Cristo. Peterson ensina que:

> Um dos principais elementos de distinção no ofício pastoral é que ele é pessoal. Tudo nele- administração, ensino, ouvir, aconselhar – está representado no modo pessoal que pessoas podem ouvir e tocar, chamar o nome do pastor e esperar o pastor chamar seu nome. Mas quando essa dimensão pessoal fica reduzida a meramente áreas funcionais e emocionais, então a autoridade implícita do ministério é grandemente diminuída.[192]

A transformação da experiência pastoral particular em *didascália* ministerial parece uma tarefa impossível fora da referência biográfica e histórica do ministério para Peterson. Cada geração e cada *Sitz im Leben* precisa trabalhar sua vocação e conhecer sua paróquia para dar à sua realidade a resposta do Senhor conseguida por estudo sério, meditativo, exegético das Escrituras e oração, principalmente. Nada muito além de oração e entrega de si mesmo às pessoas. Em um de seus primeiros livros Peterson já alertava para as complexidades da atividade ministerial local e dizia que: "já que cada cultura, geração e congregação possuem características individuais, cada geração de pastores e até certo ponto cada um deles precisa construir sua própria superestrutura de trabalho".[193] Sua visão não mudou depois de *O Pastor que Deus usa*, de 1980, porque sua obra de vinte anos mais tarde, *O pastor*

---

[191] PETERSON, *Letters to a Young Pastor: Timothy Conversations between Father and Son*. The Navigators. Kindle Edition. p. 2.

[192] Idem, p. 3.

[193] PETERSON, *O pastor eu Deus usa*, p. 24.

desnecessário, publicado em 2000, ele reafirma de forma mais contundente ainda que: "o que desejo afirmar é o seguinte: a espiritualidade e o ministério são sempre locais e específicos e acontecem sob condições específicas para cada caso"[194]

Alertados sobre esta necessidade de trabalhar o ministério no tempo e lugar de seu exercício histórico, cabe buscar na vida e obra de Peterson as possíveis constantes ministeriais ou o sempre novo do mesmo, os hábitos e motivos transferíveis e que nos ajudarão a entender esta atividade vocacional que se repete como dom do Senhor à sua Igreja. O imperativo pastoral não foi revogado. Ele é reafirmado em nossa geração e sua crise ressoa e gera um déficit cristão na igreja hoje. Falta ação pastoral verdadeira e curadora para as almas de hoje.

Redirecionar a vida pastoral e ministerial para um foco convergente com o todo é impossível sem a bússola das Escrituras. A filosofia pastoral que encontramos em Peterson está fundamentada em um conjunto de estruturas ministeriais que estamos designando de paradigmas: Escrituras, Comunidade de Fé, *Collegium* do Ministério Pastoral, a Oração e a Vida Contemplativa.

III. 1. As Escrituras

Nossa análise da vida, ministério e obras de Peterson revelam que ele considerava o primado da tradução das Escrituras sua pedra angular de construção do ensino e contextualização da Bíblia para nossos dias. A realidade social e cultural pede uma continua sincronização da mensagem com os desafios e tendências da cultura que afetam o discipulado e a formação da igreja. Especialmente a respeito

---

[194] PETERSON, *O pastor desnecessário,* p. vii

daquilo que incide sobre a natureza e visão de mundo evangélicas e que exigem uma contraofensiva crítica e fundamentada na verdade das Escrituras Sagradas.

A tradução precisa passar pela mente, coração e visão de mundo ou compartilhamento do mundo do tradutor. A tradução é inevitavelmente e necessariamente autobiográfica. Encarnação das Escrituras, comer a Palavra. A vida ministerial e pastoral de Peterson se confunde com seu esforço vivencial e perseverante em se apropriar das Escrituras como Palavra viva para si mesmo e para o povo de Deus. "As Escrituras haviam se tornado autobiográficas para mim e para minha congregação de adoradores" [195]

Em uma de suas obras mais conhecidas sobre o Cântico de Subida ele declara: "No trabalho pastoral de treinamento das pessoas em discipulado e acompanhamento delas em peregrinação, eu descobri, guardadinho no Saltério Hebreu um velho hinário gasto. O velho hinário é chamado em hebraico *'shiray hammoaloth'* – Cânticos de Subida (Salmos 120 a134)".[196] E assim, descobrindo como sábio escriba os tesouros guardados em seus baús (Mateus 13.52), Peterson se envolve, imerge nas Escrituras, para trazê-las ao entendimento de suas ovelhas como uma mensagem surpreendente, atual, vivencial.

A tradução sistemática da Bíblia durou dez anos, mas de fato foi trabalho de uma vida toda interagindo com uma Congregação. Ele afirma que traduziu com e para a sua igreja como esforço de seu ministério pastoral. Diz Peterson: "Eu o fiz durante trinta anos em uma Congregação".[197] Ele confessa ainda que: "Eu assumi como trabalho da minha vida, a responsabilidade de fazer essas pessoas ouvirem, ouvirem

---

[195] PETERSON, *Memórias*, p. 224

[196] PETERSON, Eugene*. Uma longa obediência na mesma direção*. SP: Cultura Cristã, 2005. p. 13

[197] PETERSON, E*. Bíblia de Estudo A Mensagem*. SP: Ed. Vida, 2014, p. VII

de fato, a mensagem deste livro. Eu sabia que essa tarefa era difícil para mim."[198] Não se trata, então, de uma atividade profissional ou trabalho de um membro de Comissão de alguma sociedade bíblica, mas de um pastor que tem paixão pela Palavra vivida e quer vê-la aplicada as situações e problemas pessoais e sociais de nosso mundo. De fato, muitos críticos com razão apontaram que se tratava não de uma tradução simplesmente, mas de uma paráfrase bíblica. O título *A Mensagem* que Peterson deu à sua tradução indica que se tratava de uma paráfrase, ou narração bíblica na linguagem atualizada e parafraseada.

O pastor é um escriba de Deus e não devia transferir a compreensão das Escrituras para um especialista, sem antes tentar por si mesmo decifrar e identificar-se com o significado original e aplicável do texto. Ou seja, apropriar-se dele biograficamente e espiritualmente, na comunhão do Espírito. O pastor é aquele que vai fazer a conexão entre o passado e o presente das narrativas bíblicas, através de seu ensino e pregação.[199]

Os problemas da tradução, interpretação, aplicação e leitura das Escrituras colocam Peterson em face de alguns temas que a seguir vamos tratar por razões históricas e hermenêuticas que cruzam seu caminho com as origens dos batistas, além de colocar algumas críticas de Peterson à hermenêutica e as formas de leitura da Bíblia que podem ser ampliadas pela volta ao *lectio divina* da idade média especialmente a Hugo de São Victor e a '*meditatio*'. As Escrituras hoje enfrentam uma crise de leitura e essa pedagogia da leitura é redescoberta por Peterson.

---

[198] Idem, p. VII

[199] PETERSON, E. *Maravilhosa Bíblia*. SP: Ed. Mundo Cristão, 2008. p. 141

III. 1. 1. A tradução espontânea da Bíblia de John Smith

Esta incursão na história dos Batistas será importante para lembrar que a Denominação tem um passado paradigmático que está esquecido e para pleitear algumas ideias análogas com as de Peterson que vai fortalecer a necessidade deste pilar para uma filosofia ministerial que são as Escrituras.

John Smith, o pastor da primeira igreja batista organizada da história moderna, mantinha uma posição precursora com sua congregação que surpreendia a todos sobre o uso das Escrituras. Ele defendia e praticava a tradução direta dos originais em suas pregações e ensino, naquele distante sec. XVII. O historiador da tradução King James e das traducões inglesas, Nicolson, diz:

> John Smith é oriundo de Gainsborough, mas por volta de 1608, como pastor dos Irmãos da Separação da Segunda Igreja Inglesa em Amsterdam, sua congregação era formada de proprietários rurais de Lincolnshire, decidiu que eles precisavam ouvir as Escrituras no original[200]

Nicolson chega a ironizar a prática de John Smith traduzir as Escrituras diante de uma congregação que não tinha capacidade de entender o que ele fazia nem a razão do uso da língua original nas pregações, por isso considerou Smith um excêntrico:

> Smith era um excêntrico - após concluir que nenhuma autoridade eclesiástica era tão pura quanto ele mesmo, batizou-se a si mesmo com água santa e ficou famoso com o apelido de Se-Baptizer ou Self-Baptist – mas sua posição era apenas uma distorção e exagero do que qualquer pessoa na Europa Protestante acreditava, talvez distorcendo o que John Reynolds, o Puritano moderado de Oxford fez quando

---

[200] NICHOLSON, Adam*. God's secretaries. The making of the King James Bible*. HarperCollins, 2009, p. 181 John Smyth, originally from Gainsborough, but by 1608 pastor of the Brethren of the Separation of the Second English Church at Amsterdam, its congregation made up of Lincolnshire farmers, decided that they needed to hear the scriptures in the original.

> encorajou seus alunos a ler a Palavra de Deus e isso se pudessem sem preguiça e sem as traduções.[201]

Contudo, o princípio instituído por John Smith de produzir sua tradução da Escritura, numa época que tinha carência de Bíblias e de traduções no vernáculo, torna-o vanguardista nessa atitude pastoral e exegética. O princípio de traduzir a Bíblia no ato da pregação traz para o povo a Revelação em sua forma cotidiana de falar e entender as verdades com frescor e vivacidade. Nisso reconhecemos uma certa influência e aproximação *Seeker* e entusiasta em John Smith, mas de fato jamais se uniu aos *Quackres* ou qualquer grupo de *Seekers*. Poderíamos encontrar nele sinais precursores do Jansenismo e da espiritualidade do grupo de *Port Royal* e Pascal, especialmente em sua concepção de linguagem e lógica em sua explicação da construção da língua.[202]

Smith defendeu que apenas os originais foram gerados por homens inspirados e foram concebidos sem qualquer sombra de erro. Ele defendeu que: “Nenhuma tradução possivelmente pode expressar tudo dos originais sagrados, muito menos milhares de coisas na gramática, retórica e características da língua”.[203] Isto foi escrito na véspera do prometido lançamento da tradução tão aguardada da equipe nomeada pelo Rei Tiago para elaborar uma tradução oficial das Escrituras em Inglês.

O ministério de John Smith como fundador da tradição Batista, instituiu a tradução bíblica para a homilia como ato mediador e hermenêutico central na vida congregacional e para a atividade pastoral. Além do que as traduções escassas numa época de polemicas acirradas exigiam a volta aos originais no confronto de posições

---

[201] Idem, p. 181

[202] WHITLEY, W. T. *Works of John Smith*. Vol. I. Cambrigde, 1915, p. 278. Edição eletrônica, http://www.archive.org/details/cu31924092458995

[203] Idem, p. 280

teológicas. No mais, a tradução instantânea realizava uma versão mais próxima do entendimento de uma congregação. A tradução de *King James* só viria em 1611.

A interpretação para Smith do que era o culto e como deveria ser o uso das Escrituras, , foi tão radical que ele propôs, ensinou e aplicou que a igreja deve ser como a Igreja Primitiva no interregno canônico do Antigo para o Novo Testamento, isto é, do mesmo modo como a Igreja primitiva não tinha um livro do novo pacto e não seguia mais a lei, dependendo totalmente do Espírito Santo distribuir dons, profecias, e inspiração sobre a comunidade de culto, assim a igreja cristã deve abster-se de um culto ou liturgia centrada na recitação tipo missal, em um livro de orações tal como da igreja de Henry VIII ou traduções bíblicas exteriores à comunidade local, vindo de fora. Afirma Smith que: "Se a tradução é feita por alguém de fora ela provem de fogo estranho e não pode ser aceita, mas é o caso de uma blasfêmia."[204] A tradução bíblica não podia ser uma só para todas as igrejas, porque a tradução deve ser um dos dons do Espírito no culto para edificação dos seus fiéis. As Escrituras seriam uma mensagem difusa e impregnada em todos os atos do culto e só assim o culto seria espiritual e não cerimonial como no judaísmo. Smith defendia que:

> A demonstração de espirito e poder 1Cor. 2.4; a manifestação do Espírito, 1Cor. 12.7; a ministração do Espírito 2Cor. 3.8; a direção do Espírito Gal. 3.5; a ministração do dom, 1. Pet. 4. 10; a dispensação da graça, 1 Pe. 4. 10; tudo com efeito está em oposição ao ministério da letra ou do culto cerimonialista, 2. Cor. 3. 6.[205]

Há, contudo, uma outra análise de John Smith apresentado por Jason K. Lee em *The theology of John Smith: Puritan, Separatist, Baptist, Mennonite* e segundo sua avaliação da figura e do trabalho de Smith a ironia de Nicolson é precipitada e não faz

---

[204] WHITLEY, op. cit. p. 302

[205] Idem, p. 303.

justiça a John Smith.[206] Segundo Jason Lee, John Smith propôs excluir da liturgia tudo que interferisse na obra do Espírito ou pudesse ser confundido com imagem sacra, cerimonialismo e idolatria. O Livro de Oração Comum, a Bíblia, ou qualquer literatura devia ser evitado durante o culto para deixar o Espírito conduzir a adoração. John "Smith também retirou traduções das escrituras do culto porque ele dizia que estas traduções eram obra humana e não Divina". Assim ele defendia que cada pastor devia usar os originais e fazer a própria tradução sob a direção do Espírito.[207] O que não procede do Espírito Santo no culto é incompatível com o culto cristão. Assim John Smith afirma, sobre o culto e as Escrituras, que:

> Apraz ao Santo Espírito escolher qual palavra é importante ou tem significado para nós, assim como os profetas por inspiração do Santo Espírito profetizaram sem livros assim devemos nós também fazer: a diferença está em que a inspiração era para eles extraordinária e para nós é ordinária, Apoc. 19.10.[208]

Não ignorando a personalidade complexa deste batista primitivo, podemos sublinhar esse aspecto inusitado e contundente da filosofia pastoral de Smith. As Escrituras devem ser fonte original do ensino e do culto, cuidando para não as tomar por mera letra, ou imagem da Revelação, ou objeto de exposição decorativa, ou apenas texto recitativo do culto como o Livro de Orações da Igreja Anglicana.

Torbert registra que esta atitude de John Smith foi de fato a causa da separação entre Smith e outro líder separatista na Holanda, em Amsterdão, Francisco Johnson que foi seu mentor em Cambridge. Diz o historiador dos Batistas Robert Torbet que John Smith: "Finalmente, separou-se deles declarando que não aceitava

---

[206] Obs. Aqui usamos sua tese, que tornou-se livro de mesmo título, apresentada e aceita na University of Aberdeen, Scotland, 1999. Published by ProQuest LLC 2014. LEE, Jason. *The Theology of John Smith. Puritan, Separatist, Baptist, Mennonite*. University of Aberdeen, 1999, 323 p.

[207] LEE, Jason. *The theology of John Smith*, p. 64

[208] WHITLEY, op. cit. p. 303

que o ministro usasse manuscrito na pregação nem o uso das Escrituras em língua diferente da do povo, mas traduzida no momento, pois achava que isto impedia a obra do Espírito Santo"[209]

As razões de Smith indicavam uma forte rescisão com todo vínculo de tradição anglicana, seja litúrgica, confessional ou de governo eclesiástico da igreja local. Ele requeria plena liberdade para a Congregação e para a obra do Espírito Santo. O ministro como agente da Palavra faria sua apropriação e tradução das Escrituras iluminado pelo Espírito Santo no ambiente do culto que consistia de três partes, oração, cânticos e pregação. Este controverso e ousado radical separatista, resumiu seu pensamento sobre culto e Escrituras assim:

> Na oração a palavra de Deus ou as Escrituras são recebidas por meio da petição em direção a Deus, buscando coisas para nós desejáveis; em ações de graças a palavra de Deus ou as Escrituras são dadas por meio da recompensa ou retribuição de Deus indicativamente ou imperativamente; na pregação a palavra de Deus ou as Escrituras são dadas demonstrativamente por meio da doutrina, exortação, consolação, repreensão e outras formas semelhantes. Seja como for, que é feito ou ministrado, a questão é uma e a mesma, ou seja os diferentes modos de proceder no culto: por onde quer que nós oramos, profetizamos ou louvamos deve ser a palavra ou a escritura, não de um livro (algum missal ou livro de oração comum ou tradução de fora [acréscimo nosso]), mas tirado do coração (1 Cor. 12.7-11).[210]

Esta filosofia litúrgica e ministerial de Smith revela uma mente audaz e ao mesmo tempo consciente de que seu trabalho precisa levar as pessoas a uma experiência direta com Deus e seu Espírito livre de meios litúrgicos descontextualizados dessa ou daquela paróquia. Sua formação teológica em Cambridge e lente em Lincoln permitiam sua ousadia de domínio das línguas originais e tradução instantânea para o vernáculo da congregação. Mas o que ele defendia era

---

[209] TORBET, Robert & FAIRCLOTH, Samuel D. *História dos Baptistas*. Leiria, Portugal. Ed. Vida Nova. 1959. p. 36

[210] WHITLEY, op. cit. p. 303.

a unidade entre culto e Espírito, entre a comunidade separatista e a comunidade primitiva também separatista do judaísmo, entre o modo de culto de sua comunidade e o modo de culto da igreja de Atos e da dispersão, deviam ser forjados pelo Espírito Santo e não pelas tradições ou imposições humanas e o mais inusitado, o *theologumenon* de que a igreja primitiva não dependia de livros. Que de fato ela rompeu com o domínio da Letra e das cerimônias do Antigo Testamento, fechando esta aliança do Sinai. Ele interpretou o gesto de Jesus fechando o livro de Isaias na sinagoga como sinal de que a dispensação do livro tinha terminado e cumprido na Palavra viva de Cristo.

A melhor apresentação sobre a complexidade deste período da história dos Batistas e posições controversas de John Smith e separatistas está na obra de Stephen Wright, *The Early English Baptists, 1603-1649*. Não cabe resenhar toda apresentação de Stephen Wright aqui, basta saber que as posições Batistas primitivas em geral, as divisões entre amigos, as polêmicas em torno do calvinismo, o problema do governo da congregação local, as disputas sobre as relações com a Antiga Igreja (Anglicana), seu modo inusitado de cultuar, isolaram Rev. Smith e sua pequena congregação tanto dos Anabatistas-menonitas como dos dissidentes ou separatistas.[211]

O julgamento sobre o temperamento polêmico dele é confirmado pelo antigo historiador dos Batistas ingleses Carlile que afirma: “Não há outro nome na história batista tão fecunda em controvérsias quanto John Smith, o pai dos chamados Batistas Gerais”.[212] Mas também testemunhavam dele, de modo mais simpático e com reconhecimento declarando: “Sr. John Smith, um homem de dons especiais e bom pregador, que posteriormente foi escolhido como pastor do grupo de

---

[211] WRIGHT, Stephen. *The Early English Baptists, 1603-1649*. Woodbrige: The Boydell Press, Woodbridge, 2006.

[212] CARLILE, John C. *The story of the English Baptist*. London: James Clarke & Co. 1905. p. 65.

Gainsborough".[213] Era um homem de Deus para tempos de grandes desafios e tremendas mudanças religiosas e sociais. John Smith morreu de tuberculose em 1612, logo depois de seu rompimento com seu amigo Thomas Helwys que regressou à Inglaterra em 1611. Mais precisamente, como informa Latourette: "Smith faleceu em Primeiro de Setembro de 1612 em Niewe Kerle em Amsterdão".[214] Ele foi o patrono dos Batistas Gerais ou Arminianos.

A visão de Peterson sobre as Escrituras não está sendo comparada com a dos líderes fundadores dos Batistas em vão. A preocupação dos líderes fundadores de modo algum equivale às preocupações da filosofia pastoral de Peterson, porque eles lutavam por uma causa histórica e revolucionaria para lançar as novas bases da igreja. O cuidado pastoral não estava em primeiro plano naquele momento. Ao contrário, a intenção de Peterson foi sempre a definição das condições de relevância e exercício do ministério pastoral.

Não deixa de ser oportuno registrar esta coincidência com a antiga tradição Batista que reforça o básico: a mesma necessidade de estabelecer a convicção inicial de que as Escrituras são o ponto de partida fundamental de qualquer assunto ou causa da existência Cristã no mundo em qualquer período da história. Há um sentimento generalizado nos registros batistas de que vivemos uma carência de ensino, pregação e estudo pessoal da Bíblia em nossa denominação. A ênfase e preocupação da liderança estão cativas das metas e agendas administrativas para sair da crise em que nos envolvemos. Estamos sempre movendo uma roda pesada de compromissos, desafios, metas, campanhas denominacionais, no âmbito das convenções, associações, organizações, juntas etc.

---

[213] Idem, p.67.

[214] LATOURETTE, K. S. *História do Cristianismo.* SP: Ed. Hagnos, vol. 2, p. 1107; cf. WRIGHT, Stephen, op. cit. p.43.

Peterson tem em comum com John Smith esta tendência, ou melhor esta insatisfação com as pretensões de uma instituição eclesiástica ou civil exercer controle sobre a igreja local e ditar-lhe uma filosofia de trabalho com metas a atingir, modo de fazer, plano a seguir, objetivos externos a constranger a liberdade e sentimento da igreja local etc. Ambos são anti-institucionais em muitos aspectos do ministério. Ambos são pela liberdade do Espírito no meio da congregação local. Ambos são pela autonomia e suficiência das Escrituras em linguagem comum.

Peterson e Smith querem ir além da mera letra. Apesar de que Peterson pensava que Smith era um literalista, fissionado pelo texto original e "obstinado em relação ao 'original literal'" e Peterson considerava esta atitude "uma paródia" e mostrou um tom jocoso e depreciativo para com John Smith, mas fez assim porque não tinha conhecimento acurado da biografia de Smith ou da obra deste. Peterson erra por olhar John Smith pela fonte de Nicolson, já citada acima.[215]

Tanto Peterson quanto Smith buscam uma igreja comandada pelo Espírito e não pelo EU e não só a igreja, mas a vida cristã. Smith ainda mais lutou para não ter uma igreja cativa das tradições, do sacerdotalismo, do controle do estado monarquista anglicano. Ambos querem uma leitura espiritual e tradução bíblica em linguagem comum e compreensível para a congregação. Smith viu no livro de Oração Comum, nos 39 Artigos de Fé e na tradução uniformizante e oficial do Rei Tiago uma imposição de fora e estranha, sobre a comunidade local e única que devia ser autora de seu culto a Deus. Smith defendeu um minimalismo eclesiástico que eliminasse a força esmagadora do exterior sobre a liberdade de Culto da congregação e por isso defendeu radicalmente a autonomia da igreja local e a separação igreja e estado.

A semelhança de Smith com Peterson vai ao ponto da reação radical contra a pressão da cultura, do controle externo sobre a igreja local, da tradição e

---

[215] PETERSON E. *Maravilhosa Bíblia*, p. 185

possivelmente se vivesse hoje Smith combateria como Peterson contra a filosofia empreendedora da empresa contemporânea sobre a igreja e o ministério pastoral, como sendo um fogo estranho presente na vida da igreja. Ou seja, Peterson também quer uma congregação livre de pressões externas e mundanas da ordem do presente século ditando a agenda espiritual da igreja. A vida cristã deve ser vivida para a liberdade como ensina Paulo aos Gálatas e ninguém deve voltar a escravidão da lei. A agenda de resultados imposta sobre a igreja como filosofia de ministério age como a letra morta do judaísmo sobre a igreja primitiva, ou assim também o Anglicanismo estatal sobre congregação separatista de Smith, como a letra morta seria hoje o equivalente a agenda de resultados.

III.1.2. O ato da leitura espiritual da Bíblia

Os batistas sempre defenderam a volta às Escrituras. Esta volta será para a mesma Escritura, mas sua leitura já virá acompanhada agora de uma outra realidade, contexto e outros desafios. Então, a atenção espiritual volta-se, agora, para o modo de leitura e não apenas o acesso livre às Escrituras. A realidade enfrentada por Peterson desde a década de oitenta parece ser agora ainda mais sentida. Assim ele relata o problema a enfrentar: '

> Existe em nossos dias um enorme interesse pela alma. Na igreja, tal interesse se evidencia em certa atenção renovada que se dedica a questões de teologia espiritual, liderança espiritual, direção espiritual e formação espiritual. Mas não há um reavivamento correspondente quando se trata do interesse em nossas Escrituras Sagradas.[216]

O que Peterson propõe fazer é uma leitura espiritual das Escrituras que se abra para a realidade contemporânea. O texto está ali, sempre o mesmo, mas os graus de leitura e de identificação com a narrativa crescem da superficialidade para sua densidade profunda e vivencial, de uma busca subjetiva para uma abertura ética e comunitária. Neste ponto Peterson pertence a uma escola de interpretação que

---

[216] PETERSON, E. *Maravilhosa Bíblia*, p. 33

amadureceu no *Regent College* e sua hermenêutica em busca de uma interpretação espiritual colabora com a proposta de uma teologia espiritual de James Houston, o criador da cadeira de Teologia Espiritual que Peterson ocupou por muitos anos.

Sobre a hermenêutica Peterson tem uma extensa obra pessoal e vamos priorizar a mais sistemática onde ele também expõe os fundamentos de sua tradução da Bíblia *A Mensagem*. Em português o título ficou como *Maravilhosa Bíblia*, *a arte de ler a Bíblia com o Espírito*, tradução de *Eat this book. A conversation in the art of spiritual reading*, pela editora W. B. Eerdmans; ou com outro título, mas do mesmo livro, *Eat this book, the holy community at table with the Holy Scripture*, pela Hodder and Stoughton. Em português temos duas traduções. Uma com o título: *Coma este livro, as Sagradas Escrituras como referência para uma sociedade em crise*, pela Editora Textus; com outro título foi publicado pela Editora Mundo Cristão: *Maravilhosa Bíblia, a arte de ler a Bíblia com o Espírito* feita por Ney Siqueira.

O chamado feito por Peterson para uma volta qualificada às Escrituras implica em repensar a hermenêutica e as dimensões da própria Revelação em relação a sua aplicação ao discipulado espiritual. O ato de ler a Bíblia precisa de transformação. A hermenêutica de Peterson questiona a leitura tradicional que toma o texto sagrado com uma certa distância científica entre o leitor e verdade revelada. A Bíblia é um objeto de pesquisa. Mas Peterson desafia seus contemporâneos a comer as Escrituras: “quero começar com uma metáfora: coma esse livro”. E acrescenta, “pretendo resgatar a metáfora com todas as suas implicações”.[217]

Toda a tradição da hermenêutica, desde a revolução Iluminista até a crítica bíblica contemporânea, trata a Bíblia com distância e objetividade. Mesmo a hermenêutica reformada tradicional, como a sistematizada por Louis Berkhof[218],

---

[217] PETERSON, E. *Maravilhosa Bíblia*, p. 34

[218] BERKHOF, L. *Teologia Sistemática*. SP: Cultura Cristã, 2003. (subst. por *Princípios de* ...2004)

parecem não alcançar a dinâmica desejada por Peterson da leitura espiritual das Escrituras. Peterson quer uma hermenêutica que extraia vida das letras, junte corpo e alma, revelando espírito de vida. Mas a hermenêutica tradicional foi forjada para procurar doutrinas e definições nas Escrituras apenas. A Bíblia é vista como um livro que oferece doutrinas reveladas e por isso a hermenêutica se constitui de regras e gramática. A hermenêutica tradicional usa a lógica clássica regida pelo princípio da não contradição aplicada às narrativas.

A hermenêutica clássica usa critérios de conciliação válidos para construir a dogmática e faz das Escrituras principalmente uma fonte de verdades sistemáticas. A interpretação bíblica e a jurídica vão andar juntas por isso. A Bíblia é vista como uma fonte de norma jurídica que regula a fé semelhante às fontes de jurisprudência e leis positivas que regulam a vida civil. As regras de interpretação seguem o princípio da não contradição lógica e a analogia para buscar as equivalências entre os contextos. A hermenêutica cristã perdeu por isso a dimensão de profundidade vivencial e espiritual. Peterson propõe uma visão mais orgânica e interativa das Escrituras com a vida real dos cristãos. Elas são expressão de vivências e manifestações de Deus e sua graça para com os homens e não um livro de regras e temas.

A leitura proposta por Peterson não chega a exigir uma hermenêutica completamente nova. Ele está comprometido com os sentidos históricos, gramaticais e históricos da Bíblia. Contudo ele inova na hermenêutica ao buscar uma leitura espiritual das Escrituras. Nisto ele apreende insights da leitura rabínica e da leitura mística da Idade Média que exigem uma compreensão mais simbólica e tipológica da hermenêutica. São níveis de significado que progridem do literal para a metáfora.

Sua tradução da Bíblia *A Mensagem* foi elaborada pela metodologia da equivalência dinâmica de tradução. Trazer o sentido dos textos antigos para o nível de compreensão do Inglês contemporâneo exige o rompimento com o literalismo gramatical e lexicográfico para produzir um texto mais comunicativo e aberto ao '*koinê*' contemporâneo. Precisamos ponderar que a leitura espiritual enfraquece o controle

sobre o significado que o leitor é capaz de ver nas entrelinhas do texto e a exigência de justificação de como ele aplica o que leu. As exposições de Peterson sobre os *Cinco Rolos* e sobre *Os Salmos* mostram que a forma de organizar e aplicar o texto está entre a tipologia e a alegoria. Ele usa o texto com liberdade criando aplicações novas e significados mais existenciais do que a maioria dos exegetas faria. Peterson declara que "quando se trata de vida cristã, um dos aspectos mais negligenciados está diretamente relacionado à questão da leitura das Escrituras. O cristão negligencia a leitura das Escrituras de maneira formativa: ler para viver"[219]

Esta conclusão de Peterson é plenamente corroborada por James Houston no estudo coletivo sobre *O ato de ler a Bíblia*, publicado aqui pela Editora Vida Nova com o título *Ouvindo a Deus*, e pergunta: "Temos uma cultura da leitura da Bíblia, semelhante à *Lectio divina* na Idade Média, ou de leitura exemplar como na igreja primitiva?".[220] A resposta de Houston é contundente: "fica claro que não temos nem uma nem outra." Ele entende que os grupos de encontro hoje são "mais informativos do que transformadores da vida".[221] Tudo gira em torno do modo como a leitura bíblica está sendo praticada no meio evangélico e entre os ministros da pregação. A leitura mastigada e ingerida que ocupa muito tempo e meditação, como reforça Houston: energia, inteligência e oração, são negligenciadas e em seu lugar fazemos coisas secundarias. Além disso, a coisa mais importante passou a ser considerada como ociosidade no mundo do trabalho e da agenda ativista dos eclesiásticos.

---

[219] PETERSON, E. *Maravilhosa Bíblia*, p.14

[220] HOUSTON, James. *Ouvindo a Deus*. SP: Shedd, 2001, p. 210

[221] Idem, p. 210

III.1.3. A *meditatio* de Hugo de São Vitor

A definição de meditação do *Novíssimo Aulete* remete ao Latim e ao sentido antigo que põe sobre o meditar o segredo da clareza e da profundidade do conhecimento: “ação ou resultado de meditar, de refletir em profundidade sobre um assunto; processo e circunstância de alguém se concentrar espiritualmente para se desligar gradualmente das preocupações do mundo material; do latim *meditatio*”.[222]

Colocamos aqui a necessidade de entender esta diferença teológica entre a literatura e narrativas bíblicas e a literatura secular. Esta é a diferença que torna a leitura bíblica especial em relação a literatura geral. Hugo de São Vitor notou isso com propriedade no início das universidades europeias ao declarar a importância de distinguir que nas Escrituras devemos dedicar outro modo de leitura por causa de sua natureza. Diz o mestre medieval:

> Disto se deduz admiravelmente quão profundo entendimento deve ser exigido nas Escrituras Sagradas, onde pela palavra se chega ao conceito, pelo conceito à coisa, pela coisa à razão, pela razão à verdade. Os menos eruditos, por não levar em conta este dado, acham que nas Escrituras não existe alguma sutilidade na qual os engenhos possam exercitar-se, e por esta razão se voltam para os escritos dos filósofos pagãos, pois, de fato, nas Escrituras não enxergam outra coisa senão a superfície da palavra, ignorando a força da verdade.[223]

Esta ignorância da força da verdade, esta sutileza da leitura, este que é livro de inspiração Divina exige um modo de leitura que recoloque a mente e coração humanos no berço da verdade divina. Sobre isso devemos notar a semelhança entre a proposta de leitura espiritual de Peterson e a via de Hugo de São Vitor para alimentar

---

[222] AULETE, Caldas. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Lexicon, 2011, vb. ‘meditação’, p. 909

[223] VITOR, Hugo de São. *Didascalicon. A arte da leitura*. SP: Universidade de São Francisco. p. 209

a alma nas fontes da Revelação. A mística medieval é a fonte de onde Peterson e Houston retiram a inspiração para a arte da meditação nas Escrituras como *Lectio Divina*.

Para Hugo de são Vitor a leitura das Escrituras comportam três níveis:

> Antes de tudo o mais, deve-se saber que a Sagrada Escritura pode ser entendida de três maneiras, isto é, segundo a história, segundo a alegoria e segundo a tropologia ou, de acordo com outro modo de dizer, segundo o sentido literal, o sentido alegórico e o sentido moral.[224]

Nossa hermenêutica reformada rompeu com a escola medieval de Hugo de São Vitor, mas agora outros aspectos da leitura são reclamados por Peterson como a *meditatio*. Esta volta às fontes medievais para resgatar uma leitura meditativa faz de Peterson uma novidade para uma hermenêutica que se considerava superada pela modernidade. Uma das fontes sistemáticas da hermenêutica medieval é Hugo de São Vitor. Segundo Hugo de São Vitor: "A meditação inicia-se com a leitura: ela é que ministra a matéria para se conhecer a verdade. Segue-se lhe a meditação, que a une. A esta se acrescentarão a oração, que a eleva; a operação, que a compõe; e a contemplação, que nela exulta."[225]

Esta sequência: leitura, meditação, oração e contemplação, é a mesma enfatizada por Peterson em diversas ocasiões. Em *Eat this book* ele afirma:

> Esta é a maneira de ler citada por nossos ancestrais como *lectio divina*, muitas vezes traduzida como "leitura espiritual", leitura que penetra em nossa alma como alimento que entra no estômago,

---

[224]VITOR, Hugo de São. *O estudo da sagrada Escritura*. p. 153. http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_10961141, em 17/10/19.

[225]VITOR, Hugo de São. *Princípios fundamentais de pedagogia*, p. 123. http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_10961141__Hugo_De_S_Victore__Opuscolo_Sobre_O_Modo_de_Aprender_e_de_Meditar__PT.pdf.html, acesso em 17/10/2019).

> espalhando-se pelo sangue e transformando-se em santidade, amor e sabedoria.[226]

De modo semelhante Hugo de São Vitor ensina que:

> O ato de ler, como todo trabalho intelectual, é seguido por um ato de ruminação, à semelhança das ruminações dos versículos da Bíblia pela boca dos monges durante os trabalhos manuais, e à semelhança dos mantras ruminados pelos monges no alto do Tibet. Aquilo que os olhos, os ouvidos e a mente captam na leitura é ruminado pacientemente na meditação, da mesma forma que o boi, para alimentar-se, traz para o paladar aquilo que acumulara no ventre: colhemos na leitura frutos dulcíssimos e na reflexão os ruminamos (V, 5). E a contemplação, ato final do estudo, faz pregustar a doçura da paz eterna.[227]

A linguagem humana e a Divina encarnam nas Escrituras. As palavras revelam e escondem ou simplesmente informam. A leitura bíblica precisa de uma percepção espiritual devido à natureza do texto que vem com autoridade e autoria divinas. O leitor é por ela constantemente lembrado de quem está com a Palavra e do que Ele deseja do leitor. Esta reivindicação do texto coloca o leitor um permanente conflito e perplexidade que faz sua atenção cativa e seu pensamento libertar-se do imanente para o transcendente. E isso vem da força silenciosa da meditação.

Peterson fala do texto bíblico agindo no leitor com a força narrativa de contemporaneidade entre o Deus que age e o leitor que medita. Diz Peterson: "este texto revela Deus: Deus criando, Deus salvando, Deus abençoando". Isso gera as bases da unidade dos textos mais distantes das Escrituras porque ele reflete e revela o mesmo Deus ao longo da história bíblica. "Tudo está ligado como um organismo

---

[226] PETERSON, E. *Maravilhosa Bíblia*, p.20

[227] VITOR, Hugo de São. *Dicascálicon*, p. 38

vivo. A meditação ensaia essa grandiosidade. Há sempre mais em relação a qualquer coisa."[228]

O caminho a trilhar e o objetivo a atingir figuram como os degraus de uma escada que leva a alturas magníficas ou como um mergulho interior que alcança profundidades inimagináveis. Peterson afirma que há sempre mais a aprender e descobrir "em qualquer coisa, palavra ou frase, do que parece à primeira vista; a meditação entra nos grandes ambientes que não são imediatamente visíveis, que ignoramos em um primeiro olhar".[229]

Esta compreensão do que o texto em sua riqueza pode ainda e sempre dar ao leitor absorto na meditação convém ou converge com os estratos de leitura descobertos por Hugo de São Vitor acima registrado: leitura, meditação, oração, contemplação. Além disso, Hugo reconhece também a organicidade e coerência de toda a Bíblia e os bens e frutos da meditação:

> A meditação toma o seu princípio da leitura, todavia não se realiza por nenhuma das regras ou dos preceitos da leitura. Na meditação, de fato, nos deleitamos discorrendo como que por um espaço aberto, no qual dirigimos a vista para a verdade a ser contemplada, admirando ora esta, ora aquelas causas das coisas, ora também penetrando no que nelas há de profundo, nada deixando de duvidoso ou de obscuro.[230]

Peterson confirma que "a meditação é o aspecto de leitura espiritual que nos ensina a ler as Escrituras como um todo interligado, coerente, e não uma coleção de inutilidades inspiradas."[231] O benefício da meditação longa e ociosa como ensina

---

[228] PETERSON, E. *Maravilhosa Bíblia*, p. 116

[229] Idem, p. 116

[230]VITOR, Hugo de São. Sobre o modo de apreender e meditar, p. 7. http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_10961141, em 17/10/19.

[231] PETERSON, E. *Maravilhosa Bíblia*, p. 116

Hugo de São Vitor e que aproxima nossa leitura de um monastério medieval podemos ver neste outro texto de Hugo que afirma:

> Nas obras de Deus, as em que Ele cria pela potência, as em que modera pela sabedoria, as em que coopera pela graça, as quais todas tanto mais alguém conhecerá o quanto sejam dignas de admiração quanto mais atentamente tiver se habituado em meditar as maravilhas de Deus.[232]

O que faz sentido aqui é o resgate dessa '*meditatio*' medieval, perdida pela modernidade e pós modernidade, visto que a filosofia e a teologia dedicaram seus esforços na busca da explicação racional do mundo, da pessoa e das Escrituras. Para a teologia mais grave ainda é a busca nas Escrituras de um mero instrumento de prova ou de realização do ego. Este problema que destrói a *lectio divina* foi alçado por Peterson como seu motivo pessoal de lutar por uma leitura espiritual das Escrituras e afirma: "quero confrontar e expor essa substituição da autoridade da Bíblia pela autoridade do EU".[233]

III.1.4. A linguagem sagrada e a *lectio divina*

Peterson estabelece como princípio colocar a linha da linguagem humana em harmonia com a linha da linguagem Divina. Isto pressupõe algo ainda mais fundamental e teológico que é a convicção de que Deus desce a nós e fala conosco em nossa linguagem ou para ser mais preciso, Ele nos concedeu a linguagem. Essa é a ideia de Peterson. A linguagem tem sua origem no Verbo Divino. Ao criar o homem ele o fez falante. "A linguagem é sagrada em sua essência. Ela tem origem em

---

[232] VITOR, Hugo de São. Sobre o modo de aprender e meditar, p. 8. http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_10961141, em 17/10/19.

[233] PETERSON, E. *Maravilhosa Bíblia*, p. 33

Deus."[234] . Uma palavra precisa ser dita sobre o conceito de Peterson sobre a linguagem e que relação o caráter da linguagem tem com as narrativas bíblicas e que níveis de leituras são possíveis nas Escrituras. A natureza da linguagem é revelacional. Ela traz nossa interioridade para a luz, ela transcende-nos e projeta nosso ser para o outro e para Deus, ele nomeia coisas e situações, ele ouve e faz ouvir, ela verbaliza e produz comunicação, traduz sentimentos e ações, abre ou fecha horizontes. Peterson afirma "essa qualidade da linguagem, a de revelar as coisas, mantém seu núcleo sagrado de criação e salvação" e acrescenta que "não estamos usando palavras para trocar informações, mas para nos revelar".[235]

A *lectio divina* digna é a que se faz em *meditatio*, meditação. E mais, parece razoável afirmar que para Peterson a *meditatio* enfeixa o todo da *lectio divina* em leitura, meditação, oração e contemplação. A reverencia da *meditatio* diante da Palavra deve ser conservada em todo processo de abordagem das Escrituras da primeira leitura, à tradução ou exegese, ao púlpito e aplicação pessoal e comunitária. Peterson afirma que:

> Para aqueles de nós que levam a sério as Escrituras como Palavra de Deus e o texto com autoridade pelo qual decidimos viver, a tradução é uma das primeiras defesas que temos contra o sacrilégio ascendente [...] Quando as Escrituras são a linguagem em questão, usada por Deus para se revelar a nós, os riscos são muitos grandes.[236]

Ele poderia dizer aqui sobre a tradução o que disse sobre o leitor da Bíblia: *Caveat Lector*, cautela leitor-cautela tradutor. Para Peterson estes riscos são as tendências de um tipo de teologismo ou abstracionismo que separa a dimensão da

---

[234] Idem, p. 153

[235] Idem, p. 154

[236] PETERSON, E. *Maravilhosa Bíblia*, p. 156

linguagem religiosa da linguagem comum que devemos usar. Não deve haver abismos entre a linguagem de dentro e de fora da igreja.

Uma tradução bíblica deve fundar-se no terreno da atividade pastoral e mergulhada no ritmo semanal da comunidade cristã. Testemunhando sobre a sua tradução das Escrituras Peterson afirma que “A Mensagem cresceu nesse solo de 35 anos de trabalho pastoral”.[237] Ele pregava, aconselhava, convivia, e traduzia as Escrituras originais junto com o dia a dia da comunidade. Ele compartilhou, sobre esse tempo de tradutor que:

> Eu vivia entre dois mundos de linguagem: o mundo da Bíblia e o de hoje. Sempre achei que eram o mesmo mundo. Desse modo, por força da necessidade tornei-me tradutor, ajudando-os a ouvir a linguagem da Bíblia que Deus usa para nos criar e salvar, curar e abençoar, julgar e governar, e fazê-lo na linguagem de hoje, que usamos para fofocar e contar histórias, dar instruções e fazer negócios, cantar e conversar com nossos filhos[238].

A leitura das Escrituras, conjugada com a escuta e convivência com a comunidade fez da tradução um esforço necessário para que a linguagem cumprisse sua essência que era a de revelar, isto deixar ver o que cada um era e quem Deus era no caminhar a pé da vida cristã, figura que Peterson usa apropriadamente para o desafio de seguir a Jesus.[239] Este nexo entre teólogo e igreja foi indicado por Karl Barth como condição *sine qua non* para o exercício do ofício teológico.[240] Todo trabalho pastoral nesta área gira numa *Table Talk* como foram designados as conversas teológicas de Lutero[241].

---

[237] Idem, p. 179

[238] Idem, p 182

[239] Idem, p. 32

[240] BARTH, Karl. *Esboço de dogmática*. p. 9

[241] LUTHER. M. *Luther’s works*. Libronix Digital System. 2002.

O que faz com que a Palavra não se dilua nas palavras dos homens? Para Peterson a autoridade da Palavra está sempre protegida pela presença autoral de Deus. Assim como na Comunidade Primitiva havia um temor ligado à continuidade da presença autoral de Deus entremeando as Escrituras Hebraicas e a nascente Escritura do Novo Testamento, assim hoje também permanece a continuidade entre as Escrituras completas do Canon Cristão e a comunidade de fé que crê pelo Espírito Santo nas mesmas Escrituras.

Segundo Peterson "a autoridade da Bíblia deriva diretamente da presença autoral de Deus. Isso é revelação a nós concedida de modo pessoal, dando-nos acesso a algum mistério, contando-nos ao pé do ouvido o que significa viver como homens e mulheres criados à imagem de Deus".[242] Há duas verdades subjacentes a isso que são esta 'imagem de Deus em nós' e a continuidade espiritual do Espírito de Deus presentes na *lectio divina*.

Barth ressoa aqui com sua doutrina da Palavra de Deus. As Escrituras e a Palavra formam uma só voz porque a presença autoral lhes acompanha umbilicalmente e intervenientemente. A teologia de Barth, a despeito de seus desafetos e críticos, mas apreciada por Peterson, está repleta de interpretação das Escrituras e se retirarmos o elemento da autoridade das Escrituras e sua vigência, pela presença divina nelas, seu sistema teológico desmorona. Francis Watson, ao analisar o uso das Escrituras em Barth afirma que "do começo ao fim a *Church Dogmatics* outra coisa não é que uma meditação (*meditatio*) sobre textos das Sagradas Escrituras em torno de um único tema: um agir divino-humano constitutivo tanto do ser Divino quanto do ser humano".[243]

---

[242] PETERSON, *Maravilhosa Bíblia*, p. 40

[243] WATSON, Francis IN: *The Cambridge Companion to Karl Barth*, p.57

Deus é um Deus que existe e intervém na história e isso é de fato o que faz das Escrituras o que elas significam em última instância, conforme as palavras de Francis Schaeffer que sobre Deus e as Escrituras afirma:

> Se bem que creia firmemente no que a Igreja primitiva e os reformadores ensinaram sobre a natureza das Escrituras, e que eu enfatizo como importante o que eles têm a dizer sobres as Escrituras, ainda assim, a verdade (sobre as Escrituras) está relacionada no final das contas com algo por trás das Escrituras. As Escrituras são importantes não porque são impressas de determinada maneira ou encapadas em couro, nem porque já auxiliaram muitas pessoas. Esta não é a razão básica para a tremenda importância das Escrituras. A Bíblia, os Credos históricos e a ortodoxia são importantes porque Deus existe e, no final das contas, esta é a única razão de terem importância.[244]

Este Deus vivo está presente e opera eficazmente cada momento. Ou como propôs Nicolas Malebranche (1638-1715), Deus é a causa de todas a interações corpo e alma que geram conhecimento ou revelação: “Deus comunica seu poder às criaturas e as une entre si porque ele estabelece suas modalidades, causas ocasionais dos efeitos que ele próprio produz”.[245] Dito de outra forma, a Bíblia não seria Palavra de Deus sem a causa eficiente de revelação que é o próprio Deus operando por meio de suas palavras e circunstancias na alma do leitor. Esta característica ocasionalista de Malebranche está ecoando nesta visão barthiana e também em toda leitura evangélica que pressupõe a inspiração e iluminação atuais das Escrituras no ato da leitura ou de sua audição ao modo subjetivo.

Peterson está propondo não só a imutabilidade do princípio de *Sola Scriptura*, mas indicando a vigência eficaz da Bíblia para a igreja e vida cristãs atuais, porque ela subsiste em Deus autoralmente e Deus permanece agindo em nós e na história. Assim “as Escrituras são a revelação de um Deus pessoal, relacional, encarnado,

---

[244] SCHAEFFER, Francis. *O Deus que intervém*. DF: Ed. Refúgio, 1981. p. 144

[245] VERGEZ, A. e HUISMAN, Denis. *História da filosofia ilustrada pelos textos*. RJ: Freitas Bastos, 1976. p. 168

dirigida a comunidades reais de homens e mulheres com nomes na história".[246] Para Peterson o que é da natureza das Escrituras Sagradas é transparente e nelas vemos o "Espírito Santo operando sob céu aberto, fazendo surgir escrita legível, coerente, que tem continuidade de geração em geração; uma narrativa com enredo, personagens e cenário".[247]

A proposta petersoniana de trazer de volta a leitura compassada e criteriosa das Escrituras, pela prática da *meditatio*, representa um giro de direção no modo de ver e exercer o ministério. Ela coloca o vocacionado na contramão da cultura e propõe um freio na correria pastoral que instrumentaliza a Bíblia como ferramenta homilética ou de textos pinçados a esmo, sobre temas e problemas que o pastor trata no gabinete de aconselhamento ou visitas pastorais.

A *meditatio* impõe uma disciplina na vida pastoral que implica em reorientar sua filosofia pastoral, redimensionar seu tempo e biografia, redescobrir seu campo de trabalho e revalorizar sua vida pessoal com prioridade para o núcleo espiritual e contemplativo do ministério pastoral. Peterson lamenta que "a autoridade antes dada às Escrituras é agora atribuída ao calendário de compromissos".[248] As Escrituras e o modo de cultivar sua leitura é o primeiro dos paradigmas de uma filosofia do ministério pastoral. Hoje é uma necessidade vital para a alma a *lectio divina*, ir ao poço das águas vivas e demorar-se ao seu lado, deixar ser guiado às 'águas tranquilas e aos pastos verdejantes'.

---

[246] PETERSON, Maravilhosa Bíblia, p. 117

[247] Idem, p. 118, 119

[248] PETERSON, *O pastor contemplativo*, p. 33

III.2. A IGREJA

A nova Catacumba[249], foi uma figura proposta por Peterson para reimaginar a igreja e a adoração. A simplicidade de uma vida liberta do peso da sociedade de consumo, de volta à vida centrada no santuário. Ele afirma que “ser pastor era o solo natural da minha vocação. Atraído para essa vocação por meios de fios que antes me haviam passado despercebidos, entrei para uma vida centrada no santuário e na igreja...”[250] Peterson define como nota distintiva entre a igreja e a sociedade, a adoração. Ele esclarece que “uma única palavra, adoração, definia o que fazíamos”.[251]

Hoje é necessário reimaginar ou reinaugurar a igreja em seu contexto local e social, entrelaçada e inspirada nas Escrituras na esquina do mundo. Encarnação ministerial na comunidade é uma atitude incondicional, pois o corpo de Cristo, no qual Ele vive e atua, é a igreja no mundo, mas não do mundo. Esta vigilância crítica precisa ser desenvolvida na igreja e no discipulado cristão.[252] Uma atitude crítica da igreja e do pastor diante da realidade vai dimensionar a filosofia do ministério pastoral de Peterson. A atitude de Peterson diante da pós-modernidade, do avanço da visão de empresa sobre a igreja e o ministério, o distanciamento do culto bíblico e capitulação ao modelo de shows, a generalização do egocentrismo e expansão do domínio do eu em lugar da humilde reverencia ao Senhor da fé, tudo isso, faz Peterson reagir e declarar uma atitude revolucionária e subversiva em sua filosofia pastoral. Ele declara:

---

[249] PETERSON, *Memórias*, p. 123

[250] Idem, p. 150

[251] Idem, p. 193

[252] BYASSEE, J & OWENS, L. Roger (Org.). *Pastoral work. Engagements with the vision of E. Peterson*, 2014, p. 60 Kindle

“O que tentei desenvolver então em primeiro lugar, em mim mesmo, é a mentalidade de um subversivo”.[253]

O pastor subversivo para Peterson tem três características: amor sacrificial, justiça e a esperança. Ele afirma que “se pudermos desenvolver o sentimento de que o amor sacrificial, a justiça e a esperança são a essência de nossa identidade somos então subversivos. Esses vão conosco todos os dias para o trabalho e para nossas famílias todas as noites”.[254]

Esta atitude de Peterson o levou a impor-se uma nova metodologia de agir no ministério, baseada em “falar a verdade, mostrar amor, oração e parábola”. Ele compreendeu uma tendência cultural em seu país dura de romper e mudar que se desenha assim:

> A maioria dos indivíduos neste amálgama (América, subúrbio e ego) pressupõe que seus alvos pessoais e os que Deus tem para eles são os mesmos. Esse é o erro religioso mais antigo: recusando a aceitar qualquer diferença entre Deus e nós, imaginando que Deus seja uma extrapolação de nossos próprios desejos, e depois contratando um sacerdote para administrar a relação entre o eu (self) e a projeção do eu (divindade projetada). E eu, um dos sacerdotes contratados, não aceito nada disso (ou, E eu um dos sacerdotes que eles empregaram, não tenho nada com isso?).[255]

Este traço cultural enfrentado por Peterson e fortemente arraigado em todas as religiões levou críticos e filósofos desde a antiga Grécia a desprezar a religião, os sacerdotes e os deuses por notarem que as crenças estavam baseadas na projeção humana e que os deuses nada mais eram que extrapolações dos desejos e ideais

---

[253] PETERSON, *O pastor contemplativo*, p. 20

[254] Idem, p. 21

[255] PETERSON, E. *The Contemplative Pastor: Returning to the Art of Spiritual Direction*. Amazon/Kindle Edition, Location 256 Kindle Edition; cf. *O pastor contemplativo*, p. 38.

humanos elevados a esfera celestial. Epicuro, c. 341 a.C., em sua *Carta a Meneceu* escreve:

> Pois os deuses existem e o conhecimento que deles se tem é evidente, mas não existem da maneira como o vulgo os representa. Essa representação vulgar jamais coloca, no que a eles se refere a mesma concepção. Ímpio não é aquele que rejeita os deuses da multidão, mas aquele que lhes atribui as ficções do vulgo. De fato, as afirmações do vulgo não se apoiam em noções evidentes, mas em conjecturas enganosas.[256]

Assim eram consideradas todas as divindades e isso fundamentava o culto e os sacrifícios. Nosso Deus está cada dia mais sendo adorado como se fosse uma projeção de nossas ambições e caprichos do self. Como não ser subversivo e lutar para corrigir esta tendência? Entretanto já se veem muitos pastores cedendo teologicamente para a força do poder da cultura dos bens de consumo, do prazer gratificante, do avanço do eu sobre o trono de Cristo, das metodologias de mercado e marketing formando igrejas centradas no cliente.

Peterson lamenta que a santidade do ministério não seja mantida por alguns ministros e diz:

> Muitos pastores, compreendendo que as pesquisas de opinião repudiam inteiramente seu autoconceito, se submetem ao veredito cultural e se dedicam ao papel de capelães para a cultura. Isto é fácil fazer. Outros, entretanto não se submetem e estes se tornam subversivos na cultura onde estão.[257]

Mas o que Peterson denuncia também aqui é o papel de sacerdote privado, alugado, contratado para gerir a relação imaginária espúria, com um deus-fantasia que ocupa o lugar do Deus verdadeiro no coração e mente das pessoas. Tem sacerdote que aceita fazer o papel de acobertar o *affair*, o romance destes indivíduos

---

[256] VERGEZ, A. Denis HUISMAN, Denis. *História dos filósofos ilustrada pelos textos*. p. 70

[257] PETERSON, *O pastor contemplativo*, p. 41

e seu deus debaixo dos olhos do Deus verdadeiro e não poderá dizer que não tem nada com isso. Esse é o capelão da cultura do self. Mas ele, Peterson, aceitaria o emprego para subversivamente destruir este reino do self, dos amantes de si mesmos e fazê-los voltarem para o Reino de Deus, tirá-los da falsa adoração de um deus imaginário, projeção do ego, e destruir seu castelo de areia. Ele aceitaria o pastorado, mas sem concordar em acobertar aquela projeção espúria do self e da comunidade de fé em Deus. "Estou destruindo (solapando, minando) o reino do self e estabelecendo o Reino de Deus".[258]

Peterson os estará ajudando sem eles se darem conta a princípio. O trabalho é perigoso porque no dizer de Martin Buber, este Deus é desconhecido e sua reapresentação é nova. Buber chama esta 'subversão' de movimento subterrâneo de modo bem semelhante ao expressado por Peterson quando afirma que:

> O outro movimento subterrâneo, visível a um olhar mais profundo e ainda ineficaz no mundo das coisas, articulando seu sonho de modo singular, baseia-se no primado do espírito como a demonstração criadora do desejo ardente que o homem tem de Deus; é conduzido pela aspiração que sente toda humanidade autêntica pela comunidade como manifestação de Deus que é o novo desconhecido.[259]

Formar uma igreja no caminho duro de ir em frente, em uma longa obediência na mesma direção, faz o pastor agir como subversivo cultural, no interior da própria igreja. Ali a cultura, os vícios suburbanos e os mecanismos de defesa e projeção do ego estão um pouquinho abaixo da superfície e sempre no ponto de ebulição. E como em uma cosmovisão natural, a força de emersão de camadas submersas do iceberg cultural introjetado em nós, é muito maior que o pequeno pico à mostra na superfície, assim também a força do velho adão está oculta, mas ativa, no self da cristandade.

---

[258] Idem, p. 39

[259] BUBER, Martin. *Sobre a Comunidade*. SP: Ed. Perspectiva, 1987. p. 54

A comunidade é a instancia mais elevada e complexa de todos os níveis de atuação de Cristo e aquela que recebe e sofre a convergência dos demais níveis precedentes como a natureza e a história ou todo percurso da humanidade até o presente e as expectativas sobre o futuro. Peterson confessa que quando se tornou pastor:

> Não pensava muito sobre as complexidades da comunidade em geral e mais especificamente de uma comunidade santa; estava encantado diante dos cenários gloriosos da criação e das dramáticas obras da salvação na história.[260]

Peterson pretende formar uma espiritualidade comunitária ressurreta, desperta, viva, trinitária. Ele acredita que a inércia comunitária na religiosidade americana favorece o secularismo. Aquela complexidade convergente na comunidade esconde muitos segredos e sutilezas do self. Por isso a atitude do pastor como um subversivo espiritual é importante.

Jesus foi o melhor e mais operante dos subversivos da alma em todos os seus encontros. “Jesus era o mestre da subversão. A forma favorita de discurso de Jesus, a parábola era subversiva”, ensina Peterson.[261] A subversão santa é a arma que desarma, como as parábolas de Jesus que segundo Peterson “ultrapassam subversivamente as nossas defesas”.[262] Para a formação da espiritualidade da comunidade, Peterson afirma que trabalha com duas ferramentas apenas: a oração e as palavras (parábolas). “As palavras são a verdadeira obra do mundo[263], (‘palavras são os verdadeiros instrumentos de trabalho deste mundo’). Palavras de oração com

---

[260] PETERSON, Eugene. *Christ Plays in Ten Thousand Places*. John Murray Press. Kindle Edition; cf. PETERSON, *A maldição do Cristo genérico. A banalização de Jesus na espiritualidade atual*. SP: Mundo Cristão, p.265).

[261] PETERSON, *O pastor contemplativo*, p.43

[262] Idem, p. 44

[263] PETERSON, Eugene H.. *The Contemplative Pastor: Returning to the Art of Spiritual Direction* (Kindle Location 341). Kindle Edition

Deus, palavras de parábola com os homens e mulheres. “O trabalho da criatividade por trás do cenário, por meio da Palavra e sacramento, parábola e oração, subverte o mundo seduzido.”[264] Ele sabe que desde a criação e queda, da história e rebeldia humanas, convergem para a comunidade atual um rio caudaloso e misterioso de pecado e sutilezas nos porões da alma. “O reino do self é um território muito bem defendido, os adãos e evas pós Edém estão dispostos a pagar seus respeitos a Deus, mas não querem que Ele invada seu terreno.”[265] Para entender este sistema de defesa desenvolvido pelos indivíduos e comunidades precisamos perceber a sutileza do ato pecaminoso, amadurecido e duradouro no erro, que longe de ser resultado de uma fraqueza desculpável da vontade ou uma queda fruto de um tropeço da caminhada, de fato manifesta-se como uma endurecida defesa contra Deus.[266] Israel tinha dura cerviz e agia como se Deus não visse suas obras. Ainda mais era reincidente e dissimulado.

A comunidade era o lugar de ocultar os pecados do self sob a capa de religiosidade e cerimonialismo cultual. Em uma de suas primeiras obras Peterson já advertia que havia uma tendência nefasta de ignorar ou evitar o fundamento da comunidade em sua plena transparência e pessoalidade que era transformá-la em instituição:

> Outro modo comum de escamotear o imperativo de comunidade é transformar a igreja numa instituição. Dessa forma as pessoas são tratadas não na base de relacionamentos pessoais e sim em termos de funções impessoais. No processo a igreja torna-se cada vez menos e menos uma comunidade e cada vez mais e mais um coletivo de unidades contribuintes.[267]

---

[264] PETERSON, *O pastor contemplativo*, p. 48

[265] Idem, p. 42

[266] Idem, p. 42

[267] PETERSON, *Uma longa obediência na mesma direção*, p. 134

Para trabalhar pastoralmente na comunidade e formar nela o caráter do Reino de Deus é preciso “uma imersão nela aceitando-a totalmente”.[268] Aceitar uma comunidade em si e não como uma reunião de indivíduos que vão ser tratados isoladamente. O que está em questão para Peterson é a natureza e existência da comunidade.

Quando Peterson defende que Cristo atua em três dimensões que abrangem o todo da manifestação da vida: natureza, história e comunidade, ele ultrapassa a estreiteza do individualismo e quer atingir uma vida cristã e espiritual que representa a imersão na Trindade. Desse modo, Peterson resgata uma grandeza da Revelação que ficava no campo do mistério e da polêmica teológica, sem impacto prático na vivencia cristã. Ele anuncia então que:

> A noção de trindade é a formulação teológica que fornece a estrutura mais adequada para manter as conversas sobre a vida cristã coerentes, focadas e pessoais. Desde o início, a comunidade cristã percebeu que tudo a nosso respeito – adorar e aprender, conversar e ouvir, ensinar e pregar, obedecer e decidir, trabalhar e brincar, comer e dormir - se desenrola no território da Trindade, ou seja, na presença e no meio das operações de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Se a presença e a operação de Deus não forem entendidas como o que define quem nós somos e o que nós fazemos, nada será entendido e vivido corretamente.[269]

A comunidade é um conceito central para clarear o sentido de igreja. Quando se fala da igreja como Corpo de Cristo isto conduz para uma comunidade de reciprocidade, de mutualidade, de compaixão, de pessoas que atendem um chamado para servir umas às outras, para se conhecerem pessoalmente, caminharem juntas em amor e fé. Uma igreja que confessa o evangelho precisa evoluir para aprofundar

---

[268] PETERSON, *A maldição do Cristo genérico*, p. 265

[269] Idem, p. 19

sua comunhão até o grau da comunhão que existe na Trindade. Até vir a ser uma comunidade Santa de adoração, serviço e testemunho.

Uma sociedade corroída pela falência das instituições históricas como a família, os núcleos culturais locais, artes e artesanatos nativos, tradições religiosas, festas e reuniões comunitárias e sobretudo a autenticidade dos relacionamentos face a face, dependerá de uma igreja e um ministério pastoral encarnado e fortalecido pelos vínculos do discipulado comunitário. Para isso uma nova teologia vem ganhando espaço no meio batista que resgata a dimensão comunitária da teologia e da função pastoral local. Assim Erickson define pastor como aquele "ministro cristão em sua função de ensinar, alimentar espiritualmente e cuidar de uma congregação local".[270]

Em convergência com esta definição de Erickson o teólogo comunitariano Grenz reunindo teologia e comunidade elege como destinatário e centro de sua teologia a comunidade e aponta a diferença de sua perspectiva das demais teologias sistemáticas dizendo: "acima de tudo estas obras diferem de teologias recentes no motivo integrador – comunidade – em torno dela a discussão revolve." E insiste mais que "meu alvo é considerar nossa fé dentro do contexto do programa central de Deus para sua criação, a saber, o estabelecimento da comunidade."[271]

A comunidade como pressuposto da teologia da igreja e para a igreja, foi tema de Shedd na obra sobre a solidariedade da humanidade na teologia paulina.[272] A comunidade está fundamentada sobre o pressuposto básico da unidade humana

---

[270] ERICKSON, Millard. *Dicionário popular de teologia*. SP: Mundo Cristão, p. 147.

[271] GRENZ, Stanley J. *Theology for the community of God*. Michigan: Wm. B. Eerdmans, 2000. p. xxxi; ver também, Grenz, Stanley. *Renewing the center*. Baker House, 2006, p. 295.

[272] SHEDD, Russel. *St. Paul's application of Old Testament and early Jewish conceptions of the solidarity of the human race*. Faculty of Divinity, The University of Edinburgh, 1955. https://era.ed.ac.uk/bitstream/handle/1842/33924/SheddRP_1955redux.pdf?sequence=1&isAllowed=y; https://era.ed.ac.uk/handle/1842/33924 acesso em 30/09/2020.

em comunidade e não apenas um agrupamento de indivíduos. Shedd dizia então que "as principais doutrinas do Novo Testamento incluindo os campos da Antropologia, Soteriologia e Eclesiologia bem como a Cristologia só podem devidamente compreendidas à luz da visão de Paulo sobre a solidariedade da humanidade".[273] Parece-nos que Shedd não está defendendo apenas a tese da igualdade humana e da unidade substancial da natureza humana, mas a ideia de que a natureza humana se realiza na solidariedade e na comunidade, ou seja, na interação humana.

A afirmação de Anthony Thiselton em sua *Teologia Sistemática* reforça bem isso que queremos propor:

> Muitos cristãos aceitam a fé com mentalidade individual e podem ser tentados a perguntar 'Por que Igreja?', não obstante o batismo ser o modo normal e formal de entrar no corpo da comunidade que é a igreja e ser iniciado nos princípios cristãos. Mais especificamente, Deus chamou para si mesmo um povo e não uma coleção de indivíduos.[274]

Segundo Grenz esta comunidade se estrutura e é facilitada por líderes entre os quais está o pastor. Os pastores dentre os lideres provenientes da estrutura comunitária cristã primitiva do Novo Testamento "permanecem como os mais significativos para a igreja estrutura de hoje".[275] Exatamente esta perspectiva comunitária que encontramos em Calvino, quando ele se refere ao Credo que vamos pressupor nesta pesquisa e proposta ministerial. Afirma Calvino em 'A igreja como a comunhão dos santos':

> E por isso se associa a expressão "a comunhão dos santos", frase que, embora fosse ordinariamente omitida pelos antigos, contudo, não pode ser negligenciada, uma vez que exprime excelentemente a

---

[273] Idem, p. XI.

[274] THISELTON, Anthony. *Systematic Theology*. Michigan: Eerdmans, 2015. p. 346.

[275] GRENZ, Stanley J. *Created for community. Connecting Christian belief with Christian living*. Michigan: BakerBooks, 1998. p. 249.

> natureza da Igreja, como se ocorresse que com esta norma os santos são agregados à sociedade de Cristo: que todos e quaisquer benefícios que Deus lhes confira, entre si, mutuamente, compartilhem.[276]

O referencial comunitário e seu lugar fundamental na tradição reformada e batista viveu em conflito com a tendência institucionalizante. Max Weber identificou a forte tendência organizacional sofrida pela religião como instituição social por decorrência de sua ética modeladora na formação da era moderna na Europa. O espírito do capitalismo e a ética protestante fizeram um casamento perfeito no desenvolvimento do mundo ocidental moderno. Claro que isso haveria de modelar a própria igreja e a vocação comunitária foi ameaçada pelo espírito institucionalizante e burocrático transferindo para a liderança o papel preponderante na Imago Eclesia diante da realidade social.[277] Os problemas envolvendo o ministério pastoral batista aqui levantados e analisados são, pois, vistos a partir desse referencial teológico herdeiro da reforma e buscam encontrar respostas adequadas ao tempo e às condições religiosas e denominacionais que vivemos, guardando este referencial básico de um ministério pastoral a serviço da edificação do corpo de Cristo como comunidade de fé.

Alguns historiadores e teólogos da Convenção Batista do Sul dos EUA, em recente obra coletiva afirmam que historicamente:

> Os Batistas que adotaram essa confissão (Segunda Confissão de Londres) afirmavam a necessidade de associações, não só baseadas em considerações pragmáticas, mas porque a cooperação é saudável e encarna o tipo de unidade que caracterizava a igreja de Cristo quando ela se reunir na ceia das bodas do Cordeiro (Apoc. 19: 6-10). A cooperação associacional é tanto sobre eclesiologia e escatologia quanto sobre missões e discipulado. Essa visão de eclesiologia foi trazida para dentro das novas colônias e colônias do interior. As igrejas da Filadélfia adotaram a versão emendada da Second London

---

[276] CALVINO, João. *As institutas da religião cristã*. Op. cit. Vol. 4, p. 27.

[277] WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. SP: Pioneira, 2003.

> Confession, incluindo suas afirmações tanto de autonomia local como de associações.[278]

Sempre houve entre os Batistas uma tensão confessional e eclesiástica entre autonomia da igreja local e associatividade eclesial. Os autores desta nova história dos Batistas, escrita da perspectiva da nova ordem administrativa e política denominacional implantada a partir dos anos 80 do Séc. XX na Convenção do Sul dos EUA, mantém sua firmeza na confissão da autonomia da igreja local e do caráter comunitário da igreja de Cristo. Claro que esta não é a única história da convenção batista, a Aliança Batista Mundial reúne centenas de grupos da mesma denominação batista espalhada pelo mundo e que pensam diferente. A Convenção do Sul dos EUA, entretanto é espelho de tendências e repercussiva de crises denominacionais em escala global.

No Brasil a denominação Batista da CBB muito cedo queimou a etapa associativa que caracterizava as primeiras igrejas batistas dos séculos 17 e 18 na Inglaterra e nas colônias americanas. A criação da Convenção Batista Brasileira em 1907 sobrepôs uma estrutura às igrejas locais que antes havia sido mediada pelas associações de igrejas em regiões geográficas ou países. Em anos recentes os debates sobre reestruturação denominacional e jurídica da convenção explorou a tensão entre a autonomia da igreja local e a estrutura da convenção. A igreja local estava em desvantagem diante das grandes assembleias gerais da convenção. Além disso, crescia a opinião de que as igrejas locais precisavam de uma proteção contra os desvios doutrinários e os prejuízos patrimoniais que isso gerava. A denominação perdeu grandes propriedades e grandes igrejas devido ao respeito à autonomia da igreja local. Os batistas não distinguem entre autonomia do corpo de Cristo e autonomia patrimonial e jurídica. Esta tensão crescente resultou em mudanças jurídicas que concedeu à convenção autoridade de intervenção nas igrejas locais

---

[278]CHUTE, Anthony, FINN, Nathan, and HAYKIN, Michael. *The Baptist Story: From English Sect to Global Movement*. B&H Academic. 2015, p. 316.

consolidando o desejo restritivo de autonomia confessional e jurídica de boa parte da liderança nacional. Esta autonomia já era de fato parcial por decisão da própria igreja local ao entrar no pacto convencional e poder usufruir de toda a estrutura que a convenção criou e oferecia nas áreas de missões, educação cristã, editora, educação teológica, verbas patrimoniais entre outras.

Os pastores ganharam o status amplo de ministério em toda a convenção e não apenas em uma igreja local. O ministério pastoral foi aos poucos se envolvendo com os processos políticos e administrativos da convenção, com suas organizações, juntas, convenções estaduais, secretarias e toda uma burocracia eclesiástica e mistura de lideranças, funções etc. que enfraqueceu a identidade e simplicidade do ministério pastoral. Os planejamentos denominacionais racionalmente confinavam todos sob uma estratégia administrativa e metas convencionais sem reconhecer ao ministério pastoral o lugar de sua singularidade que é o convívio com a comunidade com dignidade salarial e reconhecimento.

Toda herança da Reforma aponta para uma igreja de base, da comunidade, do rebanho e não do clero ou da liderança. A concretude da igreja está na materialidade de seus membros, o corpo local de Cristo. Rosa defendeu que a definição da identidade e função do pastor devem ser tratadas com referência às questões existências em relação a si mesmo, em seguida com relação a comunidade real dos fiéis, por fim a Igreja e comunidade circundante e em relação a Deus que o vocacionou. A questão ‘o que é a igreja’ é inerente à resposta sobre quem é e qual relevância do pastor hoje. Assim afirma Rosa: “diremos que o pastor deve agora definir sua identidade em termos da igreja e da Comunidade”.[279]

O testemunho efetivo da fé da igreja é dado pela visibilidade e penetração na realidade histórica e social no mundo. Assim sendo o ministério pastoral envolve um

---

[279]ROSA, Merval. *O ministro evangélico, sua identidade e integridade*. Duque de Caxias: AFE. 1982. p. 39, 51

duplo esforço no sentido de preparar o povo de Deus em comunidade humana para viver sua nova vida em Cristo causando impacto redentivo no mundo, por um lado e transcender a realidade terrena para além do vale, por outro lado revelando sua fé e louvor ao Deus Único e Seu Cristo no poder e inspiração do Espírito Santo. O tema do ministério pastoral é inseparável do conceito bíblico de Igreja. Uma filosofia do ministério pastoral é, pois, profundamente teológica e eclesiológica.

Grenz desenvolve em sua teologia bem mais do que se esperaria de um teólogo batista, via de regra centrado-no-individuo, quando ele aprofunda esta aplicação da teologia à vida cristã em comunidade, defendendo que fomos criados para comunidade. Ele diz que:

> No coração da mensagem cristã estão as boas novas de que o Deus Triúno deseja trazer-nos para dentro da comunhão e relacionamento com Ele mesmo, com os outros e com toda a criação. Eu creio que essa visão bíblica de comunidade pode prover os fundamentos para uma vida verdadeiramente cristã. Como estamos destinados pelo Espírito Santo para viver com base nesta visão.[280]

Esta visão de Grenz modifica aquela que normalmente se defende entre os batistas, qual seja, de uma precedência do indivíduo em relação à comunidade. Na sua interpretação da teologia da criação a *imago Dei* está plasmada na comunidade e não em um indivíduo. Thiselton corrobora esta importância teológica da comunidade quando defende um ministério colaborativo à luz do Novo Testamento: “O ministério é um colegiado e uma atividade colaborativa”.[281]

Peterson afirma que “Cristo atua na comunidade de pessoas com quem vivemos e queremos participar dessa atuação”.[282] Ainda mais, “é na comunidade, e

---

[280] GRENZ, Stanley. *Created for community*, p. 12

[281] THISELTON, op. cit. p. 356.

[282] PETERSON, *A maldição do Cristo genérico*, p. 264

não no individualismo tão alardeado em nossa cultura que Cristo atua".[283] Esta ênfase cultural e filosófica invertida, proposta por Peterson e corroborada por Grenz faz da comunidade o lugar da Trindade.

Há, entretanto, uma decisiva herança individualista presente na teologia e prática dos batistas brasileiros, representada especialmente pela posição e produção teológica de A. B. Langston e os teólogos de Louisville, isto é, do Southern Baptist Theological Seminary, Louisville, Kentucky, EUA, da Southern Baptist Convention, conhecida dos batistas brasileiros como Convenção do Sul, que vieram como missionários Batistas na primeira metade do século XX. O Southern Baptist Theological Seminary é o mais antigo dos seis seminários afiliados à Convenção Batista do Sul. Foi fundado em 1859. Alva Bee Langston chegou ao Brasil em 1909 e trabalhou até 1936, juntamente com sua esposa.[284] Todo seu ministério e magistério foram dedicados ao Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Ele foi Deão e professor de teologia e disciplinas afins. Langston foi aluno de Edgar Mullins e também recebeu no Southern Baptist o grau de doutorado.[285] Ele que trouxe dos pioneiros das Convenção do Sul dos EUA, como Edgar Y. Mullins e T. W. Conner a força do liberalismo e individualismo clássicos.[286]

Em sua obra *O princípio de individualismo em suas expressões doutrinarias ou um exame dos alicerces das crenças baptistas*, Langston apresenta o resultado de muitos anos de ensino e aulas para a liderança batista sobre as doutrinas e princípios

---

[283] Idem, p. 267

[284] MEIN, David (Org.). *O que Deus tem feito*. RJ: Juerp, 1982. pp. 127, 350

[285] ALMEIDA, Abelardo Rodrigues. *O princípio do Individualismo em Langston* IN: Revista Teológica. RJ: STBSB. Ano IV, n. 09, pp. 47-51.

[286] MULLINS. Edgar. *The axioms of religion. A new interpretation of the Baptist faith*. ABP, 1908; cf. *Os axiomas da religião*. RJ: CPB, 1956. 3ª. Ed.

batistas na Chautauqua Baptista nos Rio de Janeiro[287] Esta longa reflexão e discussão travada em classes, posteriormente trabalhadas, foi depositada como tese de PhD no Seminário de Louisville, Ky, EUA. Esta tese foi traduzida pelo eminente pastor Almir S. Gonçalves e publicada em 1933, sendo saudada pelos líderes da Convenção Batista Brasileira Francisco Filson Soren e Francisco de Miranda Pinto. O tradutor Dr. Almir Gonçalves declara que:

> Tenho a presente these como uma das melhores no gênero, talvez a que com maior clareza e ao mesmo tempo distinção de conceitos apresenta o magno assumpto sob ponto de vista christão, ou melhor bíblico. É uma exposição fiel aos princípios básicos que determinam as grandes doutrinas da fé baptista. Creio que a sua publicação em nossa língua será um dos melhores serviços que o seu mui digno autor presta a Causa da evangelização e do doutrinamento bíblico em nossa estremecida Pátria.[288]

A defesa de Langston do princípio do individualismo como ‘pedra de esquina’ da estrutura doutrinaria dos batistas é radical. Ele defende o princípio do individualismo como o elemento primeiro de construção da teologia batista. Este é o seu princípio hermenêutico básico.[289] Se me demoro um pouco agora em Langston é porque ele não apenas propôs uma tese acadêmica, mas por causa do seu ministério docente que formou a teologia de grande parte das duas primeiras gerações de pastores e líderes denominacionais.

Haviam apenas dois seminários no Brasil nesta fase do trabalho: o Seminário do Rio e de Recife. O seminário do Rio era influenciado totalmente pela teologia de Louisville. O seminário do norte em Recife por sua vez, estava liderado por H. H. Muirhead de Fort Worth, TX., chamado de seminário do Sudoeste, Southwestern

---

[287] LANGSTON, A. B. *O princípio do individualismo em suas expressões doutrinarias*, p.3 (Conservando a grafia original)

[288] Idem, p.7

[289] ALMEIDA, *O princípio do individualismo em Langston*, p. 48

Baptist Theological Seminary, que iniciou suas atividades em Waco, TX, até 1910, junto da Baylor University depois foi transferido para Forth Worth.[290]

Langston amadureceu ao longo de seu trabalho docente que o pensamento de Mullins e o princípio da competência do indivíduo diante de Deus, a tese de que tudo conduzia para um único pilar na teologia batista e este é inequivocamente o pilar do individualismo. Sua conclusão foi de natureza hermenêutica e propôs que toda a sistematização da doutrina batista e cristã de fato era derivada de princípios anteriores ao edifício teológico. Langston afirma que "o princípio é de onde nasce a doutrina".[291] Assim consagrou o individualismo como pilar da política denominacional e pressuposto hermenêutico da doutrina batista. Langston tomou o conceito de individualismo acriticamente. Ele usou o conceito pelo prisma da autonomia do indivíduo como definido pelo sacerdócio universal do crente, mas não deu muita atenção ao conceito de indivíduo como definido pela filosofia política dos pactualistas ingleses Hobbes e Locke. Estes pais do estado moderno conjugavam o individualismo com o pressuposto de sociedade pactual.

Israel Belo de Azevedo propôs como figura da tradição batista "a celebração do indivíduo". Ele faz longo e importante estudo da relação entre o liberalismo e a formação do pensamento batista e afirma:

> O modo protestante batista de pensar, portanto, é um modo majoritariamente liberal de pensar. Desde o século 16, o espectro do indivíduo ronda o pensamento ocidental. A celebração do indivíduo, no pensamento protestante em geral e do protestantismo batista em particular, é uma resposta moderna ao problema do lugar do homem na sociedade.[292]

---

[290] MEIN, David, *O que Deus tem feito*, p. 119

[291] LANGSTON, A. B. *O princípio do individualismo*, p. 18

[292] AZEVEDO, Israel Belo. *A celebração do indivíduo. A formação do pensamento batista brasileiro.* SP: Unimep, 1996. p.309

Indivíduo e individualismo têm certamente diferenças semânticas e ideológicas. Belo encontra no liberalismo a explicação para o modo de pensar batista focado no indivíduo, em suas experiências subjetivas e religiosas, e as exigências batistas para reconhecer a autenticidade da experiência religiosa de conversão e salvação do homem que pode fazê-lo apto para batismo em uma igreja local. Aparentemente para Israel Belo, não há justificação para distinguir individuo de individualismo na tradição batista em si. As ideias se confundem na prática batista. Langston teria dado uma interpretação razoável do elemento estruturante do modo de pensar batista que chegou ao Brasil e aqui estendeu suas raízes. Resenhando a produção de Mullins e Langston, Belo conclui que Langston "não teve dificuldade de afirmar o individualismo como princípio fundamental de seu sistema" e que "é, portanto, sobre esses postulados que os batistas erigem seu sistema teológico".[293]

O princípio-comunidade de Peterson levantado em face do individualismo enraizado na cultura religiosa americana coloca uma via de contramão pela frente, uma via de contracultura dentro da própria igreja. A comunidade enfrenta obstáculos de todos os lados hoje. Além do individualismo, temos a desagregação da família, a competição corporativa que suga as energias do homem e mulher no trabalho, as guerras, as ideologias políticas e econômicas concentradoras de poder e fidelizações, a tecnologia etc. Precisamos reconhecer no contexto histórico dos batistas a tensão entre o princípio-indivíduo e o princípio-comunidade. A definição de igreja batista reúne a autonomia do indivíduo e a igreja como uma forma de pacto que dá coesão ao grupo como uma modalidade de sociedade cristã. A coesão do grupo é análoga ao pacto social regido por uma confissão de fé e um estatuto que estabelece as regras de disciplina coletiva e moral. A Declaração Doutrinária da CBB define igreja da seguinte forma:

---

[293] Idem, p. 230, 231

> Igreja é uma congregação local de pessoas regeneradas e batizadas após profissão de fé. É nesse sentido que a palavra "igreja" é empregada no maior número de vezes nos livros do Novo Testamento. Tais congregações são constituídas por livre vontade dessas pessoas com finalidade de prestarem culto a Deus, observarem as ordenanças de Jesus, meditarem nos ensinamentos da Bíblia para a edificação mútua e para a propagação do evangelho.[294]

Entretanto nesta altura devemos perguntar se é obvio e justificado para todos que o cristão precisa realmente viver em comunidade nesse século do individualismo. O problema é levantado por Bonhoeffer em sua obra *Vida em comunidade*, considerada por Peterson como "talvez o melhor livro do século vinte sobre comunidade"[295], onde ele diz: "não é óbvio que a pessoa Cristã viva entre cristãos. Jesus viveu em meio a seus adversários."[296] Há uma real situação que impede a vida em comunhão e comunidade para muitos cristãos ao redor do mundo e em determinados períodos históricos de perseguição. Bonhoeffer, então, declara que:

> As pessoas presas, doentes, solitárias na dispersão, que pregam o Evangelho em terras pagãs estão sozinhas. Elas sabem que a comunhão visível é graça. E oram junto com o salmista: "Eu irei ao altar de Deus, ao Deus que me alegra. Vou exultar e celebrar-te com a harpa" (Salmo 42.4). No entanto, permanecem solitárias, semente dispersa em terras distantes, conforme a vontade de Deus. Porém, elas apreendem tanto mais veementemente pela fé o que lhes é negado como experiência visível.[297]

A comunidade igreja se destina a ser uma unidade social do Reino de Deus que expressa um dom da graça visível de Deus aos homens e nas palavras de Bonhoeffer:

> O privilegio que os cristãos têm de viver já agora em comunhão visível com outros cristãos, no período entre a morte de Cristo e o juízo final,

---

[294] *PACTO E COMUNHÃO*, p. 23

[295] PETERSON, *Uma longa obediência*, p. 137

[296] BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão*. RS: Sinodal, 2015. p. 9

[297] Idem, p.10

> é apenas uma antecipação misericordiosa das coisas derradeiras. É graça de Deus uma comunidade poder reunir-se neste mundo, de maneira visível, em torno da palavra de Deus e dos sacramentos.[298]

O Reino é uma comunidade redimida pela obra do Pai, Filho e Espírito Santo. Por isso quando Peterson ensina que Cristo atua na criação, na história e na comunidade, esta comunidade é diferente de sociedade ou das pessoas em geral que partilham o mundo, os negócios, os recursos naturais, os transportes, a água, suas propriedades etc. Ele pensa uma comunidade especial que pode adquirir e viver as marcas especiais da Trindade em sua comunhão e testemunho no meio do mundo geral e da sociedade geral.

Peterson não está falando do objeto da sociologia, da economia ou da ciência política, mas daquela forma orgânica e autônoma de pessoas se unirem com uma causa e movidos por uma convicção comum para agirem dentro da sociedade e para promoverem o bem comum da irmandade. Em nota de rodapé Peterson esclarece que:

> A Bíblia nos oferece um vocabulário rico que dá textura a termos gastos como 'comunidade': povo de Deus, congregação, grande congregação, igreja, povo escolhido, sacerdócio santo, nação santa, santos (sempre no plural), escolhidos, Israel de Deus, casa, templo família, corpo, assembleia. Usarei todos eles, mas convém observar que 'todos' os termos são coletivos.[299]

Peterson indica que o trabalho pastoral deve ser orientado para a comunhão e para formar características interpessoais e orgânicas na igreja de Cristo. Ela é um coletivo com características pessoais, onde atua vontade, sentimento, propósito, biografias, narrativas vividas, unidade e convergência espiritual. Desse modo a própria comunidade será uma força de subversão no interior da sociedade.

---

[298] Idem, p. 10

[299] PETERSON, *A maldição do Cristo genérico*, p. 265

Ajuda-nos a compreender melhor esta ideia de Peterson, quando buscamos as suas leituras inspirativas anteriores recomendadas em seu livro *Take and read*,[300] como a Martin Buber e sua compreensão de comunidade. Primeiro ele entende que sociedade e comunidade são coisas bem diferentes. Ele diz: “o sistema de comunidades é a legítima união de uma pluralidade de comunidades concretas de todo tipo e se forma pelas mesmas leis do encontro mútuo em nome de Deus”.[301] Ele afirma que “a comunidade é união de homens em nome de Deus numa instancia viva de sua realização. Tal união pode efetivar-se somente quando homens se aproximam uns dos outros e se encontram de modo imediato, na imediaticidade de seu dar e receber”.[302] Aqui o Judeu se aproxima do Cristão e diz o que Jesus afirmou que “onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome aí estarei no meio deles”. (Mat. 18.20). Depois, Buber afirma ainda que “a sociedade é uma unidade organizada com aparência mecânica, mas que é na realidade uma massa”.[303] Por isso a organização não é por si só suficiente para caracterizar uma comunidade. Uma empresa não é uma comunidade. Nem mesmo o pacto social é bastante para formar uma comunidade ainda que seja requisito para formar um estado de direito.

Peterson adianta a discussão e entra diretamente no problema da dialética interna das comunidades, ou dito em termos teológicos, a realidade do conflito entre carne e espírito, eu e tu, no dia a dia da comunidade. A comunidade não está imune ao conflito, mesmo a comunidade ressurreta. Como diz um dos precursores da sociologia alemã e inspirador de Buber, Ferdinand Tonnies sobre a relação Comunidade e Sociedade:

---

[300] PETERSON, *Take and read. Spiritual reading*. Annotated list. Kindle Ed. Posição 503.

[301] BUBER, M. *Sobre a Comunidade*. SP: Ed. Perspectiva, 1987. p. 48

[302] Idem, p.47

[303] Idem, p. 50

> As relações psíquicas de uns para com os outros podem ser, segundo sua direção, em parte amistosas e em parte hostis, ou dito com termos lógicos, positivas, negativas ou mistas. Partindo de ideia fundamental de que todas as relações unem ou desunem.[304]

Peterson confirma que tinha “uma congregação de santos e pecadores”. Ele descobriu que tinha uma batalha pela frente. O que estava em jogo era a vida – a vida deles, a alma deles, a alma deles em comunidade. As pessoas podem pensar corretamente, comportar-se de modo adequado, cultuar com educação e ainda assim, não viver bem, ter uma vida anêmica, de individualismo egoísta, uma vida entediada, insípida e trivial.[305] O segredo está em ajudar a comunidade a descobrir e viver a vida ressurreta. A doutrina da ressurreição é resgatada para ser uma vivencia pessoal e comunitária. “A ressurreição nos insere na vida em comunidade, a comunidade sagrada – a comunidade da ressurreição. A ressurreição de Jesus é o ponto de partida querigmático para vivermos na comunidade do Espírito Santo”.[306]

O que de fato significa esta proposta de Peterson, de espiritualidade da ressurreição, para moldar a vida comunitária cristã? Para começar admitamos que o individualismo esteja sempre presente e nossa atitude natural e cultural é refugiar nele. O princípio não removível é este: “gostemos ou não, somos uma comunidade. Não escolhemos estar nessa comunidade; fazemos parte dela em virtude da ressurreição de Jesus”.[307] Ou seja, nascemos de novo em comunidade, a igreja ou o corpo de Cristo; somos colocados assim nele pela mão do próprio Senhor. Mas uma das principais formas de enfraquecer a igreja é considerá-la e tratá-la como uma instituição.

---

[304] TONNIES, Ferdinand. *Principios de sociologia*. México: FCE, p. 29

[305] PETERSON*, A maldição do Cristo genérico*, p. 268

[306] Idem, p.269

[307] Idem, p. 271

Ele nos predestinou para a comunidade de filhos. Esta é uma ação soberana e vertical envolvendo os salvos, e com a participação direta do Pai, Filho e Espírito Santo que agem harmonicamente na redenção e formação do corpo e comunidade de filhos. Nesta comunidade de filhos, nesta nova humanidade será plasmada a Trindade e todas as suas características transferíve para os salvos. A comunidade é a melhor imagem de Deus para o mundo, a mais revolucionária e espiritual; e a melhor e mais eficiente maneira de um ser humano aprender e praticar o amor de Deus e as características da união trinitária Divina na nova humanidade.

Peterson afirma sua confiança no plano de Deus que instituiu a igreja nas bases análogas à da eleição de Israel cuja razão de ser no mundo era anunciar a glória de Deus e promover o Seu reconhecimento pelas nações. O mundo devia ver os eleitos diante do seu Deus em serviço e adoração e diz:

> Tenho certeza de que a igreja é a comunidade que Deus colocou no centro do mundo para manter o mundo centrado. Um dos aspectos essenciais dessa tarefa de manter o mundo centrado chama-se formação espiritual — a formação da vida de Cristo em nós, processo que dura a vida inteira. Ela consiste no que acontece entre o momento em que tomamos consciência da nossa identidade como cristãos e aceitamos essa identidade e o momento em que nos sentarmos para a "ceia das bodas do Cordeiro" (Ap. 19:9). Ocupa-se do modo como vivemos no período que vai entre o dobrar os joelhos no altar e o ser atropelado pela carreta.[308]

A igreja é como fiel da balança na história e na sociedade. Peterson acredita na igreja como a comunidade que pode lembrar onde está o centro para o mundo, onde está o norte, povo que aponta o rumo a seguir. Para tanto a formação de uma vida espiritual regida pela ressurreição de Jesus e que permeie a totalidade da vida é necessária. A atitude espiritual verdadeira vem da compreensão do poder da ressurreição de Jesus em ação na vida entre a adoração e morte.

---

[308]PETERSON, E. *Viva a ressurreição*. SP: Mundo Cristão, 2007. p. 8

Há duas obras de Peterson dedicadas ao princípio da ressurreição aplicado à teologia espiritual, uma sobre a epístola aos Efésios e outra sobre a ressurreição nos evangelhos: *Living the resurrection: the risen Chirst in everyday* de 2006 e traduzida para o português em 2007, pela editora Mundo Cristão com o título *Viva a ressurreição: os princípios da formação espiritual*; a outra, *Practice Resurrection: A Conversation on Growing Up in Christ*, de 2010 e sem tradução em português.

O princípio da ressurreição como propulsor da vida cristã representa a vitória da Trindade na obra da salvação, premeditada e preparada antes da fundação do mundo. Cristo é a Pedra Angular de todo projeto da criação. A trindade atua em uníssono para a Consumação da salvação. A ressurreição é demonstração do poder trinitário que se dá e se retoma na vitória sobre a morte. O ato de morte e ressurreição do Filho de Deus revela a superioridade do amor e justiça divinos em grau infinito e onipotente, soberano. O tradutor Robinson Malkomes, de *Living Ressurrection*, compreendeu bem o espírito de Peterson ao propor o título em português como Viva a ressurreição: o princípio da formação espiritual.[309]

Peterson ensina que o princípio da ressurreição atua na formação da vida espiritual como poder estruturante e soberano que nos define e nos dá energia:

> O que pretendo fazer é restaurar a ressurreição ao centro e abraçar as tradições que dela advêm para nossa formação. Vou tratar de três aspectos da ressurreição de Jesus que nos definem e nos dão energia quando passamos a viver a "ressurreição na prática". Em seguida, farei um contraste entre essa vivência da ressurreição a partir da realidade e das condições da ressurreição de Jesus e aquilo que julgo serem os hábitos ou pressupostos culturais mais comuns que nos levam a perder consciência da ressurreição ou que nos desviam dela. A isso darei o nome de "des-construção da ressurreição". No final, apresentarei algumas sugestões sobre o que faz parte da

[309] PETERSON, E. *Viva a ressurreição*. SP: Mundo Cristão, 2007.

> "ressurreição na prática": o ato de viver a vida de forma adequada e sensível num mundo onde Cristo ressuscitou e está vivo.[310]

Peterson trata dos três aspectos de vivencia da ressurreição nesse ensaio de espiritualidade, que são: o fascínio, a comida e a bebia e os amigos. De fato, ele trata estes três como figuras, tipologias e como realidade espiritual. Fazendo da ressurreição o caminho pelo qual a Trindade opera em nós, nosso legado em Cristo, então Peterson se propõe a redefinir o que a ressurreição é para nós hoje e afirma:

> A ressurreição havia reconfigurado e redefinido radicalmente a pessoa de Jesus. Ele era especial, é claro. Mas o conceito tão tradicional que os discípulos tinham da ressurreição como vida após a morte estava sendo totalmente redefinido como vida "na terra dos viventes". Trata-se de algo bem radical, tão radical para mim e para você quanto foi para eles.[311]

Peterson identifica três atitudes em face da ressurreição de Jesus, tirados dos evangelhos e das narrativas envolvendo discípulas e discípulos que são: o sentimento de temor e tremor diante do tumulo vazio e do mistério (isto que Rudolf Otto chama de *Mysterium Tremendum*[312]); o fascínio com a ação e poder de Deus revelado pelas testemunhas da ressurreição; e por último a vigilante abertura para Deus, quando tenho obediência ao Schabat, tempo de Deus e para Deus. Conforme explica Heschel em sua obra O Schabat, Deus institui tempo de meditar, tempo de esperar, tempo de guardar que prepara e amadurece a compreensão do discípulo.[313]

Estas atitudes do discípulo e da comunidade fazem a ressurreição fascinante de novo para nós, nos coloca diante do *Mysterium Tremendum*. Para Peterson há uma

---

[310] Idem, pp. 9, 10

[311] Idem, p. 44, 45

[312] OTTO, R.. *The ideia of the Holy*. Galaxy Book, 1964. 232 p.

[313] HESCHEL, Abraham J. *O schabat, seu significado para o homem moderno*. SP: Perspectivas, 2014, 146p.

diferença entre o *Misterium Tremendum* que envolve pavor e fuga e Fascinium da Ressurreição, que está envolto em amor. Ele ensina que:

> O temor do Senhor é medo sem o elemento do pavor. Por isso, ele muitas vezes vem acompanhado por uma palavra tranquilizadora: "Não temas". Mas esse "não temas" não é alguma coisa que acarreta ausência de medo, mas ele transforma o medo em temor do Senhor. Continuamos sem saber o que está acontecendo. Continuamos sem o controle da situação. Continuamos mergulhados num mistério profundo.[314]

Peterson afirma que esta compreensão da vida cristã é resultado da forma de Deus atuar em nossa formação, verticalmente, forma como promoveu a ressurreição do Filho, cheia de temor e tremor:

> Quanto mais nos envolvemos no que Deus está fazendo menos exercemos o controle. Quanto mais praticamos a ressurreição descobrimos que essa ressurreição que diz respeito a uma relação tão intensamente pessoal no Pai, no Filho e o Espírito, ao mesmo tempo nos mergulha em relacionamentos nunca antes experimentados com nossos irmãos e irmãs.[315]

O que Peterson propõe não é uma volta a igreja ou descobrir o fascínio pela igreja como instituição ou como lugar de entretenimento espiritual. Sua voz reclama uma redescoberta da experiência de igreja com o mistério da vida e com Cristo no poder da ressurreição. Ele não pensa aqui no desigrejado alvo de tantas igrejas que o buscam através de eventos, pesquisa de gosto litúrgico ou metodologias sensitivas. Peterson chama para uma nova comunidade e uma nova forma de viver o evangelho em nosso século mesmo dentro de igrejas históricas e tradicionais no bairro ou em uma missão pioneira.

A visão petersoniana enfrenta e contesta por isso a tendência global de competir por igrejas cada dia maiores, por megas igrejas ou por uma rede de igrejas

---

[314] PETERSON, *Viva a ressurreição*, p. 19

[315] PETERSON, *A maldição do Cristo genérico*, p. 271

no estilo de franquias eclesiásticas que formam uma rede de ministérios repetitivos. São igrejas que assumem por contrato o uso de logomarcas e produtos fornecidos pelo ministério central. Igrejas que giram milhões de dólares em seu orçamento e cujos presidentes e líderes superiores fazem fortuna com seus produtos. Estaríamos ainda dentro do conceito de igreja do Novo Testamento?

Peterson entende igreja como uma comunidade que possa desenvolver comunhão pessoal, não apenas formar células de relacionamento em que a multidão seria um aglomerado de estrangeiros uns para os com os outros. Igreja não um agrupamento de pessoas em um lugar, mas uma comunhão de amigos de jornada. Uma jornada aquecida pelo Cristo Ressurreto a caminho de Emaús. Uma igreja tipo empresa leva a culpa de impessoalizar os relacionamentos. Peterson fala até de uma perda da comunhão e espiritualidade trinitária porque substituímos Deus por nossas atividades religiosas, pela nossa função, pela cultura do fazer.[316]

Torna-se importante uma citação que representa um resumo da prática da ressurreição segundo Peterson em *Practise resurrection*:

> Essas práticas da ressurreição incluem a adoração de Deus em todas as operações da Trindade; a aceitação da ressurreição, identificar-se com nascer de cima (batismo); a integração na formação ressurreta pelo comer e beber do corpo e sangue de Cristo (na Mesa do Senhor); atenciosa leitura e obediência da Revelação de Deus nas Escrituras; oração que cultiva intimidade com as verdades que estão inacessíveis aos nossos sentidos; confissão e perdão dos pecados; acolher o estrangeiro e marginalizado; atuar e falar em defesa da paz e da justiça, salvação e verdade, santidade e beleza; mostrar cuidado para com todos os envolvidos na criação. A prática da ressurreição encoraja a ação imprevisível, espontânea, conforme as bases das estórias da ressurreição apresentadas nas Escrituras e reveladas em Jesus. Milhares de detalhes não previstos ou antecipados da ressurreição proliferam através daquele cenário. A companhia de pessoas que praticam a ressurreição replica o modo de Jesus pelas

[316] PETERSON, *Espiritualidade subversiva*, p. 240

> rodovias e estradas vicinais, nominadas ou numeradas em todos os mapas do mundo. Isto é a igreja.[317]

Peterson em sua conversa com Cusick afirma que lamenta a perda da integridade trinitária que seria a espiritualidade relacional do cristão na dinâmica do interior de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Segundo Peterson, o tempo é de resgate da doutrina da Trindade como vivencia para frear a “cultura do excesso e do conforto” onde “tudo é coisificado e nós nos tornamos coisificados”. Então Peterson mostra sua confiança de que “neste exato momento, está havendo uma grande recuperação da doutrina da Trindade, mas talvez ainda não tenha chegado ao ponto de moldar pastores, líderes e professores”[318]

A comunhão precisa ser a prioridade quando lemos Peterson sobre teologia espiritual na vida comunitária. A comunhão é o espaço de compartilhamento de vida em todas as suas nuances quando experimentamos a presença trinitária de Deus conosco. Por esta razão Peterson tinha um alvo qualitativo claro. Perguntado sobre o crescimento numérico de sua igreja, ele respondeu: “meus alvos pastorais são aprofundar e nutrir o crescimento espiritual nas pessoas e construir uma comunidade cristã – não reunir multidões”.[319]

Como a meta de Peterson sempre foi a de edificar uma comunidade espiritual, então ele estabeleceu metas e estratégias visando desenvolver o senso de comunidade em sua igreja *Christ Our King Presbyterian Church*, mas as coisas não engrenavam. O sentimento de abertura, compartilhamento e hospitalidade ocorreu como um milagre ocorrido com a morte de uma irmã que deixou o marido desempregado e seis filhos pequenos. Algo começou a mover o coração de todos

---

[317] PETERSON, Eugene. *Practise Resurrection*. Hodder & Stoughton. Kindle Edition. pp. 11-12

[318] Idem, p. 241

[319] Idem. P. 274

para o cuidado daquela família e então “de repente tínhamos comunidade na congregação” declara Peterson.[320]

Peterson chama isso de “quase um milagre” porque este fato despertou e trouxe compaixão ao coração da igreja. Desse modo quando foi perguntado sobre “como outras igrejas podem desenvolver uma comunidade?”, ele afirmou:

> É muito difícil, e não há muito senso de comunidade em nosso país. A maior parte de nossos relacionamentos é baseada em necessidades, em papeis que nos são impostos [...] Simplesmente não é fácil chegar ao ponto em que ficamos abertos e vulneráveis o bastante para apenas estar com as pessoas.[321]

Esta resposta de Peterson apenas reforça a ideia de uma criação humana que para ser o que Deus destinou para ela precisa ser acionada pelo próprio Deus Triúno. Duas palavras da resposta de Peterson parecem chaves para isso: abertura e vulnerável. A Palavra da Trindade expressa em eventos, ação e palavra que cria as condições espirituais para que ocorra a comunidade na igreja.

III.3 O *Collegium* pastoral

A prática das reuniões da chamada companhia de pastores converteu-se em um paradigma ministerial na obra de Peterson. A vida e experiências pastorais eram compartilhadas e aprimoradas com a discussão de temas e problemas específicos do dia a dia religioso. A vida contemplativa, livre da lógica pragmática de resultados, a reflexão sobre casos e a valorização da vida litúrgica comunitária tornavam as reuniões estimulantes e edificantes. A companhia envolvia a visão de vocação como

---

[320] Idem, p. 282

[321] Idem, p.282

estilo de vida e aprendiz de Deus. Peterson acredita que o *collegium* de pastores “nos protege do perigo do vírus messiânico”.[322] Ele atendeu ao conselho que seu pastor lhe deu pouco antes de sua ordenação: “A carreira de professor ou de pastor não é lugar para lobos solitários”.[323]

Os pastores batistas da Convenção Batista Brasileira estão organizados em uma grande Ordem nacional e secções menores nos estados e por associações de igrejas. Todo este conjunto de relações institucionalizadas não conseguiu desenvolver uma rede de proteção contra as crises de identidade e funcionalidade do ministério batista. Nossa análise inicial mostrou uma completa falta de definição bíblica da função do ministério pastoral no interior dos planejamentos denominacionais e a visão unidimensional de ministério como função reprodutora de planejamentos denominacionais e uma força doutrinadora e multiplicadora de metas e métodos de crescimento numérico de igrejas.

Esta carência batista por um modelo de cuidado pastoral encontra em Peterson uma alternativa, pois ele renova o pastorado para trabalhar com uma geração estranha aos valores bíblicos da simplicidade e hospitalidade para com o humano e viveu a senda de um vocacionado urbano que busca compreender suas ovelhas agitadas pelas ondas do mundo capitalista e pós-moderno, ao mesmo tempo em que enfrenta as ondas de modelos pastorais baseados em ideias da administração de empresas atuais.

Peterson acreditava em uma ciência do ministério pastoral compartilhada. Perguntado se tinha um grupo íntimo de colegas de ministério ele respondeu:

> Encontro-me com um grupo de doze pastores de várias denominações a cada terça-feira das 11h30 às 14 horas para orar e estudar a Bíblia. Como todos usamos um leccionário, pregamos na mesma passagem.

---

[322] PETERSON, *Memórias*, p. 158

[323] Idem, p.105

> Nosso debate relaciona-se com o nosso ministério de pregação – fazemos exegese da passagem, debatemos e sugerimos maneiras em que podemos pregá-la. Todos estamos comprometidos com a pregação, então não falamos de programas da igreja, de problemas ou de como administrar a igreja. Quando alguém está atravessando dificuldades pessoais descartamos a agenda e ficamos somente com alquilo. Mas não deixamos que nada nos atrapalhe.[324]

Esta foi a Companhia de Pastores da qual falamos. Ele acreditava que pastores precisam compartilhar suas experiências e seus ministérios com outros. E mais importante ainda, a vida e a vocação devem possuir uma visão da função pastoral no mundo de hoje que venha de uma atitude e análise bíblica e crítica da cultura, da vida social e da vida moral contemporâneas.

A visão de Peterson vem expressa principalmente nos seus livros, um quase e o outro totalmente autobiográfico: *A vocação espiritual do pastor*, *redescobrindo o chamado ministerial*, e na suas *Memórias de um pastor*. A visão de Peterson problematiza aspectos da crise pastoral que envolve o próprio espírito do sistema de mundo contemporâneo. Em sua obra *Under the unpredicable plant: an exploration in vocational holiness*, traduzida como *A Vocação Espiritual do Pastor*, ele mostra que existe uma perversão na orientação e direção da vocação pastoral atualmente. Esta perversão chama-se carreirismo ou idolatria da carreira pastoral. Sua opinião é de que “a vocação pastoral nos Estados Unidos é embaraçosamente banal, porque é buscada segundo os cânones de eficiência no trabalho e administração de carreira”.[325]

As características da religião norte-americana estão se tornando, basicamente, as mesmas para a América Latina e por isto aproximam as causas da crise pastoral nas duas culturas. Uma característica marcante das duas culturas hoje é o mercado da fé. Peterson afirma que “a religião americana é basicamente uma

---

[324] PETERSON, *Espiritualidade subversiva*, p. 276

[325] PETERSON, *A vocação espiritual do pastor*, p. 16

religião de consumo".[326] Esta constatação elucida a virada da orientação pastoral para a área da administração e marketing. O carreirismo se mostrou uma das causas da crise pastoral batista aqui também, ou para ser mais exato, se mostrou como uma saída da crise de identidade posto que representa a fuga dos riscos e instabilidade do ministério local.

O ministério pastoral como gestor de igreja e programas denominacionais está em crise. Mas, a nova proposta de pastor multiplicador (Igreja Multiplicadora e Pequenos grupos multiplicadores), ou pastor evangelista (Evangelismo pioneiro), ou pastor empreendedor (Igreja com propósitos), ou ainda pastor plantador (Clinicas de crescimento de igrejas) dos batistas brasileiros não fica aquém do que precisamos realmente?

Precisamos de pastores no mundo e na igreja que revelem o sentido de pastorear o rebanho do Senhor, que acompanhem o crescimento do indivíduo e da família de modo encarnacional, trinitário e comunitário. Pastores que redescubram a si mesmos no mundo e deem um novo sentido ao ministério. Pastores que andem ao redor, no meio e caminhem com suas ovelhas semeando o evangelho todo para o homem inteiro.

Para Peterson ninguém pastoreia instituições, pastoreia pessoas. As condições de exercício ministerial e a superação da crise de sentido do que é ser pastor hoje devem levar em consideração a mudança de paradigma. Ele confessa em A vocação espiritual do pastor: "a mudança de paradigma que eu procuro é de pastor como diretor de programação para pastor como diretor espiritual." Peterson quer desvincular a lógica do ministério da lógica do sistema de mercado reinante no mundo. Ele resume sua busca de mudança assim:

---

[326] Idem, p. 43

> O pastor diretor de programação é dominado pela mentalidade socioeconômica do darwinismo: orientação de mercado, competitividade, sobrevivência do mais forte. O pastor diretor espiritual é moldado pela mentalidade bíblica de Jesus: foco na adoração, vida de servo, sacrifício. Isto transforma o trabalho pastoral de vícios egocêntricos em liberdade vinda da graça. Com essa mudança de paradigma, tudo muda.[327]

No fundo a questão é esta: quem deve refletir sobre o exercício do ministério pastoral? De quem é a prerrogativa de traçar, à luz das Escrituras, o caminho do pastor neste mundo? Quem tem a experiência e a necessidade de levantar a problemática e os caminhos que o ministério pastoral enfrenta hoje? Como construir um saber deste campo de trabalho humano, de natureza religiosa e espiritual, partindo da prática pastoral diária? Peterson não fez isso apenas de dentro da academia de vocacionados em Seminários e Faculdades. Ele participou e sustentou com sua assiduidade e liderança um *collegium* de líderes pastorais por 26 anos em seu escritório pastoral da igreja da Catacumba.[328]

A Companhia de Pastores, como Peterson a chamava, teve uma história incomum. Tudo começou com a necessidade de prover treinamento de pastores e outros clérigos religiosos para ajudar no tratamento de pacientes da clínica psiquiátrica do Hospital Johns Hopkins, a unidade psiquiátrica Clinica Phipps. Peterson conta que "os médicos da Clínica Phipps estavam diante de um aumento drástico do número de pessoas da região que precisavam de ajuda, e muitas vezes quando procuravam já era tarde demais."[329]

O Hospital Johns Hopkins designou o diretor da clínica para realizar a capacitação dos clérigos, como um projeto piloto de aproveitamento de líderes qualificados da comunidade em atendimento de pessoas que procuravam a clínica.

---

[327] Idem, p. 157

[328] PETERSON, *Memórias*, p. 167

[329] Idem, p. 147

Formado ao todo por dezesseis clérigos no início: dois padres, um rabino e treze pastores que incluíam seis presbiterianos, um luterano, um episcopal, dois batistas e três metodistas. O objetivo do projeto, liderado pelo Dr. Hank Hansen, era "treinar para criar um tipo de zona de segurança avançada que interceptasse os problemas de saúde mental."[330]

O plano era capacitar o grupo para "atender aos problemas de saúde mental que proliferavam em nossa população cada vez mais deslocada, sem apoio e consumida pelo estresse."[331] Aprenderiam a lidar e identificar os problemas emocionais, discernir as rupturas psicóticas, as ameaças de suicídio, os sintomas de violência potencial etc. O plano pedagógico constava de três horas semanais, sendo uma hora e meia de preleção e uma hora e meia de terapia de grupo com duração de dois anos, exceto no verão.[332]

Peterson testemunha que foi um período muito rico de aprendizado em assuntos que inclusive não havia estuda no seminário:

> Começou assim uma imersão de dois anos em aspectos da igreja dos quais eu não sabia praticamente coisa alguma: estratégias para enfrentar as ilusões e as recusas, neuroses passivo-agressivas, alcoolismo e outros vícios, ansiedade e depressão, dinâmica familiar, desorientação sexual. Aprendi muito.[333]

Este foi o berço da Companhia de pastores. Desta experiência Peterson sai da esfera teórica e fecunda do seminário, da mesa de teologia e exegese para a comunidade e para os dramas da sociedade, para o campo real das pessoas reais. Este mundo era bem diferente do asséptico mundo dos livros.

---

[330] Idem, p. 148

[331] Idem, p. 148

[332] Idem, p. 148

[333] Idem, p. 148

A convivência de dois anos com um *collegium* ecumênico e com um cientista da psique foi decisiva para Peterson. De um lado ele convive com o diferente na fé e de outro as mazelas da vida humana e das tragédias sociais. Esta fase da vida de Peterson representou um aprofundamento em sua consciência de ministério e uma aproximação concreta do ser humano em sua forma maltratada e carente. Sobre o que se passou com ele podemos acompanhar em suas memórias e sobre como todo período o ajudou a reconhecer os limites da psiquiatria e o sentido complementar da ajuda pastoral na edificação e cura da pessoa. Aliás, mais que complementar ele descobriu que cessado o atendimento psiquiátrico a pessoa ainda estava com a vida inteira para definir e construir. Ali começava o ministério pastoral. Peterson compreendeu que a dimensão do ministério está além da condição humana de tratar com problemas e carências, ainda que isso seja inerente ao ministério de atendimento pastoral. Ele diz:

> Aos poucos, isso foi ficando claro para mim no seminário das terças-feiras. As pessoas que compunham minha igreja tinham muitos problemas e um volume mais que suficiente de carências, porem uma igreja não se define pela colação de problemas que tem. A igreja é um conjunto de pessoas que se definem pelo fato de serem criadas à imagem de Deus; são almas vivas, quer saibam disso quer não.[334]

E, em seguida, diz algo determinante para a justificação da prática pastoral que não se esgota na psiquiatria ou ciências da saúde psíquica:

> Elas (as pessoas) não são problemas em busca de solução, e sim mistérios a serem honrados e reverenciados. Quem mais na comunidade, senão o pastor tem a obrigação de acolher homens e mulheres e de recebê-los bem na igreja em que são conhecidos não pelo que há de errado como eles e sim pelo que são, assim como são?[335]

---

[334] Idem, p. 153

[335] Idem, p. 154

Este insight da diferença entre as duas práticas profissionais ficou evidente para Peterson, e isso depois de uma quase queda vocacional. Atraído pela psiquiatria, o aconselhamento e o maravilhoso mundo complexo a personalidade humana, Peterson confessa: “eu não sabia, na época, como estava perto de abandonar minha vocação de pastor [...] Era uma época em que os pastores de todo o país estavam trocando a vocação pelo aconselhamento.[336]

As ciências auxiliares ao trabalho pastoral devem ser assumidas e valorizadas sem demonizações de A ou B. Peterson deu exemplo disso quando assumiu a tarefa de participar e apoiar a iniciativa da área de psiquiatria da Universidade John Hopkins em sua comunidade. As pessoas apresentam problemas de saúde emocional e psíquica que o pastor pode ajudar se tiver o conhecimento e treinamento para isso.[337] Peterson aprendeu muito nesta experiência e diz: “Aprendi muito. Eu observava a habilidade com que ele trazia à luz as complexidades da linguagem emocional e corporal, demonstrando o impacto das relações na comunicação à medida que os dezesseis ali reunidos lidavam uns com os outros”.[338]

O ministério pastoral não exclui outras profissões da alma humana, nem outros ministérios cristãos, nem os deprecia; tão somente precisa arejar sua ‘sala de trabalho’ e construir sua prática na comunidade. Nos anos recentes houve uma tendência de purificar a prática do aconselhamento pastoral das influencias perigosas das ciências humanas especialmente a psicologia. A falta dessas ciências auxiliares empobrece a prática pastoral.

Por outro lado, a tendência de rejeitar a psicologia e áreas afins, não fez uma crítica igual sobre a entrada avassaladora das ciências da administração pragmática,

---

[336] Idem, p. 153

[337] Idem, p.146ss.

[338] Idem, p. 148.

o marketing, a economia, a *leadership* que redefiniram a prática pastoral e a formação vocacional nos seminários evangélicos bem como o planejamento denominacional. Todos precisam de formação nessas áreas para administrar uma igreja local, inclusive noções de contabilidade e direito, dos códigos e estatutos sociais etc., mas, o específico da obra pastoral, o cuidado pastoral, precisa ser priorizado e desenvolvido acima de qualquer outro aspecto do dia-a-dia institucional. A natureza da ação pastoral é o cuidado dos filhos de Deus. A vida e ministério do pastor consistem em cuidar de pessoas. Uma importante declaração de Peterson sobre o trabalho pastoral foi feita em um artigo de 1992:

> As palavras “cuidar”, “desvelar”, e “importar-se”, estão no âmago das nossas tradições comunitárias. Cura animarum, a cura das almas, é uma expressão que se repete inúmeras vezes em nossa história. Reagrupa em si significados que tinham sido dilacerados. Se você vive numa cultura como a nossa, as coisas se despedaçam, e aí está um dos lugares em que os significados se separam uns dos outros. A palavra cura reúne os sentidos de nossas palavras ‘curar’, ‘desvelar’, ‘cuidar’. ‘Curar’ é nutrir uma pessoa rumo a sua saúde; ‘desvelar’ é ser uma companhia compassiva para uma pessoa em necessidade. ‘Desvelar’ encontra sua, origem no verbo ‘velar’ – “passar a noite junto à cabeceira de um doente para tratar e cuidar dele” – que por sua vez vem do latim vigilare, “vigiar”. “Cuidar” origina-se do latim cogitare, ‘cogitar’, e abrange tudo o que diz respeito a ‘aplicar o pensamento e a atenção, tratar. A cura exige que saibamos o que estamos fazendo.[339]

A dimensão do cuidado, atenção e responsabilidade pastoral comporta ainda mais um sentido do cuidar ou do curador que é o de origem jurídica e traz o sentido de curador ou de alguém que protege e preserva a integridade do menor ou idoso enfim de alguém que é frágil e não pode cuidar de si mesmo sozinho. O pastor não deve entrar nos meandros dos laços familiares a ponto de vincular-se juridicamente, mas precisa estar ao lado em todo o tempo. Pastorear indefesos, pessoas com necessidades, órfãos e viúvas e pessoas adictas também competem ao ministro.

---

[339] PETERSON, *Espiritualidade subversiva*, op. cit. p. 187, 188

O ministério pastoral não é o príncipe das vocações, ou a vocação das vocações. Por ser pastor o vocacionado não é superior a ninguém. Seu compromisso com o trabalho, horários, formalidades de relacionamentos, ética ministerial, responsabilidades sociais, prestação de contas, agendas etc. não faz dele um profissional superior, especial. O que podemos dizer com Peterson é que:

> Minha renovada convicção é que a liderança pastoral, como disse um estudioso é sui generis, absolutamente única. Ela está em uma categoria inteiramente diferente da que encontramos nos negócios, educação ou corporações. Barth e Bonhoeffer tiveram um grande insight sobre a unicidade da congregação cristã - que o batismo cria uma identidade que não pode ser encorporada sob nenhuma das categorias sociológicas que tenta compreender pessoas. Bem, eu penso a mesma coisa da identidade pastoral.[340]

A identidade pastoral em relação às outras atividades humanas é análoga a igrejas e outras instituições que se distingue e diferencia pelo mistério do sacramentum ou em linguagem batista pelas ordenanças de Jesus. A vocação pastoral é mais que uma mera forma de interpretar a existência e de propagar uma visão de mundo, à semelhança de outras linguagens e epistemologias mundanas, a vocação pastoral tem a unção do Divino, de Cristo, ela é cristocêntrica e cristológica ela pertence ao *mysterium Dei*.

A iluminação de Peterson aconteceu com a experiência chamada por ele de ‘epifania das cadeiras’. Este foi um marco teórico decisivo para Peterson. Ele separou a vocação pastoral do aconselhamento profissional sem criar preconceito. Ele apreendeu o conceito de ministério em grau mais profundo e recebeu um flash sobre sua vocação pastoral ao observar as cadeiras da terça e do domingo.

---

[340] PETERSON, *Letters to a Young pastor*, op. cit. p. 8. The Navigators. Kindle Edition;

Peterson reconhece que “foi um momento de epifania: comparar as cadeiras da terça-feira com as de domingo”.[341] Nas terças-feiras, observou ele, as cadeiras se dispunham em círculo onde todos ficavam em frente um para o outro. Mas, no domingo, seu olhar destacou que as mesmas cadeiras ficavam de frente para a cruz celta, o púlpito, a pia batismal e a mesa da comunhão. Assim ele observou que:

> Na terapia, olhávamos uns para os outros...mas no Domingo olhávamos além de nós mesmos... observei isso sem pensar que uma coisa fosse melhor ou pior do que a outra. Ambas são necessárias, justas, dado o trabalho a ser feito em cada um dos contextos.[342]

Concluindo este período fecundo e reconhecido como um segundo seminário, Peterson confessa que não podia seguir a diante vendo em suas ovelhas apenas os problemas que precisavam de solução. Se assim procedesse não passaria de um bom pastor conselheiro de suas ovelhas e resume assim: “ao reduzi-las a problemas a serem solucionados, omiti a coisa mais importante que elas tinham na vida, Deus e a alma, e também a coisa mais importante da minha vida: minha vocação de pastor.”[343]

Chegado a este ponto decisivo para sua compreensão de ministério pastoral e sua importância, natureza e finalidade, restava algo ainda: o que fazer para garantir os ganhos de dois anos de companheirismo colegiado, de afinidades pessoais e de intimidades terapêuticas? Acabado o tempo com o Dr. Hank Hansen as terças-feiras, todos aceitaram o convite de Peterson para continuar os encontros em seu gabinete. Peterson queria agora encontros focalizados no ministério pastoral. Todos concordaram. Peterson confessa que “o fato é que as reuniões das terças-feiras haviam me dado músculos e resistência que expuseram com clareza e fortaleceram

---

[341] PETERSON, *Memórias*, p. 155

[342] Idem, p. 155

[343] Idem, p. 157, 158

as pistas e palpites que durante vinte e cinco anos foram aos poucos dando forma à vocação de pastor."[344]

Para este pesquisador, o que torna o encontro de pastores fundamental na filosofia ministerial de Peterson é o fato de ser este o lugar da continuidade para a troca de experiências, ajuda mútua, aprofundamento teórico do ministério e discussão critica informal da prática pastoral. Peterson desejava construir um modelo de prática pastoral autônoma que não dependesse de uma opinião estranha ou de metodologias seculares de planejamento sem levar em consideração a natureza diversa da vocação pastoral e a especificidade da natureza da igreja. Peterson declara firmemente que "se eu quiser ser fiel a minha vocação de pastor, não posso permitir que o 'mercado' decida o que eu vou fazer".[345]

A Companhia de Pastores, interdenominacional e inter-religiosa, proveu o ambiente multifacetado para refletir sobre o dia a dia pastoral e a filosofia de trabalho específica deste campo religioso. Para Peterson a reflexão mostraria caminhos para enfrentar a cultura e delinear os modos de abordar a prática pastoral. Peterson fala em nome do grupo e afirma:

> Todos nós sabíamos àquela altura que no decorrer dos nossos encontros das terças-feiras crescera dentro de nós um sentimento, até então não declarado, de que éramos diferentes daquilo que o Dr. Hansen via em nós. Queríamos deixar claro para nós mesmos, ainda que outros não o percebessem, o que havia de especial em ser pastor. Estávamos cansados de deixar quem não era pastor dizer o que devíamos ou não fazer como pastores que éramos.[346]

Estabelecido, portanto, a continuidade da Companhia de Pastores, eles elegeram um programa de trabalho que consistia em: "recuperar o significado pessoal

---

[344] Idem, p. 158

[345] Idem, p. 160

[346] Idem, p. 164

e local do pastor na igreja de cada um de nós em nossas igrejas, sinagogas e região".[347] Havia certo tom de protesto na declaração de razões do grupo, para manter as reuniões e a reflexão sobre o seu trabalho que Peterson expressou assim: "não dava mais para tolerar o que os sociólogos e acadêmicos, psicólogos e executivos de empresas, gurus de *talk-shows* e empreendedores religiosos vinham há tempos falando de nós."[348]

A agenda do *collegium* era dinâmica e de estrutura simples como relata Peterson: "mantínhamos uma estrutura simples. Todos se revezavam na liderança dos estudos e das discussões."[349] A pauta de assuntos era combinada antes e tratava primordialmente das tarefas semanais da igreja, exegese, pregações, como agir pastoralmente na comunidade, como tratar as questões de luto, divórcio, doenças, conflitos etc. além de leituras teológicas ou de interesse para o grupo.

Uma coisa foi pauta de um acordo explicito: "contudo havia um acordo explicito entre os dezesseis participantes de que nosso grupo não tinha, primordialmente, objetivos terapêuticos. Nossa pauta de discussão era nossa vocação pastoral nas condições objetivas de nosso local de trabalho: nossas igrejas".[350] Essa clausula restritiva do grupo tinha como objetivo não perder o foco da prática pastoral e a busca de construir uma imagem própria de pastor na comunidade a luz das experiências semanais e exegese bíblica compartilhada sobre as possibilidades de ação pastoral.

A companhia explorava leituras variadas e Peterson conta como descobriu com outro colega a obra de Charles Williams, especialmente o livro *The descent of*

---

[347] Idem, p. 164

[348] Idem, p. 164

[349] Idem, p. 166

[350] Idem, p. 166

the Dove: a short history of the Spirit in the Church. Peterson afirma que “os escritos de Williams, nos poucos anos que se seguiram me proporcionariam a estrutura imaginativa que daria coerência a muita coisa que eu estava descobrindo como pastor da igreja”.[351]

Mas talvez a influência mais marcante para Peterson veio da companhia de um rabino que introduziu as práticas de oração e celebração da sinagoga para o grupo. A liturgia recebeu uma nova inspiração e uma nova ‘imaginação bíblico-pastoral’, segundo Peterson. Este aprendizado vai se refletir na exegese de Peterson do Antigo Testamento, em especial dos livros poéticos aplicados a oração e aos ângulos do trabalho pastoral.

Os dois primeiros livros de Peterson, publicados em 1980, tomaram como base exegética livros do Antigo Testamento: nos Salmos toma o Cântico de Subida que agrupam os Salmos 120-134. Este trabalho foi chamado *Uma longa obediência na mesma direção*. A segunda obra de Peterson tomou da Bíblia Hebraica os livros chamados *Megilloth* ou Cinco Rolos que agrupam Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester e foi chamado *Five smooth Stones for pastoral work*, traduzido com o título de *O pastor que Deus usa: o trabalho pastoral segundo a Palavra de Deus*.[352]

A hermenêutica aplicada está bem alinhada com a rabínica. Peterson não menciona em nenhum dos dois livros a influência do rabino Paul, seu colega na Companhia de Pastores, na escolha e forma de interpretação dos textos, mas ficamos com a suspeita de que a escolha tem alguma dívida com a iniciativa do rabino introduzir na Companhia de Pastores sua habilidade exegética judaica.

---

[351] Idem, p. 162

[352] PETERSON, Eugene. *O pastor que Deus Usa. O trabalho Pastoral Segundo a Palavra de Deus*. RJ: Editora Textus, 2003.

As *Memórias de um pastor* nos contam como o rabino Paul, assim ele é chamado, surpreendeu o grupo com sua hermenêutica inovadora para os pastores e Peterson diz que “poderíamos chamar perfeitamente de ‘imaginação pastoral’”.[353] Paul usou em uma exposição que fez para o grupo, sobre o modo rabínico de reunir e relacionar os livros da Bíblia com a vida cotidiana e litúrgica dos judeus, o *Megilloth* ou os cinco pequenos rolos da Bíblia Hebraica. São esses Cinco Rolos que Peterson vai trabalhar no seu primeiro livro *Five Smooth Stones for Pastoral Works* de 1980.

Este exemplo acima revela como a comunhão e reflexão em grupo foi determinante para Peterson. A companhia de Pastores não se abalou com a saída de Peterson por volta de 1991, depois de 26 anos ininterruptos. Quando Peterson terminou suas *Memórias* talvez em 2010, ele afirma que a Companhia continuava a se reunir no mesmo local e com a mesma pauta, fazia então 42 anos.[354]

Esta prática de caminhar com outros vocacionados e ministros, alargar os horizontes e aprofundar o conhecimento sobre o seu campo de trabalho, cruzar experiências de pastoreio, discutir possibilidades exegéticas de aplicação das Escrituras, buscar definir o ser pastor e ser igreja com todo rigor bíblico e rigorosa crítica da cultura, encontrar caminhos juntos para enfrentar o confuso ambiente social contemporâneo, servir uns aos outros em um *collegium* ‘apostólico’, enfim isto é vivencia pastoral inexistente para muitos e muitos colegas de ministério no mundo evangélico hoje.

Após dedicar-se mais exclusivamente a lecionar e escrever, tendo deixado o pastorado da igreja *Christ our King Church*, ele foi convidado para participar de outro círculo de ministros. Agora ministros cristãos escritores, pastores da palavra escrita, como Calvin Miller e Richard Foster que o convidaram para participar da *Chrysostom*

---

[353] PETERSON, *Memórias*, p. 174-176

[354] Idem, p. 167

Society. O grupo de cerca de vinte escritores e editores se reunia anualmente e foi formado porque alguns deles estavam se sentindo solitários e isolados. Peterson participava com sua esposa Jan e testemunha que: “nossas reuniões são anuais, durante quatro dias. Eles passaram a ser amigos maravilhosos”.[355]

A denominação Batista, a Ordem de pastores e iniciativas para-eclesiásticas ou mesmo grupos regionais de pastores tem ensaiado constituir uma agenda de companheirismo pastoral. Isto indica que na natureza do ministério está a necessidade de compartilhar e aprofundar a prática ministerial. Em geral se sente a crise ministerial pelo próprio obreiro, na igreja e na sociedade envolvendo a definição do lugar do pastor hoje no mundo.

Há um clima difuso de perda de identidade e o desejo de compartilhamento das preocupações pessoais com outros da mesma ocupação ministerial, mas sem a sensibilidade denominacional os pastores se sentem confusos e solitários com seus rebanhos. A consciência de companheirismo e a prática de reuniões em um grupo de iguais para discutir suas necessidades e reforçar sua vocação faz-se uma exigência urgente na vida pastoral batista atual.

Ademais assim praticou Calvino em Genebra ao recrutar e preparar pastores e prover as paróquias de líderes. Scott Manetsch chama esta obra do reformador de companhia de pastores: “por todo tempo do seu ministério em Genebra, João Calvino recrutou centenas de homens para serem pastores de congregações reformadas em vários lugares da Europa.”[356] Esta prática do reformador é análoga à nossa ordem de pastores e somos herdeiros de sua sábia iniciativa inclusive a instituição de classes de ensino que prenunciam os nossos seminários modernos.

---

[355] PETERSON, *Espiritualidade subversiva*, p. 244

[356] MANETSCH, Scott. *Calvin’s company of pastors : pastoral care and the emerging Reformed Church, 1536–1609*. NY: Oxford University Press 2013, p. 38

III.4. A Oração

A oração para Peterson não é simples retórica ou formalidade religiosa. A oração é uma precondição e ação prévia ou atitude primordial dos atos pastorais. A oração é o convite e mesmo o clamor para que o Espírito Santo conduza as condições e oriente em sabedoria a intervenção pastoral diariamente e em cada situação. A oração cultiva o mistério de Deus no mundo numa época de completo secularismo, materialismo e cientificismo. Na oração passamos do falar sobre Deus da pregação para o falar com Deus.[357] A oração é uma constante nos escritos de Peterson.

A oração está em tensão com o homo faber. As orações são ferramentas de outra natureza "as orações não são ferramentas para fazer ou obter, mas para ser e tornar-se."[358] A oração é uma tecnologia de formar pessoas crentes, interiores espirituais. Interiores de comunidades, interiores de assembleias deliberativas, interiores de reuniões de planejamento, oração é a 'tecnologia' da interioridade. Quantas dezenas de encontros e reuniões de liderança participamos e Deus está no início e no término nas orações que Lhe são dirigidas bem-intencionadas, mas cuja reunião acontece orientada por metodologias humanas. Deus está no começo e no fim, mas não do começo ao fim. Ele não está no processo deliberativo e proativo.

Peterson escreveu um intrigante livro sobre oração nos Salmos e inicia o livro dizendo: "este livro visa a transformar por completo a vida nos Estados Unidos. A mudança já começou. Muitos já se envolveram e espero ver muitos outros se alistarem. A ação fundamental é a oração"[359] Ele faz essa afirmação em relação a

---

[357] PETERSON, E. *A oração que Deus ouve*, p.68

[358] Idem. p. 9, 11.

[359] PETERSON, E. *Onde o seu tesouro está. A importância da oração revolucionária*. RJ: Textus, 2005. p. 11.

sociedade cristianizada, mas esta também tirou da igreja a centralidade da oração e entronizou as ferramentas do homo faber. A marca crescente do secularismo e racionalismo esvaziaram o mundo de seu mistério e transformaram tudo em quantidade e instrumento. Tudo que importa é o poder da magnitude das quantidades de bens e indivíduos em nossas igrejas e seu poder de ação e realização. Quem tem isso tem a fama, a influência e o domínio das metodologias espirituais para controlar o mundo pelo viés da fantasia religiosa. A igreja precisa ser guardiã do mistério do mundo na sua piedade, na fé, oração e pregação.

Peterson acreditava na revolução dos Salmos na vida espiritual de um povo porque os Salmos ensinam e levam à oração, levam a alma ao trono de Deus, ao Senhor do mundo. Peterson afirma que “Os Salmos são necessários porque são as orações modelo”.[360] Os salmos são ferramentas cristológicas. Para Peterson eles formam o “âmago onde Cristo trabalhou a Sua própria oração” e completa afirmando o lugar dos Salmos na igreja hoje: “Cristo orou os Salmos – a comunidade cristã cedo se convenceu de que Ele continua a orá-los por meio de nós, enquanto os oramos: nós proferimos esta oração do Salmo nEle, e Ele a profere em nós”[361] A oração é uma ferramenta cristológica transcendental. A oração é uma ferramenta análoga às do *Homo Faber* porque com ela fazemos coisas, mas ela leva além, impulsiona e ultrapassa os meios para mera manipulação das coisas, ela pode converter o homem mesmo em meio de Deus trabalhar. Isto é, o homem será vaso ou um meio de Deus trazer glória ao Seu Nome! O pastor é um homem suplicante porque seu ofício é maior que ele pode ser por si mesmo.

A oração significa sensibilidade em face da necessidade de receber direção do Espírito Santo continuamente no caminhar pastoral com o povo de Deus. Oração não é ato final na vida pastoral, um “obrigado Senhor”, mas ato precedente e

---

[360] PETERSON, *A oração que Deus ouve*. p. 13.

[361] Idem, p.14.

simultâneo na ação pastoral e projetivo. A oração é um aprendizado de linguagem própria dela. Para Peterson a oração está no interior de uma classe de linguagem específica que ele designa como ‘linguagem I’. Ele propõe uma divisão um tanto grosseira da linguagem humana, um mapa da linguagem em três níveis: linguagem I, II e III. Este mapa da linguagem fornece uma orientação e não uma descrição das complexidades da linguagem humana. A linguagem I engloba os atos, gestos e palavras da linguagem da intimidade e dos relacionamentos pessoais. A linguagem II representa a esfera da informação em geral e própria da educação escolar e a linguagem III cobre o campo das motivações humanas e é dominante no mundo da política, propaganda e economia em geral.[362]

Peterson avalia que “somos bem instruídos na linguagem que descreve o mundo no qual vivemos. Somos bem treinados na linguagem que move as pessoas. Enquanto isso a linguagem I, a linguagem da intimidade que desenvolve relacionamentos com base na confiança, esperança e compreensão vai definhando”.[363] Esta linguagem é o segredo dos Salmos e da oração. Diz Peterson que “nós aprendemos a orar não com uma gramática na mão, mas com nossos pais, da mesma maneira que aprendemos a falar”.[364] A oração marca o ritmo e o tempo da vida ministerial. O tempo se torna concreto e nossa alma se ajusta ao tempo do mundo e de Deus como em Gênesis onde tarde e manhã se sucediam em esplêndida sequência de criação e eventos. Mas uma característica fundamental da oração é marcar o ritmo da comunidade pela liturgia. O culto de Israel forma uma tenda de acolhimento, adoração e perdão onde a oração e o louvor cativam a comunidade para renovação de sua aliança com Deus. Peterson resume este efeito da oração dizendo:

---

[362] Idem, ps. 60-62

[363] Idem, p. 62.

[364] Idem, p. 152.

> A liturgia tira as nossas orações da cansativa atividade de olhar só para nós mesmos e focar a exultante iniciativa de ver e participar do agir de Deus. Somos atraídos a uma grande generosidade onde cada um está obtendo e recebendo, oferecendo e louvando. Somos atraídos ao lugar onde as pessoas amam e são amadas. Nós no s aprofundamos na prática da humanidade, em aliança com Deus...a liturgia rompe o isolamento de nosso ego e emoção que nos privam dos potentes ventos e maravilhosas paisagens da graça.[365]

A oração assim compreendida desempenha uma função de juntura espiritual do ministério na comunidade cristã. O ministério entra em sintonia com Deus e com a igreja pela prática contínua da oração. A oração no ministério marca sempre o retorna ao lugar do princípio da vida e da fé em Cristo primordiais. A oração constitui um espaço de autenticidade e sinceridade diante de Deus e abre o que há dentro de cada um para revelar sentimentos bons e ruins, magoas e frustações, dúvidas e incompreensões contra Deus como nos salmos se expressam, sentimentos humanos solidários em comunidade e unidade humano-divina. Dá-se a epifania do Cristo Vivo em seu corpo que é a igreja nesta liturgia da oração. Peterson insiste em uma prática edificante da arte de orar que ele nomeou como orar as Escrituras que está muito próxima da recitação.

O sentido da recitação e oração modelo refletem a natureza da oração que envolve promessa, memória, repetição, fé, retorno, tempo e eternidade. E no sentido mais sublime orar é um ato de vivencia do amor em comunidade levando as cargas uns dos outros, orar é liturgia recitativa da memória histórico-espiritual de Israel. Como alternativa à definição do ser humano que o identifica como homo faber para Peterson “o humano é a criatura que ora, homo pecator.”[366] Juntando os dois conceitos de humano Peterson propõe que oração é um tipo de tecnologia, ferramenta do humano pela que ele se forma a si mesmo. Peterson afirma que “no centro da jornada humana, as orações são tecnologia primária, ferramentas que

---

[365] Idem, p. 134

[366] Idem, p. 9.

Deus usa para operar a Sua vontade em nossos corpos e almas e que usamos para colaborar com o trabalho divino em nós."[367] Por ferramenta primária ele entende uma ordem de ação humana que vem antes de todas as outras. A ordem primária está na fonte da expressão distintamente humana em relação às outras criaturas e demais ferramentas e tecnologias.

A oração é uma ponte. Os animais sentem a natureza e instintivamente estão conjugados com ela, de modo análogo os anjos estão diretamente presentes com Deus, mas o homem precisa da fé-ponte para orar e ouvir a Deus. [368] O homem responde a Deus primariamente pela oração, é onde o fôlego da vida e alma se encontram, ali onde a oralidade dá expressão aos sentimentos da alma.

Os Salmos são a fonte mais importante para prática da oração nas Escrituras. Nos Salmos mostram "os modos em que a Bíblia e a oração se fundem para dar energia e direção para aqueles de nós que se põe a caminho para seguir Jesus."[369] São duas palavras em junção: palavra do homem e Palavra de Deus. Peterson confessa no epílogo da edição comemorativa de sua primeira obra que tratou dos Salmos dos degraus intitulada *Uma longa obediência na mesma direção* que:

> Meu trabalho pastoral foi fundi-las em um ato único: 'Biblioração' ou 'oraçãobíblia'. É esta fusão de Deus nos falar (Bíblia) e nós falarmos a Ele (oração) que o Espirito Santo usa para formar a vida de Cristo em nós. E é esta fusão que eu estava tentando conseguir nas páginas de *Uma longa obediência*.[370]

Os Salmos eram um conjunto de orações fundamentais para os israelitas e o registro de sua espiritualidade e liturgia que Peterson quis juntar em ato único,

---

[367] Idem, p. 11

[368] Idem, p. 9

[369] PETERSON, *Uma longa obediência na mesma direção*, p. 7

[370] Idem, p.150. *My pastoral work was to fuse them into a single act: scriptureprayer,or prayerscripture*

comunitário, em escola de oração que nos leva ao âmago onde o próprio Cristo orou e exercitou a oração.[371]

O tratamento pastoral da oração, para Peterson, vai além dos Salmos e ele descobre o uso judaico dos Cânticos como peça de encerramento da páscoa e figura privilegiada da oração. Os Cânticos reúnem numa poesia o evento primordial de Israel êxodo-pascoa-aliança e a graça salvadora fruto do amor de Deus. A poesia revela a beleza da comunhão pessoal entre Deus e seu povo expressa na mística da oração comunitária que une pessoas em adoração familiar e um povo eleito de Deus. Cantares celebra o amor e transfigura o amor que salva pela mais íntima expressão conjugal do amor entre um homem e uma mulher. Trata-se de uma figura ou alegoria vista em uma história de amor.

A função da alegoria aqui é similar ao uso que Peterson faz do livro de Jonas. Johnson chama o uso de Jonas de um *Midrash* para descrever os elementos constitutivos do ministério pastoral ou da jornada pastoral.[372] Como metáfora ele mantem vigente a força do amor original e aceso o fogo que aquece a alma através dos tempos. Cantares protege a figura de intimidade na comunhão de Israel com Deus que tem a tendência de arrefecer ao se institucionalizar em datas e festas comemorativas. Cantares resguarda contra o esmorecimento daquele sentimento primordial da noite da pascoa e os eventos decisivos que comoveram o povo no passado e podem tornar-se trivial com também a fé decair em simples ritual.[373] Peterson afirma:

> O pastor trabalhando em meio a símbolos e artefatos de transcendência é confrontado tanto em seu próprio interior quanto entre os fiéis com o impulso perigoso rumo ao local onde irá encalhar na indiferença. A oração, o aspecto mais importante da vida, passa a ser crivada de clichês, indicação segura de que deixou de ser pessoal.

---

[371] PETERSON, *A oração que Deus ouve*, p. 14

[372] JOHNSON, Tryved David. IN: *Pastoral work*. Kindle, p. 126

[373] PETERSON, *O pastor que Deus usa*, p. 45.

> A vida devocional encolhe ao passo que as atividades públicas e externas se intensificam e encobrem a perda.[374]

O uso de Cantares neste contexto da oração, da aliança, da intimidade espiritual, contudo, exige uma releitura da hermenêutica alegórica e a possibilidade de seu uso como modo histórico legítimo de aplicação à poesia bíblica.[375] Os símbolos devem comandar neste caso a interpretação de Cantares na forma como Erich Auerbach chama de interpretação figural, assim admite Peterson.[376] O símbolo da aliança permeia e subjaz ao sentido de Cantares e "mostra a perspectiva interna da compreensão e da realização da experiência da aliança. Não usa a linguagem objetiva dos tratados internacionais, mas a subjetiva do amor pessoal". [377] Nessa subjetividade ocorre a interpretação da poesia e sua abertura para o sentido espiritual ou alegórico que vê na relação entre a mulher e o homem a expressão do amor de Deus e seu povo. Para Peterson a "oração é a linguagem da aliança por excelência". A oração desenvolve a aliança na esfera da intimidade em amor e graça divinas.

Nesse sentido Cantares é a metáfora perfeita do amor entre criatura e Criador.[378] A oração faz-se poesia e comunhão, corpo e alma, ausência e busca, separação e união. Cantares é uma celebração do corpo que busca o seu amado, sua redenção. O corpo em Cantares remete aos sentimentos de perda, às dores do desencontro, às frustrações, às buscas, ao encontro entre amada e amor. O amado é a fonte do amor e da felicidade. O sexo em Cantares "transforma-se em uma

---

[374] Idem, p. 46

[375] Idem, pp. 57, 58

[376] Idem, p. 57; AUERBACH, Erich. *Mimesis.* SP: Ed. Perspectiva. 1971, p. 62.

[377] Idem, p. 60.

[378] Idem, p. 72, 73.

parábola da oração, a busca da intimidade com Deus ".[379] A alegoria dá a chave para unir o mais humano à sua plena realização no divino. O corpo em Cantares é a expressão de adoração nas danças e na beleza. Indica Peterson que "o corpo da amada ocupa o lugar central da existência". E, "adoração, enaltecimento, sinceridade – tudo que experimentamos quando nos apaixonamos - demonstram o que acontece quando somos amados, salvos. O amor muda tudo em nós".[380] Para Peterson a linguagem de Cantares e a linguagem da oração estão consubstanciados no amor expresso pela mulher de Suném e o cavalheiro misterioso e sem nome, o amado. Peterson entende a oração como tarefa pastoral para si e seu ensino para os outros no âmbito do amor e da redenção. A oração entrelaça pascoa, vivencia pascoal, e entrega incondicional ao 'amado de minha alma'. A oração guarda a força incontível do coração que busca seu repouso no criador.

III.5. A VIA CONTEMPLATIVA

A contemplação proposta por Peterson se justifica pelo confronto com o mundo do trabalho como auto justificação do homem moderno. A cobrança de resultados e o preconceito contra a atividade religiosa no mundo taxada de tempo inútil que não contribui som o progresso humano e social colocou o ministério pastoral em xeque-mate. Agora o ministério se rendeu ao mundo das atividades que o justificam perante o mundo dos negócios e importância política na sociedade. O preço foi o abandono de domicílio e a entrega da igreja ao ritmo das organizações sociais e do entretenimento com a associação ao mercado gospel nas áreas da música, da autoajuda, do turismo sagrado, das atividades comunitárias e sociais,

---

[379] Idem, p. 74.

[380] Idem, p. 77.

dos investimentos em mídias sociais e televisivas e a concentração dos empreendimentos religiosos em grandes templos e grandes auditórios para reunir multidões! Quem não pactua com essa estratégia ou não alcança sucesso nisso é então rebaixado a ministro ineficiente e reacionário.

O ministério batista no brasil está estimulado a investir em grandes ministérios e em estratégias de crescimento de igreja no sistema da igreja multiplicadora. O objetivo é alcançar números sempre gigantescos que impressionem a denominação e justifique a utilidade pastoral. Claro que isso não está dito, mas está implícito e a ineficácia gera cobrança e demissão. O que dizer então de anunciar uma coisa como contemplação na vida ministerial acelerada de hoje? Faz-nos lembrar do povo de Israel na opressão egípcia no período do êxodo. Os exatores aumentaram o trabalho quando ouviram falar de adoração e culto no deserto.[381] Para Peterson o nome que se dá a esse quadro ministerial é de pastores dispensáveis ou desnecessários. "Em uma cultura assim é sempre difícil cultivar uma identidade cotidiana que provenha de Jesus Cristo, crucificado e ressurreto", afirma Peterson.[382]

A provocação do tema do livro de Peterson sobre o ministério desnecessário tem uma história. Muitos tentaram desencorajá-lo de usar esta expressão para suas conferências no Regent College pois nenhum pastor americano iria querer ouvir que era desnecessário e sua conferencia seria esvaziada. Mas Peterson se surpreendeu com a assistência lotada de homens e mulheres para ouvir sobre o tema ministerial proposto.[383] A proposta de dar uma resposta ao tema parece inútil e guerra perdida. Peterson trada dela como uma questão de assumir a causa com humildade, mas

---

[381] Êxodo 5. 8.

[382] PETERSON, *O pastor desnecessário*. p. 1

[383] Idem, p.10

com determinação e declarando luta contra a cultura da mesquinharia e consentimento praticados por muitos pastores que aceitam ser tratados como subservientes do mundo. A agenda da cultura religiosa impõe tarefas ao pastor e dita necessidades para ele atender que descaracterizam a essência do ministério. Peterson protesta que:

> A tarefa que os pastores têm para realizar é extremamente difícil e não é surpresa verificar que há tantos desencorajados e prestes a desistir. Embora não seja evidente, os pastores são perseguidos na América do Norte e não acredito ser um exagero afirmar que essa perseguição é muito pior do que a enfrentada em países declaradamente hostis. Nossa cultura não nos manda para prisão. Ela com simplicidade e simpatia, castra-nos, neutraliza-nos e substitui todos nossos órgãos vitais, sempre com um sorriso no rosto amável. E então ficamos aprisionados em uma teia de “necessidades que os impede de ser pastores.[384]

Para essas tais necessidades o pastor é mesmo desnecessário e outros poderiam realiza-las talvez mais completamente que qualquer vocacionado formado em um seminário. Por ser rebelde àquelas necessidades culturais o papel verdadeiro do pastor fica invisível e ele passa a ser considerado dispensável. Aqui tem lugar uma certa teimosia pastoral contra essa imposição espúria da cultura ao pastorado. E parece que tudo retorna ao tema da cultura de liderança e como esta deve ser exercida com eficácia e eficiência. O pastorado mergulhou no grande lago da busca por líderes multiplicadores e bem-sucedidos. Peterson avalia o impacto disso no ministério e conclui que:

> Existem hoje muitas instruções sobre o estabelecimento de uma liderança. Há até mesmo um jornal popular nos Estados Unidos chamado Leadership (Liderança). São infinitos os conselhos sobre como ser líder... há muitas ideias boas, mas quando elas assumem o controle da essência de nossa atividade terminamos por enfrentar uma perseguição disfarçada.[385]

---

[384] Idem, p. 171

[385] Idem, p. 177

A perseguição disfarçada, de que fala Peterson acima, torna-se mais agressiva quando o ambiente denominacional está culturalmente permeado de uma ideia fixa de formação de liderança para atender alvos e programas de crescimento da igreja que visam em última instancia reforçar os alvos extrapolados de uma igreja local. Isto é, no contexto batista a igreja local fica deslocada em suas prioridades locais e ela passa a perseguir alvos denominacionais. A denominação não existiria mais em função da igreja local, mas a igreja em função da denominação ou convenção e suas organizações. A eclesiologia batista toma isso como uma inversão teológica que contraria os princípios históricos dos batistas e fere nossas mais importantes confissões de fé. Os atuais estatutos da Convenção Batista Brasileira definem que "a Convenção tem como objetivos fundamentais: I- servir às igrejas nela filiadas e contribuir por todos os meios condizentes com os princípios bíblicos para aperfeiçoar, aprofundar, e ampliar a ação das igrejas, visando a edificação dos seus membros e a expansão do Reino de Deus no mundo".[386]

Como já vimos na análise dos planejamentos gerais da CBB existe uma tendência persuasiva e pervasiva em todas as esferas da convenção especialmente nas agencias missionárias de mobilizar e monopolizar a agenda denominacional com o modelo de igreja multiplicadora que constrange o ministério pastoral a adequar-se ao programa de líder multiplicador em detrimento de suas atividades essenciais de pastor local. A questão que pesa sobre o ministério pastoral é a possibilidade de seu descarte em duas frentes: sua substituição por líderes que cumprem as metas melhor que o ministro ordenado e sua inadequação ao modelo caso ele avalie que essa agenda denominacional não sirva para edificação da igreja local. "Pastor descartável" ou "dispensável"[387] mais ainda se ele compreender que seu ministério deve dedicar ao estudo, oração, mútua edificação, comunidade local

---

[386] *LIVRO DA CONVENÇÃO DE 2011*, Estatuto da CBB, Art. 3, I. p. 11.

[387] PETERSON, *O pastor desnecessário*, p. 1 (*The Unnecessary Pastor*)

e contemplação espiritual mais que fomentar estratégias e eventos para o consumo religioso e crescimento numérico da igreja.

A contemplação é o cume do ministério pastoral e se traduz em vida espiritual vivida em comunidade de fé. Peterson tem uma frase característica de sua jornada: “Orei e refleti. Fiz perguntas e li livros. Olhei em volta. Não demorou muito para compreender que eu havia armado minha tenda num cruzamento movimentado”.[388] A contemplação monástica e mística de uma vida isolada e negativa constituída longe da sociedade urbana e mundana está fora de cogitação para Peterson. A espiritualidade proposta por Peterson é urbana demasiadamente urbana. O pastor contemplativo é aquele que está ocupado com a essência do ministério e essa não está visível quando o pastor trabalha nela. L. Roger Owens em *Pastoral Works* apresenta uma definição do que Peterson entende por pastor contemplativo que diz: “para Peterson um pastor contemplativo é um pastor cuidadoso para e moldado pelo engajamento em oração com as Escrituras para ouvir a palavra de Deus através das Escrituras”.[389] O conceito de contemplação engloba toda a vida do pastor e seu modo de viver o ministério.

Contemplação é um conceito fluido e abrangente para Peterson. Ele não trata de definir o termo na íntegra e com precisão porque sua aplicação está difusa em toda sua teologia espiritual e pastoral. No prefácio de sua obra *O pastor contemplativo: voltando à arte do aconselhamento espiritual*, o Editor de *Christianity Today*, Rodney Clapp entrevista Peterson e declara que “se não fosse um pastor presbiteriano poderia ser um monge, tinha um comportamento monástico”.[390] Peterson teve duas influencias de fora que foram importantes em sua visão e filosofia

---

[388] PETERSON, *O pastor contemplativo*, p. 115

[389] OWENS, Roger L. IN: *Pastoral Works*, p. 132. Edição Kindle

[390] PETERSON, *O pastor contemplativo*, p. 9

pastoral: o rabino Paul Ivrey, colega religioso e rabino[391] e a monja carmelita Contance FitzGerald, OCD.[392] Para a carmelita ele dedica sua obra sobre a oração *Where your treasure is* de 1993. Constance fundou a Associação das irmãs contemplativas, Instituto para estudos contemplativos em Baltimore onde pertencia à Comunidade Carmelita de Baltimore.[393]

De forma geral a vida contemplativa é traduzida por Peterson em uma teologia espiritual. O movimento de retorno à prática contemplativa no catolicismo conjuga a realidade da urbanização e do mundo do trabalho com os efeitos da interação religiosa entre o ocidente com o oriente. O diálogo contemplativo ganhou força decisiva com a conversão e ascensão de Thomas Merton a partir da década de quarenta do século passado. Os trapistas juntamente com as carmelitas se destacam no cultivo da contemplação no mundo contemporâneo. De forma geral a definição de contemplação está bem expressa no dicionário Michaelis em sete caracterizações do conceito:

> 1. Ato ou efeito de contemplar; 2. Meditação profunda e embevecida; recolhimento, reflexão; 3. Bondade de ânimo para com alguém ou algo; atenção, benevolência, complacência; 4. Concentração profunda e demorada do olhar e da atenção em algo que geralmente se considera belo e agradável ao espírito; admiração, observação; 5. TEOL. Fase da meditação em que a pessoa se eleva ao nível do objeto contemplado, Deus; 6. TEOL. Estado místico da alma que se concentra em Deus e se mantém em completa receptividade em relação a Ele, desprendendo-se de tudo que a rodeia; 7. FILOS. Estado de espírito de quem se deixa arrebatar pelo objeto de seu pensamento a ponto de esquecer ou ignorar todas as outras coisas, inclusive a própria individualidade.[394]

---

[391] PETERSON, *Memórias,* p. 114, 164 e 171

[392] Idem, p. 347

[393] https://carmeliteinstitute.net/constance-fitzgerald-ocd/

[394] https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=contempla%C3%A7%C3%A3o

Peterson reconhece a importância da tradição contemplativa que vem desde os monastérios antigos até as carmelitas e trapistas contemporâneos, mas entende que hoje a prática precisa acontecer no interior da vida urbana. Em sua obra *Eat this book: a conversation in the art of spiritual Reading*, ele cita o teólogo Hans Urs von Balthasar, para mostrar a vigência da contemplação hoje, mesmo que em contexto secular e no meio do mundo do trabalho.[395] Peterson diria, entre os domingos:

> Eu não tenho objeção ou crítica sobre a contemplação que é praticada nos monastérios; de fato eu sou infinitamente grato por homens e mulheres que deram e continuam oferecendo a si mesmos para uma vida de dedicação disciplinada ao Senhor. Mas eu estou determinado a fazer o que eu puder para introduzir a contemplação em circulação dentro do mundo da vida diária, aquilo que Katheleen Noris chama 'os mistérios cotidianos: lavanderia, liturgia e labor femininos'.[396]

Merton não é citado por Peterson na obra *O pastor contemplativo* e só aparece uma única vez no *Eat this book*, ligado aos trapistas de Kentucky[397] e também como leitura recomenda em *Take and read.*[398] Mas é através da obra do teólogo católico Hans Urs von Balthasar que a contemplação alcança Peterson e com quem ele interage mais frequentemente em sua obra. Peterson reconhece que: "Hans Urs von Balthasar, é o principal teólogo do século vinte para a espiritualidade cristã e insistiu que em questão de espiritualidade a forma da revelação é formativa."[399]

A contemplação que para os outros é inatividade e inutilidade, preguiça ou ociosidade, para o ministro de Jesus é o trabalho principal. O pastor contemplativo

---

[395] PETERSON, Eugene. *Eat This Book: A Conversation in the Art of Spiritual Reading* . Hodder & Stoughton. Edição do Kindle. Posição 1847

[396] Idem, posição 1852.

[397] Idem, posição 1842.

[398] PETERSON, *Take and read*, op. cit. posição 243.

[399] PETERSON*, Eat this book*, posição 792.

é definido com três adjetivos por Peterson: ocioso, subversivo e apocalíptico. Mas o que isso significa? O ócio do pastor traduz contra os ofícios das ocupações e atividades laborais seculares, os trabalhos espirituais de orar, pregar e ouvir. Coisas bem triviais e inúteis no mundo contemporâneo cabíveis apenas ao reino do ócio religioso.[400] O pastor subversivo é aquele que se dedica a destruir o reino do ego e construir o reino de Deus em seu lugar. Jesus foi nosso modelo de subversão com suas parábolas e aplicações imagináveis. Segundo Peterson “as parábolas não são ilustrações que facilitam as coisas; pelo contrário dificultam as coisas exigindo o exercício da nossa imaginação; a qual se não tivermos cuidado se torna o exercício de nossa fé. Elas ultrapassam subversivamente as nossas defesas.”[401] Para Peterson as ferramentas do pastor são a oração e as palavras. Elas são a verdadeira obra no mundo que vale a pena no ministério. Ele representa isso em um trocadilho: “Palavras são o trabalho real do mundo, orar palavras com Deus, parabolar palavras com homens e mulheres. O trabalho de criatividade por traz do cenário, pela palavra e sacramento, pela parábola e oração, subverte o mundo que foi seduzido.”[402] Este é o segredo de um pastor para lutar contra o mundo e surpreender suas fortalezas.

A contemplação só é plena com a metáfora do apocalipse. O ministério traz a força da ação celestial sobre a terra. O pastor é como João em Patmos. O pastor não se define pelo que os outros esperam dele ou lhe prescrevem. O pastor se define pela iminência da *parousia* e do som das trombetas celestiais, por sua passividade vigilante. Ele é aquele que sabe esperar, que ora, que ouve, que vê, traduz a revelação e o que vê em cenas poderosas que atualizam as Escrituras a luz da ação invisível dos comandos Divinos e do Cordeiro. O pastor apocalíptico contempla a ação como alguém que age com os olhos e chora por não poder agir por si mesmo,

[400] PETERSON, *O pastor contemplativo*, pp. 30, 31

[401] Idem, p. 43

[402] . PETERSON, Eugene H. *The Contemplative Pastor: Returning to the Art of Spiritual Direction* (Locais do Kindle 341-342). Edição do Kindle.

por ser indigno diante do livro.[403] O contemplativo João estava no meio do mundo com as suas igrejas e extático diante do temporal que aproximava.

A contemplação é trabalho que implica em angústia santa diante das igrejas por causa dos pecados cultivados e aculturados no seio de algumas delas, do sofrimento dos inocentes de outras e por experimentar em sua visão a mesma visão da realidade como a viu Aquele que tem os olhos de fogo. Esta qualidade e paradigma do ministério em Peterson força nosso espirito se mover em uma profunda autocrítica e humilde avaliação para certificamos se realmente estamos no lugar seguro da vocação pastoral ou se desviamos para outro lugar mais útil e visível para o mundo. Esta distinção consciente de quem sou e com que estou lidando agora, a cada passo, leva o pastor para um limite contemplativo de si e do seu labor. Uma frase importante de Peterson em seu livro *Five smooth stones for pastoral work* de 1980, indica a tensão vivida no ministério: "este é um dos limites em que vive o pastor: entre o ritual religioso e o amor pessoal, entre o institucional e o pessoal ele lida com pessoas no contexto histórico e institucional, mas visa sempre a suscitar participação pessoal e íntima no amor salvífico".[404] Contemplação se experimenta na via média entre mim e o outro, envolvendo participação. Peterson ilustra isso com a analogia de seu aprendizado do grego e sua dificuldade de entender a voz média. A analogia diz respeito à similaridade entre a natureza da contemplação e da ação na voz media. Ambas implicam a participação no processo de uma ação em andamento que conduz a um resultado compartilhado e mutuamente afetado.[405]

Se contemplação não é algo passivo ou estático então o que a caracteriza? De forma bem convergente a contemplação é uma conjugação da vida espiritual

---

[403] PETERSON, *O pastor contemplativo*, pp.49-60

[404] PETERSON, *O pastor que Deus usa*, 46.

[405] PETERSON, *O pastor contemplativo*, p. 121.

com a vida de oração. As vezes temos a impressão de que Peterson está fundindo as duas coisas em uma só experiência. Elas se sobrepõem, se reforçam mutuamente. A contemplação é uma participação voluntaria com a vontade de Deus. Peterson distingue, entretanto as duas realidades e afirma que: “a oração e a espiritualidade caracterizam a participação, a participação complexa de Deus e do ser humano, a sua vontade e a nossa, não nos abandonamos ao rio da graça e nos afogamos no oceano de amor, perdendo a identidade”.[406] A vida contemplativa se firma como um modo de ser pastoral, ela é a espiritualidade de alguém que ora de olhos abertos.[407] Ela é uma forma de ver, de participar da criação e da redenção, de ver com dedicação, atenção e submissão, obediência ao modo de ver de Deus. A vida contemplativa está aberta para toda a criação e toda a verdade.

A vida contemplativa se guia por símbolos, pela transcendência libertadora que impõe uma conduta insatisfeita com o mundo da cultura do homo faber e das multidões consumistas de nosso século. Como já foi destacado a vida contemplativa se opõe ao mundo do trabalho que é símbolo da soberba e meritocracias humanas. A contemplação é a supressão desse tipo de trabalho pelo qual o indivíduo imprime a sua imagem narcísica, como marca d’agua em tudo que faz. A contemplação impõe uma distância crítica entre o pastor e as influências do meio social e cultural. Contemplação é *kenosis*, esvaziamento do ego.[408] Peterson completa a caracterização chamando a contemplação de passividade volitiva ou imitação de Cristo.[409]

---

[406] Idem, p. 121

[407] Idem, p. 99

[408] Idem, p. 119

[409] Idem, p. 127

Neste contexto da contemplação Peterson insere sua experiência com o ano sabático, ou seja, a experiência do não-fazer. O sabático é uma forma contemplativa do ministério que se contrapõe ao peso da responsabilidade ministerial e ao sentimento vaidoso da insubstituibilidade de nosso trabalho na igreja. Peterson descobriu que o sabático trabalha por ele e nele: “senti que nunca mais teria pressa. O sabático fizera sua obra.”[410] Foi tempo de Deus para ele e para a congregação: “a congregação e eu estamos experimentando grande liberdade nisto: não precisamos neuroticamente um do outro. Isso nos deixa livres para apreciar-nos mutuamente e receber dons de ministério uns dos outros.”[411] A experiência de exaustão ministerial e o desejo de se dedicar a ler, orar e escrever obrigou Peterson a admitir e recomendar o descanso sabático como parte da vida contemplativa.

A via contemplativa pode assim dar ao ministério uma forma ampla de consciência ao mesmo tempo distanciada e intima que protege o pastor de se perder no mundo do trabalho ou mergulhar no estresse do ativismo. A forma contemplativa se propõe a enfrentar a vida na encruzilhada entre o eu, mundo e Deus em que fixamos nossa casa. Peterson se dá conta de seu lugar e dos riscos que isso representava ao confessar em dado momento que: “orei e refleti. Fiz perguntas e li livros. Olhei em volta. Não demorou muito para compreender que eu havia armado minha tenda num cruzamento movimentado”.[412] A vida contemplativa resgata o equilíbrio ministerial e a reflexão pessoal sobre si mesmo, a realidade e a vontade de Deus.

---

[410] Idem, p. 171

[411] Idem, p. 172

[412] Idem, p. 115

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas páginas anteriores mostramos o cenário do ministério pastoral batista, seus impasses, tendências, dependências e condicionamentos. Revisitamos a base bíblica para o ministério e os pilares da filosofia ministerial de Peterson, necessários à nossa realidade, em cinco campos principais: Escrituras, Igreja, Comunhão Pastoral, Oração e Contemplação (vida espiritual). O primeiro campo ou paradigma indica a necessidade de trazer as Escrituras traduzidas para dentro da comunidade cristã explorando suas nuances profundas e extensas; o segundo foi uma busca da verdadeira igreja camuflada na fumaça do empreendedorismo e marketing sob a bandeira de crescimento quantitativo e satisfação da clientela-membresia ou dos desigrejados; o terceiro indica a riqueza de experiências para o crescimento pessoal e ministerial continuado quando agimos e pensamos em comunhão com outros vocacionados identificados com as crises e desafios do ministério pastoral na forma de um *collegium* de pastores; a oração é como farol na escuridão e afago de uma mãe. Jesus mostrou como a oração está imbricada no ministério e traz folego ao ministro e glorifica ao soberano Deus, destruindo a arrogância humana; a contemplação revela o quanto o ministério se constitui de tarefas que o mundo do homo faber desconsidera e descarta como algo desnecessário para a sociedade contemporânea ocupada consigo e com seus negócios.

A realidade da Convenção Batista Brasileira à luz de seus últimos planejamentos e das tendências atuais de condução do ministério pastoral levam a um quadro de esgotamento do conceito de pastor tradicional e mostra a necessidade de encontrar e valorizar novamente a arte de pastorear. Pastorear como atividade vocacional bíblica e necessitada de construir uma prática e uma ciência da pastoral cristã nos levou a buscar em Peterson, em sua experiência como ‘Scholar’ e pastor nesta arte divina-humana de cuidar de almas e de pastores e contextualizar a Revelação Divina para o cotidiano.

O lugar do ministério pastoral nos planejamentos e tendências de projeção futuras dentro da CBB parece indicar que a Ordem dos Pastores Batistas do Brasil que é Organização Auxiliar do Convenção Batista Brasileira, precisa apresentar uma mobilidade maior e atuar com mais vigor no sentido de aprofundar a discussão sobre a realidade da esfera de exercício do ministério pastoral em sua relação com a igreja local e a cultura. A consolidação da valorização do pastorado local, do *cura d'almas*, precisa tornar-se uma 'luta de vida ou morte'. A inserção do ministério pastoral nos planejamentos denominacionais como tema insubstituível deve ganhar espaço doravante para superar sua condição de relegado a segundo plano. Os planejamentos trataram da Educação Ministerial de forma retórica. O PROIME entre 1973 e 1982 representou o período de maior expansão de crescimento dos seminários da convenção. Nos campos das convenções estaduais o período seguinte anos 80 e 90 do Século XX, aconteceu a criação e expansão dos seminários estaduais. Os alvos missionários cresceram, mas nada evitou a crise no ministério pastoral da igreja local. Nos últimos anos grandes igrejas e grandes nomes pessoais afloraram em várias regiões nacionais, mas a crise permaneceu.

A função pastoral embrenhou por aventuras e experimentações dentre modelos os mais diferentes e fragmentados de ministério, empreendedorismos ministeriais e estruturas superpostas à igreja local tais como: Igreja em células, igreja com propósito, igreja em rede, igreja MDA etc. Além da confusão metodológica temos a falta de unidade doutrinária eclesiológica. Há problemas na fixação do pastor na igreja local por motivos econômicos e por ausência de uma política denominacional mais atenciosa com o ministério local. E existem as causas culturais, sinais dos tempos ingratos com o sagrado pela secularização, a inserção da igreja nos ventos do mercado religioso e a prevalência do racionalismo administrativo sobre o espiritual e as Escrituras.

A guinada denominacional para as estratégias de crescimento de igreja, supervalorização dos alvos financeiros missionários e o poder econômico de juntas

missionárias atraíram o vocacionado em detrimento da dedicação ao pastorado local, seja pelo desequilíbrio de ênfases denominacionais na visão ministerial entre o local e o missional, seja pelo desejo de conquista evangelística ou porque as juntas ofereciam mais segurança ministerial do que uma instável e pequena igreja local. Esta percepção do pesquisador carece de estudos empíricos quantitativos e só me resta a afirmação de um observador participante. Um observador que ouviu os gemidos dos vocacionados.

Esta realidade contextual do ministério batista é crítica. Nossa estrutura eclesiástica envolve o ministério pastoral na tensão e também cooperação entre igreja local, convenção estadual, juntas missionárias e a Convenção Batista Brasileira. Uma tensão entre a vocação e a instituição. Peterson tem uma lacuna teórica no trato com as instituições a que pertencia. Isso é notório por parte de quem o estuda. *Pastoral Work* foi honesta em confessar que Peterson tinha uma visão mais local de igreja e de ministério. Johnson, um dos colaboradores da obra, afirma que: “o relacionamento de Peterson com as instituições é no melhor dos casos ambígua. O mais notável nisso é provavelmente o fato de que além da igreja local, Peterson geralmente não se ocupa com instituições em seus escritos.”[413] Os valores de Peterson, seus paradigmas, entretanto, como faróis ajudam a começar em um ponto norteador da vida pastoral e do ministério que leva da *Sola Scripture* ao *Contemplatio Dei*, colocando em modo espera todos os tipos de modelos de igrejas que se baseiam na cultura do homo faber e nas estratégias de marketing aplicadas ao crescimento do ‘empreendimento’ religioso.

---

[413] JOHNSON, T. D. IN: BYASSEE, Jason*. Pastoral Work: Engagements with the Vision of Eugene Peterson*, p. 66.

O objetivo da nossa pesquisa foi o ministério pastoral em si, mas não é demais lembrar que a relação com a instituição é inerente e inevitável. A atitude de Peterson em relação ao caráter institucional da igreja precisa de crítica responsável porque a sociedade é organizada e interligada por instituições e a igreja é uma instituição entre as demais. Há aspectos jurídicos, econômicos, políticos, culturais, relacionais, educacionais e de ação social que pertencem a missão da igreja no mundo. Não podemos agir em conventículos. A convenção condiciona o exercício do ministério pastoral, impõe tendências e envolve o ministério em seus planejamentos, fato que a torna responsável pelos fatores e consequências que interferem, favorecem ou agravam o exercício do ministério pastoral, sua identidade e futuro.

A pesquisa analisou o lugar do ministério pastoral nos planejamentos globais da CBB, nos programas e metodologias das juntas missionárias e convenções estaduais para identificar os possíveis pontos de enfraquecimento e desvios de sua essência bíblica para então explorar e cotejar com a obra de Peterson naquilo que sua filosofia e prática do ministério possam nos ajudar a retomar o caminho de uma prática ministerial mais consistente com as Escrituras, diagnosticar os problemas e desafios da modernidade, enfrentar a cultura eclesiástica de mercado que se nos impõe hoje e vislumbrar uma teologia espiritual e ministerial capaz de definir novamente o lugar e a função do pastor em nossa denominação.

Os esforços dos líderes para compreender a crise pela qual passamos e as propostas que ofereceram para enfrentá-las, especialmente os trabalhos de Rosa e Azevedo, continuam apontando questões que ainda não foram atendidas pela Ordem dos Pastores e outras organizações como os seminários que atuam diretamente na formação, identidade e atuação do ministério pastoral Batista. Mas a nossa proposta quiz gerar reflexão pessoal e vocacional no próprio pastor no sentido de que ele veja sua condição no interior da denominação batista e os desafios externos no mundo real onde as pessoas exercem suas atividades e ali onde ele terá que ocupar seu lugar de cuidador de almas. E acreditamos que Peterson é importante exatamente neste

espaço de definição e reflexão pastoral voltada para o próprio pastor de modo existencial, laboral, espiritual e comunitário.

Dentro do paradigma igreja poderíamos em um futuro trabalho explorar a visão de Peterson sobre o tema deixado um pouco aqui de lado que é o ministério de cura d'almas, mais especificamente o aconselhamento, as interfaces com a psicologia e as várias escolas de terapias, bem como o cuidado discipulador pelo ensino aplicado. A tradição e a história do ministério pastoral concediam lugar central a esse propósito do trabalho pastoral de atender as ovelhas nas crises pessoais e familiares. Basta-nos o exemplo clássico de Richard Baxter (1615-1691), pastor Anglicano, que aponta o caminho do trabalho atencioso da visitação e ensino do pastor como cuidador de um rebanho que carecia de pastoreio pessoal.[414] Em consonância com o realismo e comunitarismo pastoral, Peterson mantém uma ideia de igreja que não ultrapassa demais o nível do discipulado local e pessoal. Ele pouco fala de uma igreja universal. Ele entende a igreja com endereço e rosto, com presença e nome, concreta e percebida na comunidade onde está, igreja tem *Sitz im Leben*.[415] Os seus limites e extensão pastoral são os limites físicos do corpo, isto é, a igreja não é um ente abstrato ou uma ideia, ela é corpo, percepção, relacionamento, ela é ação, comunhão, testemunho e adoração. Igreja é aquele conjunto de pessoas ao alcance do cajado pastoral. Peterson se considerava pastor de quem está ao alcance de seu cajado e com quem ele podia interagir e compartilhar vida e ressurreição.

Não há igreja infinita para um pastor finito. Somente Cristo é pastor extensivo à totalidade dos fiéis. Por outro lado, ninguém pode ser pastor de rol de membros ou listagem de nomes, como não pode ser considerada uma igreja a multidão virtual sem nome, sem comunhão e sem contato significativo e edificante. Peterson respondeu a

---

[414] BAXTER, Richard. *Manual pastoral do discipulado. (The reformed pastor)*. SP: Cultura Cristã, 2008. (Ver o capítulo sobre "O dever da instrução pessoal e particular do rebanho", p. 149)

[415] PETERSON, *O pastor desnecessário*, p. vii, viii.

um membro da Companhia de Pastores que deixou sua igreja e o grupo para assumir uma grande igreja, alertando sobre o perigo da vaidade e soberba nos projetos pessoais de ministério. Assim ponderou Peterson: "entendo perfeitamente o que você está sentido e sinto o mesmo apelo muitas vezes. Todavia desconfio desse apelo e creio que ceder a ele é arruinar o evangelho e a vocação de pastor."[416] A mística ou êxtase da multidão para Peterson destrói a personalidade e vicia tanto quanto as drogas, sexo e o álcool. Ele declara que:

> A única forma de levar a vida cristã à maturidade é pela intimidade, pela renúncia e pelo aprofundamento pessoal. O pastor tem um papel fundamental no cultivo dessa maturidade. É verdade que essa coisa pode acontecer no contexto de grandes igrejas, mas só com muita luta. O tamanho é um grande impedimento, e não um ponto a favor. A multidão destrói o espírito tão completamente quanto o excesso de álcool e de sexo impessoal.[417]

Peterson arremata com uma frase de Kierkegaard que teria declarado: "quanto mais gente menos verdade". [418] Johnson afirma que Peterson nunca seria pastor de uma igreja com mais membros do que ele pudesse se lembrar nominalmente e arriscou um número: em torno de cento e cinquenta pessoas.[419] Temos que ponderar os limites de cada igreja e a dimensão pastoral de cada ministério visando a edificação do corpo de Cristo e a capacidade do vocacionado. Nunca negligenciando a ação pastoral eficaz do Consolador precedendo, sustentando e projetando a vontade de Deus através de nós.

---

[416] PETERSON, *Memórias*, p. 177

[417] Idem, p. 177

[418] Idem, p. 177

[419] JOHNSON, T. D. IN: BYASSEE, Jason. *Pastoral Work: Engagements with the Vision of Eugene Peterson*, p. 118

BIBLIOGRAFIA

1. AKINS, Thomas Wade. *Evangelismo pioneiro*. RJ: JMN, 1999. (9ª. Ed. Tiragem 13 mil exemplares com edição também em Inglês);
2. __________________. *Evangelismo pioneiro*. RJ: JMN, 2007;
3. ALABY, José Assan; OLIVEIRA, Jayr Figueiredo. *Profissão líder. Desafios e perspectivas*. São Paulo: Saraiva, 2006;
4. ALMEIDA, Abelardo Rodrigues de. *Origens do movimento de renovação espiritual entre os Batistas Brasileiros*. RJ: Seminário do Sul, 1983. (Monografia de Bacharelato não publicada);
5. _____________________________. O princípio do Individualismo em Langston IN: *Revista Teológica*. RJ: STBSB. Ano IV, n. 09, pp. 47-51;
6. AUERBACH, Erich. *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental.* SP: Ed. Perspectiva. 1971;
7. AULETE, Caldas. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Lexicon, 2011;
8. AZEVEDO, Irland Pereira. *De pastor para pastores*. RJ: Juerp, 2001;
9. _____________________. *Imagens bíblicas do ministério pastoral. Comunicando princípios e valores para um ministério eficaz*. São Paulo: Editora Vida, 2004;
10. AZEVEDO, Israel Belo. *A celebração do indivíduo. A formação do pensamento batista brasileiro*. SP: Unimep, 1996;
11. BARTH, Karl. *Esboço de dogmática*. SP: Fonte Editorial, 2006;
12. BASTIAN, Jean-Pierre. *La mutacion religiosa de América latina*. México: FCE, 1997;
13. __________________. *Protestantismos y modernidad latinoamericana*. México: FCE,1994;

14. BAXTER, Richard. *Manual pastoral de discipulado*. SP: Cultura Cristã, 2008.
15. BEALE, G. K. *Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento. Exegese e interpretação*. SP: Vida Nova, 2013.
16. BERKHOF, L. *Teologia Sistemática*. SP: Cultura Cristã, 2003;
17. ___________. *Princípios de interpretação da Bíblica*. SP: Cultura Cristã, 2004;
18. *BIBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA*. SP: Editora Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.;
19. *BÍBLIA DO PEREGRINO*. SP: Editora Paulus, 2018;
20. BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão*. RS: Sinodal, 2015;
21. BRANDÃO, Fernando. *Igreja multiplicadora*. RJ: JMN, 2014.
22. BROWN, Raymond E. *As igrejas dos apóstolos*. SP: Paulinas, 1986;
23. BUBER, Martin. *Sobre a Comunidade*. SP: Ed. Perspectiva, 1987;
24. BYASSEE, Jason and OWENS L. Roger. *Pastoral Work: Engagements with the Vision of Eugene Peterson*. Cascade Books, an Imprint of Wipf and Stock Publishers. Kindle Edition
25. CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã*. SP: CEP. (Trad. Waldyr Carvalho Luz). 4 Vol.;
26. CAMPOS, Leonildo Campos. *Teatro, templo e mercado*. SP: Umesp/Vozes, 1997;
27. CARLILE, John C. *The story of the English Baptist*. London: James Clarke & Co. 1905;
28. CHUTE, Anthony; FINN, Nathan, and HAYKIN, Michael. *The Baptist Story: From English Sect to Global Movement*. B&H Academic. 2015;
29. *CONCORDÂNCIA BÍBLICA DA SBB*. Brasília: SBB, edição de 1975;
30. *CONGRESSO BATISTA BRASILEIRO. Com os olhos no futuro*. Teses do Congresso Batista Brasileiro. RJ: Juerp, 1991;
31. CRABTREE, A. R. *A doutrina bíblica do ministério*. RJ: CPB, 1956 (2ª. Edição, JUERP, 1981);
32. DANA, Harvey Eugene. *Manual de eclesiologia*. El Paso: CBP;

33. DAVIDSON, A. B. *Old Testament prophecy*. Edinburgp: T&T Clark, 1905.;
34. DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997;
35. EARLEY, Dave. *Transformando membros em líderes*. RJ: JMN, 128 p.
36. *ENCICLOPÉDIA MIRADOR*. São Paulo: Enciclopédia Britânica do Brasil, 1987, VOL. 13.;
37. ERICKSON, Millard J. *Christian Theology*. Michigan: Baker Book House, 1985. Vol. 3;
38. _________________. *Dicionário popular de teologia*. SP: Mundo Cristão, 2005;
39. FEE, Gordon; STURT, Douglas. *Entendes o que lês*. SP: Vida Nova. 1984.;
40. FERNANDES, Humberto Viegas. *Renovação espiritual no Brasil*. Erros e verdades. RJ: Juerp, 1979;
41. FILHO, Isaltino Gomes Coelho. *A identidade da igreja*. Palestra de 11/07/2012. https://www.isaltino.com.br/category/palestras/ acesso 07/12/2020;
42. _________________________. *Os grandes princípios batistas*. https://www.isaltino.com.br/2009/11/os-grandes-principios-batistas/ acesso 07/12/20;
43. FORMAN, R., JONES, Jeff e MILLER, Bruce. *O bastão da liderança. Uma estratégia para o desenvolvimento de líderes na sua igreja*. Curitiba: Editora Esperança, 2008;
44. FRANCISCO, Clyde. *Gênesis*: IN: *Comentário Bíblico Broadman*. RJ: JUERP, 1987. Vol. 1.;
45. GOPPELT, Leonard. *Tipologia. A interpretação do Antigo Testamento no Novo Testamento.* SP: Fonte Editorial, 2021.
46. GERBER, Virgil. *A manual for evangelism and church growth*. William Carey, 1973;
47. GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991;
48. GRENZ, Stanley J. *Created for community. Connecting Christian belief with Christian living*. Michigan: BakerBooks, 1998;

49. ________________. *Theology for the community of God*. Michigan: Wm. B. Eerdmans, 2000;
50. ________________. *Renewing the center*. Baker House, 2006;
51. HESCHEL, Abraham J. *O schabat, seu significado para o homem moderno*. SP: Perspectivas, 2014;
52. HORTON, Michael Scott. *Religião de poder*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998;
53. HOUSTON, James. *Ouvindo a Deus*. SP: Shedd, 2001;
54. http://www.batistasmineiros.org.br/site/paginas/p001_publicacao.jsp?c=181, em 26/09/2018;
55. http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?ART_ID=40, em 28/07/2018;
56. http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_10961141__Hugo_De_S_Victore__Opuscolo_Sobre_O_Modo_de_Aprender_e_de_Meditar__PT.pdf.html, acesso em 17/10/2019).;
57. https://pt.wikipedia.org/wiki/Uma_Igreja_com_prop%C3%B3sitos, consulta em 19-06-2019;
58. https://www.baptistworld.org/resolution-on-theological-education-and-leadership-formation/; o BICTE é um órgão de consulta da Alliance para Educação Teológica.;
59. JACOB, Edmond. *Teologia del Antiguo Testamento*. Madrid: Ediciones Marova, 1969;
60. JENNI, Ernest and WESTERMANN, Claus. *Theological Lexicon of the Old Testament*. Hendrickson Pub. 1997.;
61. JUSSELY, David. *Theology of Ministry*. SP: CPAJ, 2007. Syllabus do curso;
62. LANGSTON, A. B. *O princípio do individualismo em suas expressões doutrinarias*. RJ: CBP, 1933.;
63. LASOR, William S., HUBBARD David A. e BUSH Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*. SP: Vida Nova, 2009;
64. LATOURETTE, K. S. *História do Cristianismo*. SP: Ed. Hagnos, vol. 2;

65. LEE, Jason. *The Theology of John Smith. Puritan, Separatist, Baptist, Mennonite*. University of Aberdeen, 1999;
66. *LIVRO DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA 2013*. RJ: CBB, 2013.;
67. *LIVRO DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA 2018*. RJ: CBB, 2018;
68. *LIVRO DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA 2015*. RJ: CBB, 2015;
69. LUTHER. M. *Luther's works*. Libronix Digital System. 2002;
70. MACARTHUR, John (Editor). *Ministério Pastoral. Alcançando a excelência no ministério cristão*. RJ: CPAD, 1995;
71. MANETSCH, Scott. *Calvin's company of pastors : pastoral care and the emerging Reformed Church, 1536–1609*. NY: Oxford University Press, 2013;
72. McGAVRAN, Donald A. *Understanding church growth*. Michigan: Eerdmans, 1990;
73. MEIN, David (Org.). *O que Deus tem feito*. RJ: Juerp, 1982;
74. MOORE, Waylon. *Integração segundo o Novo Testamento*. RJ: CPB/Juerp, 1979.;
75. ______________. *Multiplicando discípulos*. RJ: Juerp, 1984;
76. MULLINS, Edgar. *The axioms of religion. A new interpretation of the Baptist faith*. ABP, 1908;
77. MULLINS, Edgar. *Os axiomas da religião*. RJ: CPB, 1956. 3ª. Ed;
78. NICHOLSON, Adam. *God's secretaries. The making of the King James Bible*. HarperCollins, 2009;
79. *O JORNAL BATISTA. EDIÇÃO DIGITAL*, http://www.batistas.com/o-jornal-batista/acervo-digital;
80. OLIVEIRA, Jayr Figueiredo. *A síndrome do líder*. In: OLIVEIRA, Jayr Figueiredo (Coord.). *Profissão líder. Desafios e perspectivas*. São Paulo: Ed. Saraiva, 2006;
81. *OS BATISTAS E O ANO 2000. Plano global da CBB*. RJ: Juerp, 1991;
82. OTTO, Rudolf. *The ideia of the Holy*. Galaxy Book, 1964;

83. PEREIRA, José dos Reis. *História dos Batistas no Brasil 1882-1982*. RJ: Juerp, 1982;
84. PETERSON, Eugene Hoiland. *Letters to a Young Pastor: Timothy Conversations between Father and Son*. The Navigators. Kindle Edition, 2020.
85. ____________________________. *Onde o seu tesouro está. A importância da oração revolucionária*. RJ: Textus, 2005;
86. ____________________________. *A maldição do Cristo genérico. A banalização de Jesus na espiritualidade atual*. SP: Mundo Cristão, 2007;
87. ____________________________. *A oração que Deus ouve*. Brasília: Ed. Palavra, 2007.;
88. ____________________________. *A vocação espiritual do pastor*. SP: Ed. Mundo Cristão, 2006;
89. ____________________________. *Bíblia de Estudo A Mensagem*. SP: Ed. Vida, 2014;
90. ____________________________. *Christ Plays in Ten Thousand Places*. John Murray Press. Kindle Edition, 2005;
91. ____________________________. *Eat This Book: A Conversation in the Art of Spiritual Reading* . Hodder & Stoughton. Edição do Kindle, 2006
92. ____________________________. *Espiritualidade subversiva*. SP: Mundo Cristão, 2009;
93. ____________________________. *Maravilhosa Bíblia*. SP: Ed. Mundo Cristão, 2008;
94. ____________________________. *Memórias de um pastor*. SP: Ed. Mundo Cristão, 2011;
95. ____________________________. *O pastor contemplativo*. RJ: Ed. Textus, 2002;
96. ____________________________. *O pastor desnecessário*. RJ: Ed. Textus, 2001;

97. ______________________. *The pastor. A memoir*. Harper Collins & Amazon Kindle. 2011;
98. ______________________. *O pastor que Deus Usa. O trabalho Pastoral Segundo a Palavra de Deus*. RJ: Editora Textus, 2003;
99. ______________________. *Practise Resurrection*. Hodder & Stoughton. Kindle Edition, 2010;
100. ______________________. *The Contemplative Pastor: Returning to the Art of Spiritual Direction*. Amazon/Kindle Edition, 1989;
101. ______________________. *Um pastor segundo o coração de Deus*. Rio de Janeiro: Textus, 2000;
102. ______________________. *Uma longa obediência na mesma direção*. SP: Cultura Cristã, 2005;
103. ______________________. *Viva a ressurreição*. SP: Mundo Cristão, 2007;
104. PIPER, John. *Brothers we are not professionals. A plea to pastor for radical ministry*. Nashville: Broadman&Holman Publishers, 2002;
105. *PLANTAÇÃO DE IGREJAS*. RJ: Junta de Missões Nacionais, 1990;
106. RAD, Gerhard Von. *Teologia do Antigo Testamento*. SP: ASTE, 1973. Vol. 1;
107. RAINER, Thom S. *Surprising insights from the unchurched and proven ways to reach them.* Michigan: Zondervan, 2001;
108. RAINER, Thom and GEIGER, Eric. *Igreja simples.* DF: Editora Palavra, 2011;
109. REIS, Anibal Pereira dos. *Católicos carismáticos e pentecostais católicos*. SP: Caminho de Damasco, 1982;
110. ROSA, Merval. *O ministro evangélico, sua identidade e integridade*. Duque de Caxias: AFE. 1982;
111. __________. *O ministro evangélico: sua identidade e integridade*. Duque de Caxias, RJ: AFE, 1982. 82 p. Revista e ampliada para 2ª edição em 2001, Recife: Edição do Autor;
112. SCHAEFFER, Francis. *O Deus que intervém*. DF: Ed. Refúgio, 1981;

113. SHEDD, Russel. *St. Paul's application of Old Testament and early Jewish conceptions of the solidarity of the human race*. Faculty of Divinity, The University of Edinburgh, 1955. https://era.ed.ac.uk/bitstream/handle/1842/33924/SheddRP_1955redux.pdf?sequence=1&isAllowed=y; https://era.ed.ac.uk/handle/1842/33924 acesso em 30/09/2020.;

114. _____________. *O homem em comunidade. A solidariedade da raça na teologia de Paulo*. SP: Ed. Vida Nova, 2018;

115. SPURGEON, Charles Haddon. *Discursos a mis Estudiantes*. Prólogo de Luiz Palau. Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1979. 3ª Edicion;

116. STAGG, Frank. Mateus IN: *Comentário Bíblico Broadman*. RJ: JUERP, 1986. Vol. 8;

117. STITZINGER, James F. *O ministério pastoral na história*. In: MACARTHUR, John. (org.) *Ministério pastoral*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004;

118. STRONG, James. *The exhaustive concordance of the bible*. 41º Ed. Nashville: Abingdon, 1980;

119. *The compact edition of the Oxford english dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1981. Vol. I.;

120. THISELTON, Anthony. *Systematic Theology*. Michigan: Eerdmans, 2015.;

121. THOMSON, J. G. S. S. *The shepherd-Ruler concept in the OT and its application in the NT*. *Scottish Jounal of Theology*, vol. 8/issue 04/Dec. 1955, pp.406-418;

122. TOFFLER, Alvin. *O choque do futuro*. RJ; Ed. Record, 1970;

123. TONNIES, Ferdinand. *Principios de sociologia*. México: FCE;

124. TORBET, Robert; FAIRCLOTH, Samuel D. *Historia dos Baptistas*. Leiria, Portugal. Ed. Vida Nova. 1959;

125. VANHOOZER, Kelvin J. e Strachan, Owen. *O pastor como teólogo público. Recuperando uma visão perdida*. SP: Vida Nova, 2016;

126. VERGEZ, A. e HUISMAN, Denis. *História da filosofia ilustrada pelos textos*. RJ: Freitas Bastos, 1976;

127. VITOR, Hugo de São. *Sobre o modo de apreender e meditar*, p. 7. http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_10961141, em 17/10/19.;

128. VITOR, Hugo de São. *Didascalicon. A arte de ler*. RJ: Ed. Vozes, 2001;

129. VITOR, Hugo de São. *O estudo da sagrada Escritura*. p. 153. http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_10961141, em 17/10/19.;

130. VITOR, Hugo de São. *Princípios fundamentais de pedagogia*, p. 123. http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_10961141, em 17/10/19;

131. WARREN, Rick. springer.com/book acesso em 30/10/20;

132. _____________. *The purpose-driven church*. Michigan: Zondervan, ePub format. 2020;

133. WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. SP: Pioneira, 2003;

134. ___________. *Economia e sociedade*. Brasília: UNB, 1999;

135. WHITLEY, W. T. *Works of John Smith*. Vol. I. Cambridge, 1915, p. 278. Edição eletrônica, http://www.archive.org/details/cu31924092458995;

136. WRIGHT, Stephen. *The Early English Baptists*, 1603-1649. Woodbridge: The Boydell Press, Woodbridge, 2006;

137. YOUNG, Robert. *Analytical concordance to the Bible*. Michigan: Eerdmans, 1979.